

Itaytera

NÚMERO 22

ANO 1978

«...No entanto, às vezes, do vagão olhando
Supomos que rios, píncaros e ramos
Vão, ao contrário, rápidos voando...

Embalados também não raro andamos
No vão pensar que o tempo vai marchando,
Quando ele é que se fica e nós nos vamos...»

(José Alves Figueiredo — «O Trem»
28.04.1878 — 28.04.1978)

«...Este Dia das Mães, como outros dias
Santos e puros, cheios de afeição
Abriga o bem de todas as Marias,
Cantando rimas para um coração...

Mas minha mãe partiu... meus dezoito anos
Trouxeram-me a cegueira... foi-se a palma
Desde então eu a vejo, entre meus planos,
Mas somente com os olhos de minh'alma!...»

29.06.1878 — 29.06.1978)
(Cego Aderaldo — «Minha Mãe» — 12.5.49

Homenagem do Instituto Cultural do Cariri aos dois eminentes poetas,
filhos do Crato, cujos centenários transcorrem neste ano

A FERRAGISTA UMA ORGANIZAÇÃO TÃO CRATENSE QUANTO ESTA REVISTA

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA. Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, a FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso maior orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A única fiel a origem do seu nome.

Sena Madureira — Major Facundo (Fortaleza)

R. Dr. João Pessoa (Crato).

DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Com mandato até 18-10-1978

Presidente — JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA

Vice-Presidente — PLÁCIDO C'DADE NUVENS

Secretário Geral — ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO

Secretário — JURANDY TEMÓTHEO DE SOUSA

Tesoureiro — ANTÔNIO CORREIA COELHO

Comissão da Revista ITAYTERA :

J. Lindemberg de Aquino — Germano de Almeida

Pe. Francisco Salatiel de Alencar — Huberto Cabral

Comissão de Sindicâncias

João Mendonça Leite — José de Paula Bantim

Jósio de Alencar Araripe — José Peixoto de Alencar Cortéz

Comissão de Ciências, Letras e Artes

Eloi Teles de Moraes — Pe. Antônio Teodósio Nunes

Rônal'd Figueiredo Albuquerque — Divani Esmeraldo Cabral

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Secção de Letras

- nº 1 — PATRONO — Pe. José Antonio Maria Ibiapina
OCUPANTE — João Lindemberg de Aquino
- nº 2 — PATRONO — Bruno de Meneses
OCUPANTE — Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- nº 3 — PATRONO — José Alves de Figueiredo
OCUPANTE — V a g a
- nº 4 — PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE — Edmeia Arraes de Alencar
- nº 5 — PATRONO — Monsenhor Pedro Esmeraldo
OCUPANTE — V a g a
- nº 6 — PATRONO — Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE — Pe. Antônio Gomes de Araujo
- nº 7 — PATRONO — Barbosa de Freilas
OCUPANTE — Otacilio Anselmo e Silva
- nº 8 — PATRONO — Álvaro Bomilcar
OCUPANTE — Dr. José Newton Alves de Sousa
- nº 9 — PATRONO — Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE — Mons. Rubens Gondim Lóssio
- nº 10 — PATRONO — Pe. Emidio Leite Cabral
OCUPANTE — Thomé Cabral dos Santos
- nº 11 — PATRONO — Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE — Pedro Gomes de Matos
- nº 12 — PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE — Gen. Raimundo Teles Pinheiro
- nº 13 — PATRONO — Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE — V a g a
- nº 14 — PATRONO — Manoel Monteiro
OCUPANTE — F. S. Nascimento
- nº 15 — PATRONO — Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE — Gen. Joaquim Pinheiro Monteiro
- nº 16 — PATRONO — Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE — Aécio Feitosa
- nº 17 — PATRONO — João Brígido dos Santos
OCUPANTE — Nertan Macêdo
- nº 18 — PATRONO — Raimundo de Monté Arraes
OCUPANTE — José Arraes de Alencar
- nº 19 — PATRONO — José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE — Mozart Soriano Adéraldo

Secção de Ciências

- nº 1 — PATRONO — Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE — Dr. Napoleão Tavares Neves

Instituto Cultural do Cariri Completa 25 Anos

Efeméride das mais significativas vive, este ano, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI. Fundado a 4 de Outubro de 1953 e instalado oficialmente a 18 do mesmo mês e ano, o ICC vê completar-se o seu JUBILEU DE PRATA, ou seja, vinte e cinco anos de intensa atuação.

Para uma entidade de caráter eminentemente cultural, dedicada à pesquisa dos nossos documentos históricos, à divulgação da história regional, ao incentivo ao folclore e às artes, à promoção de autores da região, é efeméride de largo alcance, pois que demonstra que a semente não foi lançada em terreno estéril.

Ao longo desses seus vinte e cinco anos de atuação, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem sabido corresponder, plena e satisfatoriamente, aos seus mais nobres e elevados objetivos.

Tem sido o cultor das letras da região, dinamizando a vida cultural e literária da vasta área que jurisdiciona.

Fundou o MUSEU HISTÓRICO J. DE FIGUEIREDO FILHO, cujo acervo entregou ao domínio e administração do próprio Município.

Fundou e mantém o CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE, hoje com repercussão até nacional, pois que incentivou, pesquisou e difundiu o folclore caririense em toda a sua plenitude.

Está em andamento a fundação oficial do MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, bem como deu passos importantes para a criação do Museu da Rapadura, Museu de Artes Plásticas, Museu de Arte Sacra.

Tem publicado obras de autores regionais, que, sem essa oportunidade, permaneceriam no anonimato por muitos anos, ainda.

O maior êxito do Instituto Cultural, todavia, tem sido a publicação da revista YTAYTERA, que, no ano de 1978, atinge o número 22 de sua série ininterrupta.

Não ver desde o primeiro ano o ICC, daí não terem a mesma idade.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem sabido, nestas duas décadas e meia de sua existência, grangear a admiração e o reconhecimento de todos, prova é que todos os anos as autoridades lhe reservam, embora pequenas, parcelas de subvenções com que se mantem a vida da entidade.

Ao fazermos este registro especial, interessa-nos, sobretudo, patentear que continuaremos com nossa luta, com nosso esforço, com nossa atividade, procurando desdobrá-las cada vez mais, quando se abrem novos horizontes, nesta fase que se inicia. O ICC está perfeitamente consolidado. Leva-lo adiante é firme propósito dos que lhe impõem a bandeira de lutas.

Jamais ensarilharemos as armas que nos foram entregues, no bom combate, pelos imortais J. de Figueiredo Filho, Pe. Antonio Gomes e Dr. Irineu Pinheiro.

O ICC é patrimônio do povo do Crato e do Cariri, e, porque não dizê-lo, do próprio Ceará.

A sua festa de Jubileu de Prata é festa de toda a intelectualidade cearense.

O Crime de Envenenamento na História e no Direito Penal

DR. ANTONIO NIRSON MONTEIRO

Advogado

Professor da Faculdade de Direito do Crato

Professor da Faculdade de Filosofia do Crato

I — EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Havia um lugar vazio no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg desde o início do julgamento, o segundo maior de toda a história. Em 1º de outubro de 1946 foram lidas as sentenças de 22 carrascos nazistas ali julgados. Doze condenados à morte pela força. Três condenados à prisão perpétua. Quatro a penas que variaram de dez a vinte anos de prisão e três foram absolvidos. Os comentaristas da guerra e que acompanharam o julgamento afirmavam faltar muitos. Mas um, entre todos fazia os aliados atentos uma vez que o Führer e sua amante haviam fugido à responsabilidade por meios equívocos. Por este mais de cem mil soldados estavam de alerta e os melhores criminalistas aliados. Tratava-se de agarrar HEINRICH HIMMLER, o chefe supremo da famigerada Gestapo, a tristemente famosa Polícia Secreta do Estado Alemão. HIMMLER fora o senhor absoluto dos campos de concentração com seus fornos crematórios, suas câmaras de gás e seus horríveis moinhos da morte.

Fora visto pela última vez a 21 de maio de 1945. Disfarçou-se de simples agente de polícia secreta e apresentou-se no posto de controle junto à ponte da fronteira oeste. Ali estavam milhares de prisioneiros de guerra postos em liberdade, muitos feridos, soldados licenciados e operários estrangeiros que deveriam apresentar-se e receber salvo-conduto a fim de atravessarem a ponte para o lado oeste e seguir em busca de seu destino. Um homem entre os que se apresentavam chamou a atenção do comandante inglês do posto: — bem barbeado, sem bigodes e com uma venda preta no olho esquerdo. Chamado apresentou sua documentação falsa em perfeita ordem. Na sua maioria os homens passavam ali de mãos vazias, apenas declarando que queriam ir para casa. O inglês mandou que ele esperasse junto ao posto. Posteriormente o Quartel do II Exército Inglês informava que HIMMLER havia sido capturado na sua passagem por aquele posto e que servira de indicação documentos tão bem forjados num tempo em que isto era tão secundário para milhares de homens que voltavam da Alemanha para suas pátrias. Naquele caso o normal era a anormalidade. A 23 de maio foi conduzido para Luneburgo. O médico Capitão Wells revistou minuciosamente sua roupa e seu corpo. Encontrou em um dos bolsos uma ampôla de 12 mm de comprimento da grossura de um cigarro contendo o temível cianeto de potássio, veneno violentíssimo. Vestiram-no com velha farda inglesa e trancaram-

no em quarto vazio. Naquela noite chegara o Cel. N. L. Murphy, do serviço de informação de Montgomery. Recebera ordens expressas de cuidar de HIMMLER. Encontraram veneno? — Perguntou. Sim, foi a resposta. Examinaram a boca? O Dr. Wells acenou negativamente. Faça-o imediatamente, mandou o coronel.

Transcrevamos a cena de um dos livros que trata deste julgamento: «Himmler foi tirado da cela. O médico militar ordenou-lhe que abrisse a boca. O antigo chefe das S. S. fechou os olhos. Com os maxilares fez um movimento como se mastigasse. Ouviu-se um estalo entre seus dentes. Depois caiu no chão como fulminado por um raio».

E mais adiante o relato continua: — «Às 23 horas e 4 minutos o doutor Wells renunciou a continuar com seus esforços. HEINRICH HIMMLER morreu.»

Mais uma vez o veneno estava presente em acontecimentos desta natureza. Às vezes como arma do crime, outras vezes como arma para fugir à responsabilidade deste.

Toda a História da humanidade está semeada de fatos delituosos em que o veneno esteve atuante para que poderosos mantivessem tronos sob suas mãos, ou os impossibilitados de subirem até eles lá chegassem mediante manobras assassinas pelo uso desta arma. Em «El delito de envenenamiento», o prof. Júlio César Cerdeiras cita o mestre Jiménez de Asúa onde este afirma que «o delito de envenenamento é o crime da mulher porque é o crime da debilidade física; a mulher não pode manejar com força o punhal, ignora por vezes o manejo de uma arma de fogo e, sobretudo, teme ver a vítima no momento de receber o golpe: — é o crime da covardia.»

Na realidade esta interpretação do mestre Asúa tem suas razões de ser. Mas, as modernas armas, de manejo fácil, têm contribuído para que os crimes sejam perpetrados mais por elas do que pelo uso do veneno. Estatísticas criminais recentes têm registrados menos crimes por meio de envenenamento e maior número por armas de fogo e armas brancas. No tocante à mulher, ao correr da história, o crime de envenenamento foi de frequência estarrócedora.

Façamos uma análise histórica do uso desta arma, terrível pela sua sutileza e fácil pelo manuseio.

Na República Romana, no ano 423, relata o historiador latino Tito Lívio, um fato insólito despertou interesse entre o patriciado da velha Roma. Uma epidemia estava causando a morte de dezenas de homens da alta esfera social de Roma. Acusavam, as vítimas, os mesmos sintomas. Um simples escravo descobriu o mal e suas origens. Vinte matronas da cidade eterna estavam dando a beber aos seus desafetos de um líquido envenenado. Alegaram em sua defesa, as mulheres, ser remédio. Obrigadas a beber o tal remédio, morreram por ele. Suas cúmplices foram condenadas em número de setenta.

A história da Roma clássica guardou o nome de Locusta, famosa manipuladora de veneno a serviço de Nero.

Cipião, General e Cônsul Romano, vencedor do temível Anibal, o mais irreduzível inimigo do Império Romano, foi envenenado por SEMPRÔNIA,

irmã de Tibério e Caio Graco, famosos Tribunos da Plebe da época da República. Semprônia foi condenada por este crime.

Entre os judeus, ter o veneno em casa, era *pos si só*, crime, cuja pena era o detentor tomá-lo. A justificativa para esta pena era a de que o manipulador, por presunção absurda e injustificável para o direito moderno, poderia ou iria ministrá-lo a alguém. Ainda em Roma LUCIUS CORNELIUS SILVA criou a famosa «LEX CORNELIA DE SICARIIS ET VENEFICIIS» para cuja pena ao envenenador seria a capital e a mesma para quem manipulasse, comprasse, vendesse ou simplesmente procurasse. Pela severidade desta lei romana e pelas nuances e modalidades de ações vê-se o quanto o veneno representou prática diuturna na antiguidade clássica. A lei o colocou ausente e de difícil acesso, para que a sua obtenção fosse totalmente impossível, resultando daí a conclusão de que o venefício, ou crime por envenenamento, conforme a denominação das legislações penais históricas, era prática constante e que punha em perigo troncos e nações. Pelo crime de venefício, delito autônomo entre os romanos, os patrícios apenas eram tratados diferentemente dos plebeus. Aqueles era segregado em ilhas à perpetuidade. Estes eram condenados às bestas ou animais do Circo Maximus.

A lei grega antiga era bem mais benigna. Só era apenado o autor de crime consumado. Não eram atingidos os tentados. Isto, segundo interpretação de estudiosos, pelo fato de ser o veneno entre os Gregos, «arma legal». O Estado o fornecia a quem quisesse por fim à vida e o ministrava como pena, a exemplo de Sócrates, que acusado de corromper a juventude grega, foi condenado a ingerir cicuta.

«Calicem vitae dedisti mihi in mortem», proferiu antes de morrer o Rei Henrique VII, da Inglaterra. Era a Idade Média tenebrosa, onde o clero poderoso usando posição e cargos da Igreja cristã dominava a política e a economia amordaçando tudo debaixo da hipócrita bandeira de uma civilização Ocidental Cristã. Foram os séculos do flagelo de Deus, onde os instrumentos de dominação da Igreja de Roma, as bulas e os breves de excomunhão, punham o terror às claras em processos sigilosos resultando em fogueiras onde eram purgados os crimes indistintos do pecado e onde a intenção era o suficiente como corpo de delito para penas infamantes. Mas, nos subterrâneos do Vaticano, dos conventos religiosos, das catedrais góticas e das capelas reais, o VENENO era manipulado e ministrado por clérigos a clérigos e por estes a reis e príncipes herdeiros. Pelo cálice de um monge morreu Henrique VII, dizendo que o cálice da vida, deu-lhe a morte.

A Itália dos séculos XV e XVI fora a pátria do crime de envenenamento. As capitais do veneno naquele país, foram Veneza e Florença, grandes centros comerciais e de intrigas palacianas. O Papa Alexandre VI, ou Rodrigo de Bórgia, e seus filhos Césare e Lucrecia Bórgia, formaram a triade do venefício na Idade Média. Adquirindo posto por posto da hierarquia eclesiástica pela operação de compra e venda, Alexandre VI foi guindado ao cargo de Sumo Pontífice em 2 de agosto de 1492. Morreu a 18 de agosto de 1503, vítima de veneno, por equívoco. Este veneno papel dos Bórgias foi o «CONTARELLA» e tinha forma de massa, sem que nunca tivesse sido averiguado a composição química. Segundo alguns que

registraram sua atuação, era obtido em estado líquido da baba de animais aos quais era ministrada excessiva dose de arsênico. Esta notícia é dada dentre outros, por Alexandre Dumas em seu livro «Les Crimes Célèbres», e referenciado pelo Prof. Júlio César Cerdeiras em obra já citada. Daí concluir-se pela simplicidade com que se repetia a frase famosa nos séculos XV e XVI: — «Qui mange du pape em meurt.»

Citemos alguns: — D'Agnelli de Mantua, arcebispo de Cosenza; Cardeal Modéns; Cardeal Mechiel; Cardeal de Monreal; Cardeal de Aragão e o Cardeal Giambattista Orsine com toda sua família. Entre os papas que morreram pelo Contarella estão: Leão X, Clemente VII e Clemente XIV, em dias posteriores aos Bórgias. Felipe II, Rei da Espanha e que foi também do Brasil, pela dominação plena da Península Ibérica entre 1580 e 1640, pela Espanha, foi acusado de ter mandado matar o papa Sixto com um veneno de nome famoso na época e sintomático: «Requiescat in pace». Em Nápoles o veneno reinou impavido nos séculos XVI e XVII. Aí viveu La Toffana especialista que inventou a droga que recebeu o seu nome — «Acqua Toffana» ou «Acqua di Napolli». Pelos trâmites legais de seu processo La Toffana confessou ao ser torturada, a morte de perto de 600 pessoas, entre elas os papas Pio III e Clemente XIV, o último, segundo alguns pelo emprego do Contarella. Os clientes de La Toffana foram pessoas célebres na época e para que não fosse à lama cortes e brasões, esta apareceu estrangulada em sua cela, tão logo iniciou as confissões sob tortura.

A partir daí surgiu nas cortes européias o fatídico ofício de «provador», cargo que não demorava ocupado. Entre os Ministros de Henrique IV, da Inglaterra, havia um, cujos desafetos eram atacados frequentemente de um mal estranho que recebeu o nome, posteriormente à morte deste nobre, de «Catarro de Leicester», em homenagem a aquele potentado. Na época era muito acatado o conselho: «não seja inimigo de Leicester», o suficiente para se estar vacinado contra a insidiosa moléstia. A história do veneno na França, não teve outro diapasão. Muito contribuiu para isto a Rainha Mãe, Catarina de Médicis, que era Florentina de nascimento. Foi acusada de ter transferido seus manipuladores de veneno para o corte de França. No entanto, na França daquele tempo outra seria a envenenadora que marcaria com seu nome a história do crime por envenenamento. Tratou-se de Maria Madalena D'Obray, nascida em 1630. Casou-se com o riquíssimo Marquês de Brinvilliers e ficou por isto conhecida por Marquesa de Brinvilliers. Presa por suspeita de crimes por envenenamento e outros delitos, seu processo foi escandaloso e despertou asco pela frieza no agir. Como preparação para o cumprimento da pena que viria depois foi condenada à penitência pública na Catedral de Nôtre Dâme. Alguns autores arrolaram os crimes desta Marquesa. Entre os mais comuns constantes de suas confissões, citemos: «Me acuso de me haver dado veneno a uma mulher para que ela o desse a seu marido». «Me acuso de haver eu mesma envenenado meu próprio pai». «Me acuso de haver dado cinco ou seis vezes veneno a meu marido. Tendo-o tratado, se curou. Mas, voltou a adoecer. Isto para que eu ficasse independente.» «Me acuso de haver cometido incesto tres vezes na semana e possivelmente trezentas vezes, e manustuprations quatrocentas ou quinhentas

vezes.» Estas entre outras, passagens das confissões públicas da marquesa de Brinvilliers. A preocupação de enumeração das vezes foi devida à influência de Direito Canônico da época, para o qual o crime e o pecado estavam englobados numa só concepção e o número era importante para os efeitos metafísicos da confissão. A 16 de julho de 1676 recebeu sua sentença final: — Decapitada, cremada e as cinsas lançadas aos ventos.

De 1679 a 1682 existiu na França a chamada «Côrte dos Venenos» ou como era também conhecida, a «Câmara Ardente», criada pelo Rei Luis XIV. Tinha por finalidade processar e julgar em rito sumário os membros de uma associação de envenenadores, moedeiros falsos e adivinhadores.

É importante notar que esta corte julgou muitos casos de envenenamento ligados a superstições, magias e bruxarias. Entre estes processos da «corte dos venenos» registra a história processualística francesa um contra a pessoa do famoso poeta Racine, acusado de ter envenenado Thérèse du Parc. Foi entretanto absolvido.

Sobre este gênero de crime a famosa «corte dos venenos» ou «câmara ardente» deliberou em 442 processos. Foram condenados a prisão 367 autores e muitos outros foram condenados às galeras. Daí concluir-se que ainda no século XVII os crimes por envenenamento eram tratados com personalidade própria e autonomia de espécie havendo assim identificação entre os meios e o crime em si, distinção que, como veremos, foi posteriormente consagrada pelo moderno direito penal, sendo a partir desta compreensão o veneno apenas um meio para a consecução do fim, isto é, o homicídio. A morte de um homem por outro.

Na Paris de 1732, século XVIII, portanto, Eugênia Picq e Marie Texier foram condenadas a ser queimadas vivas por envenenamento. Também no século XVIII, na Martinica houve tal onda de envenenamento que as autoridades francesas criaram um tribunal específico para julgar tais crimes. No século XIX em Liège, Bélgica, a célebre envenenadora Vander Lynden eliminou pela administração de veneno, segundo alguns, 102 pessoas. Na mesma época Marie Jeanneret foi acusada e condenada por 9 envenenamentos. Na Espanha de 1837 na cidade de Sevilha, o Tribunal teve um dia de grande gala e aglomerou-se grande multidão em seu plenário e galerias. Julgava-se um caso histórico de envenenamento. D. Catarina Varitzza, esposa de um químico remetera à noiva de seu amante um ramalhete de flores e esta ao aspirar sofregamente as belas rosas após ler o cartão de felicitações caiu fulminada. A corte Sevilhana a absolveu por terem químicos da época comprovado a inexistência de veneno nas flores. Posteriormente eria julgada novamente pelo assassinato do próprio amante. Posto no suplício de acordo com as regras processuais ainda em vigor no tempo, D. Catarina confessou os dois crimes. Usara nas flores da noiva do amante e no estilete com que o ferira de leve, uma sutil destilação de «erva de Ballestero» veneno pouco conhecido, mas de terrível efeito. Foi garroteada.

A 20 de julho de 1851, na França, o Conde de Bocarmé foi executado por envenenar com extrato de nicotina um seu cunhado, para efeito de herdade.

O sociólogo e pensador argentino José Ingenieros publicou em 1910 um

estudo psicopatológico sobre o famoso «caso Castruccio», intitulado «EL ENVENENADOR CASTRUCCIO». Como o fato teve imensa repercussão na América do final do século passado e início deste e ilustra bem nosso trabalho, passemos a breve relato.

Luis Castruccio, italiano de origem, emigrou em 1878 para a Argentina, onde passou a viver de trabalhos humildes. Quando soube da fundação da cidade de La Plata para lá se foi em busca de um lugar ao sol. Tomou a seu serviço um tal Albert Buchot e em seguida fazendo-o passar por seu cunhado, fez-lhe um seguro de vida bastante vultoso. Para que a apólice do seguro viesse logo as suas mãos, envenenou o desgraçado Buchot e o disse morte por congestão cerebral. A companhia seguradora desconfiando da pressa de Castruccio em receber o seguro, pediu um exame tanatoscópico de cadáver e peritos da época concluíram por envenenamento resultando portanto em assassinio. Castruccio, julgado pela corte Argentina foi condenado à morte e teve sua pena comutada.

Encerrando esta parte de nosso trabalho, no que tange à história deste meio de homicídio, relatemos ainda um dos mais lamentáveis erros judiciários da França e que teve em seu bojo o veneno como arma do suposto crime. Trata-se do rumoroso caso DANVAL. O farmacêutico Danval foi julgado e condenado pela não menos famosa «COURT D'ASSISES DE LA SEINE», a trabalhos forçados em perpetuidade, no ano de 1878. A tese do eloquente promotor-geral da capital francesa era de envenenamento. Danval envenenara a própria mulher que morrera em violentos acessos de vômitos. No exame de certas vísceras, três peritos encontraram a insignificante quantidade de dois miligramas de arsênico.

Deixemos o desfecho deste fato doloroso para a ciência penal moderna e passemos a apreciar o alvorecer de uma ciência que viria auxiliar de sobremaneira o Direito Penal, trazendo luzes para a elucidação de fatos delituosos e ao mesmo tempo carreando técnicas que trariam no seu conjunto um grau de certeza quase absoluta e ao mesmo tempo a segurança do livre convencimento na aplicação da pena:— A Medicina Legal.

Na época da perícia do «caso Danval», Lacassagne tinha mais ou menos 34 anos de idade e já pontificava em Lião pois no mesmo ano de 1878 havia publicado os seus «Précis de Médecine». Jürgen Thorwald em sua portentosa obra «El Siglo de la Investigación Criminal», informa-nos sobre a figura deste pioneiro da Medicina Forense. Frequentara a École Militaire de Estrasburgo depois tendo servido como médico do exército no norte da África, quando começara a perceber o valor da medicina forense para a era da industrialização com seus conflitos sociais e sua complexidade na atividade humana. No entanto só em 1880, dois anos após o caso Danval, é que se fundara a cadeira de medicina legal em Lião, fato para o qual se chama a atenção no sentido de explicar o quanto era ainda incipiente o estudo das ciências auxiliares do Direito Penal, mesmo na Europa, no final do século XIX, ensejando e explicando erros judiciários da dimensão do caso do farmacêutico Danval. Alexandre Lacassagne tornou-se o titular da cadeira. Diz-nos Thorwald que sua vitalidade intelectual, seu encanto pessoal e o conhecimento compreensivo que tinha da medicina, da biologia e da filosofia tornaram-no, em poucos anos sério rival dos elementos da Escola de Medicina Forense de Pa-

ris, criada por Orfila e Devergie. Sua es'rela subiria cada vez mais alto quando identificou e provou contra todos, pela evidência dos estudos científicos, ser do meirinho francês, Gouffé, o corpo parcialmente mutilado e em decomposição encontrado nas vizinhanças de Lião. Graças a ele o caso Gouffé ficou resolvido sem erro e sem controvérsia duvidosa, sendo os responsáveis punidos. Deve-se a Lacassagne muitos dos progressos da Medicina Forense.

A 7 de fevereiro de 1901 em importante revista especializada alemã aparecia um artigo intitulado: «Um método para investigação de diferentes tipos de sangue, especialmente para a diagnose diferencial do sangue humano». Seu autor era um assistente do Instituto de Higiene da Universidade de Greifswald (Alemanha), de nome Paul Uhl enhuth. Por este trabalho de pesquisa seu nome deveria ficar ligado para sempre aos primórdios da medicina forense. Daí por diante, pelo uso de seu método, já poderiam os peritos distinguir uma simples nódoa no local do crime ou na casa do suspeito de uma mancha de sangue humano ou de animal. Como discípulo de Koch no Instituto de Moléstias Infecciosas de Berlim, Uhlenhuth aprendera muito sobre bactérias e a capacidade do sangue para lutar contra germes invasores. A partir deste conhecimento, começou uma série de experiências terminando por criar seu método, o qual não comentaremos aqui pelo especialismo da ciência, contendo-nos apenas em notificar o desenvolvimento inicial da medicina legal para melhor entendimento do desenrolar dos fatos já narrados em torno do envenenamento como meio de obtenção do resultado morte na criminalidade. Na Europa este desenvolvimento da medicina forense foi, como em todo mundo, lento e sofria grandes baixas no seu crédito perante o povo e junto aos meios policiais, quando alguém cometia um erro de caráter científico. Estes erros eram manipulados por advogados famosos nos tribunais, que ridicularizavam as técnicas científicas em busca de sustentarem suas teses defensivas. Assim foi, quando em 1859 Taylor, na Inglaterra cometeu um lapso primário no processo onde o Dr. Smethurst era vítima de envenenamento. Eram os primórdios da nova ciência que se via assim atacada pela descrença na sua utilidade e pela ignorância da população acostuada com os métodos tradicionais das torturas e do suplício para confessar crimes resultando em confissões coatas e em desumano tratamento penal.

Voltemos para o caso em estudo já que estamos sabendo que a medicina legal no final do século XIX começava a se impor como ciência auxiliar penal.

Indultado em 1902, e querendo ainda provar sua inocência, depois de 24 anos de injusta reclusão, o farmacêutico Danval pediria revisão do seu processo, negando-lhe a irredutível Corte francesa tal recurso. Vinte e um anos após, em 1923, o professor d'Arsonval, de Paris, faria muitos Tribunais olharem seus passados julgamentos e lamentarem algumas decisões famosas ou modestas, onde erros irreparáveis foram cometidos. D'Arsonval provava cientificamente que uma quantidade variável de pelo menos três miligramos de arsênico é possível de ser encontrada no corpo humano.

Danval voltou à Corte, insistindo, como fizera incansavelmente durante

toda a sua condenação, numa declaração terminativa de inocência. Seu advogado finalmente, conseguiu a decisão longamente esperada. A Corte de Apelação Francesa a 29 de dezembro de 1923 anulou terminativamente a decisão anterior, declarando-o inocente do assassinato de sua esposa por arsênico, quarenta e cinco anos antes, em 1878. O Estado Francês foi condenado pelo mesmo Tribunal a pagar-lhe 20.000 francos de indenização e uma renda anual de 12.000 francos. Era o baixo preço da vida de um homem destruída por um julgamento onde não apareceram os recursos técnicos da Medicina Legal para evitar o erro judiciário. Assim chegamos tardiamente, embora, à decisão judiciosa no caso penal do farmacêutico Danval. A medicina forense, para a tranquilidade dos Tribunais está cada vez mais apta a dirimir as dúvidas científicas na investigação criminal em busca da prova irrefutável pela inocência ou culpa do autor.

A medicina legal está pronta a estabelecer em grau máximo de certeza «a causa mortis» em todos os casos e já não mais padece da fúria dos criminalistas que nos plenários de julgamento a ridicularizavam nos seus primórdios históricos.

II — EVOLUÇÃO LEGISLATIVA

Poderíamos até denominar esta segunda parte deste modesto estudo, de «o veneno e a lei através dos tempos», pois apreciaremos alguns aspectos da evolução do venefício dentro do corpo das legislações principais sobre a matéria. Deixaremos, no entanto, de lado, preciosismos e curiosidades que não condizem muito com a verdade histórica e utilizaremos fontes fidedignas, citadas ao final do trabalho, ao afirmar fatos que mais deverão ser creditados ao tempo de ocorrência, e considerações no contexto histórico da sua época, do que meras curiosidades ou fatos insólitos. Aos estudiosos do direito, e deixamos de lado leigos e desavisados, esta ciência magna da humanidade passou, como todos os institutos da vida do homem, por uma evolução ao longo da história e fatos considerados estranhos ao direito e à concepção de vida hodiernos, no seu contexto temporal e histórico, são tidos apenas como um momento da vida do homem, como o será considerado daqui a séculos, determinando comportamento jurídico de nossa geração.

Já vimos que entre os judeus, ter o veneno em casa, isto na antiguidade, resultava na pena imposta ao detentor de ingerí-lo. Isto por mera presunção de que o detentor poderia ministrá-lo a alguém.

Na Roma antiga era aplicada a pena capital a quem manipulasse, vendesse, comprasse, ou mesmo procurasse o veneno. Mesma presunção. Assim determinava a *LEX CORNELIA DE SICARIIS ET VENEFICIIS*. Era, como vemos, um delito especial composto de circunstâncias que modernamente perderam sua razão de ser, por força da evolução da ciência penal na qual a premeditação, a presunção e a intenção não mais estão presentes em razão da evolução destes conceitos nas ciências auxiliares do Direito Penal e que dizem respeito ao aspecto comportamental do homem. Não nos é dado neste resumido estudo explicar razões mais distantes de seu assunto central. Não mais convalece a afirmativa

do grandioso CARRARA, para quem «A premeditação é grau mais elevado do dolo, o qual reúne a frieza de ânimo e a perseverança na vontade perversa, graças ao lapso de tempo que decorre entre a determinação e a ação».

O moderno direito penal não mais comunga com a clássica lição do não menos festejado mestre inglês BENTHAM, quando disse com proficiência no seu tempo: «se passou um tempo assaz longo entre o projeto do crime e o seu cumprimento, é uma prova não equívoca de que a maldade amadureceu e consolidou-se. «Entretanto, são unânimes os juristas do presente e as codificações da atualidade, no sentido de que a premeditação não é mais elemento agravante do crime. Raciocinou alguém, que quem premedita o mal premedita o bem. De modo geral, e ademais, todo ato humano exige maior ou menor advento, quer seja ato meritório, quer seja ato nefasto.

Vejam os aspectos da premeditação no direito brasileiro mais antigo. O legislador penal de 1890 (Código Penal de 1890) num acesso de zelo quase dramático explicitou no art. 39, § 2º, que trata das circunstâncias agravantes: «Ter sido o crime cometido com premeditação, mediando entre a deliberação criminosa e a execução, o espaço, pelo menos de 24 horas».

Na realidade, falamos de premeditação e sua falência legal para afastar da mente dos leigos ou desavisados a idéia de sua presença nos crimes por envenenamento que são mais propícios a tais preparos. De resto deixemos de lado esta circunstância e ex-agravante penal e que foi extirpada da legislação mais moderna, dissemos atrás, por razões de reiterados estudos de psiquiatria médico-legal, que resultaram na sua descaracterização. Voltemos aos aspectos históricos de tal legislação.

Na Inglaterra do século XVI Henrique VIII fizera criar uma lei com carácter retroativo ao fato delituoso e personalíssima para punir o envenenador John Roose cuja pena seria, como foi, ter o mesmo passado pelo cruel suplício de ser «cozinhado vivo» até a morte. No reinado de Luis XIV, em França, uma ordenança posta em vigor em 1682, determinava nos seus arts. 4º e 5º fossem mortos os que utilizassem veneno ou o distribuissem com a finalidade de ser ministrado para a prática de crime.

No Brasil, nosso Código Criminal do Império do Brasil (1830), determinava no seu art. 16 as circunstâncias agravantes quando consignava: «Ter o delinquente cometido o crime com VENENO, incêndio ou inundação». O art. 192 cominava a pena a ele aplicável: «Matar alguém com qualquer das circunstâncias agravantes mencionadas no art. 16, pena: morte (na força) em grau máximo; galés perpétuas em grau médio; prisão com trabalhos por 20 anos em grau mínimo». A segunda parte do artigo 192 do código criminal do Império esclarecia: «Ao Juiz municipal compete mandar levantar a força e será levantada quando seja necessária para não estar continuamente às vistas do público, e suas despesas são provinciais e não gerais».

Para a atualidade parece descabido que o código imperial trouxesse matérias tão diversas num mesmo artigo: Penal, Administrativa, Processual e Orçamentária. Explicável para o tempo, quando a nossa legislação ainda atendia necessidades de uma diminuta população sem a com-

plexidade político-administrativa dos tempos atuais.

O Decreto nº 562 de 2 de julho de 1850, art. 70, precisava: «O arsênico e outros venenos, ativos, próprios para a destruição de animais, não serão vendidos senão de mistura com substancias inertes, segundo a fórmula que pela Junta Central for prescrita. E só serão vendidos a pessoas conhecidas dos boticários ou droguistas deixando-se declaração em livro próprio da quantidade e qualidade do veneno, nome do comprador e dia da venda.»

Quanto ao problema desta autorização, depois o Código Penal de 1890, já na República, trata da matéria no art. 159 quando comina pena de 200 mil réis a 500 mil réis para quem «expor à venda ou ministrar substancias venenosas sem legítima autorização e sem as formalidades prescritas nos regulamentos sanitários. «O Art. 296 do citado diploma punitivo editava: «É qualificado crime de envenenamento todo atentado contra a vida de alguma pessoa por meio de veneno qualquer que seja o processo ou método de sua propinação e sejam quais forem os seus efeitos definitivos.»

É estranhável estar a pena do art. 296 no § 1º do art. 294, isto é, o veneno entra como circunstância elementar, segundo alguns. Assim sendo pode-se concluir que não houve distinção no Código de 1890, para efeito de pena, entre o crime tentado e o crime consumado.

O legislador de 1890, no entanto, segundo comenta o Prof. Synésio Rocha, em seu livro *O Crime de Envenenamento em Face de Nossa Legislação Penal*, englobou o crime consumado (venefício pelo código de 1830) e a tentativa de envenenamento num só dispositivo para que se desse a mesma punição em ambos os delitos. Aparentemente o art. 296, continua o autor, ficou sem pena especial, porque ambos os crimes não poderiam ser punidos com igual pena. No entanto a sanção deste artigo pode ser encontrada nos arts. 13, 15 e 63 do mesmo diploma penal pois são correlatos com o art. 294, § primeiro.

O veneno no código em vigor, 1940, art. 121, § 2º, aparece como qualificativa do homicídio. No art. 44, n. II, letra c, como circunstância agravante. No art. 270, aparece a figura penal do «envenenamento de águas» e é crime contra a saúde pública.

O nosso terceiro código penal da República, em anteprojeto (Decreto-lei nº 1.004 de 21 de outubro de 1969) trata a matéria no art. 121, nº III, o emprego do veneno qualificando o homicídio; o art. 56 trata como agravante, nº II, letra c; o art. 302 prescreve pena para o envenenamento de água potável, compondo o Capítulo III, título VIII, sendo que este capítulo retrata os crimes contra a saúde pública.

Acrescente-se que o art. 302 do gestante dispositivo, no seu § primeiro traduz o «caso assimilado» que consiste em entregar a consumo ou ter em depósito, para fim de ser distribuída, água ou substância envenenada. A pena é a do «caput» do art.: — reclusão até 5 anos e pagamento de 20 até 50 dias-multa.

III. CONCEITO DE VENENO. SUA COMPLEXIDADE

DEVERGIR, o famoso fundador da Escola de Medicina Forense de Paris, pioneiro da Medicina Legal e ombreado em valores ao tão celebra-

do LACASSAGNE, assim conceituou o veneno: «Toda substância que ingerida ou aplicada ao exterior do corpo do homem e em pequena dose, é habitualmente capaz de alterar a saúde ou destruir a vida sem atuar mecanicamente e sem se reproduzir.»

Que se critica no conceito de DEVERGIR? — Diz-nos o Prof. Synésio Rocha que já citamos atrás, indicando-lhe o trabalho, que ao definir o veneno DEVERGIR tinha a atenção voltada para o crime de envenenamento e por isto restringiu o seu conceito à aplicação pura e simples «ao corpo do homem» sem falar do organismo humano no seu todo.

Deixemos de lado considerações mais ou menos bizantinas e passemos a outros mestres para ao final abriremos vista geral sobre o problema.

Vulpian definiu: «Venenos são substâncias que introduzidas no organismo por absorção, determinam alterações estruturais e perturbações funcionais mais ou menos graves e podem mesmo, quando sua ação atinge um alto grau de intensidade, determinar a morte, ou ao menos por em perigo de vida.»

«Qualquer substância, diz-nos Letheby, que, não por ação do calor, ou da electricidade, é capaz de destruir a vida, quer por ação química sobre os tecidos do corpo vivo, ou por ação fisiológica depois da absorção pelo sistema vivo, deve ser tida como veneno.»

Para alguns esta seria uma conceituação completa. Para outros é apenas uma definição mais completa. Não fiquemos aqui tendo em vista que a biologia, a química e a ciência natural de modo generico, muito iriam se enriquecer após a terceira década do século XX, e este conceito nos parece anterior. Em obra já citada, referenciado, Hofmann diz: «Sob o nome de veneno compreendem-se substância que introduzidas no organismo, mesmo em quantidade relativamente pequena, podem alterar a saúde ou produzir a morte, sem ser por ação mecânica ou térmica». Para ajudar ao aplicador da lei, o Código Penal de 1890 dá um conceito expresso de veneno: «É toda substância mineral ou orgânica que ingerida no organismo ou aplicada ao seu exterior, sendo absorvida, determina a morte, ponha em perigo a vida, ou altere profundamente a saúde.» (parágrafo único do art. 296.) De logo vê-se que o legislador de 1890 foi pouco feliz na sua conceituação de veneno, pois já na época estava pouco condizente com a ciência penal. Sofreu este parágrafo críticas ainda no anteprojeto do código. Depois não o pouparam os apreciadores e hermetistas da penalística.

Passamos a uma visão mais geral e hodierna do veneno dentro da ciência jurídico-penal.

Em seus «Comentários do Código Penal», Nelson Hungria critica o conceito oitocentista vendo nele «indiscutível inexatidão». O conceito, de veneno, diz-nos Hungria, oscila do alívio proporcionado pela morfina farmacêutica, até o assassinio consumado pela morfina tóxica. Daí a dificuldade de sua conceituação, e de logo o empecilho apresentado pela impossibilidade de se restringir a ciência a um punhado de elementos que não espelham a verdade científica global. No volume V dos seus «Comentários» Hungria ensina: «Cumprê notar que uma substância inóqua pode tornar-se venéfica pelas condições especiais da vítima: — sal de

cozinha (cloreto de sódio) propinado a quem haja ingerido calomelano (subcloreto de mercúrio) pode causar a morte imediata do paciente». Desta maneira repete-se sempre como mais lúcida e acertada a classificação geral dos venenos do mestre da penalística pátria: «O veneno, para Hungria, pode ser orgânico ou inorgânico, vegetal ou mineral, líquido ou gasoso, e aplicado por diversos modos: ingestão, inalação, absorção cutânea, injeção etc. . . »

Os processos na Perícia da causa-mortis pela administração de veneno, ou seja, a diagnose do envenenamento, podem ser:

a) químicos — pesquisas químicas e farmacêuticas nas dejeções ou excreções do enfermo ou nas vísceras do cadáver;

b) anátomo-patológicos — pesquisas anátomo-patológicas obtidas pela necropsopia.

c) clínico — sintomas mórbidos.

d) históricos — análise das circunstâncias extrínsecas do fato.

Nosso modesto trabalho foi um levantamento suscito e relato breve dos aspectos do veneno em face do Direito Penal ao longo da vida do homem.

Desde Locusta, a célebre envenenadora romana até Lampião o cangaceiro rural moderno que usava uma faca de prata, se gundo uns, ou segundo outros, uma colher, para identificar veneno nos alimentos, a humanidade experimentou esta arma mortífera e de uso prático que atemorizou os potentados e fez sumir dinastias.

Sua evolução se prendeu a dois aspectos básicos: a autonomia do venefício como crime e nos tempos atuais como elemento componente de uma realidade maior e mais ampla: o Homicídio. Nesta última, o veneno aparece, ora, como qualificativa, ora, como agravante da pena. Quanto ao seu conceito é por demais aleatório para a ciência: Haja vista o que afirmou VON LIZT: «Na idéia do veneno também se compreende as matérias contagiosas que podem ser transferidas de corpo a corpo, como o vírus do cólera, da sífilis, da tuberculose.»

Bibliografia:

Faria, Bento de — Código Penal do Brasil (1890) Vol. I

Cerdeiras, Júlio—César — “El delito de Envenenamiento”

Hungria, Néson — Comentários ao Código Penal — Vols. V e IX.

Thorwald, Jurgen — “El siglo de la investigacián criminal” — Editorial Labor — Barcelona — Espanha.

Rocha, Synésio — O crime de envenenamento em face a nossa Legislação Penal — Empresa Gráfica das Revistas dos Tribunais — São Paulo — 1934.

“O Novo Código Penal e a Medicina Legal” do Prof. Leonidio Ribeiro.

Heydecker, Joe J. — Leeb, Johannes — “O processo de Nuremberg” — Tradução de Jaime Mas e Leite de Melo — (1968).

Código Criminal do Império do Brasil — 1830

Código Penal — 1890.

Código Penal — 1940.

Código Penal — 1969.

ICC HOMENAGEOU CENTENÁRIO DE FERNANDES TÁVORA

O transcurso do centenário de nascimento do eminente cearense, Senador Manoel do Nascimento Fernandes Távora, foi motivo de expressiva homenagem do Instituto Cultural do Cariri. Missa em sufrágio de sua alma foi rezada na Sé Catedral, pelo Bispo Diocesano do Crato, D. Vicente Matos, com acompanhamento do Monsenhor Francisco Montenegro e Pe. Gonçalo Farias Filho, presentes a Diretoria do ICC, autoridades do Crato, intelectuais, professores, alunos, etc.

Na Faculdade de Filosofia, em 12.05.1977, foi realizada Sessão Solene para comemorar esse Centenário.

A Mesa foi presidida pelo Dr. Humberto Macário, representante da Família Távora, e nela tomaram assento o Presidente da Câmara Municipal, José Valdevino de Brito, o sr. Thomaz Osterne de Alencar, Presidente da Associação Comercial, o Pe. Salatiel de Alencar, representante do Bispo Diocesano, a Profa. Elsa Ramos, representante da Delegada de Educação, Mons. Montenegro, representante do Conselho Estadual de Educação, e nossos Diretores J. Lindemberg de Aquino e Rônaldo Figueiredo Albuquerque. Por se encontrar ausente da cidade, nosso Presidente Jéfferson Albuquerque, não pôde comparecer. Devido à impossibilidade do comparecimento do orador da noite, Dr. Antônio de Alencar Araripe, seu trabalho sobre o Dr. Távora foi lido, a seu pedido, por J. Lindemberg de Aquino.

Vamos reproduzi-lo logo abaixo. O Dr. Humberto Macário pronunciou o discurso oficial de agradecimento, em nome da família Távora, que abaixo sintetizamos também.

E publicamos outras matérias, referentes, também, ao saudoso conterrâneo.

No Centenário de Fernandes Távora

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE

"Fical na certeza de que é muito difícil ser sempre o mesmo homem".
(Francisco Otaviano, Discurso na Câmara, de 11.2.1864).

A ampuheta do tempo registra, hoje, a passagem do século de nascimento, na fazenda "Bôa Altura", de Jaguaibe, do notável homem de Estado, cujo nome parlamentar se acha anunciado na intitulação do presente bosquejo. Como um dos mais antigos e dedicados amigos e admiradores sobreviventes de tão destacado conterrâneo estimariamos ter tido oportunidade para nos pronunciarmos, pela imprensa, sobre seus méritos, atributos e atitudes, ao ocorrer o respectivo trepasse a 23 de setembro de 1973; mas, infelizmente, devido à minha ausência desta Capital, tornou-se impossível satisfazer tal pretensão.

Atendendo à notoriedade da grande e recíproca estima, que há mais de meio século mantinhamos, poder-se-ia inquirir de suspeito, pela relação do afeto, o depoimento que oferecêssemos a propósito de alguns aspectos de sua gloriosa existência.

Vivemos em um país, como observa o historiador José Honório Rodrigues, onde as considerações afetivas complicam a direção dos negócios públicos. Daí o filhotismo, o nepotismo, o geratismo, e outras formas comuns de favoritismo ligadas ao personalismo. (Coac e Ref. do Brasil", pg. 115) Sobre o mesmo assunto, lê-se, nos Problemas de Política Objetiva", de Oliveira Viana, "ser deplorável o pendor amiguelo, parenteio e camaradeiro que influencia nossos homens públicos, a ponto de fazê-los agir em sentido contrário às graves razões de Estado, ao sentimento dos interesses coletivos, ao dever de respeito à lei ou à majestade da justiça. (3aed. pg. 92/3).

Na hipótese em apreço, improcede, a todo ponto, a idêla de suspeição de nosso despretenhoso pronunciamento, ora vindo a lume, uma vez que se trata de exaltação da personalidade de homem público, sem a mínima discrepância, julgada, há muito, por seus contemporâneos, como legítimo porta-voz das qualidades peculiares ao estadista do feito moral de Feijó, quais sejam: consciência cívica, inteligência, firmeza de convicções, clarividência, energia, honestidade

e, acima de tudo, um caráter ímpoluto, esse o primeiro e principal requisito para o homem de governo. A esta altura, é óbvio acentuar, inexistem novos aspectos a serem revelados, ao se traçar o painel de heráldica figura do autor de "Algo de Minha Vida", "Ideias e Perfis" e outras preciosas publicações. Por isso, limitamo-nos a aludir a algumas circunstâncias que, pelo menos, podem servir para dar maior clareza e expressão à história de sua existência.

Escreveu Fernandes Távora possuir a consciência de nunca se haver desviado das normas da dignidade e do dever ("Algo de Minha Vida", 2a. ed. pg. 30). O Senado da República, ao proclamá-lo, sem reservas, pela voz de um dos seus mais ilustres membros, o senador gaúcho Mem de Sá "exemplo perfeito para os senadores atuais, para os senadores que hão de vir e para as gerações do Brasil as atuais e as vindouras" sem dúvida ratificou, implicitamente, a convicção íntima do parlamentar cearense sobre sua conduta.

Na perfuntória análise que estamos procedendo a respeito dos predicados cívicos e morais que tanto enaltecem a personalidade do conterrâneo em apreço, cumpre-nos considerar os aspectos que mais se projetam em sua vida pública e particular: a) o homem de bem, b) o político idealista, c) o lídimo patriota.

O HOMEM DE BEM A TODA PROVA

Não se sabia em Fernandes Távora como se ignorava em Silveira Martins, segundo seu biógrafo Pedro Jacques onde acabava a vida pública, nem onde começava a vida privada, tanto aquela invadida e subjugava esta. Os comentários, adiante transcritos, feitos a propósito do condestável gaúcho, ajustam-se ao estadista cearense em apreço: "Durante quase meio século, a atividade particular do grande cidadão confundia-se com a sua ação pública. O Crítico encontrou sempre dificuldades em distinguir-lhe os atos privados dos atos públicos, tão intimamente ligados se lhe apresentam. Não

conheceu, este homem extraordinário, a ambição pessoal, o egotismo. Nenhum outro interesse, que não o coletivo, lhe movia o pensamento e a atividade. Era eminentemente altruista" (Gaspar Silveira Martins, pg. 221). Homens desse elevado porte, que se identificam modelar no seu comportamento público ou particular, raramente são encontrados em nossas tradições históricas. O que nestas, infelizmente, se registra é o fato de apregoados guardiões da pureza do regime, em nome de sua qualidade de "homens de partido", se entregarem "as mais impudentes concessões", para satisfazer as exigências da política, consoante a observação do sociólogo Oliveira Viana, nas "Instituições Políticas Brasileiras" (v. II, pg. 31).

Temos aí o evidente caso de portadores de virtudes públicas, que não têm precedentes em virtudes privadas, e que, como tais, apoiado em Saint-Simont, chamada Vianna Moog, no "Em Busca de Lincoln", de "virtudes de teatro". (pg. 60).

No que toca a essa duplicidade de caráter do político, chegou-se a indagar no sul do País, como poderia um militar trocar a sua independência pela dependência das transações da politicagem, trocar a linha reta e indivisa, que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa, que as ambições impõem as camarilhas sem programa e aos corrilhos sem bandeira, e trocar sua moral íntegra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça por essas Duas Moraes paralelas da vida demagógica uma moral no lar e na vida íntima, e outra moral na vida pública; uma condenando todas as traições na existência doméstica e, outra, tolerando, aconselhando e praticando todas as mistificações e todas as deslealdades na existência partidária (Barbosa Lima Sobrinho, "Presença de Alberto Torres", pg. 290/91).

Costuma-se dizer que os políticos, (talvez porque haja neles o homo duplex dos moralistas, com uma face boa e outra má) têm um critério bifronte, como Jesus, adotando uma moral pública, ou política, paralela e independente de moral privada — moral que toma as cores e os jeitos das conveniências e do oportunismo, moral de epigrama.

Fernandes Távora, constitui exemplo frisante de chefe político de relevo, que sempre repudiou os condenáveis processos utilizados pelos discípulos da moral de Maquiavel que cada vez mais abundam em nossas cúpulas partidárias.

O POLÍTICO IDEALISTA

Assinala-se que a Política, no Brasil, é menos serviço público, do que meio de vida privada. Nele se vive da Política, e não, como ocorre em nações de maior desenvolvimento cultural, para a Política; ali se disputa o governo para realiza. idéias; aqui isso se faz para colher os proventos pessoais que proporciona. Nos seus homens públicos, alçados às cúpulas da administração, via de regra comportam-se de forma "desvirtuada e aberrante", porque se prendem aos interesses pessoais da família, ou de clã, ao invés de se inspirarem nas pretensões da coletividade. Depõe, sobre o baixo nível de nossa vida partidária, Alcides Carneiro, brilhante parlamentar paraibano: "Incurcionei na política, onde os homens me ensinaram os caminhos do Inferno e o estilo do diabo. Aprendi depressa, mas depressa enjoei. Ela não é, senão para muitos poucos, a arte humana de trabalhar pelos outros. De qualquer forma, para se vencer, politicamente, é preciso enganar muito e mentir outro tanto. No começo há os engulhos. Depois, o estômago aceita. A natureza sábia e os homens sábidos".

Essa política da nossa tão malfadada velha e nova República, caracterizada pela profunda vacuidade e falta de motivação coletiva de seus vultos mais representativos, jamais poderia constituir ponto de atração para homem do porte cívico e moral, de Fernandes Távora, que nunca dobrou a cerviz ou implorou misericórdia aos senhores do poder, apesar das "decepções, amarguras, perseguições e derrotas sofridas".

Infenso as atividades da "pequena política", tão abominada por Joaquim Nabuco como este Fernandes Távora vivia da "Política com P grande", que é história, e onde o participe sempre se envolve em algum "magnete moral" (Minha Formação, pgs. 33/86). Quem nunca foi visto por seus companheiros de estreita convivência de meio século "tergi versar, ou mentir" (Algo de Minha Vida", pg. 35), é natural que, agora, se julgue ter deixado um "exemplo difícil" de ser seguido (Aderbal Sales, cit. pg. 41). No Brasil, cada vez mais rareiam homens dessa felpa, que a exemplo de Fernando de Azevedo, se honrem em proclamar: o que eu queria ser era eu mesmo, sem dissimulações (Hist. de Minha Vida, XIV).

Se, outrora, entre nós abundava a mentira oficial, a mentira ministerial, a mentira parlamentar, a mentira diplomá-

tica, a mentira pública e a mentira particular, conforme o testemunho de Tavares Bastos ("Cartas do Solitário", 2a. ed. pg. 321), hoje é certo que a mentira campeia com maior desenvoltura, mormente nos círculos oficiais. Não foi comum ao meio em que viveu a forma pela qual aquele vexilaria da firmeza de ação e da verdade ditou seu comportamento nas diversas fases das alternativas de sua militância na vida partidária. Afirma-se que a ação do político é meritória à plenitude da vida do Estado, mas, como o centro da gravitação das atividades dos partidos deva ser o das idéias, e jamais o das pessoas ou dos postos, torna-se indispensável que os políticos tenham crescente autoridade moral, ganhando irrestritamente a confiança pública.

Não se envolveu, o magno filho de Jaguaribe, na política partidária, porque lhe ignorasse os vícios e mazelas, de que no País se revestem suas atividades, ou porque dela esperasse qualquer proveito pessoal. Juízo acertado sobre os danos e os efeitos da política, já emitira em memorabilíssimo ensaio, intitulado "Eternos Suplicados", Inserto no "Folha do Povo" de 14.7.1914, e em "O POVO", de 15.4.72, onde se lê: "A política, essa devassa barriga sem entranhas, de ventre estéril, que entre nós nada controla e tudo devasta, sempre nos foi maior calamidade que todas as secas, culminando com esgares de feroz Impudícia, os nossos Infortúnios".

Escreveu ele que "não sentia qualquer propensão para a política" onde sempre se sentiu "como corpo estranho pela dificuldade de adaptação, e nela entrou atendendo tão somente às razões do coração, e que, na mesma enredado", sofreu as consequências de um ambiente adverso, e daí a série imensa de obstáculos e contrariedades, que o torturaram por mais de meio século".

Para se ter uma lembrança da repulsa, que provocava a política então exercitada no País, rememoremos conceitos emitidos por Rud: "Nossa política é cada vez mais mesquinha e imprevidente. Só as questões de balros nos movem e apaixonam. Toda a selva de nossa inteligência e da nossa energia se esvai nos combates de personalidades, toda a atividade de nossa administração no meleno dos expedientes, toda a capacidade dos nossos estadistas na Intriga, na astúcia, na cabala, na vingança, na inveja, na condescendência com o abuso, na salvação das aparências no desleixo do futuro. Dos problemas economicos ninguém cura seriamente. Dos morais seria

risível esperá-lo. Funciona cada vez mais franca a mentira eleitoral, para enfiar o governo, em todos os graus da sua hierarquia, às incapacidades mais noórias, é o que se quer. Na defesa do País ninguém pensa".

Damos testemunho pessoal, como participe em várias lutas em que se envolveu Fernandes Távora, na defesa dos direitos de seus correligionários, sobre a forma destemida com que enfrentava os arreganhos dos donatários absolutos do poder. Vivíamos, antes do evento de 30, sob disfarçado regime ditatorial, que, por, "eufemismo intolerável", se cognominava de "legalidade". As eleições feitas a bico de pena, não passavam de mero simulacro. Os homens da situação trancavam as urnas e forçavam, a bel prazer, as atas falsas, em que só se davam como eleitos os adeptos do situacionismo. Lutar na oposição, sem garantia para os sufrágios, era nadar contra a corrente, sem nenhuma esperança de conquistar o poder.

Foi em meio a essas dificuldades, a bem dizer irremovíveis que Fernandes Távora entendeu de percorrer, quase sempre a cavalo, grande parte do interior, convocando os homens de boa vontade e amor à Pátria para reunirem forças e combaterem a usurpação dominante. Organizou um partido político, montou jornal para dar combate aos usurpadores das posições, estimulou protestos e representações contra a violência e a fraude, e apresentou-se, até na Comissão de Verificação de Poderes, no Rio, no intuito de evidenciar as ilegalidades praticadas em um pleito e chamar pela cessação de tal estado de coisas. Seus amigos tinham todos os direitos negados, a cada instante. Assassínios, desacatos pessoais, violências, espoliações, tudo praticavam contra seus correligionários. Mas o chefe ali estava, sempre, de viseira erguida, para condenar os desmandos e imputar a responsabilidade aos governantes. Luta tenaz sustentou, impávido, Fernandes Távora contra os usurpadores do poder naqueles odiosos tempos, de que só nos libertamos com a instituição sob a égide da Revolução de 30, da justiça Eleitoral.

O LIDIMO PATRIOTA

No rápido período da gestão governamental (8 meses), nos mandatos políticos (Assembléia, Câmara dos Deputados e Senado da República), no desenvolvimento de sua ação partidária, em todos esses setores da vida pública, Fernandes Távora revelou-se, invariavelmente, o

patriota da melhor estirpe, consagrado, antes e acima de tudo, aos altos interesses da comunidade. Combateu denodadamente os desmandos e as malversações da Pátria Velha, da ditadura getuliana e dos maus governos, que se tem sucedido no poder, em nossa Pátria.

Elevado ao poder, em algumas oportunidades, no exercício das funções que lhe foram cometidas, revelou excepcionais aptidões. Deputado eleito para as Assembleias Nacionais Constituintes de 1934 e 1946, coube-lhe participar, nas mesmas, como um dos principais líderes da memorável campanha para a redistribuição das rendas nacionais, de modo a que Estados e Municípios interiores delas viesse a participar, saindo da situação de penúria financeira em que se debatiam.

Sua atuação, nesse tocante, em defesa dos interesses das aludidas edilidades, foi de inestimável relevância, conforme se pode constatar, consultando os Anais das aludidas Assembleias. Discursos e emendas, bem fundamentadas e convincentes, ali se encontram, evidenciando a afirmativa. Por sua vez, o ruído do caso da Itabira Iron, que envolvia os interesses da Nação, e o problema da libertação do Nordeste dos efeitos da seca, mediante o represamento e a utilização das águas pluviais, mereceram seus constantes e frutuosos cuidados. Isso indica que não foi desarrazoado o aparte do senador Jefferson de Aguiar, quan-

do lhe atribui "ardor patriótico" em todos os momentos de sua atividade parlamentar, de modo a se constituir um exemplo raro no Parlamento brasileiro.

Li, algures, que os grandes homens públicos, por sua reputação, constituem o patrimônio moral de uma Nação e que o seu culto constitui uma virtude. Diz-nos melhor Belmiro Valverde, nos "Aspectos da Vida do Brasil", pág. 323; "Os pensadores e moralistas nos dizem que o nome e a memória dos grandes homens são o dote de uma Nação" E Smiles nos repete: "O espírito de um grande pensador permanece durante séculos na lembrança dos homens, e acaba por fazer parte da sua vida e dos seus hábitos".

Aqueles que fizeram da liberdade uma religião, do patriotismo um culto, da verdade um evangelho — como os ínclitos conterrâneos com que o município de Jaguaribe dotou o País: Manoel Joaquim o Tiradentes da revolução de 1924, Juarez, Ademar e Fernando do Nascimento, Fernandes Távora — pertencem, incontestavelmente, a essa gloriosa pleiade de homens públicos que merecem o nosso profundo respeito e calorosa admiração. E muito difícil ser sempre o mesmo homem, como sustenta Francisco Otaviano, estadista de relevo no regime passado, mas, na realidade, Fernandes Távora nunca diversificou na prática dos atos de sua vida pública e particular; conservou-se, invariavelmente, "íntegro, franco, leal e sincero".

Humberto Macário de Brito Agradece em Nome da Família Távora

SENHORES :

Ao receber o vosso honroso convite para comparecer à homenagem que o Instituto Cultural do Cariri, associado à Faculdade de Filosofia do Crato, deveria prestar, nesta data, ao Dr. MANOEL DO NASCIMENTO FERNANDES TÁVORA, inconfundível personalidade de médico, de político e de varão dos nossos tempos, dominava-me a ansiedade de ver presentes a esta mesma sessão, de um lado a representação do Instituto: o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa seu digno presidente, o jornalista J. Lindemberg de Aquino dinâmico, cérebro eletrônico, ligado, eternamente, ao estudo e à divul-

gação de nossa terra; outros destacados componentes também da 1ª Diretoria, cuja posse ocorreu em 18-10-1953, e ainda, a figura veneranda deste grande homem público do Crato o Dr. Antonio de Alencar Araripe. Do outro lado, estava eu certo, teríamos a presença do SENADOR VIRGÍLIO TÁVORA, cujo carinho e amor ao nosso povo e a nossas lideranças político-culturais, estão sobejamente à evidência.

Pairando sobre esta atmosfera, preme de cultura, de sabedoria, de idealismo sadio, de bravos sentimentos, poderíamos sentir, na superfície delicada de nossa alma, num transe talvez, determinado pela concentração de todos os es-

píritos, os fluidos das fugurantes personalidades de J. Figueiredo Filho e do Centenário Amigo, que orgulhosamente evocamos neste momento.

Exmos. Senhores e Senhoras:

No exemplo que vivemos, o filho é a continuação do pai, na participação e vivência incessante de acontecimentos políticos nacionais, os mais ponderáveis.

S. Excia. o SENADOR VIRGÍLIO TÁVORA, contrafeito, preocupado, mandou-me até Vossa presença, para justificar o seu não comparecimento, decorrente do fato de, adiada a vinda do presidente ERNESTO GEISEL ao Ceará, sem se poder fixar, em definitivo, essa visita presidencial, nos dias que passaram, a tempo de um outro parente aqui comparecer, ele o nobre e atual SENADOR TÁVORA, viu-se tolhido no prazer de receber o tributo desta singular homenagem ao seu genitor, cuja lealdade, resistência moral, nobreza de princípios, grandeza política e patriotismo, também lhe exornam a personalidade inconfundível, dotada de rara inteligência e capacidade de liderança, numa transferência de grandezas que somente no plano biológico, se pode conceber.

Permiti que me refira à admiração que sempre nutri pela figura imortal de JUAREZ TÁVORA, perfilado, há poucos dias, em jornal do Ceará, pelo ilustre conferencista de hoje Dr. ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE.

Entre as figuras humanas do Brasil de sua época que foi também o de nossa juventude, avulta ele pela sua destacada presença nos movimentos revolucionários de 22 a esta parte. Entretanto, o misticismo que empolga grande parcela de nossa população, envolvida no convívio político ou amigo e fraternal dos TÁVORA, decorre, essencialmente, não apenas da auréola que se formou em torno do grande MARECHAL, mas sobretudo, pela história e veracidade invariável das atitudes viris, patrióticas, corajosas desses bravos conterrâneos, não se omitindo jamais, na luta, em defesa de suas convicções e do aprimoramento contínuo das instituições nacionais, erigindo-se em padrão de civismo e moralidade inexcusáveis.

Odeio a omissão! Admito o planejamento, a tática, na política. Todavia, repudio a covardia, o medo, a traição! como Bacon, considero que "existe apenas para Deus e os anjos, o direito de serem expectadores. E conforme o gigantesco presidente KENNEDY, acredito que os lugares mais quentes do INFERNO são

reservados para aqueles que, em época de grande crise moral se mantêm na neutralidade ou na indiferença ("Dante").

De muita felicidade, esta oportunidade se me enseja, para testemunhar a êste ínclito homem público do Crato, o Dr. ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE, de par com os mais vivos agradecimentos da família TÁVORA, representada por mim, na pessoa do nobre SENADOR VIRGÍLIO TÁVORA, a minha mais sincera admiração pela sua atividade parlamentar, das mais fecundas, objetivas e pertinentes de que se tem notícia no parlamento nacional.

Menino, no Crato, o fundo de Campos Sales, reduto eleitoral seu, já acompanhava o seu trabalho, cuvia as suas conferências, versando sempre temas da mais angustiante urgência, que, levados à Câmara, caíram, naquela época, sempre no vazio, no esquecimento. Hoje, entretanto, para quem acompanhou a atividade parlamentar deste notável deputado, não admira a construção de Orós, da usina de Açúcar, da Fábrica de papel, da Fábrica de cimento, da pequena açudagem, das rodovias ora em construção, entre as quais, para destacar a sensibilidade do Deputado, cito o detalhe de pedir a construção da Rodovia Crato Campos Sales, via Nova Olinda, passando por Santa Fé, objeto de reivindicação recente do nobre vereador Vicente Teles de Lima, quando da construção da estrada acima referida. Todavia, homem da oposição, seus trabalhos não encontravam guarida. O futuro está presente para evidenciar a visão do administrador e a rara sensibilidade do político, que batalhou sempre com extraordinário denodo por todas estas causas da maior importância econômica e social.

"Num país em que se levasse a sério a constituição, os discursos de ALENCAR ARARIPE, os dados que fazia desfilar perante a Câmara, o tom macio com que argumentava, como manejando blocos de granito, levariam qualquer Presidente da República a um processo de responsabilidade!"

FERNANDES TÁVORA o vosso homenageado é quem diz, no prefácio de "Doze Anos de Parlamento", citando o ex-ministro COSTA PORTO. Minha homenagem pessoal a S. Excia. o Deputado Araripe. Ao Presidente perpétuo deste Instituto de Cultura, nosso imortal FIGUEIREDO FILHO, obsessão, amor, ferocidade pelas causas do Crato, amigo cuja memória reverencio e exalto, na pessoa e no dinamismo de JEFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUSA, apresento os

Senador Fernandes Távora: O Cearense Ilustre

DADOS BIOGRÁFICOS

1877 — Nasceu, a 21 de março, na fazenda Boa Altura, no Município de Jaguaribe, à margem do rio do mesmo nome. Foram seus pais: coronel Joaquim Alves do Nascimento e Clara Alves do Nascimento Negreiros Fernandes Távora.

1884 — Frequentou a primeira escola, em Jaguaribe, do professor Lino Aderaldo.

1885 — Cursou a segunda escola primária, no Crato, dirigida pelos professores Raimundo Duarte da Costa Guerra e Francisco Tomaz de Souza Peixoto.

1886 — Ingressou no Colégio S. José, também no Crato, do famoso educador José Teles Marrocos, onde iniciou os estudos de Humanidades.

1889 — Cursou o Seminário Menor S. José, do Crato, aí demorando até o ano de 1891.

1893 — Escreveu seu primeiro artigo, que abordava o tema da libertação dos escravos, no jornal O Cachoeirano, de Cachoeiro do Itapemirim, em Espírito Santo, durante o ano que ali passou em companhia dos tios, Monsenhor Fernandes Távora, Dom Carlotto Távora e Drs. Belisário e Elisário Távora.

1894 — Realizou estudos de Humanidades, em Fortaleza, no Instituto de Humanidades de Monsenhor Salazar e no Liceu do Ceará. Foi colega de Tomás Pompeu Sobrinho.

1896 — Em Recife, frequentou o Instituto Benjamin Constant e fez os Prepa-

mais calorosos agradecimentos do SENADOR VIRGÍLIO TÁVORA e sua família, mandados através deste modesto orador, que sempre distinguiu no venerando SENADOR FERNANDES TÁVORA, como em raras figuras da vida nacional, EDUARDO GOMES, JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, MILTON CAMPOS e MEM DE SÁ etc, um paradigma de honradez que será lembrado como exemplo e edificação da juventude atual e de todas as gerações de políticos e cidadãos do Brasil.

Muito obrigado.

HUMBERTO MACÁRIO DE BRITO

ratórios no Curso Anexo à Faculdade de Direito do Recife.

1897 — Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

1898 — Transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio, onde concluiu o curso, tendo estudado, como aluno, na Clínica do Hospício Nacional de Aliados e integrado a Comissão chefiada pelo professor Chapot Prévost, que debelou o surto de carbúnculo hemático nos campos de Santa Cruz.

1901 — Diplomou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1902 — Diplomou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1903 — Defendeu tese sobre Telepatia, em 21 de janeiro.

— Retornou ao Ceará, em visita aos pais, em Jaguaribe, e à irmã Maria Benigna (Sra. Cel. Augusto Bacurau), no Crato.

— Permaneceu no Cariri até 1904. mês de março, tendo tomado parte na rebelião que derrubou o poderoso Prefeito do Crato, cel. Belém de Figueiredo.

1904 — Embarcou para o Amazonas, em julho, permanecendo dois meses em Manaus. Seguiu para S. Felipe, no rio Juruá, e seus afluentes Tarauacá e Enviúva, clinicando durante 12 anos na região.

1908 — Primeira viagem à Europa, de estudos. Fez curso de aperfeiçoamento de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e na Bélgica, tendo percorrido, na Inglaterra, a grande Exposição, Franco-Britânica. Foi nessa ocasião que conheceu em Paris, na Gare St. Lazaire, sua futura esposa, Carlota Augusta de Moraes.

1910 — Tomou parte ativa na "Campanha Civilista", de Rui Barbosa.

1913 — Faleceu, a 13 de maio, com 51 anos, a sua genitora, Clara Alves do Nascimento Negreiros Fernandes Távora.

— Foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Democrata (rabelista). Dissolvida a Assembléia no ano seguinte, com a deposição do governador Franco Rabelo, voltou ao Amazonas.

1914 — Segunda viagem à Europa, durante a qual realizou, em Berlim, cur-

sos de especialização em otorrinolaringologia, com o professor Weinergertner. Com a declaração da 1.ª Grande Guerra, deixou Beilim em 10 de agosto, seguindo para Amsterdam, de onde regressou para o Brasil (Rio de Janeiro e Amazonas).

1916 — Retornou ao Ceará, estabelecendo consultório em Fortaleza, na Farmácia Teófilo e, posteriormente, na Farmácia Francesa.

— Casou-se a 25 de julho, com D. Carlota Augusta de Moraes, indo residir à Praça Marquês do Herval, hoje José de Alencar, N. 186.

1917 — Foi eleito, pela segunda vez, Deputado Estadual pelo Partido Democrata, à 3.ª Constituinte.

1920 — Rompendo com o Governo do Dr. João Tomé e o Partido Democrata, estruturou o antigo Partido Republicano Cearense, do qual foi primeiro presidente, formado por antigos correligionários de Monsenhor Fernandes Távora e do Dr. Solon Pinheiro, parentes seus.

1921 — Fundou o jornal A Tribuna, que circulou a 1.ª de janeiro, como órgão do Partido Republicano Cearense e do qual era proprietário e diretor. Através de seu jornal, de oposição, iniciou campanha pelo aprimoramento do sistema eleitoral, de acordo com o ideal revolucionário, pelo qual se batiam seus irmãos Joaquim, Juarez e Fernando.

— Chefiou no Ceará a Reação Republicana de Nilo Peçanha e Seabra.

1922 — Ingressou na Academia Cearense de Letras, a 8 de setembro. Ocupa a cadeira que tem como patrono Domingos Olímpio.

1924 — Morreu em S. Paulo, durante a Revolução, seu irmão Joaquim Távora, herói do "ciclo revolucionário" que se iniciou em 1922, com a epopéia de Copacabana, e terminou com a arrancada vitoriosa de 1930.

1925 — Com a decretação do "estado de sítio", pelo presidente Bernardes, foi fechado A Tribuna, durante o Governo do desembargador Moreira da Rocha.

1926 — Ameaçado de prisão como revolucionário, fugiu para o Rio Grande do Norte, e daí para o Recife, onde embarcou para a França. Durante seu exílio na Europa, fez curso de Clínica Propedéutica na Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e curso de aperfeiçoamento em otorrinolaringologia em Viena e na Faculdade de Medicina da Universidade de Bordeaux, com o professor Portman.

1927 — Eleito Deputado Federal, foi seu direito postergado pela "Comissão de Reconhecimento".

1928 — Procurado por Assis Brasil e o conselheiro Antonio Prado para organizar a secção estadual do Partido Democrático, fundou o Partido Democrático Cearense.

1929 — Chefiou, no Ceará, a Campanha da Aliança Liberal.

1930 — Conspirando ativamente com os "Tenentes" foi preso pelo governador Matos Peixoto. Retirado da prisão pelo povo, em 8 de outubro, foi aclamado Chefe do 1.º Governo Revolucionário. Vitoriosa a Revolução, foi nomeado Interventor Federal pelo presidente Getúlio Vargas.

1931 — Por desinteligência com os "Tenentes", pediu exoneração da Interventoria, após oito meses de administração.

1932 — Exerceu, durante um ano e pouco, o cargo de Fiscal das Caixas de Aposentadorias e Pensões.

1933 — De acordo com os ideais renovadores da Revolução estruturou o Partido que se passou a chamar Partido Social Democrático, o primeiro fundado no Brasil com este nome.

1934 — Foi eleito Deputado Federal, pelo Ceará, à Assembléia Nacional Constituinte, cuja Mesa Integrou como 2.º secretário.

— Foi igualmente eleito Deputado Federal pelo Acre, sob a legenda da Legião Autonomista Acreana, tendo optado pela representação do Ceará. Iniciou, com discurso na Câmara, a campanha municipalista.

1935 — Por julgá-lo divorciado dos ideais que nortearam a Revolução de 30, rompeu, juntamente com o seu Partido, com o presidente Getúlio Vargas.

1937 — Ao lado de Artur Bernardes, sustentou na Câmara forte campanha nacionalista contra as pretensões da Itabira Iron Co.

— Empenhou-se vivamente no movimento nacional pró eleição de Armando de Sales Oliveira, interrompido pelo golpe de 37, que dissolveu o Congresso.

1940 — Falecimento, a 4 de dezembro, do seu pai, Joaquim Alves do Nascimento. Tinha 96 anos e seis meses de idade.

1944 — Foi recepcionado como um dos seus membros pelo Instituto Histórico do Ceará, sendo saudado pelo professor Joaquim Alves. A sessão solene realizou-se no dia 13 de maio de 1944, no Palácio do Comércio.

1945 — Organizou a secção cearense da União Democrática Nacional, da qual foi o 1.º presidente, cargo que ocupou repetidas vezes, bem como o de vice-presidente do Diretório Nacional.

— Viajou pela Patagônia e região dos grandes lagos andinos, tendo percorrido o Uruguai, Argentina e Chile.

1946 — Foi eleito Deputado Federal à Constituinte, integrando as Comissões de Relações Exteriores e Saúde.

— Prosseguiu com energia a campanha municipalista que iniciara na Constituinte de 34.

1947 — Foi eleito Senador pelo Ceará, tendo como suplente o Dr. João Augusto Bezerra.

— Fez, no Senado, a campanha pelo aproveitamento do xisto betuminoso.

1949 — Falecimento de sua esposa, em Fortaleza, no dia 9 de dezembro.

— Batalhou no Congresso pela aprovação do Dia de Ação de Graças.

— Por discordar da medida, recusou o aumento de subsídios de Senador, distribuindo-o com entidades assistenciais.

1951 — Em viagem de estudos, percorreu o Marrocos e norte africano, até ao Egito, tendo proferido conferência sobre o primeiro destes países na Casa de Juvenal Galeno.

1954 — Como Patrono da Regional de Fortaleza da Seção Brasileira do Colégio Internacional de Cirurgiões, proferiu discurso na solenidade de instalação da entidade, em 27-VI-1954, abordando o tema A Evolução da Medicina e os Progressos da Cirurgia.

— Foi reeleito para o Senado, tendo como suplente o Dr. Carlos Saboia, integrou as Comissões de Economia, Finanças, Segurança Nacional e Saúde.

1955 — Representou o Brasil na Conferência Interparlamentar de Helsinque, tendo então percorrido a Finlândia, Suécia, Noruega e Dinamarca.

1960 — Representou o Brasil na Conferência Interparlamentar de Tóquio, percorrendo, nessa ocasião, os seguintes países: Estados Unidos, Havaí, Japão, China, Hong-Kong, Macau, Tailândia, Índia, Pérsia, Líbano, Jordânia, Israel, Grécia, Itália, França e Portugal.

1963 — Retirou-se da vida pública, ao término do seu mandato no Senado, proferindo discurso de despedida em 31 de janeiro.

Dr. Fernandes Távora pertence às seguintes instituições: Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, da qual foi Presidente; Associação dos Municípios (Rio de Janeiro), cuja Vice-Presidência ocupou; Sociedade de Otorrinclaringologia do Rio de Janeiro; Centro Médico Cearense, Academia Cearense de Letras; Instituto do Ceará, Sociedade dos Amigos da A-

Dr. Távora e o Crato

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Quando o Ceará e o Brasil festejam neste 21 de Março de 1977, o primeiro centenário de nascimento do senador Fernandes Távora, Crato também se associa a essas comemorações. E com muito orgulho. Em determinadas fases de sua vida, ele esteve ligado a nós aqui, estudou, aqui exerceu suas funções de médico, aqui veio muitas vezes em pregações políticas de nobres ideais.

Fernandes Távora tinha especial adoração pelo Crato, e do Crato diria, certa vez:

“Em dois séculos de vida autônoma, muito já fizeste, cidade honrada e valerosa, pelo teu progresso e pelo bem da Pátria. No passado, lutaste bravamente pelo ideal de Justiça e de liberdade, pelo qual se sacrificaram alguns dos teus melhores filhos. E se, naqueles tempos, núbilos, só te coube o quinhão de lágrimas e sangue, vingado foste pela História, perenizando em suas páginas tua glória imortal”. Coube a ele saudar Filimon Teles, quando o velho cacique da política cratense completou 80 anos, e recebeu consagradoras homenagens de todo o Ceará: Disse, então, entre outras cousas:

“Correligionário e amigo indefectível, nos dias felizes ou nublados, é sempre com orgulho de desvanecimento que te vejo ao meu lado, nas pugnas incessantes pelo bem da nossa terra. Nesses momentos em que nosso espírito procura atingir as alturas supremas em que pairam os destinos da Pátria, ressurge aos meus olhos a figura encarnada de honra e de bondade daquele que te ensinou a

mérica; Associação Cultural Franco-Brasileira; Instituto Brasil-Estados Unidos e Colégio Internacional de Cirurgiões (Regional de Fortaleza).

Possui o curso da Escola Superior de Guerra e foi condecorado pelo Governo com as medalhas do Mérito de Tamandaré e de Clóvis Beviláqua.

Integrou o corpo docente do Colégio Militar, como professor-substituto de Português.

Falecimento em Fortaleza. 23.09.1973.

ser também honrado e bom, que foi teu Pai”.

Coube a ele saudar Nilo Peçanha na sua visita de candidato Presidencial ao Ceará, e dá-lo J. C. de Alencar Araripe: “A oratória política tem entons de rara beleza na saudação a Nilo Peçanha, quando de sua visita ao Ceará”.

Homem de uma fortaleza de corpo e de espírito realmente admiráveis, já morreu perto dos 100 anos.

Médico, jornalista, deputado estadual interventor do Ceará, deputado federal, senador da República, viu o filho Virgílio ser ministro, participou de três gerações, pois tanto atuou na campanha civilista do Rui Barbosa, como na de Paulo Sarasate, há poucos anos.

Nunca se ouviu, de qualquer dos adversários, mesmo no calor dos embates violentos da política, qualquer expressão de desprezo a sua pessoa ou de diminuição ou amesquinamento de sua honorabilidade. Em tudo e com todos se conduziu com apuro e com galhardia, honrando o clã los Távora, família que deu ao Ceará e ao País muitos vultos ilustres.

Intelectual dos mais brilhantes, sua presença na Academia e no Instituto do Ceará foi marcada pela beleza de suas produções, discursos, artigos, estudos, análises. Uma dessas ficou célebre: foi sobre o estado psíquico do padre Cícero Romão Batista. Sua tese em Medicina foi sobre Telepatia, avançando, em anos, o estudo dessa área científica ainda hoje pouco conhecida.

Enfim, um homem completo, sob todos os aspectos, e que, na lhanza do trato e na fidalguia do relacionamento, tinha especial destaque, estivesse onde estivesse. Um homem que honrou sua grel familiar e política e seus coestaduanos cearenses.

Conheci-o ainda forte e lúcido. De uma jovialidade encantadora. Cabelos brancos a cobrirem-lhe a cabeça alta e desempenada. Porte erecto de deus grego, palestra de contagiante beleza. Era, para todos os efeitos, o “Dr. Távora”, que os cratenses mais antigos, da geração que me procedeu e da outra anterior, conheceram pelos laços de ligação que tinha com o Crato. Nosso conhecimento foi em plena luta política, quando ele ajudava, como podia, na campanha de Edgar de Arruda ao Governo do Estado, campanha que redundou em insucesso devido ao rolo compressor da simpatia e do dinamismo que representavam a imagem do Raul Barbosa, afinal, ganhador do prélio.

Dr. Távora e Edgar de Arruda eram amicíssimos, e, creio, foram até colegas de Faculdade. Edgard, depois, fora eleito deputado e senador, e, do campo político ao Távora, onde estivera, voltou a antiga e sólida amizade que somente a morte de Edgar iria interromper.

De Edgar diria Dr. Távora, ao tomar conhecimento do seu falecimento:

“Como advogado, foi um belo exemplo de competência e correção; como político, logrou atravessar, incólume, essa área perigosa, sem ser atingido pelos salpicos de lama que constituem o triste ornamento dos que se omitem na defesa imprescindível e constante da honra e da dignidade, sempre visadas pelos que nelas não crêem e vivem a insultá-las”.

Belas palavras, que se aplicariam, também, ao seu autor!

Fernandes Távora, em todos os aspectos que es possa analisar, de sua multiforme personalidade, extravasou os conceitos de correção, de dignidade e de nobreza. Como estudante, foi exemplar, no Seminário do Crato, dizia Dom Quintino, que fora seu reitor naquela Casa de ensino, e, depois, primeiro Bispo do Crato.

Como médico, um homem devotamente dedicado à sua profissão, e Crato muito se honra de, nesta nobre e augusta cidade, que ele tanto amava, haver iniciado aquela carreira.

Sua irmã mais velha, Benigna, era casada com o cratense Augusto Bacurau, o mesmo Augusto Bacurau que, ferido de morte, numa serenata, pelos sicários da policia particular do Cel. Belém, foi atendido e medicado pelo Dr. Távora, no seu consultório, altos do edifício onde hoje funciona a loja Dolores Tecidos. Távora teve parte discreta nessa luta, para derubar o oligarca e prepotente Prefeito do Crato, que se eternizava no poder...

Como médico, curou e assistiu a dezenas e dezenas de pessoas do Crafo antigo, deixando fama de homem sábio e competente.

Depois, vieram as viagens a região do Amazonas, as excursões ao exterior, os cursos, depois, a Política, que ele abraçou com todo o amor dos corações inflamados pelas nobres causas, e soube honrar, e soube dignificar, dela saindo com menos ilusões, é certo, mas com um naipe de belas vitórias.

Era esse o Dr. Távora — Manoel do Nascimento Fernandes Távora — cujo centenário estamos a comemorar. Poucos cearenses terão sido tão dignos e retos, e cultos e nobres, como ele o soube ser. Deus o tem no seu santo regaço.

Uma Existência Dourada de Exuberante Idealismo

J. C. DE ALENCAR ARARIPE

Foi uma vida extremamente bem vivida, estivesse no exercício da medicina, entregue aos labores da criação literária ou empenhado nas lutas de natureza política. Em qualquer das áreas de ação, um paradigma. Uma paradigma de responsabilidade profissional e de inteligência íntegra e brilhante, na apreciação e julgamento das pessoas e dos acontecimentos. Um paradigma da idoneidade moral e bravura cívica, nos entreveros da política partidária.

Nem sempre se lhe fez justiça.

A política, sobretudo, exaceiba paixões e no torvelinho das disputas, perdem-se quantas vezes, noções básicas da convivência social.

Mas Dr. Fernandes Távora teve o privilégio raro de, ainda em vida, e no gozo de plena consciência, vê formar-se em torno dele um consenso. Não se indagava mais a que partido pertencia ou que programa defendera outrora.

Admirava-se na velhice digna e inconspicível a verticalidade de uma existência dourada de exuberante idealismo.

E idealista é o que Dr. Távora sempre foi.

Que o levou, nos albores da carreira médica, a embrenhar-se nas selvas amazônicas, quando aqui ou em outra cidade, teria campo aberto para a sua atividade? Que o inspirou a lançar-se às pugnas do jornalismo em época pejada de apreensões e perigos, senão o desejo de contribuir para a moralização dos costumes políticos? Que o manteve imperturbável e varonil, no caminho agreste da oposição, senão a fidelidade a um ideal que erigira como inspiração e mola propulsora da liderança que exercia?

O Dr. Fernandes Távora foi também um participante no mundo das letras. Tinha um estilo elegante, a frase saía-lhe clara e sonora, vibrante e viril, conforme o tema e as circunstâncias. As vicissitudes porque passou em campos de atuação tão absorventes e distintos não lhe deram tempo senão para a elaboração de estudos variados. Não obstante, a inteligência penetrante de que era dotado e a cultura humanista e científica que acumulou, garantiram-lhe lugar de mere-

cido relevo no cenário intelectual. Tem páginas de fino labor, belas pela forma, pela riqueza das imagens e pela pujança das ideias.

Não foi um crítico literário e nem tinha pretensões neste tocante. Mas frequentou os jornais assiduamente, com apreciações sobre livros que surgiram no Ceará e em outros Estados.

Não se detinha nas deficiências e fraquezas das obras sobre que escrevia. Procurava o que de bom e positivo existia e projetava com altitude e nobreza aquilo que mais aproveitável descobria.

"O melhor retrato de cada um é aquilo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a pena". O Dr. Fernandes Távora, que invocou o pensamento do pregador Antônio Vieira no pórtico do seu livro "Algo de minha vida", tinha consciência de projetar, no que escrevia, a sua forte e dominadora personalidade, aureolada por um toque de cavalheirismo revelador do aristocrata de espírito que sempre foi.

Cavalheirismo posto à prova em momentos graves e marcantes de sua jornada política, em episódios de quase rotina a que já se familiarizara.

Em inúmeras ocasiões recebi Dr. Fernandes Távora, como deputado ou Senador, no edifício de O POVO.

Mal o jornal registrava a sua presença em Fortaleza, não tardava a visita de cortesia, que se renovava, invariavelmente, às vésperas do regresso à capital da República.

Não se anunciava. Enfrentava as escadas, andinas, como Francisco Araujo qualificou a via de acesso à antiga sala da redação.

Até parece que desejava fudir alguns instantes daquele alvoroço que lhe lembrava a fase do jornalista do princípio do século.

Mas, na verdade, o que demonstrava era a delicadeza de um gesto de atenção ao jornal que o teve, ao longo dos anos, como brilhante e conspicuo colaborador, e o acolhia, sempre e cada vez, com carinho e desvanecimento.

Uma outra faceta singular do Dr. Fernandes Távora intelectual era o apre-

Fernandes Távora, Uma Lenda na Política, na Medicina e nas Letras

O 21 de março deste ano é um dia diferente na História do Ceará. Por isso vai ser assinalado por entre expressivas e carinhosas manifestações, nos meios políticos e sócio-culturais de nossa terra. É que, se vivo fosse, estaria completando um século de vida uma das mais queridas e respeitadas figuras de homem público.

Referimo-nos ao Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, um nome ainda vivo na lembrança de todos que tiveram o privilégio de com ele conviver ou de ao menos acompanhar-lhe, de longe, a sua multifária atividade realizada. Ele não foi somente um político sem jaça, mas, também, fiel aos mesmos princípios éticos que lhe nortearam a vida, um médico humanista e humanitário, pioneiro no Ceará no estudo e na prática da medicina psicossomática, observador atento e analisador percutiente dos problemas sócio-médicos do seu tempo e do seu meio durante todo o período em que se dedicou, primeiramente, ao exercício da medicina. Foi, ainda, o Ilustre do melhor qualite, membro dos mais diligentes da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e da Casa de Juvenal Galeno.

Sob esse tríplice aspecto — o médico, o político e o Ilustre — decorreram os principais acontecimentos que lhe povoaram a longa vida de homem de bem. Vale, pois, ao ensejo do transcurso de sua data centenária, relembra, aqui, para os pósteros, alguns fatos da vida do Dr. Fernandes Távora, colhidos

ço que demonstrava às entidades de cultura. Frequentou-as com assiduidade exemplar, enquanto lhe permitiu a resistência física, em companhia de Moema, o desvelo inexcedível da filha amável.

Quando tais Instituições ressentem-se da indiferença e até do descaio dos seus próprios membros ou associados, ainda mais sobressala o comportamento correto do dr. Fernandes Távora, cuja presença na Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará e na Casa Juvenal Galeno chamava a atenção e era sempre celebrada com expressões de louvor e admiração.

das páginas de um trabalho do jornalista e escritor J. C. Alencar Araripe, o seu principal biógrafo.

ESTUDANTE

Nasceu o Dr. Távora, no município de Jaguaribe, no ano da maior seca do Ceará — 1877 — filho do fazendeiro Joaquim Alves do Nascimento e de sua esposa, Clara Alves do Nascimento Negreiros Fernandes Távora.

Iniciou seus estudos na cidadezinha de Jaguaribe, aluno do professor Lino Aderaldo. Terminou o primário em Crato, tendo ali ingressado no Seminário Menor. Em Fortaleza frequentou o Liceu do Ceará e o Instituto de Humanidades, do senhor Salazar. Foi terminar o secundário em Recife, no Instituto Benjamin Constant. Em 1897, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, transferindo-se, no ano seguinte, para a Faculdade de Medicina do Rio, onde se diplomou em Farmácia (1901), e em Medicina (1902). Ainda como estudante, no Rio, frequentava a Clínica do Hospício Nacional de Alienados, e integrou a Comissão, chefiada pelo professor Chapot Prévost, que debelou um surto de carbúnculo hemático nos campos de Santa Cruz.

MÉDICO

Ao longo de toda a sua existência, o Dr. Távora rendeu dois cultos permanentes: à Medicina e à Política. Em ambos esses campos de atividade ele assinalou presença marcante. Em julho de 1904, menos de dois anos depois de formado, atendendo a convite de um seu tio padre, embarcou para a Amazônia, então em pleno fústio da valorização da da borracha. Depois de dois meses de permanência ali, deixou Manaus e decidiu embarcar para regiões inhóspitas e bravias dos seringais, ao encontro de monsenhor Távora, na região do Juruá. Como assinala o seu biógrafo Alencar Araripe, o jovem médico "Alimentava naturais anseios de prosperidade econômica e não podia faltar com sua ajuda a família necessitada para a educação dos irmãos mais novos". Foi uma "grande e inesquecível aventura", frisa Alencar Araripe, "uma experiência profissional co-

mo outra não poderia haver. Durante 12 anos, de 1904 a 1916, clinicou na Amazônia (...) vencendo florestas, correndo rios, atravessando igarapés". "Realizava as incursões, ora descendo, ora subindo rios, em um batelão de sua propriedade. Ele próprio o dirigia, secundado por três remadores. Na travessia dos trechos encachoeirados, era preciso mais gente para movimentá-lo". "O batelão (...) era uma verdadeira farmácia ambulante, renovada periodicamente, na Capital amazônica. A base de apoio era a cidade de São Felipe, hoje Eirunepê, à margem do Juruá. Desse ponto partia o Dr. Távora Primeiro, o alto Juruá, depois o baixo Juruá. Em seguida, o alto Tarauacá, Muru Jurupari e Invira, este último visitado com assiduidade, por ser o mais habitado". Era um médico e farmacêutico em ação na Amazônia daqueles dias, mais que hoje inóspita e selvagem, a prestar inestimáveis serviços aos nordestinos disseminados pelos seringais.

ESTRANHA MESA CIRÚRGICA

É do tempo de sua presença médica no cenário do inferno verde um episódio emocionante, que vai aqui narrado, em linguagem do melhor estilo, pelo seu citado biógrafo.

"Corria o ano de 1906. Estava, com o seu batelão, no Alto Tarauacá. Quando chegou ao Seringal Ocidente, não tardou o chamado urgente. O carpinteiro português Antônio Pereira, que não lhe era estranho em São Felipe, achava-se enfermo. Sofria de impaludismo crônico. Acudiu-o de pronto, medicou-o e prosseguiu, com a promessa de voltar dentro de poucos dias, a fim de observar os resultados conseguidos.

"Na sua ausência, agravou-se de tal modo o estado de saúde do carpinteiro que o pessoal do Seringal Ocidente não aguardou o retorno normal. E lá se foi uma embarcação com o apelo dramático ao médico: ou vinha sem delongas ou era caso irremediavelmente perdido: "Dr. Távora apercebeu-se de que talvez estivesse em face de uma situação exigindo intervenção cirúrgica. E partiu devidamente apetrechado, com ferramentas e medicamentos.

"Novo e cuidado exame do carpinteiro, mal aportou ao Seringal Ocidente, e logo concluiu que não tinha outra alternativa. O caminho era a operação. E cumpria-lhe efetivá-la logo, mesmo sem o concurso de uma pessoa com capacidade para ajudá-lo e em local onde não

existia cama ou uma mesa sequer para o paciente.

"Dr. Távora foi claro e taxativo para os que o cercava. As possibilidades de êxito eram remotas. Mas toda esperança de sobrevivência do português ainda residia no ato cirúrgico.

"Com a aquiescência geral, pô-se em campo. Como o assoalho do barracão ia ser a improvisada mesa de operação, mandou dar-lhe uma lavagem em regra. Concluída a limpeza, estendeu, assim, a um canto vários lençóis, que tinham sido lavados e escaldados. Em cima deles deitou-se Antônio Pereira.

"O português estava com um abcesso na parte posterior do fígado. Aos primeiros cortes do cirurgião, jorrou pus abundante, recolhido em um balde. Dr. Távora prosseguiu no seu trabalho até terminá-lo com aparente sucesso. Procedeu à assepsio, fechou os talhos e colocou drenos.

"A sorte fora lançada. Agora, era aguardar, em meio à ansiosa expectativa. A recuperação de Pereira não tardou. Processava-se de maneira animadora. Até os drenos eram expelidos pela normalização do fígado.

"Seis contos de réis cobrou o Dr. Távora do português a quem salvara. Mais do que esse dinheiro valeu-lhe, porém, a fama conquistada e que se difundiu como elemento de propaganda pelos seringais afora".

DOAÇÃO À SANTA CASA

Não se limitaram a esses 12 anos de Amazônia as atividades médicas do Dr. Távora. Ele fez vários cursos de aperfeiçoamento em Otorrinolaringologia, realizados em Paris, Bruxelas, Bordeau, Viena e Berlim, os quais lhe asseguraram perfeito domínio desta especialidade médica, que exerceu durante muitos anos em Fortaleza, com uma proficiência que lhe valeu a escolha, pelo corpo médico cearense, para Patrono da Regional do Colégio Internacional de Cirurgiões.

Por ocasião da passagem do seu 90º aniversário natalício, dentre outras homenagens que lhe foram prestadas, fez-se a aposição de uma placa com o seu nome na Sala de Otorrinolaringologia da Santa Casa, em Fortaleza, a qual ele fizera doação de todo o material clínico-cirúrgico que lhe pertencia. Falaram, na ocasião, o Dr. Francisco de Andrade Leite, chefe da Clínica, e o Dr. Miguel Santiago Gurgel, provedor da Santa Casa. O engenheiro Amílcar Távora, filho do homenageado, leu o discurso que fora es-

crito por seu pai, presente ao ato, mas que não o leu, porque a emoção era grande demais para um coração de 90 anos.

HOMEM DE LETRAS

Fernandes Távora foi jornalista desde os 16 anos, quando, ainda ginásiano, em 1893, escreveu seu primeiro artigo, abordando o tema da libertação dos escravos, no jornal "O Cachoeirano", de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo. Posteriormente, quando já havia ingressado na política partidária, fundou, em 1921, o jornal "A Tribuna", do qual era proprietário e diretor. Através do seu jornal, como órgão do Partido Republicano Cearense, iniciou, na oposição, campanha pelo aprimoramento do sistema eleitoral, de acordo com o ideal revolucionário pelo qual se batiam seus irmãos Joaquim, Juarez e Fernando. Como "A Tribuna" combatia energicamente o governo do presidente Artur Bernardes, este, em 1925, decretando o "estado de sítio", decretou também o seu fechamento. Colaborou assiduamente em jornais do Rio, Espírito Santo, Pernambuco, Amazonas, Pará e Ceará, no O POVO, inclusive.

Além de haver exercido atividades jornalísticas, publicou inúmeros trabalhos, entre os quais, sua tese de doutoramento sobre "Telepatia", que lhe valeu o título de médico e de pioneiro, no Brasil, de estudos antes abordados por eminentes sábios europeus, como Charles Richet, Pierre Janet, Lombroso, Morselli e outros poucos. Escreveu também: "Fenômenos de Metapsíquica", "Considerações sobre estado mental do Padre Cícero", "Conquistadores do deserto verde", "A Evolução da Medicina e os Progressos da Cirurgia", "Distribuição das rendas nacionais e sua influência na esfera mundial" (1946 — discurso proferido na Câmara, como deputado federal pela UDN); "Como poderemos resolver o problema do petróleo no Brasil" (discursos proferidos no Senado, em 1949); "O Nordeste e o Brasil" (discursos pronunciados no Senado em 1957); "Palavras de protesto e de saudade" (discursos proferidos no Senado, em Manaus e em Fortaleza, em 1960); "Recordações da Câmara e do Senado (discurso de despedida do Senado). São livros seus: "Algo de minha vida" (coletânea de escritos ao longo de sua vida política), "Idéias e Perfis", em que ele evoca figuras e aprecia livros, e mais cerca de duas centenas de trabalhos, abordando temas dos

mais variados, insertos em revistas e jornais do País, notadamente na Revista do Instituto do Ceará e na Revista da Academia Cearense de Letras, além de outras publicações médicas do sul do Brasil.

Além de haver exercido o magistério no Ceará, como lente de línguas no Colégio Militar de Fortaleza, fez parte das seguintes associações culturais: Associação Brasileira de Imprensa; Associação Cearense de Imprensa; Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, da qual foi presidente; Associação do Município Rio de Janeiro, da qual foi vice-presidente; Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro; Centro Médico Cearense; Academia Cearense de Letras; Instituto do Ceará; Sociedade dos Amigos da América; Associação Cultural Franco-Brasileira; Instituto Brasil-Estados Unidos; Colégio Internacional de Cirurgiões (Regional de Fortaleza, da qual foi escolhido Patrono).

POLÍTICO

Foi realmente notável, por sua vastidão e real significado para o Ceará e o Brasil, a atuação política do Dr. Fernandes Távora, durante 50 anos, desde 1913, quando foi eleito deputado estadual pelo Partido Democrata (republicano), até 1963, quando se retirou da vida pública, ao término do seu mandato no Senado.

Não cabe aqui uma análise, mesmo perfuratória, do que foi a vida política do senador Fernandes Távora. Ela é grande demais para ser contida em tão poucas linhas. Alocar Araripe, na introdução de "Idéias e Perfis", faz essa análise, com equilíbrio e proficiência. Aqui, nos limitaremos a enumerar os principais fatos e acontecimentos que lhe povoaram a longa vida de homem público, enumeração que, a nosso ver, será suficiente para dar ao leitor uma idéia da real dimensão deste homem cujo centenário de nascimento hoje comemoramos.

Espírito lutador, a nenhum dos movimentos libertários do Brasil deixou de dar o seu apoio incondicional. Já em 1904, apenas formado, tomou parte ativa na rebelião que, após três dias de fogo, derrubou o poderoso chefe local, Cel. Belém de Figueiredo, Prefeito do Crato.

Tomou parte ativa na campanha civilista de Rui Barbosa, na defesa do Ideal republicano.

Eleito deputado estadual em 1913, foi a Assembléia dissolvida no ano seguinte, com a deposição do governador

Franco Rabelo. Novamente eleito à Assembléia estadual, em 1920, rompeu com o governador João Tomé de Saboia e com o Partido Democrata, reestruturando o antigo "Partido Republicano Cearense", do qual foi o primeiro Presidente, formando ao lado de Mons. Fernandes Távora e do Dr. Solon Pinheiro, ambos parentes seus.

Em 1922, chefiou no Ceará a Reação Republicana, de Nilo Peçanha e J. J. Seabra.

Fazendo oposição à hipertrofia do Executivo, combateu, energicamente, o Governo Bernardes. Denunciado como revolucionário, teve, em 1925, que fechar o jornal de sua propriedade "A Tribuna", sendo obrigado a fugir para o Rio Grande do Norte e, dali, para o exílio, na Europa.

Deputado federal em 1927, foi seu direito postergado pela Comissão de Reconhecimento. Encontrando-se na posição de franco-atirador, foi procurado no Ceará pelo Dr. Assis Brasil e o conselheiro Antônio Prado, para formar a "Aliança Liberal", após haver fundado o Partido Democrático Cearense, em 1928.

Chefe civil, no Ceará, da Revolução de 30, encontrava-se preso, como refém quando, a 8 de outubro, foi o povo arancá-lo da prisão para o colocar à frente do primeiro Governo Revolucionário do Estado.

Vitoriosa a Revolução, foi nomeado Interventor Federal pelo presidente Getúlio Vargas, tendo, em sua passagem pelo Governo, reorganizado as finanças estaduais que se encontravam em completo colapso.

De acordo com os ideais renovadores da Revolução, reestruturou seu Partido, que passou a se chamar "partido Social Democrático", o primeiro fundado no Brasil com esse nome.

Como deputado federal, fez parte da Constituinte de 34, cuja Mesa integrou, como Segundo Secretário.

Por julgá-lo divorciado das idéias que nortearam a Revolução de 30, rompeu, em 1935, juntamente com seu partido, com o presidente Getúlio Vargas.

O golpe de 37, que dissolveu o Congresso, veio encontrá-lo em plena campanha pela eleição de Armando Sales Oliveira.

Ao se iniciar no País o grande movimento cívico de que resultou a formação da União Democrática Nacional, congregou os elementos políticos mais ponderáveis e organizou a seção cearense da UDN, da qual foi o primeiro Presidente, cargo que ocupou repetidas vezes.

bem como o de Vice-Presidente do Diretório Nacional.

Candidatando-se à Câmara Federal, foi eleito deputado Constituinte de 46, como representante do Ceará, integrando as comissões de Relações Exteriores e de Saúde.

No ano seguinte, foi eleito senador, tendo como suplente o Dr. João Augusto Bezerra.

Reeleito para o Senado em 1954, na vaga do senador Plínio Pompeu, concorreu com o Sr. Raul Barbosa. Fez parte, nessa ocasião, das comissões de Economia, de Finanças, de Segurança Nacional, e de Saúde. Sua atuação parlamentar, desde a Assembléia Estadual até ao Senado Federal, desenvolveu-se, toda ela, numa linha de firme coerência doutrinária. Democrata convicto, absolutamente infenso ao totalitarismo, pugnou sempre para que fossem resolvidos, dentro das normas democráticas, todos os problemas sociais e políticos.

Foi um dos pioneiros do municipalismo, que defendeu ardorosamente desde a Constituinte de 34, batendo-se com igual vigor pelo aumento das rendas municipais, na Constituinte de 46.

Ao lado do deputado Artur Bernardes, empreendeu campanha contra a "Itabira Iron", impedindo que fosse revalidado o respectivo contrato, lesivo aos interesses nacionais.

Como senador, fez campanha pela destilação do xisto betuminoso, como pronta solução para o problema do petróleo no Brasil.

No Plenário, como nas comissões, foi uma das mais fortes vozes a se erguerem no Parlamento a serviço da redenção do Nordeste subdesenvolvido.

Representou o Brasil na Conferência Interparlamentar de Helsinque, mais tarde na de Tóquio, em 1960, tendo já percorrido os seguintes países: Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Suíça, Áustria, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Noruega, Grécia, Mônaco, Marrocos, Argélia, Egito, Líbano, Jordânia, Israel, Pérsia, Índia, Hong-Konga, Macau, China, Japão, Havaí, Estados Unidos, Argentina, Chile e Uruguai.

Possuía o Curso da Escola Superior de Guerra, tendo sido agraciado pelo Governo brasileiro com as medalhas do Mérito de Tamandaré e de Clóvis Beviláqua.

Foi galardoado, também, com a Medalha da Abolição, outorgada pelo Governo do Ceará, em 1967, quando das comemorações do seu 90º aniversário.

Tendo casado com D. Carlota Au-

Homenagem no Rotary ao Senador Fernandes Távora

Na plenária do Rotary Club do Crato, em 17.03.1977, o Presidente do ICC, Jefferson de Albuquerque, pronunciou as seguintes palavras de homenagem ao Centenário do Senador Fernandes Távora:

gusta de Moraes, filha do Dr. Virgílio Moraes e de D. Cândida Felícia Caracas, três foram os filhos do Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora: Moema de Moraes Fernandes Távora, senador Virgílio de Moraes Fernandes Távora, casado com D. Luíza Moraes Correia, filha do Dr. Luiz de Moraes Correia e D. Esmerina Silva; e o engenheiro Amílcar de Moraes Fernandes Távora, casado com D. Constança Freire Teles, filha de Raimundo Gutemberg Teles e D. Acy Burlamaqui Costa Freire.

São seus netos: Carlos Virgílio e Te-reza Maria, filhos do casal Virgílio-Luíza, e Mônica, Carlota Elizabeth, Beatriz Helena, Carlos Amílcar, Luiz Eduardo e Márcia, filhos do casal Amílcar-Constança. ("O Povo", segunda-feira, 21.3.77)

Companheiros:

"Diz-se que todo homem tem a sua ambição peculiar. A minha é a de me fazer estimado e tornar-me digno dessa estima" — Abrahão Lincoln.

"A Liberdade é eterna. Crucificada, resurge das tiranias como o sol da negridão da noite". Todo homem público é agravado ou por ódio, ou interesse político, ou pela própria vileza dos seus agressores" — Eduardo Girão.

Estes pensamentos me vieram à mente ao lembrar o dr. MANOEL do NASCIMENTO FERNANDES TÁVORA de quem se comemora, na próxima segunda-feira, 21 de março de 1977, os seus 100 anos de nascimento.

O dr. Távora, como era conhecido aqui, falecido há menos de 4 anos, foi um homem público, um político, que teve sua ambição particular SERVIR À PÁTRIA. Servi-la com desinteresse, sacrificando-se até. Sofreu ataques. Por suas idéias, foi preso, sofreu exílio. Mas foi um homem reto. Homem de caráter. Político limpo. Foi um cearense que se tornou conhecido em todo o país por suas atitudes varonís, por seu destemor, por seu idealismo. Nasceu em Jaguaribe. Estudou aqui no Crato e aqui clinicou. Também, aqui, ingressou na vida política. Médico Jornalista. Orador. Polemista (sem perder o prumo). Deputado estadual duas vezes. Deputado Federal. Senador por duas legislaturas. Interventor do Ceará depois de 1930. Fundou o jornal "A TRIBUNA" para defender as idéias da Revolução de 1930.

Pela sua personalidade, por suas ligações com o Cariri, o Instituto Cultural do Cariri promove este ano, várias homenagens à sua memória. Uma delas, domingo, uma concelebração na Igreja da Sé, às 17,30.

Serão celebrantes: o Rev. Bispo Diocesano do Crato — D. Vicente de Araújo Matos; Mons. Francisco Montenegro, Diretor do Colégio Diocesano; Pe. Bosco, vigário da Sé e Pe. Gonçalo Farias, Presidente deste Rotary Club e Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato.

Fazendo a vocês, companheiros, esta comunicação, lhes convlido para assistirem a concelebração.

(Jefferson de Albuquerque e Souza)

Laboratório de Análises Clínicas do Cariri

Dr. Paulo Cartaxo Esmeraldo

EXAMES DE:

- SANGUE
- FESES
- URINA
- PARASITOLÓGICOS

EQUIPE ALTAMENTE ESPECIALIZADA

RUA SANTOS DUMONT, 27

CRATO

—
CEARÁ

H O M E M & C A B R A L

DISTRIBUIDORES EM TODA A REGIÃO CARIRIENSE,
DOS PRODUTOS ANTARCTICA

A nossa saudação à intelectualidade, pelo lançamento de mais um número da revista ITAYTERA, que expressa e traduz o vigor da inteligência do homem cariense.

Raízes Cratenses da Família Figueiredo, de Pelotas, Rio Grande do Sul

Futuro Presidente João Batista de Figueiredo é Neto de General Cratense

Por JOSÉ DE FIGUEIREDO BRITO

Nos meados do século passado era o Exército Brasileiro bastante fraco, constituído de, apenas, uns dezessets mil homens, mal preparados para uma guerra, alojados em prédios inadequados e desprovidos de equipamentos bélicos modernos.

Para enfrentar o bem mais numeroso e moderníssimo Exército do Sr. Francisco Solano López, com o qual atacara este Ditador as sagradas terras brasileiras, formou-se a *Triplice Aliança* (Brasil, Argentina e Uruguai) cujas tropas ficaram sob o comando do General argentino Mitre, oficial pusilânime, que, por isto mesmo, foi substituído pelo valente e grande patriota brasileiro, o Duque de Caxias.

Ao lado disso, tiveram os nossos chefes militares que recrutar civis para auxiliarem os soldados no combate e rechaçamento das forças paraguaias.

Quando estive em Crato, pela primeira vez, a Comissão de Recrutamento, enviada pelo então Ministro da Guerra, o rapazinho de 14 anos de idade, Antônio Bernardo de Figueiredo, nascido e criado no Sítio Passagem, arrebalde do Crato, ofereceu-se para ir combater à fronteira paraguaia.

A Comissão não o aceitou devido à insuficiência de idade.

O jovem, levado pelo ardor patriótico e espírito de aventura, de par com a sua extraordinária coragem, logo depois do regresso da Comissão, fugiu de casa e rumou atrás dela, alcançando-a a

meio caminho de Fortaleza. Aí conseguiu incorporar-se e seguiu para os campos de batalha.

Antônio Bernardo de Figueiredo com bateu durante todo o período da guerra, e quando esta terminou foi para Pelotas (RS), onde continuou a carreira militar e morreu no posto de general.

Antes de atingir o oficialato, casou-se com moça gaucha, chamada Amélica, servindo, assim, de tronco, à família Figueiredo em Pelotas.

O General Antônio Bernardo de Figueiredo era Pai do General Euclides Figueiredo, um dos comandantes da Revolução Constitucionalista de S. Paulo ... (1932), portanto, avô do atual General João Batista de Figueiredo.

O General Antônio Bernardo de Figueiredo era tio-avô do saudoso médico Elísio Gomes de Figueiredo, tio da avó materna de minha mãe, Maria Alves de Figueiredo, e dos irmãos desta, José Alves de Figueiredo e Cecília Alves de Figueiredo. José Alves de Figueiredo, ou simplesmente Zuza (28.4.78 — nasceu, centenário este ano) era genitor do Dr. Aniba! Viana de Figueiredo, das professoras Letícia e Lili Figueiredo e do escritor José Alves de Figueiredo Filho.

Cecília Alves de Figueiredo era avó do deputado Joaquim de Figueiredo Correia, de José de Figueiredo Correia, Jáder, e dos proprietários da firma Angelo Figueiredo S/A, de Fortaleza.

Esse parentesco atinge todos os Alves de Figueiredo de Crato, Fortaleza e Paus de Ferros (Rio Grande do Norte).

José Valder Nogueira Visita o ICC

Tivemos o grande prazer de receber a visita, em nossa sede, do Dr. José Valder Nogueira, distinto conterrâneo, admirador do ICC e nosso grande amigo em Brasília. Passou alguns dias em Crato, com a família, em Fevereiro último.

O ilustre visitante, hoje das figuras proeminentes da alta administração do Banco Central da República, conheceu todas instalações e prometeu empenhar-se para conseguir maiores recursos para a obra que o ICC realiza.

CURRÍCULO

O economista José Valder Nogueira é cearense de Acopiara, nascido em 1937, filho de Julio Freire da Silva e Maria Nogueira da Silva. Até 1948 permaneceu em sua terra natal, deslocando-se para Fortaleza em 1949, cursando o 1º e 2º graus no tradicional Liceu do Ceará, findo os quais cursou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) e a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Em 1957 seguiu para o Rio de Janeiro, para realizar estágios e dar continuidade à sua formação cultural.

No Rio, fez o Curso de Ciências Econômicas, na Universidade do Estado da Guanabara e o de pós-graduação no IPEA/CENDE/Fundação Getulio Vargas.

Ao chegar a Fortaleza, na primeira fase da juventude, por volta de 49, deu início a sua carreira profissional, começando como cobrador de anúncios do jornal O POVO. Daí até a repórter fotográfico e gerente, José Valder deslançou para uma carreira de sucessos. Seis anos depois estava na representação de O POVO no Rio, onde permaneceu por apenas dois anos, após o que assumiu no BNB, sendo destacado para assumir em Campina Grande (PB) integrando o Grupo de Trabalho encarregado de apresentar alternativas para o de-

envolvimento da agropecuária do Cariri paraibano. Esse "GT" foi atuante e era composto de representantes do BNB/BB/SUDENE/DNER. Dele se originou o 1º Encontro de Bispos do Nordeste, coordenado, então, por D. Otávio Aguiar, Bispo de Campina Grande.

Daí, com pouco mais de um ano, e meio de BNB, assumiu no Banco do Brasil em Crato, sendo colega de trabalho, aqui, de José Barreto, Amálio Gonçalves, Sávio Esmeraldo e muitos outros.

Em Crato, entre outras realizações, teve a oportunidade de implantar as operações do F.D.I. (Fundo de Desenvolvimento Industrial), oriundo do acordo com a A. I. D. Foi da Agência da CREAL.

Com base nessa linha de crédito especial, o economista José Valder Nogueira mobilizou a classe industrial da região do Cariri para realizar investimentos fixos, de ampliação ou modernização de parques industriais.

Como resultado dessa orientação, inúmeros projetos foram implantados no Cariri, além de terem sido ampliadas várias indústrias.

Participou da equipe do Professor Morris Asimow (Convênio da Universidade Federal com a Universidade da Califórnia (EE.UU.) cujo trabalho, entre outras coisas, resultou em algumas indústrias. Fez estudos setoriais da economia cariense.

Retornou ao Rio, para novas funções e em menos de 4 anos chegava às funções de assessor direto do então Presidente Nestor Jost, do Banco do Brasil, função que desempenhou a contento na externa como interna.

Em pouco menos de dois anos depois foi escolhido pela Diretoria da "EUROPEAN" para assumir as funções de Gerente de operações em Londres, Inglaterra, mas não aceitou.

Atualmente, respondendo pela Che-

50 Anos de Ordenação Sacerdotal do Pe. Antônio Gomes Festejados Pelo ICC

Pe. Antônio Gomes de Araujo, Vice Presidente do ICC por quase vinte anos, foi ordenado sacerdote em 17.04.1927.

Os cinquenta anos de sua ordenação foram comemorados pela nossa instituição, com Missa em Ação de Graças e Sessão Solene, na sua própria cidade natal, Brejo Santo, em 1º de Maio de 1977.

A Missa teve lugar na Matriz daquela cidade, sendo celebrada por D. Vicente Matos, Bispo Diocesano e pelo Mons. Montenegro, Pe. Dermival Anchieta Gondim, Mons. Raimundo Augusto. Presente uma comitiva do ICC e uma delegação do Colégio Diocesano do Crato, no qual ele foi professor durante 40anos.

SESSÃO E COQUETEL

No Brejo Santo União Clube teve lugar, a seguir, sessão solene para comemorar o evento. Presidiu a mesma o sr. Bispo Diocesano do Crato, Dom Vicente Matos. Nela tomaram assento o homenageado, Pe. Antonio Gomes, o Prefeito Municipal, Dr. Francisco Leite Lucena, o dr. Jéfferson Albuquerque, Presidente do ICC, Monsenhor Raimundo Augusto, Pe. Dermival de Anchieta Gondim, sr. Manoel Inacio Gomes, Presidente da Câmara Municipal, J. Lindemberg de Aquino, D. Lucia Gonçalves Siebra, representando o Prefeito do Crato, e dr. José Napoleão de Araujo. A saudação oficial foi feita pelo Dr. Jéfferson de Albuquerque, que, ao final, entregou Medalha de Honra ao Mérito ao Pe. Gomes, em nome do ICC. Dom Vicente Matos ainda usou da palavra, em nome da Diocese. Seguiu-se depois, palavra de agradecimento do Prefeito Municipal de Brejo Santo, em nome da família do Pe. Gomes e da comunidade que preside. Por fim, distinto coquetel encerrou a solenidade.

fia do Departamento de Crédito Industrial e Programas Especiais, o economista José Valder Nogueira é apontado como um dos principais coordenadores dos grandes programas nacionais, dentre os quais destacamos: o PROALCOOL (Programa Nacional do Alcool) PRONAZÉM (Programa Nacional de Armazenagem) e Programa da Agroindústria (BACEN/BIRD) e outros tantos de elevada prioridade nacional.

Quando esteve trabalhando na Agência do Banco do Brasil em Crato, o economista José Valder Nogueira conseguiu identificar-se de tal sorte com a sociedade cariense que foi dos Diretores do clube AABB, e terminou por se casar com jovem senhorita da sociedade do Crato, hoje a Sra. Marly Saraiva Correia Nogueira, de cuja união nasceram José Valder Nogueira Junior e Cecilia Saraiva Correia Nogueira.

ICC Comemora Centenário do Cego Aderaldo

(1878 — 1978)

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI faz registro especial sobre o Centenário de nascimento de um dos mais famosos violeiros e cantadores do Nordeste, o CEGO ADERALDO, nascido em Crato em 24 de Junho de 1878 e falecido em Fortaleza em 29 de Junho de 1967.

Foi dos maiores vultos, do seu gênero, na literatura e na música brasileira. De fertilíssima inteligência, de uma criatividade sobre-humana, Cego Aderaldo encantou desde os auditórios mais nobres às plateias mais populares, constituindo-se atração pela pureza de sua poesia, dos seus repentes, dos seus motes, de suas anelotas que ficaram, para sempre, incorporados ao anedotário cearense.

Existe, publicado em 1962, pela Imprensa Universitária, um livro "EU SOU

O CEGO ADERALDO", escrito por Eduardo Campos, com base na narrativa da vida do ilustre cantador. No Crato, sua terra natal, existe rua com seu nome, cuja lei foi sancionada pelo Prefeito Humberto Macário.

Legítima glória do Crato e do Ceará, Aderaldo Ferreira de Araujo merece a nossa homenagem, no centenário do seu nascimento.

Era filho do casal Joaquim Rufino de Araujo, alfaiate, e Maria Olímpia de Araujo, tendo nascido à antiga rua da Pedra Lavrada, hoje Pedro II.

Rendendo homenagem a esse vulto marcante do Ceará, reproduzimos dois artigos sobre ele, pelas consagradas penas de Paulo Sarasate e Raquel de Queiroz, além de pequeno verso seu, em nossa capa de ITAYTERA.

O Cego Aderaldo

Na minha última estada em Fortaleza tive notícia de que a Imprensa Universitária vai editar, dentro em breve (*) um livro de memórias do Cego Aderaldo, prestando, assim, mais uma vultosa contribuição aos estudos folclóricos do Nordeste, que estão tendo, irrecusavelmente, apreciável ajuda daquela entidade, com a reedição das obras de Leonardo Mota. Do sempre lembrado e querido Leota, cujo nome não é possível lembrar sem confundir-lo enternecidamente com a alma poética do nosso sertanejo, de que ele foi o próprio confidente, no expressivo dizer de Anibal Fernandes.

Dono de uma inteligência muito viva e servido por uma memória que, a des-

Paulo Sarasate

peito da idade, parece não ter sofrido o menor arranhão, Aderaldo deve ter muito o que contar no seu anunciado livro, cuja orientação desconheço, mas cujo sabor tenho motivos para prelibar.

É que, já há alguns lustros, o velho cantador me tem como amigo, e todas as vezes em que nos encontramos — o que, de último, raramente acontece — sempre me oferece elementos para continuar admirando, o aprumo de sua vela poética, a vivacidade do seu talento, e, já agora, a rijeza de seu físico, que parece manter-se inalterável, malgrado haver passado dos 80 anos, segundo ele pró-

prio me confirmou às vésperas do Na'ai, quando foi levar-me, pessoalmente, alguns versos escritos para "o casal Sarasate" e outros tantos endereçados por meu intermédio ao Presidente João Goulart.

Na palestra que então tivemos, Aderaldo, então aludindo ao avanço dos anos, e às dificuldades da vida, não desmentiu a observação de Leota sobre a perenidade de seu bom humor. A despeito da cegueira e das viscissitudes, tem sido essa, realmente, e continua sendo, uma de suas virtudes marcantes.

E diante dela, não hão como deixar de assallar-nos a dúvida sobre qual a pior das cegueiras — se a de nascença ou a que vem depois, tão bem retratadas, uma e outra, nos versos de dois cantadores de porta de igreja, na então parasidiaca povoação de Guaramiranga:

"Tenham pena desse cego,
Filho da Virge Maria,
Eu sou cego de nascença,
Nunca vi a luz do dia!"

"Quem nasceu cego da vista,
E dela não se lucrou
Não sente tanto ser cego
Como quem viu e cegou!"

Pertencendo à última categoria, pois que cegou aos 18 anos, como maquinista de trem num desastre ferroviário, Aderaldo, com o bom humor sublinhado por Leota, afigura-se como que um desmentido permanente à tese do segundo cego. Não será, porém, todo esse bom humor, toda essa verve que ele espalha em redor de si, apenas um derivativo para as grandes mágoas interiores, para as saudades recolhidas de "quem viu e cegou"?

Só ele poderá dizê-lo, e quem sabe se não o fará, no seu livro de recordações?

Uma coisa posso afirmar, entretanto, por minha conta: Aderaldo, se não era, ao tempo de Leota, é hoje, também,

talvez por força da idade, ao lado do homem extrovertidamente alegre, um sentimental por excelência.

Na visita que me fez, e a que me referi de início, foram estes versos que me entregou e nos quais se revela, ainda uma vez, sobretudo aos dirigidos a Albaniza, o vigor de seus recursos poéticos:

"Dr. Paulo Sarasate,
Sincero, forte e leal
Estou em vossa presença
Para pedir-lhe afinal
Alguma cousa que sirva
Como festa de Natal,

Aderaldo está idoso
E pede porque precisa;
Está como farda velha
que já não tem mais divisa,
Por isso vem se valer
Também de D. Albaniza."

É óbvio que respondemos afirmativa à súplica versificada de Aderaldo. Mas o presente maior que lhe demos àquela tarde foi o "Galope à Beira Mar", cantado por Inezita Barroso em excelente gravação e que ele escutou religiosamente, o ouvido atento à eletrola e o pé direito acompanhando, numa cadência segura, toda a bellissima execução da grande intérprete de nossas canções populares.

Quando Inezita, com a sua voz incomparável, evocava, no vibrante "galope", o celebrado desafio de Zé-Pretinho e Aderaldo, em que este, após desvençillar-se facilmente do enredo proposto: "é um dedo, é um dado, é um dia, é um dado, é um dia, é um dedo", aniquilou as preensões do improvisador piauiense com a sua "quem a paca cara compra, cara a paca pagará"; quando Inezita mencionou expressamente o "cegulho Aderaldo" — "cantando e gemendo sem se aperrear", eu, que não tirava os olhos dele, tive a impressão exata de que duas lágrimas desceram-lhe pelo

Cego Aderaldo

É assim que ele assina: Cego Aderado.

Creio, até, que registrou a marca, pois é como "Cego Aderaldo" que o povo o conhece e ama.

O último dos grandes cantadores — hoje já não se conhecem cantadores como ele foi e como ele é. Ou se os há, de inspiração idêntica, as novas gerações, distraídas com a música comercializada do rádio, com os cantores enlatados, já não os identificam nem lhes conferem esse halo de glóriai que ninbava os famosos cantadores do passado.

Hoje, o prestígio da profissão de cantor improvisado, à rebecca ou à viola, e cantar em desafio, val diminuindo, em vias de desaparecer.

Só maldo como causa a música dos rádios, que através dos transitores, chega até aos lugares mais escondidos do sertão.

Onde nunca chegou o trem, ou alnda não chegou automovel, nem avião, o rádio já chega.

rosto viril, retratando a um só tempo a vaidade do cantador vitorioso e a saudade avassaladora dos tempos lidos...

— "Foi esse o meu melhor presente de Natal", desabafou Aderaldo, tão pronto a eletrola silenciou a voz quente de Inezita Barroso.

E eu percebi, naquela frase, balbuciada num misto de emoção e agradecimento, a própria expressão de uma alma simples, mas que sabe sentir, como as outras, malgrado seu bom humor característico, toda a imensa tristeza das vidas que se somem...

(*) Artigo escrito pelo ex-governador e ex-Senador cearense, que serviu de "Orelha" ao livro de memórias do Cego Aderaldo. Tem a data de 1962.

RAQUEL DE QUEIROZ

E fica, e grita, e enerva.

E porque não tem mais esperança de fama, os moços de inspiração não se dedicam a cantar, não estimulam a vela poética nem se apuram na escola dos desafios. Nessa decadência geral do ofício de cantador, Cego Aderaldo mantém contudo, o seu prestígio intacto. O povo o adora, o cerca e o festeja onde quer que ele vá. Quando ele chega a uma fazenda, venha, embora, o cego sozinho, com o seu guia, é como se com ele houvesse começado a novena, os joguetes e o leilão.

Aderaldo se senta e começa a cantar e até comove ver como a gente o cerca, e ri com ele, e lhe bebe as palavras. Não aplaudem porque sertanejo não está habituado a aplaudir; o artista tem que sentir, no silêncio emocionado que se segue ao seu trabalho, o grau de aprovação que suscitou.

Aderaldo é hoje um velho de mais de oitenta anos, espigado, rijo, fala sonora de homem habituado a dominar auditório. Tem o riso muito fácil — é um cego alegre. Seu repertório — porque os cantadores não apenas improvisam, mas também cantam versos de letra alheia, especialmente os da musa popular — seu repertório, com poucas exceções, é bem humorado, quase humorístico.

Isso se verá, aliás, nas páginas adiante, onde o Cego Aderaldo conta a sua vida e dá uma mostra de sua poesia.

Sel que é muito difícil por num caderno de lembranças essa cousa ilusiva e precíval que é a arte dum cantador. A palavra impressa, coisa de medida, de premeditação e efeitos calculados, não conseguirá nunca transmitir ao leitor o impacto produzido pela ação de presença, pela mágica do improvisado, pela mú-

Primeiro Encontro de Fotógrafos Amadores obteve grande êxito

Promovido pelo Instituto Cultural do Cariri e Lions Clube Centro encerrou-se, na noite de domingo 11.12.1977 o 1º Encontro de Fotógrafos Amadores do Cariri, sob a coordenação do fotógrafo Luiz José dos Santos, diretor do Studio Color, no Palácio do Comércio, com a participação de 47 cursistas e colaboração da Fuji e Kodak.

A reunião de encerramento foi presidida pelo prof. Kleber Callou, Chefe do Escritório da Casa Civil e Presidente do Lions Clube-Centro. Na ocasião, falaram Luiz José, Coordenador; Jurandy Temóteo, orador da Tu:ma; economista Lúcia Primo, Secretária de Finanças do Município e o professor Kleber Callou.

No final, foi eleita por aclamação da primeira Diretoria da Sociedade de Arte, Fotografia e Cinema, que ficou assim constituída: Presidente: Lúcia Fátima Primo Carvalho; Vice: Luis José dos Santos; Relações Públicas: Jurandy Temóteo; Tesoureiro: Walter Leite; Diretores: Inácio Teles, Divani Cabral, Eloi Teles e Carlos Alberto Ferreira de Alencar.

Houve ainda entrega de certificados aos participantes que assistiram ainda a exibições de filmes e foram homenageados com um coquetel, após sorteio de brindes, tendo ficado marcado o segundo encontro para dezembro de 1978.

A abertura contou com a presença de representantes do Lions-Centro e Instituto Cultural do Cariri, além dos srs. Gildo Lins e Lauro Portela, representantes da Fuji Photo Film do Brasil Ltda, Regional de Recife e de 40 participantes, sob a coordenação geral do Sr. Luis José dos Santos, Diretor do Stúdio Color.

A programação de abertura constou de inauguração e visita à Exposição de Fotografias, Equipamentos e Máquinas Fotográficas; Entrega de Material e Apostilas; Criação da Sociedade de Arte, Fotografia e Cinema; Palestra do Sr. Gildo Lins, representante da Fuji Film e Exibições de Filmes Super-8.

P R O G R A M A

DIA 10 — 14:00 hs — 1a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA; 15:00 hs — Palestra com ilustração visual "FOTOGRAFIA COMO HOBBIE"; 16:00 hs — Audio-visual "CIDADE DO CRATO"; 17:00 hs. — Sessão de Cinema "DOCUMENTÁRIO EM

sica do acompanhamento, pelo embalo da cantoria; mas ao menos se tenta registrar um pouco, para não se perder tudo.

Pelo menos isso — memórias da vida, fragmentos de desafios e romances — nos fique guardado de tudo que ele espalhou por aí, em mais de sessenta anos de cantoria. E' um documento de sua passagem uma referência para futuros estudiosos e um pretexto de aproxi-

mação e reconhecimento para o povo que o ama e que, quando um dia o perder, gostará de conservar ao menos uma parte dos tesouros lançados, ao vento dos desafios, aos pequenos auditórios longínquos, a memória, ao acaso, das peregrinações do violeiro e cantor.

(Prefácio do livro "Eu sou o Cego Aderaldo", lançado pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1962)

16mm"; 18:00 hs — Intervalo; 20:00 hs — 2a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA e 21:00 hs — Sessão de Cinema "FILMES SUPER-8".

DOMINGO — 09:00 hs — 3a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA; 10:00 hs — Palestra com ilustração visual "FOTOGRAFIA COMO ARTE"; 11:00 hs — 4a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA; 12:00 hs — Intervalo; 4:00 hs — 5a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA"; 15:00 hs — Palestra com ilustração visual "O RETRATO DE ESTÚDIO"; 16:00 hs — 6a. AULA DO CURSO DE FOTOGRAFIA; 17:00 hs — Debate e revisão de aprendizagem; 18:00 hs — Intervalo; 20:00 hs — Exibições de slides e filmes de viagens — família e 21:00 hs — Encerramento — Entrega de certificados de participação — Coquetel de confraternização.

EQUIPE COORDENADORA

Cordenada pelo fotógrafo Luiz José dos Santos, o I Encontro de Fotógrafos Amadores contou com a seguinte equipe de coordenação: Secretário: José Valmir Araújo; Auxiliar: Maria Marilene de Alcântara; Recepcionistas: Ilza Moreira dos Santos, Arina Alves Saraiva, Luiza de Marilac Peixoto, Rita de Kacya Macedo.

PARTICIPANTES

Receberam Certificados os seguintes cursistas: Elisiana Ratts Almeida, Glória Brandão Batista, Bento Diniz Leite, Vicente de Paula Fonteles, José Matos de Mesquita, Rosimira Oliveira Mesquita, Joana Adalgisa Silva, José Edilson, Aldalberto Gomes de Sousa, Possidia Martins de Lima Costa, José Alves Dias, Francisco Lopes Parente, Luciano Lemos, José Nogueira Sedrim, Terezinha Lôbo, Lúcia Fátima Primo de Carvalho, José Wilton, Marcondes Parente de Alencar, Carmem Maria Salatiel de Alencar, Maria Jovelina Bastos Tavares, Augusto Moreira Figueiredo, Edna Maria Oliveira Lacerda, Adauto Ferreira Azevedo Filho, Hélio Teles Pinheiro, Jurandy Temóteo de Sousa, Eloi Teles de Moraes, José Aldemir Ribeiro da Silva, Arlene Bezerra Pereira, Júlia Batista dos Santos Neta, Maria Divani Esmeraldo Cabral, Bartolomeu Perruci de Arruda, João Vanderilo Vieira, Carleston Andrade Leandro, Evaldo Rodrigues Prado, Pedro Jorge Cabral Magalhães, Fernandes José Perruci de Arruda, Pedro Valter Leal, Lindovaldo Frutuoso Gino, Paulo Cesar Bonfim Gomes Rodrigues, João Correia Saraiva, Walter Pinheiro Leite, Elcia Machado Barros Pinheiro, Paulo Cesar Machado Barros, João Clemente da Silva, Francisco Tavares Anastácio e Carlos Alberto Ferreira de Alencar. (A AÇÃO)

Centenário do Professor José Bezerra de Brito

Nascido em 6 de Junho de 1878, o Professor José Bezerra de Brito, dos mais ilustres filhos do Crato, completaria, se fosse vivo, neste ano, o seu Centenário. Foi emérito educador, líder católico e jornalista, deixando vasta obra de benemerência à sua cidade natal, o Crato, nesses 3 ramos da atividade humana. As homenagens do Instituto Cultural do Cariri.

Estudos Históricos Militares

Queridos amigos :

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento aos prezados amigos que deram paternidade à publicação desta coletânea de pretendidas mensagens: Ernando Uchoa Lima e José Denizard Macedo provocando e apoiando; Murillo Borges e Nilson Craveiro Holanda materializando o nascimento.

Não desejava proferir discurso, pela razão muito simples de não enxergar motivo para este lançamento. Mas capitulei frente à imposição do Denizard, pela salutar razão de reunir amigos em torno de mim por alguns instantes. E a amizade dos e aos meus semelhantes foi um dos maiores bens que Deus me concedeu. E as tive e tenho de múltiplas categorias: desde Presidente da República do Brasil ao mais humilde servidor de pé descalço. E por isso, permitam-me fazer sintética exposição relacionada com o acontecimento que agora prestigiam.

Estão escritos em letras de ouro sólido, no livro aberto aos visitantes da Sociedade de Geografia de New York, os nomes de cinco sumidades: AMUNDESEN, o descobridor do Polo Sul; PEARRY, o descobridor do Polo Norte; CHARCOT, o explorador que penetrou mais profundamente em terras árticas; BYRD, o explorador que penetrou mais profundamente em terras antárticas, e RONDON, o explorador que penetrou mais extensamente em terras tropicais... Pois bem, na Geografia do meu leal e sincero coração acham-se escritos, em letras de ouro de lei, os nomes de inúmeras personagens que me cativaram e me cativam com distinta consideração, e me estimulam para o bem e para a vitória em todos os variados campos das minhas atividades.

Permito-me citar apenas uns poucos, a fim de não cometer injustiça, a maior praga social que sempre me apavorou, e que permanentemente procurei evitar, como prioridade extra dos meus atos.

No primeiro plano estão os nomes do meu pai Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes e da minha tia Clotilde Pinheiro Bezerra de Menezes que, por haver ficado órfão aos dois anos de idade, me criaram com acentuada liberdade com responsabilidade. E, na devida oportunidade, me impuzeram a transferência dos campos das vaquejadas, das cangalhas dos cambiteiros de cana e da bagaceira do engenho, para os iluminados tabladados da Instrução, sucessivamente orientado por Vicência Garrido, Antonina Teixeira Mendes, Ida Bilhar e Maria Eugênia, em escolas primárias; por Monsenhores Vicente Soter, e Joviniano Barreto, padres Azarias Sobreira, Francisco Pita, Assis Feitosa, Emídio Lemos e professores José Bezerra de Brito, Juvência Barreto e Biliu, no Colégio Diocesano do Crato de Dom Quintino. Nesse, de 1918 a 1921, tornei-me sério — apesar da paixão pelo jogo do pião — e enamorado das cadeiras de Português, História e Geografia, a par da convivência amigável com as demais cadeiras curriculares, com exceção da de Latim, que abominava.

Em 1922 encaminharam-me para a possível matrícula no Colégio Militar do Ceará, onde fui matriculado a 16 de abril, após obter vitória em concurso de admissão, conquistada em função dos conhecimentos adquiridos no meu Crato, revistos rapidamente por explicadores indicados pelo liceista meu primo Joaquim Pinheiro Filho.

Dai por diante, ou a partir de 6 de janeiro, quando deixei saudosos a casa paterna,

tomei o freio nos dentes, porém, orientado e estimulado pelos meus instrutores e comandantes particularmente pelo General reformado Eudoro Corrêa, que me cimentaram a conscientização do dever, da disciplina, da lealdade e da franqueza — esta adquirida no berço — e da sã comaradagem.

E avolumou-se o namoro com o Português de Antônio Ferreira dos Santos, com a História e a Geografia de Waldemar Cromwel do Rego Falcão, Padre Misael Gomes e Caio Lustosa de Lemos, a par da excelente convivência dedicada às demais matérias, de Guilherme Moreira, Beni Carvalho, Júlio de Matos Ibiapina, Eurico Sampaio, D'Ávila Goulart, Wicar Pessoa, Bernardino Chaves e Henrique Autran; bem assim com a instrução prática de Atualpa Alencar, Juarez Vasconcelos, Djalma Bayma, Martins de Almeida, Coaraciara do Vale, Ary Correia, José Pinheiro Barreira e Oliveira Tapioca.

Aqui aconteceu o imprevisível. Premiado com a publicação, na Revista Pátria, pelo professor Waldemar Falcão, de trabalho de História realizado em aula, convenceram-me os colegas da balela de que escrevinhava bem. E seguiram-se, no decorrer dos anos curriculares finais, a publicação intermitente de artigos, ora no "O NORDESTE", ora no "CORREIO DO CEARÁ", ora na "CLASSE" de Martins Filho ou na "GAZETA DO CARIRY" de Otacilio Macedo, ambos no Crato. Todos eles com peroração de fatos históricos do Brasil ou do Universo — notadamente da Grécia, de Roma e da França — embora às vezes, ou quase sempre, verberando os malefícios do governo Moreirinha ou dos beatos e fanáticos do Juazeiro do já amigo e admirado Padre Cícero, com quem conversava nos períodos de férias, em companhia do meu compreensivo e amado pai Cícero Pinheiro e do caro primo e grande amigo José Bezerra de Menezes...

Após o curso completo, diplomado Agrimensor, embarquei para o Rio com os companheiros que se destinavam à Escola Militar do Realengo; mas não me ambientando na Cidade Maravilhosa de 1929, retornei a Fortaleza, e ouvi, cabisbaixo, tremenda reprimenda do meu querido ex-comandante Eudoro Corrêa...

No Crato, sob o pseudônimo de "Darius", passei o ano publicando, em jornal de estudantes, violentos artigos marretando os costumes e hábitos que julgava indecorosos, mas sempre concluindo com a divulgação de feitos épicos dos Fernão Dias Paes, Raposo Tavares, Pedro Teixeira, Caxias, e outros que me empolgavam sobremaneira.

Em setembro de 1929, fui chamado a Fortaleza pelo inesquecível mestre e amigo Gen. Eudoro Corrêa, a quem queria e admirava como chefe e educador. Atendi imediatamente e, chegando ao Colégio Militar, fui recebido com o carinho e atenção de sempre, com os pedidos de informações do meu pai e dos acontecimentos do Cariri. Depois fechando o senho, num gesto muito conhecido, determinou gauchescamente: "Tu vai assinar este requerimento; tu nunca me desapontou, nem desapontará". Passou-me uma folha de papel e uma caneta, fixou-me energeticamente e repetiu a determinação: "Assina aqui. Tu tem que ser Oficial do Exército". Surpreso, meditei um pouco, e assinei com força, porque esse era o maior desejo do meu amado pai.

Deferido o requerimento, seguir destino ao Rio, matriculei-me na Escola Militar do Realengo aos 15 de fevereiro de 1930, retemperarei todos os nobres sentimentos adquiridos no Colégio Militar, solidificados os conhecimentos teóricos pelos competentes mestres Osório, Duque Estrada, novamente Bernardino Chaves, Fontes, Morgado, Tito, Azor, etc., e os práticos militares pelos brilhantes e inflexíveis Mário Travassos, Henrique Batista Dufles Teixeira Lot, Alexandre José Gomes da Silva Chaves, Humberto de Alencar Castelo Branco, Aurélio Alves de Souza Ferreira, Rodolfo Augusto Jourdan, Franklin Rodrigues de Moraes, Joaquim Vicente Rondon e outros de saudosíssima memória.

E a dureza das missões quebrou a pena apelinada de literária, substituída plenamente por outra que só escrevia cálculos, temas táticos e ordens de serviço, mesmo

com as estrelas de oficial, e principalmente cursando a augusta Escola de Comando e Estado Maior do Exército, com as dificuldades da após segunda Grande Guerra e o profundo abalo na saúde da minha esposa Eunice, que faleceu dois anos depois. E só consegui concluir o meu curso porque estimulado pelos incontestáveis amigos Murillo Borges, Tácito Teófilo, Humberto de Alencar Castelo Branco e João Batista de Matos, dentre poucos...

Enviando, no Rio, andei cambaleando, angustiado, desnordeado, mas sempre amparado por chefes e amigos, como Gen. Denys, Cel. Humberto Castelo Branco, meus colegas de trabalho no D.G.A. e no E.M.E., e em particular os casais amigos, Yolanda Tácito Teófilo, Noélia-Osmar Bandeira, Helena-Airton Cartaxo, etc., e, mesmo de longe a minha filha adotiva Isolda, Expedito Sampaio-Suely, e os fabulosos Candinha-Murillo Borges, cabeça chata que há 48 anos coopera e me estimula para o bem e para a vitória... e absolve os pecados do meu gênio temperamental...

Iluminado por Deus, contraí novo matrimônio com a minha prima e cunhada Valdelice, que completou o elenco bendito que me fez soerguer, voltar a produzir e reencontrar a felicidade perdida...

Quando promovido o mestre e amigo Gen. Humberto de Alencar Castelo Branco, em 1952, convidou-me para chefiar uma das Seções do seu Estado Maior. Aceitei prontamente, aqui chegando em abril de 1953; no meio do ano, após promovido a Ten. Cel, assumi a Chefia da 1ª Seção, deixando a do Serviço Militar.

E um dia após o despacho do expediente normal, mandou-me o Gen. Castelo esperar um pouco e falou rindo: "Seu Teles, como vai a sua literatura?" E eu, surpreendido atônito: "Não escrevinho há muito tempo; a pena literária quebrou desde 1930, quando me matriculei na Escola Militar e fui massacrado com pesadas obrigações pelos Caps. Lot, Castelo e seus auxiliares". Então, disse ele formalizado, "afie a pena e prepare uma conferência sobre a cidadã Maria Quitéria de Jesus, a fim de proferi-la a 21 de agosto". Cumpri a missão sem apelo nem agravo...

Depois, ainda chefiando seções no Estado Maior da nossa Região Militar, elaborei e proferi algumas palestras em reuniões rotárias realizadas em datas festivas.

Tempos depois, quando requeri transferência para a Reserva e não atendi sugestões para retirá-la dos Marechais Tristão de Alencar Araripe e João Batista de Matos, entre outros chefes amigos, vaticinou o segundo: "Você não pode parar. Ocupe seu tempo fazendo conferências; ensine, divulgue seus conhecimentos", Ri e agradei o conselho daqueles insignes mestres da Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

Aqui chegando para fixar residência, recebi o primeiro convite para fazer palestra, do amigo Gen. Dilermando Gomes Monteiro, então comandante da 10ª Região Militar. Atendi à gentil convocação e a seguir a reação em cadeia e o afluxo de mensagens que pretendi transmitir sincera e honestamente, agora reunidas, graças à provocação dos amigos Ernando Uchoa e José Denizard Macedo, a par da generosidade de Murillo Borges e Nilson Craveiro Holanda, que nelas acreditaram...

Além disso fiz 7 traduções de Revistas Militares Francesas para a 2ª Sec. do E.M.E., da qual era chefe o Cel. Ernesto Geisel e Adjs. os amigos Vilar e Sérgio Ary Pires, entre outros.

Caros amigos.

Agraciado por Deus, fui sempre um cidadão feliz, apesar de órfão de mãe aos dois anos de idade. Franco, leal, desprendido de grandes ambições, incapaz de mentir, de cometer uma injustiça, apenas provei a cruz do sofrimento nos momentos de graves mo-

Enfarte Mata Luís Róseo em São Paulo

Vítima de enfarte — que ocasionou sua queda e conseqüente fratura da base do crânio — faleceu, em São Paulo, onde se encontrava em missão que lhe era afeta, o nosso ex-companheiro «associado», professor Luiz Róseo, que, durante muitos anos, participou, com brilhantismo, da bateria de «saxs» da orquestra da Ceará Rádio Clube.

Quando se deslocou para o Rio o maestro Mozart Brandão, o professor Luiz Róseo se mudou também para o sul, indo aperfeiçoar-se em música, logrando o título de regente. Voltando ao Ceará, em mais uma demonstração de interesse pelas manifestações musicais do nosso povo, passou a fazer pesquisas de folclore, no setor musical, colaborando para diversos órgãos da imprensa nacional.

No momento, o professor Luiz Róseo estava em São Paulo, em missão do setor cultural do Piauí.

Seu sepultamento deu-se ontem, na capital bandeirante, segundo informações de seus familiares. («Correio do Ceará», 26.1.78.)

N. R. — O maestro Luis Róseo, cearense de Jardim, em nossa região, era amigo e colaborador do I. C. C. Dele publicamos, nesta edição, entregue pelo mesmo, pessoalmente, o trabalho «Sociologia do Caminhão», última colaboração para a nossa Revista.

léstias e morte de entes queridos. Tudo porque jamais me faltou o apoio de Deus, dos meus pai e mãe adotiva, das minhas esposas, dos mestres insignes e dos companheiros e amigos que me ampararam nas provações e me estimularam para vencer. Vivi e vivo de amizades bem compreendidas e, para isso, creio na afirmativa do Cel. Danziato de que tenho ooração maior que o Crato. E nele cabe gravado em ouro maciço, o nome de todos vocês. Muito obrigado pelo bem que me propiciaram e propiciam.

Deus os recompense.

(Discurso proferido no lançamento de ESTUDOS HISTÓRICO-MILITARES, na Secretaria de Cultura, em 02 de fevereiro de 1978)

Fortaleza, madrugada de 30 de janeiro de 1978

100 Anos Sem Alencar

J. Lindemberg de Aquino

(Ex-Presidente do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI)

Neste 12 de Dezembro de 1977 completaram-se cem anos do falecimento do ínclito cearense e notável homem público, escritor, político e jurista José Martiniano de Alencar. O Brasil inteiro rende-lhe merecidas homenagens. Foi e continua sendo a maior figura das nossas letras, o brado cantor de "Iracema", pioneiro de nossa literatura indígena, o precursor, portanto, do indianismo. Romancista consumado, primus interparis da nossa literatura, deixou obra monumental que lhe agiganta o nome e lhe opulenta a fama, á medida que os anos passam.

Com Alencar (a exemplo dos grandes gênios, quanto mais o tempo se escôa, quanto mais os anos o separam das novas gerações, mais o seu nome e a sua fama se agigantam.

Dele disse Raquel de Queiroz, agora nossa imortal na Academia:

"Mas não será parcialidade da "prima" e de cearense o reconhecimento, aqui, do lugar singularmente ocupado por Alencar na literatura brasileira.

Verdadeiro Pai do nosso romance, senão cronologicamente, pelo menos em importância e influência, é um dos nossos poucos autores que pode ser considerado um clássico — se é que possuímos clássicos. Tem sido publicado em todas as maneiras, em folhetim popular ou comentado por eruditos, ou em papel-jornal, nas edições de cordel ou sai nas edições de luxo dedicadas a bibliófilos" (Raquel de Queiroz, no "DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio, 1961 e em ITAYERA, nº 15 — 1971).

Alencar foi, talvez, o escritor brasileiro mais comentado por todos os seus colegas e críticos de arte e literatura. É, ainda, um dos mais traduzidos. E dos poucos que resistem ao gosto popular, em edições de toda ordem. Suas obras ficaram perenizadas como verdadeiro monumento, a desafiar gerações.

Conta o escritor Pedro Gomes que Matos que, ao morrer Alencar, Ferreira de Araújo, Diretor da "Gazeta de Notícias", do Rio, encomendara a Machado de Assis fazer o editorial do jornal, dedicado ao cearense. O nobre fundador da Academia fez o artigo. Mas um outro artigo, entregue á redação, pelo então desconhecido Capistrano de Abreu, foi lido por Ferreira, e este, então, entusiasmado, rasgou o de Machado e publicou o de Capistrano.

Uma obra de arte. Esse artigo de Capistrano foi que o tornou conhecido das rodas literárias do Rio, na opinião de Rodrigo Otávio Filho (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 224, pág. 55, ano de 1953). O artigo do mestre Capistrano veio a lume na edição da Gazeta do dia 13.12.77, no dia seguinte á sua morte. Uma consagração.

"Finou-se ontem, depois de prolongado sofrimento, o primeiro e principal homem de letras brasileiro. Essencialmente nacional, é a ele a quem as letras pátrias devem

as suas melhores obras, de originalissimo sabor, saudades e aplaudidas por todas as literaturas. Apenas com 48 anos de idade, que tantos completara no dia 1º de Março do corrente ano, baixou a sepultura, deixando vazio o seu lugar. Apagou-se, da constelação dos grandes homens uma faiscante estrela ainda no horizonte, não desponta brilho que a substitua” — diz o inicio do artigo magistral.

E continúa :

“Parecia que ele sabia que a morte o roubaria cedo á admiração de dois povos, por isso aproveitou o mais que pôde o seu tempo para produzir muito e para deixar de si a memória que nos pósteros há de afirmar que foi José de Alencar o fundador da literatura brasileira. Essa pressa de produzir, essa sede insaciavel de viver do povo, inspirando-se nas tradições, estudando-lhes os usos, costumes, tendêncas, prejuizos, abusões, e para o povo, a quem dedicou obras imortais, agravou-lhe a enfermidade...”

Cometera Capistrano, no artigo monumtental sobre a morte de Alencar, apenas um engano. O nascimento do grande romancista se dera a 1º de Maio, e não a primeiro de Março.

Alencar, que descendia, legitimamente, de família cratense, veio ao mundo no Sítio Agadadiço Novo, na então Vila Nova Real de Messejana da América, ou Vila Nova da Conceição de Messejana, antiga aldeia dos índios Paupina, hoje simplesmente Messejana. Cedo terminaria seus estudos elementares no Ceará. Bacharelou-se em letras no Colégio Pedro II. Bacharelou-se em Direito na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1850. Nessa época já tinha seu primeiro romance, “Os contrabandistas”, elaborado 3 anos antes. Começara a escrever n Jornal do Comércio, do Rio, desde 1856. Eram as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. 18 anos depois de formado era Ministro da Justiça. Sua estonteante carreira de advogado, jornalista, romancista, professor, orador, critico, deputado ás côrtes em várias legislaturas, e até Ministro, todavia, não lhe permitiram ser Senador. Um desentendimento com o Imperador frutou-lhe esse desejo de ser um dos Pais da Pátria.

Uma mágoa que sempre guardou o Patrono da Cadeira 23 da Academia.

Dessa mágoa teve conhecimento Raquel de Queiroz, sua contra-parente, descendente, também, dos Alencares do Cariri. Disse Raquel que ainda conheceu, velhinhas algumas primas do escritor.

“Uma delas jamais se recuperara da mágoa causada pelo célebre discurso de Alencar no Parlamento, sugerindo a evacuação do Ceará por ocasião de uma grande seca; aliás, os cearenses todos custaram muito a perdoar esse gesto infeliz, e a esse gesto se attribui, geralmente, em nossa terra, o desastre politico de José de Alencar.” (Raquel de Queiroz, “A propósito de José de Alencar”, ITAYTERA).

Talvez quem não tendo havido o incidente como Imperador, que lhe coartou a vida pública, e o desprestigio desse discurso, na terra natal, outra tivesse sido a carreira política do romancista. Talvez tivesse chegado, também, á Presidência da Provincia cearense, onde o Pai, o Senador de igual nome, realizara duas administrações deveras fecundas — de 06.10.34 a 15.12.37, e de 20.10.40 a 22.07.41.

O escritor José de Alencar não foi o primeiro dos grandes brasileiros filhos de sacerdotes. Muitos outros existem, a começar do jurista Clovis Bevilacqua. Nesse ponto, o Senador José Martiniano, seu Pai, foi muito autêntico e claro. Nunca negou a paternidade dos filhos, nem a ligação amorosa com a prima Ana Josefina, filha do seu tio Leonel (irmão de D. Bárbara de Alencar). O infelizmente Leonel, assassinado em Jardim em 28 de Setembro de 1824.

O Senador José Martiniano fez essa declaração em escritura pública de "reconhecimento e perfilhação dos filhos espúrios", lavrada em 3 de Outubro de 1853, com o tabelião Francisco José Fialho, no Cartório Penafiel, Rio, Livro 211/fls. 136 e 137.

Qualificando-se como "Senador do Império, Presbítero da Ordem de S. Pedro, residente na Côrte, á Rua Marui, 7, S. Cristovão", arrolou como testemunhas José de Sousa Neves e Frederico Augusto Pamplona.

Declarou "em abono da verdade e por descargo de consciência" que, "por fragilidade humana" tivera com Ana Josefina, os seguintes filhos: José Martiniano de Alencar Junior, nascido a 1º de Maio de 1829; Leonel Martiniano, nascido a 5 de Novembro de 32; Tristão, nascido a 6 de Julho de 38; Maria, nascida a 13 de Agosto de 40, Bárbara, nascida a 7 de Julho de 43; Argentina, nascida a 23 de Março de 50; Carlos, nascido a 6 de Outubro de 53. Em 1860, de um acesso pernicioso, morria o Senador.

Alencar, o escritor, consorciou-se com Georgina Cóchane, e teve por irmãos: Leonel, Barão de Alencar, formado em Direito, diplomata, Ministro em Montevidéo, Buenos Aires e Madrid; Joaquina, casada com Joaquim Bento de Sousa Andrade; (foi deputado pelo Ceará, no Parlamento) Ceci, casada com Álvaro Pinto Alves (sogra de Fernando Pessoa de Queiroz).

Amélia, casada com o Senador Samuel de Oliveira, militar e publicista.

Mário, escritor e crítico, nascido em 30.01.72 e falecido em 8.2.25.

Augusto Cóchane de Alencar, sub-secretário de Estado, embaixador do Brasil em Washington. A filiação dos Alencares honra o Brasil.

Recorde-se que o Conselheiro Tristão, primo legítimo do Escritor José de Alencar (filho de Tristão Gonçalves) foi deputado federal pelo Ceará e Pernambuco, Presidente do Pará e do Rio Grande do Sul, Ministro da Fazenda de Deodoro e Ministro do Supremo Tribunal Federal. Falecido em 1909.

Uma honra, também, para o Ceará. Era do Icó.

Quando se comemora o centenário do desaparecimento de tão ilustre brasileiro e cearense, é oportuno transcrever conceitos, opiniões e críticas a seu respeito.

Machado de Assis, comentando "Iracema", afirmara, proféticamente:

"Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo e dão plena fiança ao futuro."

E findando sua análise:

"O Brasil tem direito a pedir-lhe que IRACEMA não seja o ponto final. Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes, uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima".

O próprio Machado faria um dos mais belos sonetos, sobre o mesmo Alencar: Isso depois da morte do cearense:

"Hão de os anos volver — não como as neves
de alheios climas, de geladas cores;
Hão de os anos volver, mas como as flores,
Sobre o teu nome, vividos e leves..."

Tu, cearense musa, que os amores
Meigos e tristes, rústicos e breves,
Da índiana escreveste, — ora os escreves
No volume dos pátrios esplendores.

E ao tornar este sol, que te há levado
Já não acha a tristeza, extinto é o dia
Da nossa dor, do nosso amargo espanto,

Porque o tempo implacável e pausado
Que o homem consumiu na terra fria,
Não cossumiu o engenho, a flor, o encanto..."

Araripe Junior, neto do heroi Tristão que fôra seu tio, disse de Alencar.

"Não obstante, o seu estilo, vivido e sentido, demonstra que, na espera em que seu talento e as tendências de seu espírito o colocaram, ele atuou com uma força própria e original. A expressão é completa e a evocação dos seus personagens e das cenas, que ele admirou como idealista, traduzem-se naquela alucinação forte, persistente, que é o característico dos verdadeiros artistas."

Um dos mais belos estudos sobre a arte literária de Alencar, notadamente sobre "Iracema", quando esse famoso livro fez um século, em 1965, é o do escritor Braga Montenegro. No estudo, que vai da página 16 à página 43, na edição comemorativa do Centenário, pela Imprensa Universitária do Ceará, o conhecido crítico literário nos dá um trabalho de fôlego e de conteúdo, sobre a peregrinação de Alencar pelas letras.

São dele essas observações:

"O que, atualmente, constitui a preocupação dos estudos sobre Alencar, não é, certamente, apurar se escreveu desta ou daquela maneira-linguisticamente errado ou correto. Antes de tudo ele era um romântico, viveu numa época romântica, e, como tal, teria de escrever à moda de seu tempo, sob a influência dos mestres do Romantismo, mais sensivelmente, talvez, de Victor Hugo, visto que, como Hugo, ele possui o dom e o gosto da epopeia, o senso do grotesco e do elegíaco; como Hugo, era um visualista, um pintor de painéis com extraordinária aptidão plástica.

Era, igualmente, um renovador de gênio, o criador de um estilo e, desta sorte, não se poderia submeter a estreitas regras de gramática ou de composição.

"A posição de Alencar, como representante máximo do Romantismo brasileiro, já hoje, não padece contestação."

Medalha Sócio Paul Harris Para Presidente do ICC

Na plenária festiva de 23 de Fevereiro de 78, no Restaurante Gaibu Avenida, o Rotary Club do Crato fez entrega solene, ao seu sócio fundador, Jéfferson de Albuquerque, da Medalha e Diploma de Sócio Paul Harris, um dos maiores distintivos da vida rotária. O Presidente do ICC recebeu a honraria visivelmente emocionado. Ela lhe foi atribuída pelo «incansável espírito de luta, pelo amor à causa rotária, pela dedicação aos ideais de Paul Hárris e, sobretudo, pela perene jovialidade do seu espírito, sua luta, seu devotamento e seu interesse às cousas do Rotary», na expressão do Presidente Eudoro Walter de Santana.

MEC Fez Novo Convênio Com o Instituto Cultural do Cariri

No final do ano de 1977 o Ministério da Educação e Cultura fez novo convênio com o ICC, no Rio. Na ex-capital federal, assinou o convênio, como Procuradora do Presidente Jéfferson Albuquerque, a Profa. Elizabeth Cabral. Foi no Departamento de Assuntos Culturais do MEC. Em consequência, pela ordem bancária do Banco do Brasil, de nº 920.401, de 01.12.77, chegou à Agência do Crato, a importância de Cr\$ 24.660,00, que serão empregados em equipamentos no corrente exercício financeiro. Mai uma substancial ajuda do MEC, e sinal de sua confiança em nossa instituição.

Eugênio Gomes afirma, por sua vez:

“...quaisquer que sejam as restrições à sua obra, José de Alencar se sobressai em meio à planície de nossa literatura, como uma daquelas figuras descomunais que, na sua ficção, se confundem com as montanhas e entestam com as nuvens.”

A obra do nosso eminente conterrâneo venceu o tempo, guiando-se nas montanhas da inteligência nacional, de onde pontifica, cem anos após a morte do seu Autor, como o nosso momento máximo em literatura eminentemente brasileira. Alencar, por isso, sobreviverá os séculos. O que fez é eterno, tem origens de gênio.

E somente os gênios sobreviverão para a eternidade, porque conquistaram o supremo dom de espiritualizar o que produziram.

12.12.1977.

NERTAN MACEDO:

«Goáís não me descobriu. Goiás me conquistou»

A incumbência de entrevistar o escritor NERTAN MACEDO, ao ensejo de sua posse no próximo dia 22 do corrente, como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, foi motivo de contentamento pessoal, tanto pelo encontro em si, como pela oportunidade de aprender um pouco mais da vida. O meu conhecimento de NERTAN MACEDO teve início no fim da década de 50; ele, escritor e jornalista de conceito; eu estudante de direito, ambos habitantes da radiosa cidade do Rio de Janeiro e frequentadores da Câmara dos Deputados. Ele, como cronista político, titular de uma coluna assinada no vespertino carioca "Tribuna da Imprensa"; eu, modesto secretário do ainda desconhecido, posteriormente famoso, deputado Almino Afonso meu conterrâneo e amigo. Nessa época, apenas eu o conhecia; ele a mim, não. Nosso relacionamento afetivo só aconteceu em Brasília — para onde viemos em ocasiões diferentes — a partir de sua chegada na nova capital, quando foi convocado assessorar o Prof. Mário Henriques Simonsen, Ministro da Fazenda, em seu trato com a imprensa. A tarefa de entrevistar NERTAN MACEDO não foi difícil, tal a facilidade com que ele conduz o encontro: descontraidamente, conversa vai, conversa vem, falando de pessoas, de coisas e de acontecimentos, sempre alegre, sorrisos e gargalhadas. De vez em quando, um gole e outro de cajuina, vinda diretamente do Ceará, servida em ocasiões assim, em que tem de dizer para os outros algo de si, de seu trabalho intelectual. O entusiasmo na apreciação das coisas de Goiás e dos novos amigos que adquiriu explode em seus olhos e se transforma em palavras.

Proprietário de um "papo" verdadeiramente sedutor, vai contando episódios de sua vida e as atividades relacionadas com a produção de suas obras, além de revelar suas ambições, todas no plano espiritual. De repente, alerta e diz: "vamos apagar isso do gravador, que não tem o menor interesse prá ninguém. Fiquemos, apenas, nas perguntas" São narrativas de suas andanças pelo mundo, não só o universo de suas obras, mas o globo terrestre mesmo (acaba de retornar do Japão, para onde foi integrando a equipe jornalística que fez a cobertura da recente viagem do Presidente Geisel ao país do Sol Nascente e, no próximo dia 15 de novembro, embarcará para Moscou, como convidado especial em missão cultural). Andou muito pelo interior de Goiás, também. Confinou-se em Dianópolis para pesquisar a vida da legendária figura de Abílio Wolney e o resultado foi a obra já publicada pela Legenda Editora, a ser lançada ao público, brevemente intitulada "Abílio Wolney — Um coronel da Serra Geral", dedicada por coincidência, a um amigo comum, Walter Fontoura, atualmente diretor do "Jornal do Brasil". Como homem profundamente telúrico que é NERTAN MACEDO ama o Ceará e começou a amar Goiás, sua paisagem, sua cultura e sua gente, como ele próprio diz... Pena não poder reproduzir toda nossa conversa, para que fosse possível revelar, aqui, o poeta NERTAN MACEDO. Vai aí o homem, em respostas firmes e vigorosas:

(Entrevista a Olavo de Castro)

ENTREVISTA

OC — O escritor tem compromissos com a sua época e a sua região, ou é uni-

versal no que se refere ao tempo e ao espaço?

NM — O escritor tem, necessariamente, compromisso com seu tempo e seu espaço regional pode ser também um escritor universal. Emily Bronte, por exemplo. A alma físico. Somos filhos dos nossos pais como somos filhos de uma terra. Um escritor dos seus personagens é universal. Mas o seu grande romance, o Morro dos Ventos Uivantes, é profundamente regional — absolutamente indissociável da paisagem física do Yorkshire. De resto, o sonho de todo escritor é dar dimensão universal ao pequeno mundo onde viveu as mais duradouras impressões da sua vida e do seu destino. Nem todos neste mundo de Deus podem ser Shakespeare. Que tanto podia colocar o seu Hamlet num frio castelo dinamarquês, seu Macbeth no seu nevoento mundo de uma ilha britânica, e ao mesmo tempo cantar com a paixão latina o amor de Romeu e Julieta. Ninguém pode ser — sem ser gênio — inglês, italiano e nórdico ao mesmo tempo. Mas o escritor que, no tempo e no espaço, conquistar a universalidade será um escritor digno desse nome. No que me toca estou longe, muito longe, de ser um escritor universal. Mas procuro trabalhar com muito carinho e amor o que o sertão me deu e continua me dando: Lampião, Padre Cícero, Antonio Conselheiro, Sinhô Pereira e outros personagens intensamente vividos.

OC — Como você descobriu o Planalto Central como palco de onde extraiu temas e personagens de sua criação literária?

NM — Creio haver descoberto o Planalto com a minha vinda para Brasília, há pouco mais de dois anos. Eu seria mais exato confesando o seguinte: eu sabia, há muito, que Sinhô Pereira, o primeiro chefe de Lampião, juntamente com seu primo Luís Padre, há muito anos haviam abandonado o cangaço no Nordeste e se mudado para Goiás. Perguntei a muitas pessoas, em minhas viagens pelo interior de Minas Gerais, se conheciam Sinhô Pereira. Cheguei mesmo a pesquisar a existência de Sinhô em Paracatú, mas ninguém sabia de nada. Até que um dia, por pura casualidade, chegou ao meu gabinete de trabalho uma jovem universitária solicitando uma entrevista para um teste de Faculdade sobre comunicação. Conversamos e a conversa recaiu sobre cangaço, Nordeste e Lampião. Na animação da conversa a jovem soube que eu havia escrito alguma coisa sobre Lampião. Ofereci a ela um dos meus livros sobre o grande cangaceiro. Ela fitou a capa admirada e me disse:

— Quem vai gostar desse livro é o meu avô Francisco.

— E quem é seu avô? — perguntei-lhe.

— Sinhô Pereira, de Vila Bela, em Pernambuco.

Daí para o encontro com Sinhô, no distrito de Lagoa Grande, em Presidente Olegário, Minas Gerais, foi um passo. Sinhô me contou, sem reservas, a sua vida aventureira e nômade e nasceu o meu livro "Sinhô Pereira, o comandante de Lampião", que se esgotou rapidamente. A vida de Sinhô e de Luís Padre, seu primo, se misturaram estranhamente à vida de um grande filho do norte goiano, Abílio Wolney. Terminado o livro sobre Sinhô fui curtir em Dianópolis, o antigo São José do Duro, na Serra Geral, confins da Bahia e Goiás, a esplêndida figura de Wolney. E aí escrevi o segundo livro, "Abílio Wolney, um coronel da Serra Geral". Choveram, daí pra frente, muitos depoimentos novos de gente que havia conhecido e privado com Abílio Wolney. Resultado: tenho material de sobre Wolney e Sinhô que daria um terceiro livro que ainda pretendo escrever. Eu gostaria que a televisão brasileira mandasse alguém filmar, em Lagoa Grande,

o velho Sinhô Pereira, que ainda está vivo, forte, apesar de otogenário. Ele é o último dos grandes valentes que sacudiram o sertão nordestino, há cinquenta anos passados, com o troar do seu rifle e das suas andanças e escaramuças.

OC — Como Goiás o descobriu e o conquistou?

NM — Goiás não me descobriu. Goiás me conquistou. Pelo carinhos dos amigos que fiz em Brasília e Goiânia. Um Ático Vilasboas, que reputo um intelectual de maravilhosas qualidades, um escritor e pesquisador brilhante e vigoroso, além de um amigo fora de série. Um Basileu Toledo França, um aristocrata de alma e inteligência, sóbrio historiador, pesquisador criterioso e culto. Eu já conhecia alguma coisa de Bernardo Élis, mas não havia lido o seu melhor romance. O Tronco. Não o conheço pessoalmente, mas admiro a sua literatura. Não quero citar outros nomes para não me alongar nem omitir velhos e jovens valores que, em Goiânia, me cercaram com seu carinho e a sua hospitalidade. Há, em Goiás, uma vida intelectualmente intensa, rica e sugestiva. Mas Goiás ainda é um veio riquíssimo e inexplorado. Quem vai desfrutar da sua história fabulosamente virgem são os escritores que virão amanhã. Se Deus me desse vagares gostaria — e aí está uma sugestão — de escrever a vida de Santa Dica, que mereceu de Jorge de Lima um bonito poema. Pouca gente no Brasil conhece essa estranha, inusitada mulher. Já conversei com uma neta dela e fiquei empolgado com as coisas que ela me contou sobre a avó. Por que ninguém se atreve a biografar a Santa Dica?

OC — Em que estágio se encontra o seu relacionamento com a cultura goiana e seus construtores atuais?

NM — O meu convívio com a cultura goiana tem sido contínuo, de dois anos para cá. Li, com muito agrado, o livro de memórias do meu venerando amigo, o senador Pedro Ludovico, que considero uma espécie de patarca dessa terra amiga e acolhedora. Tive a satisfação, na mocidade, de provar com jornalistas da têmpera e da bondade de Alfredo Nasser. Leio o que posso sobre Goiás, seu povo, sua história, sua literatura. E acompanho o movimento editorial de Goiânia, que não é pequeno, com o mais vivo interesse. Li todos os números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico. Já tive a honra de acompanhar o professor Acari Passos em suas pesquisas arqueológicas, ele é um dedicado e abalizado indianista, tanto quanto o seu colega da Universidade, o professor Juarez. Admiro o trabalho severo desse historiador eminente, que é o professor Coleman Natal e Silva. Gosto da poesia de Helvécio Goulart. De José Godoy Garcia. De Walder de Góis. Li, com fascinação, o "Cancioneiro de trovas do Brasil Central", de Americano do Brasil, com notável introdução de Basileu Toledo França. Gostei da História da Imprensa Goiana, de Braz de Pina. Gosto de William Agel, bom escritor e bom diplomata. Enfim, leio tudo o que me cai nas mãos sobre Goiás.

OC — Que significado tem para você a sua eleição para o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás?

NM — confesso: minha eleição para o Instituto me deu a maior alegria. Também sou sócio correspondente do Instituto do Ceará. Sinto-me em casa no Instituto de Goiás. Pois não é uma casa para quem ama a história da sua gente, do seu povo? Eu sou cearense, mas sou principalmente brasileiro. Portanto, sou goiano também...

OC — Que contribuição pretende oferecer, futuramente, à cultura goiana?

NM — Farei o que estiver ao meu alcance, agora e futuramente, para escrever alguma coisa sobre Goiás. Por enquanto, entretanto, dedico-me inteiramente ao curso que terei de fazer no Instituto, na próxima 6a. feira, dia 22 do corrente. Um tema me fascina, particularmente: o Araguaia. Que grande tema para um belo poema!

OC — Deponha sobre o panorama cultural do Centro-Oeste a sua atuação como integrante dele.

NM — Confio muito na inteligência goiana. Ela terá muito que oferecer ainda ao Brasil. E acho que a sua Universidade, tanto a Federal como a Católica, está preparando muita gente boa para o futuro. O panorama intelectual goiano é simplesmente e cada vez mais promissor. Cabe ao Governo do Estado atrair o que de bom existe no teatro na música, na literatura, na ciência, alienado por aí. Goiânia, por exemplo, está a merecer um bom teatro. Fica a sugestão a quem de direito. Os escritores, os intelectuais de um modo geral, devem participar ativamente da vida pública. Cada qual na sua área de vocação. Estou informado de que o Governador Irapuan não é insensível à cultura, o que me reconforta e muito.

OC — Dê os nomes mais significativos, no seu entender, que ajudam a dimensionar a cultura do Centro-Oeste.

NM — Já dei alguns nomes que considero exponenciais da cultura goiana. E me dispense de fornecer outros a fim de não cair em omissões.

OC — Como você vê, sente Goiás e sua gente.

NM — Sinto Goiás e sua gente como uma soberba fonte de energia espiritual neste grande, imenso e adorável país que é o Brasil. Uma força latente, maravilhosa. Um celeiro para o desenvolvimento econômico. Uma promessa/ certeza nas coisas que dizem respeito ao espírito brasileiro. Pois é um pedaço profundamente brasileiro deste nosso país.

OC — Revele a melhor coisa que você viu ou sentiu, de Goiás.

NM — Vi e senti coisas interessantes e boas na minha vivência goiana. Mas duas coisas me marcaram aqui: o rio Araguaia, vendo o velho índio Savaru preparando peixe, com aquele cuidado e tranquilidade que só o homem primitivo ainda guarda. E mais: a visão da Serra Geral à noite, uma noite negra e profunda, estriada de pardos e amarelos no seu cair. Um sertão ainda muito puro como nos dias dos preadores de índio e fazedores de ouro. Ahi eu sou um homem terrivelmente apegado à paisagem física do sertão!

OC — Qual a sua maior alegria como escritor?

NM — Tive já muitas alegrias como escritor. Mas acredito que a maior delas foi quando o palco do Teatro José de Alencar, em Fortaleza, abriu-se numa determinada noite e vi mais de duas dezenas de universitários a encenar, sob a direção de B. de Paiva, o meu "Rosário", rifle e Punhal" (o romanceiro do Padre Cícero Romão Batista) Foi tão bela a representação que, ao ser chamado ao palco, no fim do espetáculo, as lágrimas vieram aos olhos e só pude balbuciar: "Muito obrigado". Outras grandes emoções: ao ver as crianças do bairro de Santa Tereza, no Rio, em plena noite, ao ar livre, ao Largo do Rato, representado a meu "Cancioneiro de Lampião". E a representação maravilhosa dessa mesma peça pelo Teatro Universitário de Juiz de Fora, que a levou, por solicitação de Pascoal Carlos Magno, a grande parte do Nordeste, quando da excursão do famoso Barco da Cultura. Agradeço a Deus os bons momentos que tenho vivido naquilo que amo realmente a minha terra, a minha gente, que me fizeram escrever os meus livros.

"O Popular" — Goiânia, Go. — 1.10.76

Ministro José Geraldo Bezerra de Menezes, Sócio Correspondente do ICC

Na sessão de 19.10.76, por proposta do General Raimundo Teles Pinheiro, o Ministro José Geraldo Bezerra de Menezes foi aceito, por unanimidade, Sócio Correspondente do ICC. É dos vultos de maior relevo na Justiça do Trabalho, no Brasil.

Nasceu ele a 11 de Julho de 1915, em Niteroi, filho de Dr. Geraldo Bezerra de Menezes e D. Lucinda Mantedonio Bezerra de Menezes.

É neto do deputado Leandro Bezerra, ilustre filho do Crato, que representou Sergipe no Parlamento Nacional.

A título de ilustração, vejamos trecho do discurso do Dr. Franklin Silva Araújo, ao saudar o novo sócio, em 11.08.56, quando ele tomou posse na Academia Valenciana de Letras, em Valença, Estado do Rio:

“Seus primeiros estudos se fizeram lá mesmo, na Capital fluminense, os primários no Grupo Escolar Tomaz Gomes e os secundários, no já tradicional Ginásio Bittencourt Silva.

O curso jurídico, fez ele na gloriosa Faculdade de Direito de Niteroi, bacharelando-se em 1935, já então destacado com a honra de ter sido o Orador de sua turma.

Geraldo Bezerra de Menezes é, pôde-se dizer, professor nato e acostumou-se, logo que se formava, a passar a mestre das escolas em que se formava. Assim, já em 1935 era professor no Ginásio Bittencourt Silva e, logo formado bacharel, vai sendo, sucessivamente, provido na Cadeira na Faculdade Fluminense de Comércio, no Curso Complementar da Faculdade Fluminense de Medicina, na Escola do Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro, no Curso de Divulgação e Aperfeiçoamento de Direito do Trabalho do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e, por fim, Professor regente da Cadeira de Legislação Trabalhista da Faculdade Fluminense de Direito, onde acaba de conquistar, num concurso brilhantíssimo, com distinção em todas as provas, para o encanto da própria banca examinadora, o honroso título de Professor Catedrático.

Magistrado também desde muito moço, em 1939, com 3 anos de bacharelado, já é Presidente de uma das Juntas de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho do Distrito Federal; Procurador do Conselho Nacional do Trabalho, em 1945; Presidente do mesmo, em 1946; membro do Tribunal Superior do Trabalho, em seguida, e, depois Presidente desse Egrégio e Colendo Tribunal, durante muitos anos e agora ocupando a espinhosa missão de Corregedor daquela Justiça.

Distinções sociais, são tantas as que correspondem ao ilustríssimo fluminense que temos presente, que a sua enumeração no tomaria boa parte desta noite, quando ansiais todos por ouvir a sua primorosa palavra. Dentre essas lúreas, contudo, uma mais de perto nos toca: Geraldo Bezerra de Menezes é membro da Academia Fluminense de Letras, onde deu entrada, pela mão de Luiz Lamago, em 22 de Julho de 1948.

Escritor primoroso, Geraldo Bezerra de Menezes tem prodigalizado os frutos da sua pena apurada, molhada na sua esplendida cultura, quer através de pareceres e na redação de “acordams” que são pontificado na Jurisprudência brasileira do Trabalho; quer em jornais e revistas especializadas; quer, afinal, em obras de vulto e livros, na Literatura em geral, na Sociologia, ou, sobretudo, no Direito do Trabalho. Seus livros são muitos e difícil seria destacar algum dentre esses muitos; entretanto, quero notar aqui os “Dissídios Coletivos do Trabalho”, obra de consulta para todos os que neces-

GENERAL RAIMUNDO TELES LANÇA

« ESTUDOS HISTÓRICOS - MILITARES E OUTROS TEMAS »

De autoria do General Raimundo Teles Pinheiro, ilustre intelectual cratense, sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, e sócio efetivo do Instituto do Ceará e de diversas outras associações literárias e científicas do país, está circulando o bem feito livro ESTUDOS HISTÓRICO-MILITARES E OUTROS TEMAS.

Trata-se de obra de máxima importância, para os que desejarem se abeberar em nossos fatos históricos. De valor incomum para os que desejarem fazer pesquisas sobre personagens vários da história Pátria, como Castelo Branco, Floriano, Maria Quitéria, Caxias, Tiradentes, Riachuelo, Barão de Studart, etc. Contem estudos valiosos sobre a família Bezerra de Menezes, discursos de posse no Instituto do Ceará e Instituto Cultural do Cariri e outras colaborações variadas na imprensa, tudo reunido em volume de bonita feição gráfica. Uma contribuição imprescindível à historiografia cearense — essa do General Teles Pinheiro, sempre dedicado às pesquisas de nossos fatos históricos. Registramos, com orgulho, mai essa produção do ilustrado filho do Crato, que honra o Ceará com sua inteligência privilegiada.

sitam da luz nesse aspeto da Justiça Trabalhista, e "O Direito do Trabalho na Constituição Brasileira de 1946", tese de seu recente e brilhante concurso, livro que já se destina á estante dos classicos sobre a Legislação Social. Essa portentosa obra do nosso gratissimo e ilustre visitante teve repercussão universal, merecendo honrosas apreciações das autoridades brasileiras e estrangeiras. São Oliveira Lima, Nereu Ramos, Eduardo Espinola, Levy Carneiro, Waldemar Ferreira, Hermes Lima e Cândido Mota Filho, no Brasil, e Jean Rivero, Georges Vedel, André Rcuast, na França, Lega e Venturi, na Italia, Hernainz Marquez, na Espanha, Tissebaum, na Argentina, Linares e Troncoso, no Chile, Leon y Leon, no Perú, acordes em exaltar o valor do livro brasileiro de Bezerra de Menezes. Honra para os Fluminenses, nesse fluminense.

brasileiro: Presidente e membro de associações religiosas, conferencista, orador em

Intensa tem sido igualmente a atuação de Bezerra de Menezes no meio católico congressos e sessões solene magnas, delegado nacional no Estrangeiro, expoente da alma religiosa do Brasil. Esse é o homem de fé que vemos aqui.

O Senhor Ministro Geraldo Bezerra de Menezes tem sido Juiz e é mestre entre os mestres num ramo do Direito em que encontro eu as mais belas criações do espírito moderno: O Direito do Trabalho, aquele Direito onde se procura, na frase lapidar de Alexandre Marcondes Filho, "sob a luz de um pensamento público de bem comum, a fórmula da composição harmônica das Fôrças do Capital e do Trabalho".

E essa "composição harmônica" tem sido o labor do nosso grande visitante de hoje; a Jurisprudencia trabalhista brasileira está pontilhada dos frutos da inteligencia privilegiada do Ministro Bezerra de Menezes. Por isso convoquei e pedi a presença aqui dos Trabalhadores de Marquês de Valença, para que viessem conhecer esse que tem sido um dos maiores modeladrces dos seus direitos e das suas regalias sociais. Geraldo Bezerra de Menezes, nas alvuras da sua tóga imaculada, é credor do respeito e da estima dos que, no Brasil, trabalham tranquilos sob as franquias e as garantias da Legislação que nos deu a Revolução de 1930."

O COMUNISMO CRÍTICA DOUTRINÁRIA

(5ª EDIÇÃO — 1974)

De GERALDO BEZERRA DE MENEZES

**Opiniões de Reitores de Universidades, nacionais e estrangeiras,
sobre as diversas edições.**

1. Professor ALOYSIO DA COSTA CHAVES, Reitor da Universidade Federal do Pará e atual Governador do Estado:

O livro **O Comunismo — Crítica Doutrinária** revela a extraordinária formação cristã e a alta cultura do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes (Belém, 14.XI.72).

Embora já conhecesse o magnífico ensaio **O Comunismo — Crítica Doutrinária** de edição anterior, não me furtei ao prazer de percorrer novamente os seus capítulos, atraído não só pela lucidez e profundidade com que o seu autor aborda, discute e refurta a teoria de Marx, naquilo que ela tem de vulnerável, como ainda pelo aspecto gráfico do livro que é, por si só, um convite ao leitor. Os meus sinceros parabens irão juntar-se às manifestações de aplauso de uma crítica unânime e consagrada de um exegeta do Direito do Trabalho, doublé de escritor elegante na sua forma e percuciente nos seus conceitos (Belém, 15.VII.74).

2. Professor DOMINGOS GOMES DE LIMA, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte:

É valioso e oportuno o trabalho **O Comunismo — Crítica Doutrinária** do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes (Natal, 13.XI.75).

3. Professor HUMBERTO CARNEIRO DA CUNHA NÓBREGA, Reitor da Universidade Federal da Paraíba:

O excelente e notável trabalho **O Comunismo — Crítica Doutrinária**, de autoria do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes, deveria constituir um permanente breviário de consulta à juventude brasileira, pelo valor intrínseco e méritos altamente cívicos e patrióticos que defende e na orientação e formação moral e consciente do povo, contra o comunismo ateu, totalitário e escravocrata (João Pessoa, 10.I.73).

4. Pe. ARTHUR ALONSO, S. J., ex-Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

Bela contribuição, a do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes, na luta — cada dia mais difícil — de combater o materialismo que nos des cristianiza para depois desumanizar-nos. Saibamos lutar. A causa é a mais nobre: viver à luz da transcendência [Roma, 1.X.75].

5. Pe. LAÉRCIO MOURA, S. J., ex-Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

Precioso volume sobre o comunismo, que muito apreciei. Passei-o ao nosso Padre Brentano, para que também possa ter o prazer de leitura tão agradável.

Li, na 5ª edição, o livro de Geraldo Bezerra de Menezes **O Comunismo — Crítica Doutrinária** e apreciei não só a clareza da exposição, mas sobretudo a coragem de denunciar erros que muitos hoje não têm o desassombro de enfrentar, para não perder popularidade [Roma 16.IX.75].

6. Pe. PEDRO VELLOSO, S. J., Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

Quero felicitar o Dr. Geraldo Bezerra de Menezes por sua mensagem de esclarecimento sobre o comunismo. Clara e completa, a obra fará enorme bem, inclusive a muitos católicos.

7. D. JOSÉ FERNANDES VELOSO, Reitor da Universidade Católica de Petrópolis:

O Comunismo — Crítica Doutrinária, 4ª edição, mantém-se oportuno nestes dias de confusão e indefinição de tantos. Peço a Deus e a Nossa Senhora que o livro — firme e claro — continue a fazer o bem que já fez multiplicando-o [Petrópolis, 19.X.72].

Deus recompense o apostolado de Geraldo Bezerra de Menezes, autor do excelente **O Comunismo — Crítica Doutrinária**. Numa hora em que subretencionalmente os jargões comunistas vão entrando na linguagem comum e assim facilitando contrabandear a ideologia marxista, livros como o seu são uma benção — e uma benção bem recebida, como o ateste a 5ª edição [Petrópolis, 30.III.75].

8. Professor PHILOMENO J. DA COSTA, Reitor da Universidade Mackenzie, SP.:

A relevância do tema da monografia do Ministro Geraldo Bezerra de Menezes **O Comunismo — Crítica Doutrinária** atraiu obviamente a minha atenção. Até onde o fenômeno econômico domina o comportamento humano, debatem os estudiosos. A questão degenerou-se, porque os marxistas de há muito abandonaram a dialética, para ingressarem na religiosidade.

Quasi que a gente diria que eles são teimosos ou obstinados. É o único lado respeitável de um debate com eles. Fora disto, ou melhor, tudo o mais nega a lógica que eles reivindicam. Não se deve negar o debate a respeito. Os democratas pensam assim. Aqueles, ao contrário, impõem a ferro e fogo aquilo que mal disfarçam.

CALENDARIO DAS ATIVIDADES DO CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE - 1978

- JANEIRO** 1º — **ANO NOVO** — Apresentação nas ruas e praças. Visita às residencias. Ternos de Reis.
- 06 — **REIS** — Apresentação dos grupos de reizados nas ruas e principalmente na Praça da Sé.
- FOLIA DE REIS** — Manifestação típica. Grupo em visita á residencias, (estamos emprestando grande incentivo a este tipo de manifestação para que haja o aparecimento de muitos grupos).
- FEVEREIRO** 02 — **FESTA DAS CANDÊIAS** — Grupo dos Irmãos Anicetos. Apresentação numa Residencia, préviamente escolhida. Louvores e hinos á Nossa Senhora das Candêias.
- MARÇO** 19 — **FESTA DE SÃO JOSÉ** — Apresentação de todos os Grupos, durante o novenário, no Bairro do Seminário, e, na procissão.
- 26 — **JUDAS ISCARIOTES** — Apresentação pelas ruas da cidade. Malhação na Avenida do Canal. **Ajuda a Judas.**
- ABRIL** 01 — **DIA DA MENTIRA**
- 29 — Reunião com todos os Chefes de Grupos, para a primeira avaliação das atividades do ano e preparativos para a atuação na Exposição.
- MAIO** 13 — Participação dos Grupos de CABAÇAL na Procissão de N. S. de Fátima.
- 27 — Segunda reunião com todos os Grupos, para preparativos á atuação na Exposição. Apresentação do Calendário e Programação da festa.
- 31 — **DIA DE NOSSA SENHORA** — Participação dos Conjuntos CABAÇAIS na Procissão.
- JUNHO** 01 a 10 — Visita ás cidades da região, para inscrição dos grupos que participam do II FESTIVAL REGIONAL DE FOLCLORE.
- 12 — Participação dos Grupos folclóricos cratenses, nas festas de Santo Antonio em Barbalha.
- 15 — Reunião com todos os dirigentes de QUADRILHAS para o lançamento da Melhor Quadriha da cidade.
- 23 — **FESTA DE SÃO JOÃO** — Concurso de quadrilhas.
- 28 — **FESTA DE SÃO PEDRO** — Encerramento do Concurso de quadrilhas
- JULHO** 17 a 25 — **FESTA DA EXPOSIÇÃO**
- I — Lançamento do Livro de Patativa
- II — Shows, vaquejadas, abóios, concurso de sanfoneiros
- III — VAQUEJADAS
- IV — Apresentação da Quadriha Campeã do São João.
- AGOSTO** 15 a 22 II **FESTIVAL REGIONAL DE FOLCLORE.**

SETEMBRO 1º — **FESTA DE NOSSA SENHORA DA PENHA** — Participação dos grupos, na Procissão.

07 — **DIA DA INDEPENDÊNCIA** — Representação Folclórica na Parada Cívica.

OUTUBRO 04 — **FESTA DE SÃO FRANCISCO** — Participação dos conjuntos de CABAÇAL Homenagens postumas a PEDRO TELES.

NOVEMBRO 30 — Reunião com todos os Grupos para avaliação das atividades do ano e preparativos para as festas de Natal e Ano novo.

DEZEMBRO 23 a 31 **NATAL E ANO NOVO.**

a — Cirandas

b — Lapinhas (incentivo á criação de lapinhas)

c — Pastoris

d — Reis. Folia de Reis.

OBS: Preve-se neste ano, a participação do Grupo dos Irmãos Anicetos nas promoção da FUNART/MEC/CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE.

Ainda: Participação na Feira dos Municípios e Festival Cearense de Folclore.

Eloi Teles de Moraes — Pres. CAF

ETICA

ADVOCACIA e CONTABILIDADE

DR. MAURILO DE OLIVEIRA PEIXOTO

- ◆ Causas Cíveis, Comerciais, Fiscais
- ◆ Escritas Fiscais
- ◆ Projetos

RUA STA LUZIA, 365 - 10. ANDAR - FONE: 511.09.21

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Farmácia Central

O MAIOR SORTIMENTO
EM MEDICAMENTOS
NA CIDADE DO CRATO
PELOS MENORES PREÇOS

Atende a Domicilio Pelo Telefone: 486

Rua Dr. João Pessoa, 316

CRATO — CEARÁ

Discurso do Paraninfo

— Agradeço com profundo desvanecimento a honra com que me distinguiestes, ao elegerdes Paraninfo da vossa turma ao professir amigo que vos fala.

— Vossa escolha muito me envaidece pelo fascínio e pela atração que desperta em mim a mocidade estudantil da minha terra.

— Jamais me afastei das lides escolares, mesmo porque o célere avanço tecnológico, as constantes formulações de novas leis psicossociais, a momentosa mudança estrutural-humana que se processa na Igreja, e a necessidade de atualização — sob pena de sermos marginalizados —, tudo nos conduz aos livros e aos estudantes.

Aos livros, quais fatôres da informática, veículos que nos inserem no panorama vasto e complicado e apaixonante dos dias atuais.

Aos estudantes, porque neles se condensa toda esperança de continuidade dos lídimos padrões sociais, de transfromação sadia — onde e quando necessário —, de melhoria, de justiça, de compreensão e de Paz alicerçada na fraternidade e no Direito.

— Sois o troféu disputado nos tempos em que vivemos. A vossa mocidade constitui o trunfo mais valioso com que se arma o Brasil quando proclama que já não somos o “país do futuro”, porém logramos antecipar o futuro, mercê do imenso e sofrido esforço desta Nação de 90 milhões de habitantes.

— Sois, prezados jovens, o “velocino de ouro” cuja conquista é penhor decisivo da Paz ou da Guerra, da harmonia ou do caos, da edificação de uma Pátria mais brasileira, justa e cristã, ou de um País desolado pelas lutas intestinas, ferido pelo declínio do princípio de autoridade e pela subverção da Ordem e da Legitimidade.

— Concluindo o vosso curso técnico-comercial, permanecestes estudantes se quiserdes acompanhar e viver os problemas e conquistas do mundo moderno, e, sobretudo, tomai consciência de que o presente diploma exige mediteis sobre vossa responsabilidade econômica, vossa responsabilidade política e vossa responsabilidade social.

RESPONSABILIDADE ECONÔMICA .

Ferimos agora o problema que ulcera os responsáveis pelos destinos nacionais.

— Nada existe — nem grandeza nacional, nem direito, nem auto-determinação, nem ordem, nem Paz, nem amor —, nada existe sem economia forte e planejada.

— Até mesmo a liberdade do homem, seus direitos sagrados e invioláveis, pouco ou nada valem quando não se dispõe de uma economia orgânica e equilibrada, bem distribuída, irradiando benesses a todos, na medida da participação e dos valores de cada pessoa.

— Tamanha a importância do fator econômico na construção e na compreensão do mundo — que, em alguns países, se estuda História junto aos Institutos de Economia.

— Infelizmente e não obstante as numerosas Cartas e Tratados — do Atlântico, de Yalta, de Havana, de Petrópolis, de Punta del Este, de Teerã, do Pacífico, de Monroe, e muitos e muitos outros que pretendem garantir a auto determinação das nações vencidas, ou subdesenvolvidas, ou de menor expressão geo-política —, apesar de tudo nenhum Estado de economia pobre dorme tranquilo, ou fala em pé de igualdade com as nações mais fortes, ou pode, alto e bom som, proclamar-se livre, independente e auto determinado.

As grandes nações não compreenderiam tal linguagem, sem o respeitável respaldo de uma economia ascendente e planificada.

— A responsabilidade econômica torna-se imperativa quando se constata que ou vencemos a batalha do desenvolvimento agora, nesta década, ou estaremos irreparavelmente vencidos, não nos cabendo outra solução que não seja a de nos atrelarmos a outros países, comprometendo nossa dignidade, nosso orgulho e nossa soberania.

— Permiti, prezados jovens, que vos acene com uma realidade nova e alentadora, implantada no Brasil pela Revolução de 31 de Março de 1864.

Valho-me para tanto das palavras do Presidente da República, General Emilio Medici, reportadas no livro "NOVA CONSCIÊNCIA DE BRASIL", a páginas 69.

— Diz o Presidente :

"Seis anos depois, estamos recuperando a Marinha Mercante e os portos, ampliando a construção naval, vencendo a guerra dos fretes e levando às conferências internacionais a nossa constante reivindicação de reciprocidade."

Prosegue o Presidente :

Graças à estabilidade interna, ao planejamento econômico, à austeridade da ação administrativa, ao combate aos desperdícios, aos esforços sérios sem sacrifícios desnecessários, à fixação de prioridades, ao estímulo ao privatismo, ao esforço no sentido de maior produtividade, à manutenção dos níveis de salários, de crédito e de tributos consoantes com as exigências de ordem técnica, de eficiência empresarial e de justiça social — restauramos a nossa economia e estamos em condições de acelerar o processo de nosso desenvolvimento econômico."

— Tange a cada um de vós o privilégio de contribuir para a consecução do desenvolvimento econômico do Brasil, desempenhando bem os deveres inerentes á vossa profissão, ligada de maneira estreita à Economia que se pretende implantar nas plagas estremecidas do nosso Brasil.

RESPONSABILIDADE POLÍTICA :

— Deseja o vosso Parainfo oferecer à meditação dos prezados jovens alguns conceitos do Presidente John F. Kenedy sobre este tópico.

São suas palavras :

"A fim de ser uma força positiva para o bem público na política, será necessário termos três coisas: um sólido código moral que governe nossos atos públicos, um amplo conhecimento de nossas instituições e tradições, e um conhecimento específico dos problemas técnicos do governo, e, em último lugar, devemos ter atração política — o dom de conquistar a confiança e o apoio do público."

— Gostaria de vos concitar, prezados jovens, a seguides esta recomendação de um apóstolo da Política-Arte e que por ela se fez mártir e exemplo.

— Soa quase como um anacronismo dizer-se que o político deve ter "um sólido código moral". Mas, se algum dia um dentre vós for atraído pela Política, por favor, lembrai os conceitos de John F. Kenedy, certos de que uma consciência tranquila vale bem o sacrifício de certas renúncias.

— Não é a Política que avilta, mas as atitudes indignas é que lastimavelmente conduzem ao aviltamento do político.

— Espero não me julgueis um "desencantado"; quando muito está o vosso Parainfo "perplexo", ante certo comportamento político.

— Não vos desencoragem minhas palavras, mas vos galvanizem e acendam em vossos corações o desejo de concorrer para uma mudança da mentalidade política às

vezes imperante, presente em vossas inteligências algumas verdades fundamentais: somos brasileiros e latino-americanos, fazemos parte do mundo em desenvolvimento, nossa formação é cristã-ocidental e defendemos os postulados da Liberdade, do direito, e do primado do Homem sobre o Estado.

RESPONSABILIDADE SOCIAL :

Sobre cada um de nós pesa o dever de salvaguardar nossa responsabilidade social, conforme o "status" em que nos situamos.

Da sua observância depende a preservação das nossas instituições, da nossa Religião, das tradições brasileiras, dos usos e costumes sadios do povo,, da Lei, da Constituição e da Democracia.

Basta-nos ser autênticos e agir segundo uma consciência reta dos fatos e dos homens para cumprirmos nossa tarefa de responsabilidade.

Fala-se muito, hoje, em pragmática social. Cuidai, todavia, para que a pragmática não vos induza a crer que uma promoção deva ser ganha ao preço da traição ou do espezinhamento dos direitos alheios.

Tende apenas uma face e o povo vos fará justiça, cedo ou tarde.

— Ouvi as palavras de Hawthorne, transcritas no livro "Mil Dias de Kennedy na Casa Branca", página 105:

"Nenhum homem, por qualquer período considerável, pode usar uma face para si e outra para a multidão, sem finalmente se confundir sobre qual será a verdadeira."

* * * * *

— Não é o Paraninfo que pede a vossa participação no processo de desenvolvimento econômico, político e social para o qual desperta o País.

A nossa consciência de brasileiros é que nos convida a cumprir com nossas responsabilidades, a desempenhar bem as obrigações para com nossa cidade, nosso Estado e nossa Pátria.

— Para esta cruzada cívico-patriótica, convoca-nos o Presidente Emilio Medici, na história alocução proferida em Recife, durante a reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE, nos amargos dias da seca de 70:

"Exijo a contribuição da Nação inteira, a determinação dos governantes, o espírito público, a firmeza de todo chefe. Exijo a austeridade de todos os homens responsáveis, para que não haja indiferença ao sofrimento e à fome.

Exijo que se diga e que se mostre sempre a verdade, por mais que ela nos doa.

"Apelo à mocidade, para que não malbarate sua generosidade e sua energia, buscando objetivo que não levam a nada, mas que se junte aos homens que em verdade estão preparando o Brasil de seu amanhã."

(Pronunciado Escola Técnica de Comércio do Crato — 1973)

Presidente do ICC Lança Livro e Recebe Medalha

No dia 19 de Novembro ultimo, em meio a um INTERCLUBES, promovido pelo Rotary Club do Crato, comemorando os 40 anos de funcionamento da unidade rotária de nossa cidade, o Presidente do ICC — rotariano fundador, Jéfferson de Albuquerque lançou seu livro de poesias "SEMPITERNA ESPERANÇA", com prefácio de J. Lindemberg de Aquino. Teve larga repercussão pela sua singeleza poética. No mesmo dia, recebeu a MEDALHA PAUL HARRIS FELOW, a mais alta comenda rotária, pelos relevantes serviços prestados à causa rotária durante 40 anos. Jornal A Ação, do mesmo dia 19.11.77 publicou o seguinte sueto do rotariano JoJosé Vanderley Landim, sobre o nosso Presidente :

E L E M E R E C E !!!

O Rotary Clube do Crato resolveu incluir, em sua programação de festejos dos 40 anos, a outorga de título de "Sócio Paul Harris" ao companheiro JJéfferson de Albuquerque e Sousa.

Sendo o título de sócio Paul Harris a mais alta comenda desta Instituição Internacional, nenhuma homenagem seria mais justa, pois o nosso companheiro, além de Fundador do Rotary Clube do Crato, muito tem trabalhado pela causa rotária, não só do seu clube mas também do Distrito 450, do qual foi atuante Governador no ano rotário 1940/1941.

O Companheiro Jéfferson, com seus 67 anos bem vividos, tem sido um exemplo para a juventude de como envelhecer mantendo um espírito jovem.

Poeta e escultor, o companheiro Jéfferson tem se revelado um aprimorado artista, credor da admiração de todos os que conhecem a sua obra.

Em sua vida pública ocupou vários postos de significativa importância em nosso Estado, merecendo destaque o de Procurador Geral do Estado, aposentando-se depois de 35 anos como Fiscal do Banco do Brasil.

Atualmente é Presidente do Instituto Cultural do Cariri, cuja gestão vem sendo pontilhada de profícuo trabalho, destacando-se iniciativas como a Biblioteca, o Museu da Imagem e do Som. I Festival Folclórico do Cariri, Clube dos Amigos do Folclore e outros empreendimentos.

Casado com Dona Leticia Figueiredo, teve os seguintes filhos: Diana, Eleonora, Ângela, Jéfferson Júnior, Ronald, Maria Cristina e Antônio José.

Ao companheiro Jéfferson, os nossos mais sinceros parabéns e os nossos votos para que continui um rotariano exemplar e sempre credor da admiração de todos os que fazem o Rotary Clube do Crato !

José Wanderley Landim

Centenário de José Alves de Figueiredo

Apresta-se o Instituto Cultural do Cariri para comemorar, neste ano, o centenário de um dos mais ilustres filhos do Crato, o escritor, poeta e jornalista JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO, conhecido como Zuza Figueiredo ou Zuza da Botica. Foi o Pai do escritor Figueiredo Filho, fundador do ICC e igualmente renomado filho de nossa terra.

DADOS BIOGRÁFICOS

Nascido em 28 de Abril de 1878, Zuza Figueiredo foi filho de Pedro Alves de Lima e D. Ana Alves de Figueiredo, Autentico autodidata, não possuía nenhum diploma, pois mal terminara o curso primário, teve de enfrentar a vida em sua dura realidade. Foi empregado da Farmácia do seu tio, José Antonio de Figueiredo, e pelo seu largo tirocinio administrativo, terminou como proprietário do estabelecimento.

Foi, em largo período, figura de escol da sociedade e das letras do Crato. Exímio charadista, foi colaborador do Almanaque Português e da Imprensa Carioca e de Fortaleza. Vereador à Câmara Municipal. Prefeito Municipal do Crato em 1925 e 1926, quando se inaugurou, aqui, a Estação da RFESA.

Destacou-se em diverssa campanhas memoráveis, como a defesa das nossas reservas florestais. Foi fundador dos jornais SUL DO CEARÁ, CORREIO DO CARIRI e O ARARIPE (em nova fase) Colaborou ativamente em A AÇÃO e GAZETA DO CARIRI.

Casou-se em 25 de Janeiro de 1902 com D. Emilia Viana de Figueiredo e di casal nasceram José Alves de Figueiredo Filho, Anibal Viana de Figueiredo, Mário Viana de Figueiredo (morto em plena mocidade) Lili Figueiredo Aguiar, esposa do dr. Ilkeno Aguiar] e Leticia Figueiredo Albuquerque, esposa do atual Presidente do ICC, Jéfferson Albuquerque. Publicou dois livros — O BEATO JOSÉ LOURENÇO (1935) e ANA MULA-TA (1959).

Faleceu em 25 de Fevereiro de 1961.

ICC Vai Fazer Calendário de Eventos e Pequena História do Crato Para as Escolas

Por deliberação da Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, serão elaborados, para 1978, um Calendário de Eventos Históricos e Culturais, e uma Pequena História do Crato.

O primeiro, será para distribuição local, destinado a realçar e festejar todos os nossos eventos históricos e culturais.

A Pequena História, em linguagem acessível às crianças, será adotada pela rêde municipal de ensino, de acordo com o pedido feito pelo ICC ao Prefeito Ariovaldo Carvalho, e por ele aceito, tendo em vista popularizar, nas novas gerações, o conhecimento dos fatos da formação histórica do Crato. Duas belas iniciativas.

NA ESCOLA VELHA

Dedicado ao
Jornalista Lindemberg de Aquino

Aluno da velha Escola
E nela quero aprender
C que falta na cachola,
Para poder escrever.

Mas por isto ou por aquilo,
Numa linguagem simplista,
Eu posso ter um estilo
De Menestrel jornalista.

Parece disparidade,
Especie de logogrifo
Que faz alguém, na verdade,
Nalgum verso por um grifo.

Às vezes sou moralista,
Profeta falando aos meus,
Numa escola de Deista,
Por invocar sempre Deus.

Muita vez não compreendo
Porque se me torno falho,
E nisso já está se vendo,
É inútil, meu trabalho

Eclético já me pareço,
Embora sem misticismo
E assim, já não mereço,
Um tanto no realismo.

Como cantor Araponga
É o que me pareço ser,
Um terreiro que se alonga
Com um martelo a bater.

Falo nas flores com mel
Que a Natureza produz,
Sem passar de Menestrel
Carente de maior luz.

Poetas bem renomados
Como foi Gonçalves Dias,
Deviam ser copiados
Até mesmo em Elegias.

O triste Augusto dos Anjos
Que se ocupou do seu "EU",
Não consultou os arcanjos
E o peito opresso, morreu!

Uns cantam coisas da vida,
Outros cantam sua dor,
Nunca fazem despedida
Da Escola, do Professor.

Assim, eu sou arremedo
Dum vate que muito andou,
Mas não gostou de segredo
E muita estória contou.

Crato, 3.6.74

J. Caliope

Original Jornal Une e Preserva Solidariedade de Duas Famílias

Circulando o jornal ALIANÇA, em seu número 1, ano um, Edição anual, a cada Dezembro. O primeiro é de Dezembro de 1977.

Seu objetivo é aproximar e unir as famílias Carmo Rocha Dummar. Bem editoriado, traz notícias e mensagens de todos os integrantes da família, seus aniversários, endereços, atividades, preservando, de modo eloquente e invejável, a unidade desses prestigiosos clãs familiares do Ceará. O número 1, uma preciosidade, foi-nos ofertado pelo grande amigo Pinto do Carmo, do Rio, aliás velho colaborador do ICC. Nossos parabéns pela singela e atuante iniciativa.

B. BEZERRA & CIA.

- FERRAGENS
- MIUDEZAS
- MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA

O MAIOR SORTIMENTO, NO RAMO, EM NOSSO COMÉRCIO

BÁRBARA DE ALENCAR, 850

CRATO

—
CEARÁ

Banco Industrial do Ceará S/A

Uma organização genuinamente cariense para servir ao Ceará

Carta Patente - 1.345 - de 17.02.1973 - CGC.MF. 07.450.604/0001-89

Sede: Rua Santa Luzia, 391 - C. Postal 11 - 63.180 - Juazeiro do Norte

Agências: Rua Bárbara de Alencar 836/44 — Crato

Rua Barão do Rio Branco, 905 — Fortaleza

Recebemos contas de água, luz, telefone, INPS, FGTS, etc.

Já funcionando os Carnés de Aluguel e Escolar.

UM BANCO A SEU SERVIÇO

O último dos Cariris

À memória do CEL. FILEMON FERNANDES TELES, o último dos Velhos Caciques da Política cariiriense.

Era uma tarde cinzenta. A natureza parecia chorar. O Astro Rei derramava seus raios crepusculares sobre a Serra do Araripe, numa cascata de luz vermelha, dando a impressão de uma enorme cabeleira de fogo. Por entre as folhas das grandes árvores do sopé da Serra do Araripe uma réstea do ocaso banhava a cabeleira branca de um velho guerreiro, último remanescente da gloriosa tribo dos Cariris.

Sentado numa pedra o velho meditava. Quis arancar um arbusto que estava ao alcance de sua mãe; faltou-lhe a força. No mesmo instante sentiu a realidade; estava próximo a seu fim. Sabia que a ampulheta do tempo havia acertado o passo de sua vida com a vida daquele dia que findava. O fim daquela dia seria o seu próprio fim. Veio-lhe à mente uma vívida recordação da sua mocidade. Aqueles músculos flácidos foram outrora montões de fibras de aço; aqueles braços fracos foram invencíveis no manejo do tacape e do arco; eram o terror dos seus adversários; eram inigualáveis nas caçadas... Lembrou as sucessivas vitórias que o fizeram mo:ubixaba.

Bem próximo, o murmúrio de uma fonte que:ava o silêncio daquela tarde triste, mas o herói estava alheio a tudo; aquela mu:mú:io fo:a u'a música divina que ele sempre adorou, que achava mais sublime que os cânticos de suas vitórias. Agora lhe era indiferente. E uma gota de nostalgia turvou-lhe o espírito. Só então notou que estava só; triste e só. Onde estavam seus irmãos de tribo? Ah! Sim, os caras pálidas, enxotaram-no do seu querido vale. Um relâmpago de ódio ab:asou-lhe a mente. Pensou na sua tribo, pisando, como senhora absoluta, aquelas par:agens ricas de caças, abundantes de frutas, agora, dominadas pelo invasor. Quis amaldiçoar aquelas terras, quis amaldiçoar os usurpadores. Mas, pensou em Tupã o Deus bondoso que criou aquelas fontes, que criou aquelas riquezas e entregou-as aos brancos. Certamente não podia amaldiçoar aquilo que Tupã criou e abençoou. Fez sua última prece: Pediu ao seu Deus que abençoasse eternamente aquele vale maravilhoso e desse aos seus habitantes a mesma felicidade que sempre dese:ou à sua tribo...

Por entre a folhagem, a lua com os olhos oblíquos de quarto minguante, observava os últimos instantes do velho cacique.

A noite foi chegando, e com ela o derradeiro suspiro do herói. E o céu, com seu mando de estrelas amortalhou o último dos Cariris.

ICC Reconhecido de Utilidade Pública Pelo Estado

Nos termos do que dispõe a Lei Estadual 10.044, de Julho de 1976, o Deputado Hermano Teles apresentou à Assembléia Legislativa do Estado projeto de Lei reconhecendo o Instituto Cultural do Cariri de Utilidade Pública. A iniciativa recebeu parecer favorável nas diversas Comissões daquela Casa, sendo o projeto aprovado por unanimidade.

O ICC já é reconhecido de Utilidade Pública desde 1958, por Lei Municipal.

A Diretoria da instituição agradeceu ao Deputado Hermano Teles esse serviço prestado à mesma.

Denizard Macêdo Empossado na Secretaria de Cultura

Em solenidade realizada no dia 13.09.77 foi empossado, em Fortaleza, como Secretário de Cultura do Estado, o nosso eminente conterrâneo, filho do Crato, Prof. José Denizard Macedo de Alcântara. É motivo de muito júbilo para os caririenses, especialmente para o Instituto Cultural do Cariri, a permanência de Denizard Macedo naquele posto, onde põe à prova seu talento e sua cultura. Ao distinto consócio do ICC, nossos parabéns.

TROVAS PREMIADAS

PETRARCA MARANHÃO

É lindo este amor antigo!
Não é mais aquele que era!
Mas eu concordo contigo:
"Onde foi casa é tapera"...

A mulher de antigamente
era o oposto das modernas:
a de outrora abria os braços,
mas a de agora abre as pernas.

Jangada dos verdes mares!
Nas tempestades hediondas,
és mais heróica ao domares
toda a inclemencia das ondas!

Estranhas "glórias católicas"
essas que pregam, que rezam,
usam barbas apostólicas,
mas aos humildes desprezam!

O livro que a gente empresta,
é pomba a voar dos pombais:
Batendo asas numa festa,
diz adeus... não volta mais...

Anda o Capeta espalhando
tanto mal num Globo imundo,
que até fico matutando
se Deus não fugiu do Mundo...

Petrarca Manhão

2 vezes Presidente da Academia
Brasileira de Trova

Deputado Ossian Araripe Tem Reconhecimento do ICC

Não poderíamos deixar de registrar, de modo especial, o reconhecimento do Instituto Cultural do Cariri ao Deputado Ossian de Alencar Araripe, que sempre demonstrou ser grande amigo desta instituição.

Desde quando Prefeito do Crato, jamais deixou de nos ajudar.

Há 12 anos no Parlamento Nacional, nunca nos faltaram as subvenções e auxílios de sua parte. Tem sempre palavras de estímulo ao trabalho que realizamos.

O deputado Ossian Araripe é credor de nosso apreço, amizade e gratidão.

ICC Realizou I Festival Folclórico do Cariri

Constituiu-se, sem dúvida, o ponto alto do ano social de 1977 do Instituto Cultural do Cariri, a realização, em Crato, do PRIMEIRO FESTIVAL FOLCLÓRICO DO CARIRI, patrocinado pelo ICC, e para cuja realização contou-se com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado, EM CETUR e Departamento Municipal de Educação, além da Paróquia de Nossa Senhora da Penha. O CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE coordenou e levou adiante a iniciativa.

Uma vasta publicidade ocorreu antes do Festival, e a imprensa se referiu ao mesmo de maneira elogiosa. Vejamos algumas referências da imprensa:

O P O V O

O Jornal O POVO, de Fortaleza, edição de 10.08.77. publicou :

ABERTURA DIA 15 DO

I FESTIVAL FOLCLÓRICO DO CARIRI: CRATO

O Instituto Cultural do Cariri promoverá de 15 a 22 do corrente o I Festival Folclórico do Cariri, na cidade do Crato, acontecimento que deverá constar, a partir de agora, do calendário de festas populares, da Empresa Cearense de Turismo — Emcetur. O Presidente do Instituto, intelectual Jefferson de Albuquerque e Sousa, visitou ontem O POVO para trazer a notícia fornecendo-nos a programação do festival que será um marcante acontecimento cultural não apenas da região caririense, mas de todo o Estado do Ceará.

P R O G R A M A

A abertura será às 12 horas do próximo dia 15, através de nota oficial do Instituto Cultural do Cariri, em todas as emissoras de Crato, Juazeiro e Barbalha.

Nos dias 16 e 17 serão proferidas palestras nos estabelecimentos de ensino do Crato, envolvendo o folclore de um modo geral particularizando o da região.

A 18 haverá apresentação de grupos folclóricos de Crato, Juazeiro, Barbalha, Caririaçu, Nova Olinda e Varzea Alegre, a partir das 19 h.

No dia 19, às 20 horas, o escritor Claudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, proferirá, no auditório do SESI do Crato, palestra sobre o folclore caririense.

No dia 20, às 19 horas, no SESI, será levada a efeito a apresentação de um conjunto folclórico dos centros comunitários mantidos pela

Prefeitura de Fortaleza, ao lado de númeos de grupos do Cariri.

A 21 ocorrerá às 18 horas a tradicional festa do pau da bandeira, tendo como local a Praça da Sé, seguindo-se um show pirotécnico, além da apresentação em praça pública, de todos os conjuntos folclóricos do Crato.

Finalmente, às 15h30min do dia 22 será inaugurada a Biblioteca de Cordel do Cariri, no Crato, bem como do Museu de Imagem e do Som da região, também naquela cidade. Na oportunidade, o público participante do festival poderá ver uma bem cuidada exposição de xilogravuras do conhecido artesão Valderedo Gonçalves.

O mesmo jornal O POVO, edição do dia 20.08.77 publicava :

PROSEGUE NO CRATO I FESTIVAL DO FOLCLORE

CRATO (Sucursal) Promovido pelo Instituto Cultural do Cariri, Clube do Amigos do Folclore e Paróquia Nossa Senhora da Penha, foi aberto ao meio dia de segunda feira última com palestras e crônicas através das emissoras de rádio da região o «I Festival Folclórico do Cariri», em comemoração ao Dia Nacional do Folclore e à Festa da Padroeira do Crato, cujo encerramento dar-se-á no dia 22 do corrente.

O programa elaborado pela Comissão Organizadora prossegue com muita movimentação, constando de: palestras nas Escolas de 1º e 2º grau de Rede Oficial e Particular; exibição pública dos conjuntos folclóricos do Cariri conferencia do Prof. Claudio Martins, Presidente de Academia Cearense de Letras e do Conselho Estadual de Educação, no auditório do SESI, exibição do conjunto folclórico do Centro Comunitário Presidente Médici, de Fortaleza; desfile e hasteamento da Bandeira da Padroeira com exibição dos conjuntos e show pirotécnico, na Praça da Sé.

No dia 22, data do encerramento, ocorrerá a inauguração do Museu da Imagem e do Som do Cariri, da Biblioteca de Literatura de Cordel, da Exposição de Xilogravuras do artista cratense Walderedo Gonçalves e posse da primeira Diretoria do Clube dos Amigos do Folclore.

O Festival do Folclore do Cariri, passará a ser realizado anualmente devendo ser inserido no Calendário Turístico do Ceará, pela Emcetur. O I Festival recebe o patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado, da Secretaria de Educação e Cultura do Município, da Faculdade de Filosofia, do Rotary Club, da Sociedade de Cultura Artística, Movimento Brasileiro de Alfabetização, Empresa Cearense de Turismo e Prefeituras da região, contando também com a colaboração do Centro Social do SESI.

CONVITE

O convite largamente distribuído pelo ICC estava assim redigido :

O Instituto Cultural do Cariri, o Clube dos Amigos do Folclore e a Paróquia de Nossa Senhora da Penha têm a honra de convidar V. Excia. e Exma. Família para abrilhatarem o «I FESTIVAL FOLCLÓRICO DO CARIRI», em comemoração ao «DIA NACIONAL DO FOLCLORE» e à «FESTA DA PADROEIRA N. S. DA PENHA», que se realizará de 15 a 22 do corrente, nesta Cidade, conforme programa anexo, pelo que antecipam seus agradecimentos.

Crato, 1º de Agosto de 1977

Dr. Jéfferson Albuquerque e Souza
Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Eloi Teles de Moraes
Presidente do Clube dos Amigos do Folclore

Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo
Cura da Sé Catedral

PROGRAMA

- Dia 15 — Abertura com Palestras e Crônicas nas Emissoras do Cariri.
- Dias 16 e 17 — Palestras nas Escolas do 1º e 2º Grau, da Rede Oficial e Particular.
- Dia 18 — 19h 0min — Exibição Pública dos Conjuntos Folclóricos dos Municípios do Cariri, na Praça da Sé.
- Dia 19 — 19h30min — Conferência do Prof. Dr. Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras e do Conselho Estadual de Educação, no auditório do Centro Social do SESI.
- Dia 20 — 19h30min — Exibição do Conjunto Folclórico do SESI de Fortaleza, no auditório do Centro Social do SESI.
- Dia 21 — 18h30min — Desfile e Hasteamento do Mastro da Bandeira da Padroeira, Exibição dos Conjuntos Folclóricos do Município e Show Pirotécnico, na Pça. da Sé.
- Dia 22 — 15 h Inauguração do Museu da Imagem e do Som, da Biblioteca de Literatura de Cordel e da Exposição de Xilogravuras de Walderedo Gonçalves, na sede do Instituto Cultural do Cariri.

REPERCUSSÃO

Depois de realizada toda a programação prevista no conclave, com largo comparecimento popular, o jornal CORREIO DO CEARÁ publicou na edição de 31.08.77 :

I FESTIVAL DO FOLCLORE DO CARIRI ENCERRADO

Uma bonita e movimentada sessão, na sede do Clube dos Amigos do Folclore, no Instituto Cultural do Cariri, encerrou, solenemente, em Crato o primeiro festival regional do folclore do Cariri, realizado em Crato entre os dias 15 e 22 de agosto.

O festival teve promoção e iniciativa do Instituto Cultural do Cariri e patrocínio do clube dos amigos do folclore, Secretaria de Cultura do Estado, Emcetur, Departamento de Educação da Prefeitura, Mobral, Paróquia de N. S. da Penha e Prefeituras da Região, além do SESI.

Abrindo os trabalhos da reunião, o presidente do clube dos amigos do folclore, Eloi Teles de Moraes, convidou para presidir os trabalhos o prefeito Municipal, Ariovaldo Carvalho, e, para ladeá-lo, o Dr. Germano Almeida, Juiz do Trabalho, a sra. Nayléa Monteiro, secretária municipal de Educação, o Dr. José Kleber Callou, presidente do Lions Clube, o jornalista Dorian Sampaio, Edilmar Norões, o Dr. Jéfferson de Albuquerque, presidente do Instituto cultural do Cariri.

Eloi Teles de Moraes procedeu a inauguração da Biblioteca de Literatura de Cordel e inauguração da exposição de xilogravuras de Walderedo Gonçalves, dizendo palavras a respeito desses dois fatos.

O sr. Antonio Helder Viana Camara, gerente da zona postal do Crato, fez o lançamento do selo da ECT, a respeito do folclore.

O jornalista J. Lindemberg de Aquino, com a palavra, a seguir, fez o lançamento do ano, o centenário do maior folclorista do Crato, cego Aderaldo, cujas comemorações irão até junho de 78.

Falou, ainda, enaltecendo as iniciativas folclóricas do Crato, o jornalista Dorian Sampaio. O presidente Jéfferson Albuquerque fez os agradecimentos de praxe a todos os que cooperaram para o êxito do festival do folclore.

Por fim, o Capitão Ariovaldo Carvalho, prefeito municipal do Crato, discursou, enaltecendo as atividades do Instituto Cultural do Cariri e Clube dos Amigos do Folclore, e encerrou a sessão.

Na biblioteca do Instituto Cultural do Cariri ocorreu, depois, um distinto coquetel oferecido pela diretoria daquela entidade, a todos os presentes. Cantadores, poetas, violeiros, entre os quais Patativa do Assaré, Pedro Bandeira, etc., artistas plásticos, todos estiveram presentes.

(J. Lindemberg de Aquino)

TRIBUNA DO CEARÁ do mesmo dia 31.08 publicou o artigo que se segue, de Monsenhor Raimundo Augusto de Araujo :

A AUTENTICIDADE DO FOLCLORE NO CARIRI CEARENSE

Indiscutível é a validade de uma promoção como o I Festival Regional do Folclore que realizou-se no Crato, numa feliz e ensejadora iniciativa do Instituto Cultural do Cariri e o Clube dos Amigos do Folclore !

No Cariri, o exemplo está dado!... Nas apresentações dos grupos provindos de outras Cidades, obviamente sem ufanismos baratos, procura-se hoje aqui, a mais autêntica e inócua forma de representar o amor, a arte popular e a difusão da nossa gente manifestada no símbolo maior de brasilidade! — E o que é o folclore senão isto?

O I Festival Regional de Folclore se constitui numa autêntica festa do povo, uma espécie de confraternização entre a nossa gente simples, matuta e desconfiada — E por que não o folclore antes de todas as artes? — Por que apregoar o desaparecimento do nosso folclore regional, este elo valioso da continuidade tradicional brasileira? Acreditamos, destarte, e o dizemos sem demagogia, ser o Cariri uma das mais ricas regiões do mundo, em folclore. Mas é preciso avivar as reminiscências tardias e adormecidas, minguadas e acanhadas que são por falta de recursos. É preciso avivar sobretudo, a arte do nosso poeta popular!... De que sobrevivem os nossos poetas populares? Que o digam os versos da Patativa do Assaré, autêntica canção das gentes humildes, melodia de uma tristeza sem limites...

Que o Instituto Cultural do Cariri tenha a primazia de realizar o Festival anualmente, de modo que, de ano para ano tende a ganhar, maior amplitude ainda, com benefícios para a própria cultura popular de um certo modo, ainda carente de divulgação. E não entendíamos a realização de um Festival folclórico sem a presença de Patativa do Assaré, apenas para citar um exemplo!...

O nosso folclore vai morrendo e resistindo. Desaparecem as Bandas Cabaçais, os Violeiros e os Reisados. A Literatura de cordel aninhou-se nos braços da dificuldade e dos impecilhos. Foram-se os idealizadores das festas populares, restaram as reminiscências dos folguedos populares. As cidades cresceram e progrediram e as Entidades culturais esqueceram-se de ativar a formação de grupos e outras atividades que objetivassem o estudo do nosso folclore adormecido e inexplorado...

São muitas as definições para esta arte... Só sabemos hoje que a ampla proteção às manifestações da criação popular, dependeria a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira. Nos estabelecimentos de ensino dever-se-iam realizar celebrações que realcem a importância do folclore na formação cultural do País. Que se considere a necessidade da mais ampla proteção compélida hoje mais do que nunca ao esquecimento.

E para definir o folclore, bastaríamos citar daqui o nome de José de Figueiredo Filho, o desbravador incontestado do nosso folclore regional. As cidades que hoje se confraternizam, sintetizam bem o seu pensamento... Foi-se Figueiredo, permanecerão vivas as suas idéias de profundo conhecedor e defensor das belezas da nossa arte da nossa gente simples.

FOLCLORE : A CULTURA DO POVO

OSSIAN LIMA

TRIBUNA DO CEARÁ, edição de 9.07.77, publicou, sob o título acima, o seguinte :

FOLCLORE NO CRATO

O cratense J. Calíope, autor de vários livros (inclusive «Ao por do Sol», de que ele me manda um exemplar) não chega a ser propriamente um poeta popular. No entanto, muitos dos seus poemas, pela temática, pela linguagem utilizada e por vários outros aspectos, mostram-se muito parecidos com as produções dos poetas populares. Assim, J. Calíope não consegue esconder a influência recebida da cultura popular, inclusive — que sabe? — da literatura de cordel. Do seu livro «Ao por do sol» reproduzimos a seguir o poema «Folclore no Crato».

Como se observa, J. Calíope é outro poeta caririense a fazer alusão ao programa «As coisas do meu sertão», apresentado, há vários anos, por Eloi Teles, através da Rádio Araripe do Crato. Na verdade. Elói, um pesquisador dos mais bem intencionados, além de ser poeta, tem se constituído no Cariri um dos grandes defensores do folclore da região, um dos mais ricos do Brasil.

FOLCLORE NO CRATO

Os livros notam folclore
Desde o Estrangeiro ao Brasil;
Desde as eras mais remotas,
Numa linguagem viril.

Mas, o folclore tem graça,
Contado cá no sertão,
Numa rima popular,
No verso, no cantuchão.

Tem razão o locutor
Daquela Rádio Araripe,
Que pede que ele se espalhe
Todo mundo participe.

Aqui no Crato, me gabo,
Não conhece outra terra,
Que se propague o folclore
Da cidade aos pés de serra.

Começou com Zé de Matos
E depois, Cego Aderaldo,
Ou alguns doutra cidade,
Como foi Dantas Quesado.

Já não falo nos poetas
Com mais altas instruções,
Que no folclore sadio
Nos dessem boas lições.

Na Rádio, noto Esmeraldo,
Pedralino e seu Elói;
Sendo este persistente,
Um grande e pujante herói.

Quero saber doutra Rádio
Que o folclore decante,
Da forma que faz Elói
Num programa que garante.

Cheio de graça e talento
Com um caderno na mão,
Os versos são declamados
Com toda pontuação.

Historiadores dos fatos
Dos arquivos do passado,
Pesquisaram suas histórias,
Sem most'ar qualquer enfado.

Mas, não se sentam cedinho,
Na banca duma emissora
Como o dito locutor,
Varrendo verso a vassoura.

Demora no Patativa,
O maior como ele chama,
E de fato, ele merece
Porque na arte se inflama.

Que fale agora, esse mestre
Que vê tudo com amor,
Aquele egrégio poeta,
Que chamam Zé Professor:

Laboratório de Análises Clínicas

CÂNDIDO SANTOS

DIREÇÃO { Técnica: Dra. Maria Bernadete Cândido dos Santos - CRF 34B
Administrativa: Antonio Augusto Lima Santos

RUA DR. MIGUEL LIMA VERDE, 550

FONE: 481

CRATO

—

CEARÁ

Sociologia do Caminhão - I

O transporte foi e continua sendo um elemento importantíssimo na economia dos povos, em todas as épocas da história. A visão puramente material vê no transporte a mera mudança de coisas de um para outro local. O sociólogo, filósofo, o economista vê muito diferente ou melhor, vê mais longe com maior visão. Na verdade é um assunto complexo: a carga, o tempo e o espaço a percorrer, a força utilizada, o meio de transporte, a rentabilidade deste ou daquele meio de transporte. O caminhão é hoje um autêntico meio de transporte, fator econômico, ligação de populações, circulação de mercadorias e capitais. Vivendo no Nordeste compreende-se melhor a importância do caminhão como fator econômico, e hoje o mesmo fato se repete, dando lugar de destaque ao caminhão. Para fazer justiça devemos dizer que vivemos (época do caminhão). De Norte a Sul, de Leste a Oeste, dia a dia, noite e noite, em todas as horas o caminhão leva sangue novo as populações.

A vida brasileira recebe substancial influência do caminhão. Nasceu um linguajar diferente, através dos motoristas em diálogos constantes louvam-se de uma gíria toda autêntica; formou-se um tipo diferente, diminuíram-se as distâncias, cresceram riquezas, surgiram cidades, criam-se mitos, superstições, enriqueceu o nosso folclore. Em suma, o caminhão deve ser considerado no Brasil, como elemento civilizador. Todos os governos deram atenção aos transportes e hoje de modo especial, o governo revolucionário tem verdadeira preocupação com os meios de transportes, e as rodovias asfaltadas já cobrem grande parte do território nacional, em todas as direcções.

Um aspecto muitíssimo interessante é sem dúvida é o que chamariamos de «Sociologia do Caminhão», cujas lições rápidas e interessantes todos podem aprender lendo os disticos, legendas, frases, que com muita graça, malícia e sabedoria vemos nos pára-choques dos caminhões. O caminhão-mixto; o de feira; de caminhão de carga; ou interessantes «Pau de Arara», levando a todos os recantos do território nacional os migrantes por força de condições climatéricas buscam sobreviver em outras terras. O caminhão é portador de missões expressivas, de uma sociologia interessante e atraente, em resumo: Uma viva forma de cultura brasileira.

AS LEGENDAS E DISTICOS

Vejamos as mais interessantes legendas em sua alta filosofia ou lições atraentes e fáceis de sociologia. Os carros novos trazem disticos que indicam certa vaidade: «Invencível», «Vencedor», «Sou o pai», «Vou ali e volto já», «Comigo ninguém pode», «Terror das Serras», «Lobo do Mar», «Senhor da Floresta», é claro que há muitos outros, mas aqui já temos a idéia da lição de confiança e segurança que dá um caminhão

novo capaz de fazer o que os outros não podem fazê-lo. Quando o veículo já está ficando velho estragado, então a arrogância dá lugar à humildade, aparecem as legendas que significam oração, «Fé em Deus», «Humildade e Resignação», e'c. Grande número traz legendas como esta: «Deus Guia e eu dirijo», «Vou com Deus», «Hei de Vencer», «Com Deus vou e volto», «Fé em Deus e pé na taboa».

SOCIOLOGIA DO CAMINHÃO — II

Dando seguimento a esta desprezenciosa pesquisa, e fazendo um rápido estudo da história econômica do Brasil, vemos como, durante os quatro ciclos econômicos, o transporte foi elemento vital no desenvolvimento brasileiro.

No Rio de Janeiro tive a feliz oportunidade de visitar a fábrica de motores (General Motors) quando me despertou o desejo de saber, por intermedio de um jovem engenheiro, o número aproximadamente de peças que compõem um caminhão; sua informação foi bastante valiosa afirmando que, desde o simples parafuso até às mais complicadas peças, para ser fabricado o caminhão necessita cerca de 5.500 peças. Conforme, a finalidade a que se destina, pode o caminhão variar de classificação: caminhão-tanque, caminhão-mis'õ, de feira, pau-de-arara. etc. Deixo de citar o ônibus, que é o caminhão para o transporte de passageiros. Bastante curioso é o «misto»: conduz carga e passageiros ao mesmo tempo. O caminhão-de-feira leva os feirantes e os traz de volta das feiras. O caminhão é sempre um sinal de progresso e facilita a vida das comunidades, onde não é possível outra maneira de transporte. Conforme as necessidades, o homem faz adaptação ao local e à possibilidade do trabalho.

O caminhão exerce hoje uma função civilizadora e democrática, refiro-me às bibliotecas volantes e à substituição do antigo palanque ou tablado, para comícios políticos de emergencia nos pequenos povoados. O caminhão do povo, o caminhão da democracia, o caminhão da esperança. A riqueza do caminhão sofre o impacto da arte. Théo Brandão, por exemplo, coligiu esta cantiga de aboio:

«Há quatro coisas no mundo
Que faz o homem fagueiro
Saúde ,mulher bonita,
Caminhão novo e dinheiro».

Uma cantiga já bastante antiga corria por toda parte, que vale citar:

«Chofé é beleza do mundo
Tem perfume da rosa no pé,
Chofé em sua direção
Entra no coração de qualquer mué».

«Os carros Buik de agora
São grande e só fazem confusão
Eu fico entusiasmada
Quando vejo chofé na sua direção».

As migrações nordestinas são de tal monta que podem ser consideradas as maiores do continente americano e delas fazem parte integrante todos os caminhões do Nordeste. O chamado «pau-de-arara» tem uma atuação impressionante na demanda do nordestino em busca de melhores dias no Sul. As migrações acontecem em todas as épocas do ano, as secas são unicamente fator emocional, quando na realidade o que motiva mesmo as migrações é a situação financeira precária e insustentável. Não negamos, é claro, causas políticas, religiosas e psicológicas.

Luiz Gonzaga, o festejado compositor e sanfoneiro do «Riacho da Brigida», diz, em um dos seus baiões que a sorte do nordestino é ser escravo no Norte ou no Sul.

Sobre a retirada e mobilidade do nordestino, afirmou com muita razão Gonçalves Fernandes: «A mobilidade dos filhos do Norte e Nordeste é horizontal, pois como a única solução para sua situação-problema, dentro da sua cultura e dos papéis que representa como pessoa, dos padrões restritivos do super-ego coletivo da comunidade toma-se inevitável».

Portanto, o problema da mobilidade não está ligado simplesmente à estígia em si, mas a uma serie de outros fatores ponderáveis.

SOCIOLOGIA DO CAMINHÃO — III

Atendendo a solicitação de um assíduo leitor do «O Povo», donde teria vindo o nome de «pau-de-arara» dado ao caminhão. Lilde Maranhão dá estas explicações: (a) arara, no sertão, significa a pessoa tola e os retirantes eram assim considerados; b) a adaptação do caminhão lembra a engenhagem feita para araras e papagaios nos solares nordestinos; c) ainda levando em conta o gradil do caminhão, a que os retirantes se agarram, assemelham-se eles às araras agarradas aos paus.

Sob o ponto de vista econômico, o caminhão é um problema: O custo, a conservação, o temor da inversão de capital, o possível desastre, as mortes, o perigo dos saques. Apesar de tudo, não falta quem se atreva a explorar o ramo. Ainda bem, pois o caminhão traz dos grandes centros o abastecimento necessário às populações. Sem o caminhão o Brasil estacionaria fatalmente. Basta lembrar o que aconteceu na última guerra mundial, quando tudo era transportado pelo caminhão. Sentiu-se a necessidade e urgência em ligar o Nordeste ao Sul do Brasil: daí a importância incalculável da Rio-Bahia. Entre 1940 e 1945, os donos de caminhão ganharam tanto quanto quiseram fazendo que muitos se sentissem atraídos pela nova forma de atividade comercial. Enquan-

to o pequeno e o médio agricultor ia, a cada dia, afundando-se, o dono de caminhão aumentava seus haveres.

Passada a fase de bonança imprevista, o caminhão passou a preocupar financeiramente. A operação de um caminhão é sempre fonte de eterna preocupação: o preço das peças, a gasolina, o custo dos pneus etc; tudo é caro e, note-se ainda, conforme a estrada, há mais ou menos despesa em pneus. Por exemplo, em estrada asfaltada um pneu pode rodar até 38 mil quilômetros, ao passo que na silico-argilosa só consegue fazer 22 mil, em acordo com a informação prestada pelo excelente profissional do volante José Vital.

Apesar de tudo, o caminhão continua vencendo obstáculos e dificuldades. As grandes empresas atestam o prestígio do caminhão e a experiência tem mostrado que é melhor alugar caminhão que possuí-lo (isso para as empresas). O serviço, desta forma, é feito com mais regularidade porque o dono zela e cuida melhor do seu carro que do alheio. O dono procura evitar os desastres porque sabe quanto custa um caminhão e quais as consequências de um desastre. Foi verificado com cuidado o percentual de desastres e chegou-se à conclusão de que 2 por cento dos desastres acontece sem que seu fator principal tenha sido uma falha conjunta do meio-máquina-homem. Foi verificado, também, que 80 por cento dos desastres são devidos a falhas humanas: imprudência, negligência, excessos de bebidas alcoólicas. O Papa Pio XII alertou os motoristas no tocante à vida própria e à dos outros. Necessário se faz pensar nos prejuízos que não podem ser recuperados, além dos que podem sê-lo. Seria bom, vamos dizer, uma educação econômica para o motorista, a fim de que não se torne o problema econômico do caminhão mais grave do que é em si mesmo.

SOCIOLOGIA DO CAMINHÃO — IV

Através da presente crônica, focalizamos hoje a sequência no tocante às estradas. Como afirmamos anteriormente, de alguns anos para cá as coisas se modificaram. Viajando de Fortaleza a São Paulo e Rio de Janeiro, quase três mil quilômetros, hoje, a coisa é muito diferente. Viaja-se por estradas asfaltadas por este Brasil de dimensões continentais. Revendo a história, podemos constatar que os romanos viram essa realidade bem cedo e rasgaram estradas na península e ao longo de todas as regiões conquistadas e, de tal modo lhe ressaltaram o valor, ao ponto de as chamarem de «via», «vita», sinônimos de vida. Como afirmou um entendido no assunto, a prosperidade depende inteiramente dos meios de comunicação para o interior. Pio XII, falando aos rodoviários do mundo, afirmou: «Fazer estradas é dar escoamento econômico, é propiciar benefícios à medicina, à higiene, à educação, à religião».

Carlos Magno tomou medidas em favor da rota dos francos e Henrique IV olhou com benevolência para as chamadas veias da Nação. Voltamos a reafirmar que o Brasil pode orgulhar-se das vias que pos-

sui: Anhanguera, Anchieta, Castelo Branco, Fernão Dias, Dutra. Utimamente inaugurou-se a via dos Imigrantes, descentralizando-se, assim o tráfego e permitindo um escoamento da estrada São Paulo-Santos, que, nos fins-de-semana, permitia um engarrafamento dos veículos que percorriam este caminho.

Não menos importante é a Rio-Bahia, BR-116, cuja movimentação só vista pode ser acreditada.

O decreto-lei Nº 8.463 criou o Fundo Rodoviário Nacional, incrementou as rodovias nacionais com a participação do DNER, Estados e Municípios. Até poucos anos, possuíamos 8 mil quilômetros de estradas pavimentadas, número, hoje, sem dúvida muitíssimo maior.

De tudo isso concluímos o lado social da estrada: conforto, saúde, higiene, comunicação, intercâmbio, civilização, integração nacional e internacional. Um café, uma bomba de gasolina, um hotel, pequeno comércio, depois... uma cidade, e o grande artífice de tudo foi o caminhão-bandeirante da nova civilização.

O motorista, geralmente, tem boa saúde, vive uma vida alegre, trazendo consigo sempre um sorriso nos lábios. A maneira e o comportamento habitual entre ambos no tocante ao tratamento pessoal é bastante incomum, torna-se difícil identificar-se o motorista pelo seu verdadeiro nome, tendo em vista o uso da alcunha (apelido). Os apelidos são imaginosos, originais dando um sentido humorístico muito gozado. Vejamos alguns que são do nosso conhecimento: José Vital — Zé Garbrito; Francisco Alexandre — Maria Bonita; Francisco Viana — Chico Dengoso; Manoel Oliveira — Pavão; José Pedro — Boneca; Luis Silva — Ligação; José Honorato — Zé Ferro Velho; José Gomes — Morcego; José Luis — Zé de Loura.

Quando acontece o encontro desses profissionais do guidom, as pessoas presentes gozam de momentos bastante agradáveis, pela linguagem usada por eles, usando termos da gíria popular, de difícil interpretação.

SOCIOLOGIA DO CAMINHÃO — V

Voltamos a descrever o assunto fazendo um resumo histórico deste herói anônimo que é o motorista construtor da civilização.

O nosso herói tem de ser um tipo essencialmente ativo, viaja de dia, de noite, sua preocupação é chegar ao ponto do destino, faça sol ou chuva, frio ou calor, nada impede sua marcha na procura de conquistar a meta de chegada, quase sempre muito distante.

Tantas qualidades se requer do motorista de caminhão que muitos tentam e depois de algumas experiências, desistem.

Motorista de caminhão, mesmo sem saber, ele é um verdadeiro pioneiro de uma época e de uma civilização.

Ligado ao caminhão, torna-se dele um amigo, gosta dele, sente por ele, cuida dele, zela por ele, tudo faz para não estragá-lo, com raríssimas excessões, aparece no meio profissional um que desmerece este conceito.

Outra grande qualidade do nosso herói é o espírito de renúncia, de sacrifício, de abnegação.

Casado ou solteiro, nada o impede de viajar, muito, sempre, em todas as horas, para todas as direções.

Sua paixão pelo trabalho é muitas vezes mais forte que o amor à esposa, aos filhos, ao lar, à terra, aos seus parentes, aos amigos.

Por uma buzina autêntica, dá excessivo valor, para utilizá-la, como meio de comunicação.

Vida tão difícil e involvente não tira a compreensão do motorista, ele quer que o filho frequente a escola, aprenda, pensa no futuro para não ter uma vida tão dura e difícil como a sua.

Isto porém não o impede de continuar amando o caminhão, aqui em For'aleza, temos diversos casos de profissionais do volante que, enfrentando dificuldades mil, formaram seus filhos em determinadas atividades liberais, médicos, bacharéis, militares, etc.

O próprio contato com outra gente fazem-lhe compreender a urgência e necessidade da instrução e daí a razão de querer um filho tanto quanto possível «aprendido», para pensar em um futuro e, pelo menos, ser proprietário de um caminhão e não ficar, eternamente, à serviço dos outros.

Exerce o motorista de caminhão, e isto é muito importante nos al'os serções, à função social de sanitarista, todos os remédios de urgência, ou não, trazem em todas as viagens e quando em caso de urgência, na falta de uma ambulância, transformam o pesado veículo em macia cama de colchões, capaz de conduzir o enfermo para outra parte, em busca de tratamento e saúde.

Coopera também o motorista de caminhão no combate ao cangaço, ao banditismo, quantas e quantas vezes somente é possível dar combate aos marginais servindo-se de um caminhão.

A volante da Força Policial tem sempre a facilidade de viajar em caminhão pois sem luxo e exigências é um meio de transporte sempre preparado para viajar.

Não seria razoável terminar este assunto sem frizar a grande, bela, constante e admirável solidariedade existente entre os motoristas.

Na hora da necessidade tudo é feito com interesse, dedicação, esforço, sacrifício e até passando uma esponja nos mal entendimentos passados, para prestar socorro ao colega quando ele precisa, quando é hostilizado, agredido por pessoa de classe diferente.

Belo exemplo que jamais será elogiado suficientemente.

Um fato deveras muito importante é, via de regra, bastante comum, se encontra um motorista de caminhão que seja possuidor de razoável instrução, o seu grau de conhecimento nesse tocante é, em geral, de baixo nível, vem sempre das classes pobres e ainda devemos notar que alguns de certas regiões empregam uma pronúncia pouco correta e às vezes, totalmente errada.

Ariano Suassuna, apresenta a figura do motorista de caminhão com certa graça e verdade:

«Guio um caminhão de carga
Essa é minha profissão;
Sosinho pelas estradas,
No sol ou na escuridão,
Comendo o vento da noite
E a poeira do sertão.»

O motorista de caminhão, vive quase sempre sorridente e seu estado sentimental é esteriorizado através das legendas gravadas nos parachoques, retratando o seu estado espiritual. Vejamos disticos: «Se esse mundo fosse bom o dono morava nele», «Devagar se vai ao longe», «O teu sorriso me mata», «Nunca é tarde para amar», «Sem amor não se vive», «Dez peneus cheios e um coração vazio», «Diga, morena, meu amor chegou», «Adão foi feliz porque não tinha sogra», «Nas longas estradas moro e às vezes choro», «Mulher feia e urubu comigo é na pedrada», «Cerveja, só gelada — mulher, só quente», «Amor só de mãe», «Mulher e parafuso comigo é no arrôcho», «Em mulher e freio de carro não se deve confiar», «Vitamina de chofer é poeira e mulher», «A morte me namora mas eu amo a vida».

Há legendas e disticos que denotam sentido político muito interessante: «Pela estrada se conhece o Prefeito».

O cinema oferece também alguns temas sociológicos nos motoristas de caminhão: «Paixão selvagem»,

Grafia e Significado de Itahytera

José dos Anjos Dias

O aborígine concorreu para o enriquecimento de nosso idioma, com o tupi-guarani. Língua que alguns vocábulos sofreram alteração morfológica, porém, o sentido que tem o cunho da origem.

Vou mostrar em rápidas palavras o que citei acima. O nome de Araribóia era expresso assim: Y ARA YG BOY. Sofreu transformação, caparam-lhe letras e acrescentaram um a no fim. Tradução: — «COBRA D'ÁGUA DA SENHORA DAS ÁGUAS». Y (água), ARA (senhora), YG (água), BOY (cobra).

Aquele guerreiro que prestou serviços à causa nacional, comandando seus índios valorosos, a fim de expulsar os intrusos que queriam apoderar-se do nosso solo de maneira ilícita, deixando as gerações brasileiras vindouras deserdadas, teve um fim trágico.

A nossa vida é cheia de imprevistos, apesar de Araribóia ter tido fama de «Cobra D'água», morreu afogado no naufrágio de sua piroga no «Fundão», na Baía de Guanabara.

O termo ITAYTERA, que encima o título da revista de igual nome, está sendo grafado sem h acompanhado de y, é composto por três palavras: ITA Y TERA.

Fazendo-se a junção daquelas palavras, temos que observar a regra para grafar os vocábulos indígenas de modo íntegro, que estabelece o seguinte: — «Se o som de i tônico não é articulado por uma consoante, então y é acompanhado de um h». Exemplo: Itahy, Piauhy, Cajuhy, Itajahy, Enxuhy, Parahyba, Parnahyba, I t a y t e r a, e'c.

Assunto que levei ao conhecimento do saudoso Professor Figueiredo Filho, que era o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, que edita a conceituada revista Itahytera.

Prometera-me que iria corrigir e observar o significado, que traduz com segurança o sentido que o vocábulo Itahytera encerra. Nesse ínterim, trocou a Terra pelo céu onde foi morar, deixando-nos imorredoura saudade. Ele não morreu, porque a vida terrena é apenas um estágio da vida eterna.

Vejam agora o que significa ITA Y TERA: Ita (pedra), Y (água), TERA (lagartixa). ÁGUA QUE JORRA DA PEDRA DAS LAGARTIXAS. E não, «Água que jorra entre pedras», oposto ao autêntico sentido.

Peço vênha à emérita Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, para apresentar-lhe uma sugestão respeitosa, deste admirador da cultura e paupérrimo dela, para pôr o h no citado vocábulo em cumprimento ao que determina a regra e conservá-lo como título que, traduz o sentido que os componentes da nação K i r i r y derem ao manancial da pedra do Bata-teira

Nossos antepassados silvícolas, apesar de rústicos em relação a nós civilizados, souberam dar nomes interessantes às aves, árvores, peixes, Sol e Lua, rios e demais acidentes geográficos, até mesmo ao piolho (mucu). Até então, conservamos as designações deixadas por eles.

Os portugueses que vieram colonizar o Brasil, chamavam a língua dos nativos de bárbara. Houve ordem oriunda do reino português, para substituir os nomes indígenas dos lugares por outros da língua portuguesa.

O que deveriam observar não realizaram: o devido respeito à virgindade das índias e tratamento condigno ao gentio, davam-no de modo condenável.

Os índios, em retribuição ao que recebiam dos lusitanos, passaram a retribuir dente e olho por olho.

Gostaria de ir mais além, a fim de dissipar enganos cometidos por alguns letrados, com referência ao Y e o sufixo hy nos vocábulos indígenas.

O Y no corpo dos vocábulos indígenas, nem sempre indica água, como muitas pessoas o tomam nese sentido.

A regra orientadora para grafar as palavras indígenas, num de seus artigos manda substituir o i por y, nas sílabas das palavras onde formam ditongo

Vejamos tayuyá ou taiuíá e outras congêneres, por possuírem dois y não indicam água. Aquele termo prende-se a uma planta medicinal, que os índios empregavam-na para curar as suas mazelas.

O sufixo hy, vou deixar para outro trabalho, que pretendo publicar no próximo número de Itahytera, a fim de clarear algo sobre o referido sufixo, que o sentido que ele tem foi deturpado com o correr do tempo.

PEDRO BANDEIRA, Amigo e Cooperador do ICC

Não podemos deixar de fazer, na presente edição, um registro que consideramos justo: o apoio que a nossa instituição sempre tem recebido do poeta e cantor PEDRO BANDEIRA, eleito, merecidamente, Príncipe dos Poetas e Cantadores Populares do Nordeste.

Pedro Bandeira, cuja obra vem de ser editada, em livro-reportagem, pela Imprensa Oficial do Ceará, sempre se revelou solícito e vontadeoso para com o ICC. Sempre compareceu a todos os atos que o temos convidado. Apoiou em toda a linha o 1º Festival de Folclore por nós realizado, recebendo, em seu programa, no auditório Pedro Bandeira, em Juazeiro, o Presidente do ICC, Jéfferson de Albuquerque e o ex-Presidente J. Lindemberg, aos quais entrevistou. Divulgou pelos seus programas, o nosso Festival. A ele se incorporou, compareceu e abrilhantou.

Realiza, com êxito, e com o apoio do ICC, o Festival de Violeiros. Realizou, dia 21 de Junho, a Noite da Sanfona, com valiosos prêmios.

Temos recebido dele o jornal A VOZ DO FOLCLORE, a quem desejamos muito êxito.

Ao amigo Pedro Bandeira, nosso sincero abraço de felicitações pelo crescente êxito de suas atividades artísticas e folclóricas.

O Crato antigo, eu e a minha noiva

EVOCANDO O PASSADO, ESTOU A REVIVÊ-LO. A RECORDAÇÃO JUBILOSA OU DOLORIDA DE DUAS ETAPAS.

1930 FOI O ANO DA GRAÇA QUE DEIXOU O ESTIGMA INDELELÍVEL E INDESTRUTÍVEL DA MINHA MOCIDADE, ATÉ O DIA DE HOJE: em dez de janeiro pisava o solo cratense, com inusitada euforia, ao meio dia, tendo repousado, e à noite saí à convite para uma festa.

No íntimo sentia-me feliz em todo o percurso da primeira viagem que efetuei em caráter de responsabilidade, agitando-me o pensamento, mergulhando no meu passado, nos estudos incompletos, diurnos e noturnos; humanidades — iniciado — contabilidade — perto do fim — e agora ausentava-me para a realidade manifesta da vida prática, estribado em conhecimentos incompletos de administração de Empresa, a única compatível com o que se me apresentava tão flagrante.

Como fundamental somente havia a prática de balcão, o conhecimento aprimorado de tecidos de todas as procedências, inclusive linhos irlandêzes e as perfumarias importadas da França. Nesse caminho estava razoavelmente preparado como vendedor credenciado desses produtos, além do necessário grau de probidade que requeria a consideração da chefia de grande firma comercial, na indicação de minha pessoa para gerente da Filial do Crato. A responsabilidade integral do cargo que ocuparia após Balanço, como interino, consultei o futuro e descortino um panorama severo e sem grandes esperanças. Se a gerencia fôsse em caráter definitivo, haveria a probabilidade de amealhar a porcentagem de interessado nos lucros, e então dilatar-se-iam novos horizontes.

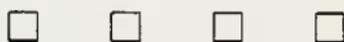
Em companhia do meu particular amigo Abrahão Romcy, gerente definitivo da aludida Filial, apresentei-me no BAR IDEAL, do finado Deodoro Gomes de Matos, tendo sido apresentado na festa, à senhorita Evangelina Gonçalves, que se acompanhava do seu pai Cel. Evangelista Gonçalves a quem também cumprimentei.

Não pude esconder o primeiro sentimento de afeição e simpatia por criatura tão meiga e delicada, e de fina sensibilidade. Com sua distinta educação, seguiu-se animada palestra e saímos dançando. Esbelta e elegante, fisicamente bem proporcionada, um pé de ouro no salão, a bela e atraente moça cratense, seduziu-me com seus encantos e fomas par constante, não obstante seu natural recato e o realce dos sentimentos nobres que ressaltavam desde a apresentação. AMOR À PRIMEIRA VISTA nos envolveu.

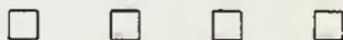
No ano seguinte estávamos noivos. Almoço íntimo em família e à noite do dia sete de setembro nos foi oferecido um baile pela sociedade, na União Artística Beneficente, gozando de muito conceito no meio e o pai da minha noiva dispensando-me grandes considerações. Na poli-

PETROBRITA

ANTONIO PRIMO DE BRITO & CIA.



Fabricação de brita para construção, em 4 tamanhos
Completamente industrializada
Qualquer quantidade para pronta entrega



Rodovia CE — 55, Km 12 — Sítio Juá

CRATO

—

CEARÁ

tica, chefe tavorista. Eu, primo em terceiro grau do Dr. Fernandes Távora, sentia-me feliz e exultava em incontida satisfação, imbuído e integrado nas minhas responsabilidades.

Relembro aqueles tempos com saudade da intimidade dos amigos com quem privei: Juvenal Pinheiro (Iôião), Inácio Cortês, Candido Monteiro, José Eurico, Coroneis Luiz Teixeira, Antonio Fernandes Lopes, Nelson Ancar, Antonio Luiz Alves Pequeno, Dr. Álvaro Garrido, (meu companheiro no bilhar) o íntimo Dr. Limaverde; Dr. Elísio Figueirêdo, Dr. Antonio Teles, Dr. Raimundo Norões, Dr. Irineu Pinheiro, Dr. Teles, (médico) Antonio Albuquerque Zezinho e Plínio Cavalcante. Moisés Moisés e Julio Teixeira, Luizinho e Pedro Teixeira, Leví Bezerra, José Teixeira e outros, que me ficaram na memória e no coração, mais ligados que estiveram a mim, no curto espaço de quatro anos. E todos já muito distantes «dormindo profundamente», à todos admirei, recordando o Crato antigo.

Vinculado ao meu pensamento, e à cidade do Crato, erguia-se alto-neiro o chapadão araripense bem nivelado e arqueado ao redor do município, como num abraço perpétuo de íntimo amigo, afagando-lhe a face cariciosamente com sua brisa pura, fresca e suave. Eu sentia saudade deste panorama da montanha, curvada continuamente sobre o Crato, como a cumprimentar a cidade eternamente e derramando equilibradamente os seus ventos frêscos, sem agitações e sem turbilhão.

Como uma palma tridentada e revelando perfeita urdidura geológica, morfogênicamente interessante, a Serra do Araripe oferece um cenário caracteristicamente próprio, observada de longe pelos viandantes mesmo descuidados, encantados e atraídos pela visão estoteante e deslumbradora das linhas geomêtricamente caprichosas, do horizonte em metafórfica, esboçando uma Tela Panorâmica que denota uma região privilegiada pela natureza, e, sendo seu conhecido íntimo, respirando há tempos o ar puro e invariável — sente saudade. Comparada à Ibiapaba como primeiro espécimen dessa esplêndida chapada imitando cordilheira; ostentando um plano alongado e retilíneo, pouco sinuoso e menos íntimo ao visitante. — O Araripe aconhega mais, como se desse abraço, tocasse levemente na pá do viajante, quebrando-lhe o desdém e oferecendo-lhe um mais forte aperto de mão, que, na despedida deixasse comovedora saudade!... Eis o que se sente, da TELA.

— Em poder de Evangelina Gonçalves, existe uma outra que meu saudoso amigo Dr. Miguel Limaverde «batisou-a» com o mesmo nome: A TELA. É uma fotografia na qual a minha antiga noiva — hoje minha esposa — está colocada no centro de suas boas e sinceras amigas daquele tempo, todas felizmente ainda vivas, após mais de quatro décadas. Evangelina, inspirada pelas suas sinceras amigas, em todas as fotografias, colocava-se sempre no centro, como se possuísse em grau supremo, evidente superioridade, ou força moral sobre as demais. Realmente, a beleza do seu espírito, com gestos e maneiras aristocráticas, muito gostoso, impressionava na sua habitual elegância, em seus nobres sentimentos, sendo alvo das mais íntimas afeições, dado igualmente possuir a beleza da simplicidade — auréola de congénitas virtudes.

Essa TELA humana, era constituída pelas distintas senhoritas da

sociedade cratense àquela época, em ordem de posição: Adelina Paiva, Neusa Melo, Adelide da Rocha, EVANGELINA GONÇALVES, (no centro) Acy Felício e Carmélia Melo. Todas essas beldades eram amigas íntimas, trajavam elegantes e ricos vestidos, esmeravam-se naturalmente na idealidade sutil e misteriosa de uma vida simples e alegre, reservada na Terra às delicadezas do sistema nervoso da mulher e de acordo com o ambiente religioso que perfuma a cidade e a educação que receberam, punham em destaque a harmonia e o entendimento existente entre essas moças que formaram o grupo mais autêntico e íntimo que se projetou em todo o Ceará, inclusive a capital, onde não conheci igual.

Quem teve o prazer de aproximar-se dessas constelações, verdadeiras e rutilantes pérolas que aformoseavam e resplandeciam, enchendo de luzes a Cidade Luz, sentiu no íntimo uma esperança dentro do coração, e eu, que amei exatamente a que se situava NO CENTRO, esse AMOR fixou-se tão profundo no coração, que após quatro décadas continuava intacto. Era como o melhor perfume do mundo elaborado na França e fixado com o âmbar do mar, que hoje não mais existe, e é a razão da geração atual estar perpléxa com o nosso enlace, após quarenta anos de renúncias e sacrifícios, de espera, registrando-se o maior ROMANCE que abalou o Ceará, em todos os tempos!

Da família de minha noiva, hoje minha adorada esposa, venero a memória do Snr. Evangelista, meu sôgro; José Gonçalves Sobrinho, meu cunhado; major José Gonçalves, tio; todos aqui lembrados, desfiliam entre nuvens de saudade, refletindo a imagem de um Tempo de coerência, harmonia, sem mistificação, vivendo da espontaneidade, com a feição exata da natureza — rostos serenos, amados e perdidos.

Dessas figuras do passado de Crato, todos os vivos lembram com orgulho, seus feitos heróicos, suas virtudes, que o anônimo fedígravo e apático tenta esquecer, mas resplendem na história da cidade pelas suas culturas, suas luzes nos debates das idéias, suas ações de homens íntegros e corajosos, deixando aos pósteros os enormes exemplos de altruísmo, filantropia e abnegação, servindo à comunidade cratense com modéstia e destemor, em todas as horas de calamidade e das cruentas lutas surgidas na região do Cariri, integrando o Crato no seu verdadeiro destino de cidade culta e amiga, alargando num abraço a todos que têm a ventura de palmilhar os seus caminhos, apanágio inerente aos seus filhos, cordiais e amáveis.

Tive o prazer de receber a visita de quatro ex-alunos do Colégio Diocesano do Crato antigo: Dr. Raimundo Siébra, Tomé Cabral, Raimundo Esmeraldo e Pedro Norões Gonçalves, que me mostraram uma fotografia de 1931, irmanados. Juntos, retrataram-se novamente, ficando melhor a nova foto que a antiga, unidos nos 50 anos, do JUBILEU DE OURO do «Gymnásio do Crato». Foi uma alegria recebê-los em «nossa residência», e todos lembraram o nosso noivado àquela época, e satisfeitos, vendo afinal casados após 40 anos, de espera e ansiedade.

Foi uma honra, conhecer de perto, a figura singular do grande educador Padre Pita, fundador do Colégio, com sua fisionomia sempre sorridente, alegre e amiga. Deus concedeu-lhe o dom de administrador e incansável professor e o complemento de coordenador da juventude, de

quem foi inclito amigo, deixando para o Crato as bases estratificadas da cultura geral e a consequente corrida para a Universidade do Cariri (URCA) abrangendo os Estados vizinhos, aos quais está vinculado geograficamente e com raízes históricas, igualmente através dos grupos étnicos e etnográficos, cuja etnologia baseia-se nos componentes bahianos e pernambucanos, não omitindo os paulistas, cansados da vida aleatória de bandeirantes, transformados no decurso do século XVII em conquistadores, contratando com o governo a pacificação de determinada região, recebendo em paga, terrenos que ficavam devolutos, e que, vindos, e contornando as águas do alto Paraná, procuravam as do S. Francisco, que seguiam até seu destino, provavelmente acostando-se ao Pajeú, em seguida a Salgueiro e ao Cariri e Serra do Araripe.

Quanto aos aborígenes irrequietos, cuja braveza indômita lhes propiciara a posse de tão ricas e opulentas terras, fundiram-se então na população da região, catequizados pelos padres Carmelitas, os bravos Cariris. Os Calabaças e Cariús, na margem esquerda do Salgado.

— Após Viajante Comercial na zona do Cariri, o Crato nos concedia um verdadeiro quartel-general da viajantada, e o inesquecível Cel. Nelson da Franca Alencar, figura de alta linhagem, nosso amigo, caracterizava-se pela distinção e respeito, imponente e sincero, recebia-nos sempre com lauto almoço e a célebre siúba do LAMEIRO, a mais pura e melhor do Brasil inteiro, com gosto amargo e delicioso. Eis a minha primeira etapa no Crato.

Após quarenta anos, ablegado em outras terras, afastado do meu Ceará pela força estranha do destino implacável, imperiosa e sobrenatural, fiquei como um navio em plena fúria da tempestade, desarvorado, com as bigotas e cabos rompidos, quebradas as gaveas, mastros, enxarcias e retranca, isolado do meu mundo, ressurgí após a procela, para casar-me com a mesma noiva que deixei nesta terra abençoada, reiniciando a segunda etapa já no Crato modernizado e culto, capital do Cariri, com ares de capital Atlântica.

No enrêdo intrigante e singular dos acontecimentos que assinalaram o desenlace do tão desejado compromisso de ambos os compromitentes, patenteou-se uma prodigiosa intervenção sobrenatural, que abalou e sacudiu os fundamentos tão bem alicerçados e pre-estabelecidos dos nossos espíritos, e íntimos desejos, imbricados e sedimentados na sublime aspiração de unir-nos amorosamente; desencadeando-se inesperada perturbação psíquica, envolvendo Evangelina dos pés à cabeça, subindo instantaneamente com força misteriosa que se apoderou de seus movimentos espirituais, embargando-lhe a voz; tinha ânsia de falar, e perdera essa faculdade; os braços, igualmente paralisados, neutralizada a ação e os movimentos para levar à comida à bôca. Caminhava lentamente e sobretudo sofria muito mais, porque a consciência ficara perfeitamente lúcida, observando o meio ambiente, o noivo derramando incontidas lágrimas, incitando-lhe a responder suas amáveis perguntas; o pai, aflito, bondoso e paciente, ao seu lado; as amigas lhe falavam, insistiam para que respondesse, e as respostas eram a aflição, a angústia no olhar, a ânsia opressa de não poder exprimir os seus sentimentos, aterrada num desespêro atroz crusciante e debilitante!...

POSTO PE. CÍCERO

FONE: 889

MOACIR SIQUEIRA & CIA.

COMBUSTÍVEIS E ÓLEOS LUBRIFICANTES

Av. Pe. Cícero S/N - São Miguel

RENOVADORA DE PNEUS PE. CÍCERO

Siqueira & Cia. Ltda.

Dormitórios para motoristas - Serviço de pronta entrega

Duas empresas a serviço dos motoristas que visitam o Crato

Crato

-

Ceará

— Certa vez ouvira de um Professor Quiromante, que o seu ideal não realizar-se-ia, o noivado acabar-se-ia. Somente após muitas décadas casar-se-ia com o mesmo noivo. Ficou consternada. Afirmara: tanto tempo? Não desejo mais, não quero assim...

Não demorou muito a ratificar-se a realidade do vaticínio do Professor, e deligencieei esforços para desvendar aquele mistério: apelei para uma modesta senhora — espírita — que afirmara: só depois, agora não se dá o casamento...

Quanto ao resultado da predição do Professor de ciências ocultas, do Oriente Médio, é incontestável. As linhas das mãos têm seu significado porque tudo que Deus fez tem enorme importância, porém, somente os estudiosos dessa ciência conhecem, transmitindo as maiores verdades.

Em relação à senhora espírita, não foi ela como medium, senão «um irmão de luzes», aproveitando a audição ou forte intuição da senhora, como soe acontecer.

Na qualidade de noivo, a conduzi à Fortaleza, ao psiquiatra Dr. Jurandir Picanço, que não decifrou nada, encontrando tudo normal, e perplexo afirmou:

É um caso complicado, extra-ciência médica.

Após regressou em companhia de sua tia Santa Barros, e do seu bondoso pai, que chegara para levá-las, deixando-me muito abalado e saudoso.

Reiniciando a minha profissão de Viajante Comercial, atendi a uma ordem da chefia do Armazém para o qual trabalhava. Seguiu dentro de dois dias para o Piauí e o Maranhão. Embrenhei-me nesses Estados de grandes superfícies, tirando à burro mil leguas por ano, sem falar nas viagens de caminhão, e hidroavião da Cruzeiro do Sul que amerissava nos rios Parnaíba e Tocantins.

Assoberbado pelas longinquas distâncias, carpia minhas amarguras com o pensamento fixo na minha amada, sem mais probabilidade de revê-la. Viajava angustiado. Recebera carta cientificando-me que o estado da minha noiva prolongava-se, e o pai asseverava que o casamento seria doravante impraticável, frente aos embaraços e as perturbações que atormentava Evangelina, e que eu me resignasse... e que o futuro a Deus pertence!...

Desmoronava-se tudo que mais desejei no mundo e as consequências estavam ali comigo. Entreguei-me à «SIÛBA». A velha tiquira maranhense era engolida sôfregamente. Sosinho, ou ao lado dos companheiros de infortúnio, caí na ferra e na bebedeira. Após a produção nas Praças visitadas, articulada sem desfalecimentos, encaminhava serenamente, a correspondência com os pedidos para o meu representado, como líder das vendas de tecidos, entretanto, vivia impregnado de cetismo quanto ao futuro. Trabalhava com o freguês meio «bribado», mas absolutamente consciente dava-lhe o preço da mercadoria, certo sem errar.

Extraía os pedidos e elaborava a correspondência calmamente, todavia, à noite, atendia à vadiagem. Estava tudo acabado, não é assim? Então vamos andar à tuna, nas esbórnias, afogando no álcool, as tristezas, as misântropias, que me azoïnavam. Pensamento fixo na minha amada: «siúba» na goela, serenatas, farras... engranzado com a Bock-Ale e as raparigas!

Como saída ao descorçoamento, sentindo-me perdido, desencaminei-me com a primeira que surgiu, num casamento dos mais desastrosos, separando-me após e desquitando-me quando me transferi para o Recife. No decurso dos anos 50 e 60 enxodozei-me duas vezes, não havendo prole, felismente.

Pedi a Deus para jogar-me nos braços de quem amava. Eu levava uma vida de cachorro. Fui informado por um espírito zombeteiro, que a minha noiva, que estava no meu pensamento, já era AVÓ, isto sem perguntar ao tal. Inquietei-me bastante, mas não perdi de todo a esperança. «O ENCÔSTO SAÍRA». Estava bôa de saúde, informama-me um amigo.

Já noutra Praça, onde fiz meu escritório como sede das minhas viagens, estendia a minha ação comercial até Sergipe e Bahia, havendo progresso financeiro, numa batalha que teve duração de vinte anos. Consolidiei minha posição e, na visita que efetuei ao meu primo Marechal Juarez Távora, este induziu-me a escrever minhas memórias, dizendo-me que eu teria de narrar, na vida civil, muito mais que ele. Elaborei tres livros com seiscentos e trinta páginas, dentro de um ano.

Ao visitar Recife, o Dr. Luiz Thuríbio, filho do meu amigo Newton Teixeira despertava-me para a realidade: **EVANGELINA AINDA É SOLTEIRA, MONTEIRO...**

Avante, dizia sempre o meu amigo Newton, alertando-me, de Crato, em carta sincera!... Vou lançar os meus livros onde está o «meu coração», a minha querida, e após 40 ANOS, casar-me-ei com ela. Aqui no Crato foi a primeira gerência, a primeira Praça feita, aonde está ainda a primeira noiva. Estou preparado felizmente para dar-lhe conforto. Um «irmão amigo» avisou-me: «VÁ... AGORA DEUS QUER». Falou com autoridade para o mesmo espírito que novamente quiz meter-se entre nós dois afirmando-lhe: «retire-se imprudente, respeite a nova decisão de DEUS TODO PODEROSO»... E o tal, atuando-se no medium assegurou aflito sob o guante do grande poder: «não suporto o peso, venho avisar que já não tenho forças agora para intervir na vida dos dois, vou-me embora para sempre».

Realizou-se então o nosso casamento tão desejado. Estamos residindo em prédio próprio. Estamos felizes, num paraíso que Deus nos ofertou com a sua JUSTIÇA, na Cidade Luz, entre amigos. Regressei ao meu Ceará, abençoado por Deus!

Aposentado, terei tempo suficiente para elaborar o nosso ROMANCE:

— E V A N G E L I N A — (Roteiro na cachimônia)

BATALHA TRAVADA DENTRO DO CRATO

Antes de cotejar o Crato antigo e o de hoje, é indispensável e mesmo imprescindível, após o lançamento dos meus livros aqui, em primeiro lugar, e depois em Maceió, e em seguida na minha Fortaleza ao povo cratense, onde tenho centenas de magníficas amizades de estima e que teria de colocar o Crato em primeiro lugar, em todas as principais ocorrências da minha vida, como um vínculo que me fortaleceu e tocou-me o coração.

Após o meu casamento com Evangelina Gonçalves, atravessámos os trinta dias de Lua-de-mel, em Guarimiranga, o município de melhor clima das Americas, e quiçá do mundo inteiro. Nossos padrinhos foram o General Cordeiro Neto e família, o Senador Wilson Gonçalves e família, Prof. Pedro Felício e Senhora, Newton Teixeira e Senhora, e Raimundo Maia, representado pela Senhora: Conceição Romão Maia.

Antes, eu comprei um casa residencial à rua Tristão Gonçalves, n. 604, onde tivemos a satisfação, de, no regresso da bela serra e de suas curvas, (5) recebermos a visita de mais de cem (100) amigos íntimos da querida cidade do Crato e de amigos de Juazeiro.

Particularmente, para mim, ficou ratificado, o quanto a minha esposa é querida, em sua cidade, ternamente querida de seu povo — nosso povo! . . .

A reencontrei como uma verdadeira diplomata, nos dias atuais, recebendo os nossos fraternais amigos com a elegância de gestos que sempre a caracterizou, e que condiz com a sua educação e nobreza de caráter.

Recuando ao mês de julho do ano transacto, quando redigi uma carta vasada em termos ainda incertos, à respeito da mudança de minha vida, que DEUS efetuou, trazendo-me para junto dela — na aludida carta — ao jornal A AÇÃO, desconhecia àquela época o caminho a palmilhar, após aberto para a minha visita à CIDADE LUZ, e o nosso reencontro em 27 de agosto/76, quando preparei a data da nossa união, para 30 de dezembro.

Ao ocuparmos a residência definitiva, ambos aposentados, inicialmente tivemos a impressão que nada surgiria para ocupar-nos, após trinta dias de pequena reforma e limpeza geral.

O nosso digníssimo amigo Dr. Dalmir Peixoto, magnífico esculápio da cidade, queixara-se de que «não encontrara cadeados na Praça» enquanto viu às duzias na minha residência. . . afirmei-lhe retrucando, que emprendi uma campanha contra os anti-humanos! Coadjuvou na feitura dos receptáculos e ferrôlhos, o Mestre Bigode. Impedí o acesso dos amigos doalheiro, igualmente na área interna onde existe pérgolas, adquirindo no Zé-do-Ferrovelho sete pedaços de aço roliço, 3/4 com 2,50 de comprimento para cruzar por cima, fechando em pequenos quadros, com ditas pérgolas, de 25 x 23 cms. O material tórto foi desovergado com a colaboração de Mestre Bentinho, que, com grandes e poderosas marretadas, desentortou, admirando-me muito da força daquele cratense amigo, otogenário de 83 anos, malhando ferro frio, bom cearense do malho e da Bigorna.

De janeiro à julho trabalhou em nossos móveis, o Mestre Darival, esse bom cratense que só ficou satisfeito quando entregou o serviço.

A campanha empreendida depois dirigiu-se preocupadamente contra os himenópteros e múscidas, que me consumiram bom tempo para destruí-los.

Surgiram em seguida os dípteros e os ortópteros, que em sinfonia indiscreta noite à dentro, persistentemente, não nos deixavam dormir, liquidei-os insistentemente.

Nas noites mal dormidas, ouvi o barulho dos lances dos roedores, que invadiram a casa pela área interna que dá para a copa e cosinha. O embate teria de ser nesse caso, de largas proporções. Desviei o meu pensamento para a solução segura e determinada contra esses pequenos e repugnantes ladrõesinhos. Encetei uma batalha com grandes despesas, força-total, dispendendo soma avultada para isolar tudo com telas de arame nº 4, desde as seis aberturas menores, na entrada, sobre o jardim, um belo canteiro existente, à área grande, bem como as portas de ferro da cosinha e as venezianas do banheiro, em toda a extensão. Também no portão de ferro da entrada, em linhas sinuosas, cujas aberturas serviam de entrada aos roedores e batráquios. Fechei igualmente com telas nº 4 as entradas do fogão elétrico, e o de gaz butano, onde algumas ratazanas estavam se preparando para a proliferação rápida. A proporção que terminava uma campanha, surgiam outras. Agora consistia numa ação contra os cheirópteros, que penetravam por aberturas de vidros quebrados, das bandeirolas das portas e janelas da frente — fechando-as e impedindo a entrada no interior da casa.

Surgiu a luta contra os aracnídeos, estando tudo limpo. Fechei igualmente as entradas de roedores através das bicas, em cima e em baixo, pregando as referidas telas nº 4.

Os gastos foram elevadíssimos em materiais suficientes e mão de obra especializada. Os batráquios costumavam subir os três degraus quando viam o canteiro de oito metros, e acima as samambaias verdejantes. As víboras que infestavam a casa, não podendo sequer conseguirem um pequeno orifício, transmudaram-se. Desprezei o trabalho dos anuros. O primeiro que penetrou, perfilou-se tão sério, em posição de sentido, como se viesse convidado para comandar «a praça forte», como um burgrave; fechei-lhe a entrada com a nº 4, que impede até a penetração de catitas.

Após desinfetar a residência, lavá-la convenientemente, fechar a saída dos dípteros noturnos, venci tão dura batalha que me consumiu sessenta dias, limpando de micróbios de toda a ordem, causadores de impaludismo, tífis, cobreiros, bubônica e ruídos diversos.

Felicamente, hoje dormimos em paz completa, na tranquilidade de «herói» que venceu inúmeras «batalhas» de quase três meses.

Falando à respeito com o meu particular amigo J. Lindemberg de Aquino, o preclaro jornalista e escritor cratense, que honra a «santa terrinha», uma das glórias desta abençoada terra, a quem tive a satisfa-

ção de conhecer no ano passado — sobre tão vigorosa campanha em-
preendida por mim dentro da CIDADE LUZ, respondeu-me com forte
gargalhada, acentuando: «VOCÊ ENTRE NÓS, MONTEIRO, É UMA
FELICIDADE PARA O CRATO!

Agradecido ratifiquei diferente: O CRATO É UMA FELICIDADE
PARA MIM...

DESVENTURA E CERTEZA

À EVANGELINA

Lembro-me da primeira noite estavas linda
Colorida tua imagem de meiguice e finas rendas
Surpresa causaste-me a conhecer-te a prenda,
A qualidade sutil da tua educação infinda.

Admiração e amor acalentou-me a juventude
Naquele instante e noutros tão queridos,
Gravitando para tí e adorando em quietude,
A alegria pairando em meus normais sentidos.

Depois surgiu a longa noite de sombras e amarguras
Rompidas as bigotas e as gaveas na agonia,
Feroz tempestade; singrava o barco nas alturas,
Em plácida noite, minha estrela trêmula esmaecia...

Estranha força me conduzia a vida e os passos,
Afastando-me de tí. Oh! Delírio insano
Desventura amarga — eterno desengano,
Amargo sentimento e languidos olhos baços...

Vida cruel, triste, longa e sem bonança,
Revedo em sonhos desfeitos o meu amor perdido,
Tristonho, sosinho, ablegado e entristecido,
Mistério envolvendo, dois seres sem esperança...

Então, no torvelinho das brumas e incertezas,
De esperança morta, ressurgiu-me uma graça:
DEUS no momento supremo da tormenta, passa —
E com um sinal, dar-me tantas alegrias e belezas...

Antes de partirmos para etéreas plagas,
Unidos para sempre em cândidos enleios,
Soberanamente, partiram-se as velhas fragas,
Hoje, juntinhos, ouvimos — os passaros em gorgeios.

F. Monteiro de Lima

Aliança de Ouro S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

M A T R I Z : RUA SÃO PEDRO, 379 — FONES : 340, 549 e 539
TELEGRAMA : «ALIANÇA» — CX. POSTAL, 17
JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Distribuidora da :

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL
Chapas prêtas e galvanizadas

Distribuidora da :

CIA. GOODYEAR DO BRASIL
Correias Industriais e Mangueiras
AGENTES EXCLUSIVOS OLIVETTI

E mais :

CASA ROSADA

ARMAZÉM FEIJÓ

Realizada com êxito, em Crato, a 1a. SECULAR

Como ponto de apoio á realização do VIII FESTIVAL DA CANÇÃO DO CARIRI, e dentro das comemorações da SEMANA DA CIDADE, que antecedeu ao Dia do aniversário da cidade do Crato (17 de Outubro) foi realizada em Crato, a Primeira Secular — Primeira Semana de Cultura e Arte. Sua data da realização foi de 9 a 16 de Outubro de 1977 e o estrondoso êxito obtido leva a crer que será novamente realizada em anos posteriores, corrigindo-se as distorções e aperfeiçoando-se a sistemática de sua realização.

Foram promotores da I SECULAR :

Sociedade de Cultura Artística do Crato-SCAC
Fundação Educacional Martins Filho — FEMARF
Movimento de Juventude

Foram Patrocinadores :

Ministério da Educação e Cultura — MEC — através da FUNARTE
— Fundação Nacional de Arte;
Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
Prefeitura Municipal do Crato
Faculdade de Filosofia do Crato
Faculdade de Ciências Econômicas do Crato
Faculdade de Direito do Crato
Instituto Cultural do Cariri
Clube dos Amigos do Folclore
Banco do Estado do Ceará-BEC
Cerâmica do Cariri — CECASA

Os objetivos primordiais da PRIMEIRA SECULAR foram enquadrados dentro dos seguintes princípios :

- 1—Proporcionar á comunidade regional uma vivência artístico-cultural;
- 2—Realizar uma aproximação Ensino Superior/Comunidade;
- 3—Realizar um trabalho de integração universitária, congregando todos os cursos de nível superior da região.
- 4—Levar á comunidade, através de atividades objetivas, uma vivência universitária;
- 5—Oferecer aos Artistas da Região e de outros Estados, uma oportunidade de promoção pessoal, abrindo para eles, perspectivas profissionalizantes;
- 6—Mostrar e fazer sentir a ARTE em muitos dos seus variados aspectos.

A Coordenação esteve bem diversificada e funcionou a contento.
Coordenação Geral — Profa. Maria Divani Esmeraldo Cabral.
Coordenação Cultural — Pe. Francisco Salatiel de Alencar Barbosa.

Codema

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

- ◆ Tábuas
- ◆ Compensados
- ◆ Fôrro
- ◆ Fórmica
- ◆ Cimento
- ◆ Ferro
- ◆ Arame Farpado

M A T R I Z :

Rua Bárbara de Alencar, 661/683 - C. Postal, 84 - Fones: 217 e 218 - Crato-Ce.

F I L I A I S :

Rua São Pedro, 896/875 — Fone: 258 — Juazeiro do Norte - Ceará
Praça Francisco Sá, 171 — Fone: 560 — Iguatu - Ceará

Coordenação do VIII Festival: Dr. Cícero Magérbio Rodrigues de Lucena.
Secretaria Geral — Pedro Valter Leal.

Assessoria: Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo — Prof. Maria Sarah Esmeralda Cabral.

Ocorreu, ainda, a Coordenação dentro de cada Escola Superior, a saber :

Faculdade de Filosofia :

Profa. Vera Lucia Maia, Profa. Haydée Ribeiro Duarte, Profa. Marília Feitosa Ferro e Profa. Irismar Leite Pequeno.

Faculdade de Ciências Econômicas do Crato :

Prof. André Cartaxo, Profa. Elisa do Socorro Monteiro.

Faculdade de Direito do Crato :

Dr. Emídio Macedo Lemos, Maria Iva Gonçalves.

Secretaria, Tesouraria, Coordenação, tudo funcionou na Sociedade de Cultura Artística — Crato — Rua Dom Quintino, 913.

A Programação foi variada, rica e colorida, significando, também, dinamismo, pois realizada simultaneamente em vários locais.

Assim a tivemos distribuída :

Domingo, 9 de Outubro de 1977 —

Auditório do SESI — 20 horas —

Abertura Oficial da 1ª Secular pelo Exmo. Sr. Secretário de Cultura do Estado, o cratense ilustre, prof. José Denizard Macedo. Foi representado, dada a impossibilidade de sua vinda, pelo Mons. Francisco de Holanda Montenegro, do Conselho Estadual de Educação. Concerto da Orquestra Sinfônica de Natal, RN, regida pelo Maestro Mário Cândia. Na Praça da Sé, às 19 horas ocorrera Retreta, com a Banda de Música do SESI, sob a regência do Maestro Azul.

Segunda feira, 10 de Outubro.

Escolas Municipais, a partir das 8 horas.

Estudo de condições higiênicas das escolas. Palestras, Orientações e reivindicações a quem de direito. A responsabilidade ficou a cargo da Cadeira de Higiene Escolar do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia do Crato.

Na mesma Faculdade, Salão de Leitura, 19 horas.

Abertura da Exposição de Riquezas Minerais da região: fósseis, água, gesso, pedras. Projeção de «slides». Lançamento do estudo «Atualização da Região» do Prof. Jurandy Temóteo de Sousa. A responsabilidade desse setor ficou a cargo do Departamento de Geografia e História Natural da Faculdade de Filosofia do Crato.

Na Fundação Pe. Ibiapina — Auditório, 20 horas.

II Encontro de Integração Universitária. Amostragem da realidade sócio-econômica e cultural de 20 cidades dos Estados do Ceará e Pernambuco, de onde se originam os alunos integrantes da Cadeira de Exstrutura

e Funcionamento do IIº Grau. A responsabilidade desse Encontro foi da mesma Cadeira, do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia.

Na Quadra Bi-Centenário, no mesmo dia, 20 horas — Abertura do «Salão de Outubro», com apresentação, ao vivo, de Ana das Carrancas, do folclore e artesanato do Vale do S. Francisco. O Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, foi o encarregado e responsável por esse setor.

A programação da Terça Feira, 11 de Outubro :

8 horas — na Escolas Municipais Conscientização sobre Turismo.

Palestras informativas com debates, sob a responsabilidade da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato.

Na Associação Comercial, 15 às 18 horas — Atendimento gratuito à comunidade em questões de Direito, por professores e alunos da Escola, durante 3 dias.

Às 20 horas, na mesma Associação — Abertura do Simpósio de Direito Usual, pela mesma Faculdade de Direito.

Rádio Educadora do Cariri, área coberta — 20 horas — Abertura da Exposição de Fotografias do Crato antigo, sob a responsabilidade do Departamento de História da Faculdade de Filosofia.

Parque de Exposições — 20 horas — Demonstração de Campismo. Painéis sobre campismo, a cargo de técnicos de Fortaleza e Recife. Palestra do professor Aluisio Barros Leal, sobre o campismo no Ceará. Exibição de documentário sobre o Crato e suas potencialidades turísticas. Noite de Serestas. Responsabilidade da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato.

Faculdade de Filosofia — das 8 às 22 horas — Exposição de riquezas Minerais.

Fundação Pe. Ibiapiana — das 8 às 22 horas — II Encontro de Integração Universitária. Associação Comercial, 20 horas — segunda sessão do Simpósio de Direito Usuel — Quadra Bi-Centenário — continuação do Salão de Outubro.

Programação da Quarta feira, dia 12 de Outubro.

Associação Comercial — 19:30 horas — Juri Simulado (Faculdade de Direito).

Faculdade de C. Econômicas — 20 horas — Conclusões do estudo sobre Campismo.

Determinação de área para cãmping em Crato. Colaboração da Prefeitura.

Quadra Bi-Centenário, 20 horas — Noite de Folclore — Apresentação de aspectos folclóricos do Crato e de outras cidades do Ceará e Pernambuco. A responsabilidade foi do Instituto Cultural do Cariri e Clube dos Amigos do Folclore. Apresentação de Patativa do Assaré e Pedro Bandeira (cantador). Responsabilidade do Dep. de Letras da Filosofia. 22 horas, encerramento das Exposições em seus respectivos lugares.

VIII Festival da Canção do Cariri.

Quinta feira, dia 13 de Outubro de 1977 — Quadra Bi-Centenário, 20 horas.

Abertura do Festival, pelo Sr. Prefeito Municipal do Crato. Apresentação de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Apresentação de Grupo Musical de Fortaleza.

E apresentação das dez primeiras músicas do Festival. Sexta feira, dia 14 de Outubro (programação cancelada devido ao falecimento do ilustre líder político do Crato, Cel. Filemon Teles). No dia 15, na mesma quadra, 20 horas, Apresentação do Grupo Nessahora — Apresentação do Grupo Krimbau e apresentação de mais 10 músicas concorrentes.

Sábado dia 15 — na Filosofia — auditório, 9 horas — Homenagem ao Professor. Palestra do Pe. Gonçalo Farias Filho, Diretor da Faculdade de Filosofia. Continuação da programação normal. 12 horas no Clube Recreativo Grangeiro, confraternização para os professores. Responsabilidade, Colégio Diocesano e Curso Skema. Na quadra bi-centenário, apresentação do grupo Quartetuplan — Apresentação do grupo Gitirana, apresentação de dez músicas do festival. No domingo, dia 16 — Catedral, 9 horas — Missa em ação de graças — solenizada pela Orquestra do Pe. David Moreira, sob o regência do Pe. Ágio Moreira — Quadra Bi-Centenário, apresentação das dez músicas finalistas do Festival (Vencedora, DESESPERADAMENTE, do grupo Matulão, Juazeiro) Classificação final, entrega dos prêmios. Encerramento da Primeira Secular, por um representante da FUNARTE.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Marcada pelo símbolo do otimismo, da compreensão geral, da colaboração de todos, do entrosamento com os Poderes Públicos e todos os promotores e patrocinadores, a Iª SECULAR se constituiu um êxito sem precedentes e altamente estimulador para a nossa juventude.

Teve o mérito de capitalizar esforços de todos os grupos, desviando a juventude de outras atividades, talvez perniciosas, ou de uma ociosidade geralmente perigosa.

Chegou a empolgar. pela simultaneidade de apresentações e de eventos.

Corria-se para ver a Exposição de fotos do Crato antigo, passava-se para a Exposição de Produtos Minerais, ia-se ver as carrancas da famosa Ana, a noite era tomada pelo Festival.

A exposição sobre compismo maravilhou a todos. Barracas demonstrativas estavam no Parque de Exposições, ocupadas, funcionou um barzinho acoledor e amigo os universitários de Economia, a aula do professor Aluisio Barros Leal empolgou os que desejam implantar o compismo em Crato, e o filme de Luis José, documentando as potencialidades turísticas, recebeu aplausos.

Valeu a PRIMEIRA SECULAR pela consagradora reercussão de um movimento cultural do Crato, confirmando os nossos fóros de cidade da cultura.

Prefeito Ariovaldo Carvalho, Bom Amigo do ICC

Sentimos prazer em registrar o apoio que o atual Chefe do Poder Executivo do Crato, Capitão Ariovaldo Carvalho, tem dado ao Instituto Cultural do Cariri. Nunca lhe batemos à porta para receber um não. No Festival do Folclore, deu-nos toda a cobertura e até co-patrocínio. Nas demais festividades e iniciativas, sempre atende aos nossos convites e se faz presente. Ajuda-nos no que tem sido possível. Sempre solícito, compreendendo as elevadas finalidades e os nobres objetivos do ICC, prometeu-nos ajuda maior, no Orçamento de 1978. Desejamos, por isso, testemunhar o nosso reconhecimento por esse apoio. É formular ao dinâmico Prefeito do Crato votos de êxitos contínuos na sua administração, que, pelo vulto das realizações, já se tornou uma administração histórica em nossa comunidade.

Colégio Diocesano Fez Cinquenta Anos

Colégio Diocesano do Crato completou 50 anos em Junho último, e realizou programação deveras imponente, que contou com a presença de ex-alunos vindos de quase todo o Brasil, inclusive o ex-Ministro João Gonçalves de Sousa.

O ICC participou de toda a programação elaborada e ainda deu ajuda na sua organização e na organização da Revista comemorativa.

Valeu como demonstração do esforço organizado, concentrado e dignificante de professores e alunos.

Valeu como integração das 3 escolas superiores e pelo despertar da comunidade para sua existência, suas finalidades e seus objetivos.

Valeu como consagração ao espírito organizado e forte do povo cratense, enfrentando mil dificuldades e realizando algo concreto na área da ciência, do saber e da cultura.

Os que participaram de simpósios, palestras, debates, aulas, conferências, exposições de filmes, exposições, e do próprio Festival, saíram, certamente, mais enriquecidos espiritualmente, e mais solidamente com essa dose maciça de cultura legítima, de valorização do regional.

A unidade espiritual da Primeira Secular plantou-se em terras do Cariri como exemplo sólido do que pode fazer um povo quando se dispõe a valorizar e cultivar seus valores espirituais.

Essa foi a sua maior vitória.

Café Itaytera

Bom até a última gota

Prove e comprove

CRATO

-

CEARA'

Apontamentos Históricos

O ICÓ E A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

O Conselho Eleitoral do Icó, em fins de 1822, impugnou a Junta Governativa do Ceará, presidida pelo Dr. Porbem Barbosa. Uma força foi enviada para reagir contra esta impugnação, força que logo foi rechaçada.

Procedeu-se, então, eleição de um Governo Provisório, constituído do «Partido Patrióta» que apoiava a Independência do Brasil e era antagonista do Partido «Corcunda», dos portugueses.

Um movimento armado, chefiado pelo Capitão Mor, José Pereira Filgueira, marchou para Fortaleza, onde chegou a 23 de Janeiro de 1823, para consolidar e empossar ali, um Governo temporário.

A 3 de Abril de 1823, procedeu-se a eleição de novo Governo, tendo a frente o Padre Francisco Pinheiro Landim.

Surgiram, então, alguns levantes portugueses no Piauí e no Maranhão. Mas, uma força do Ceará, enviada em Março de 1823, sufocou tais movimentos.

Em Abril deu-se nova eleição para membros do Governo, sendo eleito cabeça, Tristão Gonçalves de Alencar.

Em Abril de 1824, chegou a Fortaleza o Tenente-Coronel Pedro José da Costa Barros, nomeado pelo Imperador para Presidente do Ceará. Os membros do antigo Governo fizeram-lhe opposição.

Reconciliados mais tarde com Barros, tinham sempre ligações com a Rebelião de Pernambuco, a chamada Confederação do Equador, que explodiu ali, a 2 de Junho de 1824. Não atendendo mais a conciliação, os membros do antigo Governo, em face da Revolução em Pernambuco, deposeram Barros, ocupando a cidade.

Barros ao retirar-se, deixou um protesto. Tristão Gonçalves de Alencar, foi eleito Presidente e durante seu Governo de opposição ao Imperador, muito movimento político foi feito.

Em 27 de Agosto de 1824, houve o juramento de fidelidade á Confederação do Equador. Foram, então, eleitos os deputados á Constituinte de Recife.

Não obstante o movimento foi sufocado pela força Imperial, a 17 de Setembro de 1824. No Ceará ficaram sendo registrados combates no interior, tomando parte neles Tristão Gonçalves de Alencar e o Capitão-Mor Filgueiras, notando-se os combates de Crato, Jardim e Icó, nos meses de Setembro e Outubro. Ainda em Outubro deram-se os grandes combates de Umary, Brejo das Freiras, e Taboleiro Grande. Foram aparecendo revezes e os Revolucionários perdiam os combates de Picada com Pinto Madeira e outros, Filgueiras retrocedendo foi a Icó e á Crato, tendo travado renhido combate com os Imperialistas no Boqueirão de Lavras a 24 de Outubro de 1824, Houve combate em Crato, no lugar Bata-

teiras, com Jardinenses e em Missão Velha.

A 26 de Outubro instalou-se em Icó, um Governo Provisório com o nome de Comissão Matuta. Ai, então foram executados, sumariamente, sem qualquer piedade, muitos afeiçoados ao Partido Republicano. Estava perdida a Revolução de Pernambuco e no Ceará.

O Padre José Martiniano de Alencar, autor intelectual do movimento no Ceará, de acordo com Filgueiras, dissolveu seu exército, na chapa do Araripe e ambos se internaram no Estado do Pernambuco.

O padre José Martiniano, viajando com destino á Baía e ao Rio de Janeiro, foi preso na Fortaleza de Santa Cruz, mas, a 14 de Dezembro de 1825, foi submetido a julgamento pela Comissão Militar de Fortaleza, sendo absolvido.

Filgueiras que se entregou a prisão ao Capitão Reinaldo de Araújo Bezerra, no lugar São Romão, de Minas Gerais, abandonado dos seus, acabou morrendo de Febre Palustre. Tristão, que combatia mais para as proximidades do litoral, caiu em poder das tropas Imperialistas e foi morto a bala no lugar Santa Rosa, ficando seu corpo ali, insepulto, crivado de balas e Barbara de Alencar, heroína, mãe dos dois revolucionários Alencares, encorajadora dos filhos, foi presa para Fortaleza, Recife e Baía, sofrendo tudo valentemente, patrioticamente.

Reposto o Governo Costa Barros, houveram muitas execuções, e depois no Governo de José Felix de Azevedo e Sá, foram fuzilados o Padre Inácio de Lóiola e Melo Mororó, Coronel João Pessoa de Andrade Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Major Luiz Inácio de Azevedo Bolão e Tenente-Coronel Feliciano José da Silva. As execuções duraram de 30 de Abril de 1825 a 28 de Maio do mesmo ano e alguns condenados tiveram penas comutadas para degrêdo.

Nas execuções do Icó, em 1824, a história não contou a de Raimundo Albertino de Carvalho, homem de grande família, que depois de se ter recolhido, certa noite á casa, após ter andado numa passeata, foi retirado de sua casa, já fechada e no meio da família, foi trucidado e cortado a sabre, aos pedaços, pelo Furriel comandante da tropa Imperialista. As informações aqui contadas, foram colhidas em trabalhos do historiador cearense Raimundo Girão e também de João Brígido dos Santos e serviram para serem exibidas como prova histórica no concurso de Tabelaão a que foi submetido o seu autor datilográfico, bisneto daquele Albertino trucidado no Icó, que agora a subscreve, com o acréscimo do que noticiou sobre as execuções de seu Bisavô.

NOTA IMPORTANTE

Sobre a «História do Ceará», escrita por Raimundo Girão, páginas 140 e seguintes, colhem-se as seguintes datas, que não deixam de ter alguma importância. O Capitão-Mor Bernardo de Vasconcelos, da Capitania do Ceará, faleceu de Diabete a 08 de Novembro de 1802. Foi substituído pelo Capitão-Mor João Carlos Augusto de Ojenhausen, por Decreto de 14 de Novembro de 1802 e governou de 13 de Novembro de 1803 à 14 de Fevereiro de 1807.

João Carlos Augusto, foi Marquez de Aracati, Governador da Capi-

tania de Mato Grosso, Senador pelo Ceará e veio a falecer em Moçambique, a 28 de maio de 1838, para onde tinha sido nomeado Governador.

Foram também Governadores da Capitania do Ceará, Luiz Barba Alardo de Meneses e o padre José Martiniano de Alencar, que teve a sua posse a 06 de Outubro de 1834. Importante também é que se registre, que José M. de Alencar foi quem mandou prender o famigerado João André Teixeira Mendes, autor de muitas mortes e que fôra codenado a vinte anos de degrêdo no Rio Negro. (Girão, pg. 176). Na mesma pg. se encontra a fraze de: «Os Morões serem de «família belicosa que se fisera em desassocego na região entre Ceará e Piauí, cujas maldades não se pode descrever», como bem salientou referido Alencar, como Governador da Capitania.

ASCENDENTES DO PADRE CÍCERO

O Padre Cícero Romão Batista era filho de Joaquim Romão Batista e de Joaquina Ferreira Castão, (Liv. de Reg. de Bat. 1843 — 45, f. 61, par. de Crato. Ce.) Joaquim, por sua vez, era filho do Capitão Romão José Batista, n. 1780 — f. 19.10, 1854, cratense, c.c. Angelica Romana Batista, nat. de Milagres, Ce. (Liv. de Reg. de Bat. 1816 — 19, f. 30, Par. de Crato.

Eram irmãos de Joaquim: José Romão Rodolfo, digo José Romão de Noronha, c.c. Josefina Leopoldina Maia, (Reg. no mesmo Livro) e Manuel Romão Rodolfo, c.c. Maria Florinda de Alencar, idem. Em segundas nupcias Manuel c.c. Maria da Costa Romana.

Do livro, «**Povoamento do Cariri**», do Pe. Antonio Gomes de Araújo, Páginas 93 a 101, de onde colhi estas notas, se depreende que o Capitão Romão José Batista, era neto de uns troncos, vindos de Sergipe, — APOLÔNIA CORREIA DE OLIVEIRA dona, na primeira metade do século 18, do sítio CORRENTE de Crato, sendo c.c. **José Pereira Lima, ou Aço**, celebre nas lutas travadas com Manuel Ferreira Ferro, filho do Coronel Francisco Alves Feitosa, tronco da familia Feitosa, dos Inhamuns; Ce; APOLÔNIA E AÇO, entre outros filhos, eram pais de: I — Francisca Pereira de Oliveira, cratense, c.c. o português Tenente Coronel Antonio José Batista e Melo, advogado na vila do Crato, Diretor dos Indios, nos Cariris. II — Ana Apolônia Maria de Oliveira, cratense, c.c. o Alferes Manuel Ferreira Lima. Da Francisca supra e esposo, são filhos: A) Maria da Conceição Batista, cratense, c.c. Antonio Gonçalves Martins, baiano, resid. no sitio «Cabreiro», de cujo leito provem grande descendência e de homens ilustres. B) Tereza de Jesus Batista, c.c. Domingos Pedroso, Batista, português, também pais de muitos filhos ilustrados. C) — Matildes Francisca de Oliveira, cratense, c.c. o Capitão Manuel Joaquim Teles, sergipano, que deixaram grande descendência neste Cariri. D) — Capitão Romão José Batista, avô do Padre Cícero e já perfilado acima, — E) Francisco Romão Batista, falecido a 9.2.1809, com 38 anos.

Do outro tronco das «**RAIZES SERGIPANAS**», século XVIII, Capitão ANTONIO PINHEIRO LOBO E MENDONÇA, QUE MOROU — Sitio «**MUQUEM**», a descendência é muito grande, vindo até aos nossos dias.

As notas acima foram extraídas do livro referido, em face de um

Crato Perdeu Filemon Fernandes Teles

A 14 de Outubro de 1977 faleceu, no Hospital Manoel de Abreu, o conhecido e acatado líder político cratense, Cel. Filemon Fernandes Teles, nascido a 20 de Agosto de 1835. Deixou viúva D. Iná Barbosa Teles, sua segunda consorte. Prefeito do Crato duas vezes, Deputado Estadual 3 vezes, Presidente da Assembléia, o Cel. Filemon Fernandes Teles teve fecunda atuação na política local nos últimos 50 anos.

Seu falecimento teve a maior repercussão, recebendo ele homenagens póstumas dignas de um grande líder.

Livraria em Crato Completa 50 Anos

Fundada a 2 de Março de 1928, a tradicional LIVRARIA RAMIRO, estabelecida em Crato, está completando, neste ano, 50 anos de incessante atividade, em favor da Cultura e da Educação.

É, no seu gênero, uma das mais antigas do Estado.

Seus proprietários — os irmãos Pergentino de Carvalho Maia e Luis de Carvalho Maia, tiveram, por certo, feliz inspiração em implantar um estabelecimento desse genero, em nosso meio.

Posteriormente, com o falecimento do primeiro, o livreiro Ramiro Maia prosseguiu com a Livraria, que, estabelecida à Rua Dr. João Pessoa, atinge o seu cinquentenário para a alegria do povo cratense, e como simbolo de uma tenacidade louvavel, a serviço dos livros e da cultura.

Um registro especial para o evento, com os nossos cumprimentos.

pedido de um cearense que há mais de 30 anos reside no Estado de GOIÁS e desejava saber da familia do Pe. Cícero, fundador do Juazeiro do Norte e conhecido em todo Brasil.

Crato, 5 de Maio de 1976.

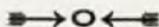
NOTA: Era irmãs de pai e mãe de APOLÔNIA CORREIRA DE OLIVEIRA. I — BÁRBARA DE OLIVEIRA, de quem descendem os De Leão, os Da Franca Alencar, e da heroína BARBARA DE ALENCAR; II — DESIDÉRIA DE OLIVEIRA (de Andrade Pereira ou de Maria do Espírito Santo), natural da Freguesia de N. S. dos Prazeres, c. c. o português bragantino João Gonçalves Diniz, os quais em 1.4.1748 moravam no sitio CORRENTE, de Crato, tendo ele f. a 20.2.1751, sepultado na Igreja de Crato. Inventário feito no Icó, encontrado no cartório de M. Albertina Feitosa, cujos reg. foram anotados pelo Pe. Gomes e tendo o m. casal deixado grande e ilustre descendência; III — LUZIA DE OLIVEIRA? c. c. o português Mateus Ferreira Lima, moradores naquele mesmo sitio e também deixaram grande descendência.

SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS



Regozija-se pelo lançamento do presente número de ITAYTERA, sinal do vigoroso esforço dos intellectuais conterraneos.



CRATO

=

CEARA'

Conceitos Filosóficos Sobre o Tema Liberdade

LIBERDADE É NOSSA VOCAÇÃO

Nascemos para a liberdade.

A liberdade pode ser encarada sob dois aspectos: o **biológico** e o **cristão**.

O fenômeno cristão, em si nada tem que ver com a liberdade, pois até o pagão tem direito à liberdade. Ela como que se adiciona à pessoa humana e mais bela fica quando é por ela bafejada.

Nb. No opúsculo **Fundamentos biológico e cristão da Liberdade** procuramos unir o destino do cristão às conquistas da liberdade.

— O homem foi criado para conquistar o céu. O céu é lugar de prêmio das boas obras. O fundamento do mérito é o ato livre. E este ato livre constitui-se factos fundamental da vida de cristão.

Melhor do que nós, falou sobre o assunto Paulo VI:

«Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é evolução, é vocação. É dado a todos, em germe, desde o nascimento, um conjunto de aptidões e de qualidades para as fazer render: desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal e permitirá a cada um orientar — para o destino, que lhe propõe o Criador. Dotado de inteligência e vontade, é cada um responsável, tanto pelo seu crescimento, como pela sua salvação. Ajudado, por vezes constringido por aqueles que o educam, e rodeiam, cada um sejam quais forem as influências que sobre ele se exerçam, permanece o artifice principal do seu êxito ou do seu fracasso; crescer em humanidade, valer mais, ser mais (1)

Deus nos chama mais de uma vez. Chama-nos, primeiro, e não atendemos. Chama-nos outra vez e ficamos surdos à sua voz, ficamos indiferentes ao seu chamado. Esta verdade é o toque de alerta aos desanimados, aos homens de pouca fé. Ha quem fique anos e anos zombando dos seus insistentes chamados Neimar de Barros confessa ter sido uma desses, quando escreveu «Joelhos enferrujados».

Hoje vou dobrar meus joelhos enferrujados
e relembrar o Pai Nosso esquecido.
Estou sentindo uma estranha vontade
de entrar na comunhão,
de descarregar um pouco meu peso
e colocar no mesmo plano
puxa, faz tanto tempo

(1) Populorum progressio, n. 15.

desde a época das calças curtas
não faço uma oração.

A inocência foi morrendo

e eu me julguei muito grande para rezar. E eu não
tenho vergonha de me ajoelhar diante dos homens
por interesse, proteção, comércio!

Puxa!

Mundocão!

Hoje vou dobrar meus joelhos enferrujados

e meus ossos vão estalar de satisfação.

Vou lembrar o PAI NOSSO esquecido

e buscar dentro,

a paz que pensei existir fora de mim.

Aí está a confissão de um ex-ateu.»

Nossas forças naturais e as virtudes do nosso espírito devem ser
cultivadas, como se cultivava um jardim.

Nascemos preparados para vencer, mas é de nós que depende a
nossa felicidade.

Cumpre esmerar-nos na formação intelectual, no aprimoramento da
moral, na cultura artística e, sobretudo, nos conhecimentos religiosos.
Incontestavelmente grande é a influência do ambiente.

O Padre Leonel Franca disse que caráter mais saliente da filosofia
moderna é a independência de qualquer autoridade e o menosprezo com-
pleto das tradições religiosas.

O fenômeno se repetiu depois do Vaticano II. Nada escapa aos
Messias da nossa renovação. Vemos por aí a ânsia de arrebentar com
todas as liberdades.

Os profanos e os religiosos se irmanam no «quebra-quebra».

Todo o pasasdo virou velharia. Não coices na Igreja, no celibato, no
Papa e até em Deus. de toda a parte não se encontrou em parte alguma.

Mas a Igreja está de pé, o celibato está de pé. O Papa está de pé,
e mais de pé do que nunca, o nosso Deus.

Os homens pasam e tanto a Igreja, como o Papa e Deus ficam de pé.

O incontido desejo de liberdade tem cometido coisa incríveis.

Quer o homem ir além do que Cristo permitiu.

A serpente, enroscada na árvore do Paraíso (segundo a imaginação
bíblica) tentou Eva, despertando nela o desejo de ser semelhante a Deus.

A serpente não morre. Passa pelo o mundo dando seus botes trai-
coeiros. Seus dentes venenosos procuram morder a quantos encontra
pelo caminho da vida.

De uma coisa têm se esquecido os homens de hoje: da responsa-
bilidade.

Não é lógico ser livre e responsável.

A liberdade é uma esplêndida bandeira. Mas seu valor depende de nós.

C) O homem tem vontade de passar pela vida sem prestar conta a ninbuém. Não pode ser.

A liberdade é uma grande bandeira. Ela faz revolução; depõe governo; agita os povos; oprime os fracos aqui e defende os oprimidos acolá, e não trepida em derramar sangue quando está em perigo.

O Sacramento dom de Deus! Tentar matá-lo é tentar contra Deus ou contra a própria vida.

Quando Cristo morreu, disse que tinha vencido o mundo.

E, quando nós imitamos a Cristo, temos a liberdade dos filhos de Deus.

Estamos diante de um problema de vida e de morte.

Quando o governo respeita a liberdade, está por dentro do pensamento de Deus. Devem todos os governos humanos aprender a governar homens livres. Governar escravo é facie: basta empunhar o chicote. Mas governar homens livres, isto é homens que hoje querem uma coisa e a manhã querem outra, que um dia combinam e no outro discordam — requer inteligência, tato sabedoria, tolerância de caridade. Inteligência para compreender; tato para dirimir sabedoria para descobrir seus problemas; tolerância para lhe perdoar as faltas; e o perfume da santa caridade, para ajudar a vencer.

Um ambicioso, um egoísta, um perverso, já mais há de governar bem. Mas do qualquer outro, quem toma o leme do poder para governar homens livres devem assimilar o pensamento de Deus, mas deve penetrar seus altíssimos desígnos e as curvas dos seus sábios planos.

Os sentimentos de liberdade estão mas do que nunca, vivos na alma dos homens deste século.

Logo errar menos a caridade que tomar por mestre a Cristo e por guia o evangelho.

D) Os homens viverão em relativa paz, quando estiverem sugando o néctar da liberdade. A liberdade é o selo da paz. Este selo ficou nas páginas do evangelho e seu rastro luminoso se espalha pelo o coração dos homens.

A liberdade que traz a paz é a liberdade dos filhos de Deus.

(Do livro «Fundamentos biológico e cristão da Liberdade»).

Pe. Antônio de Alcântara

F. C. Pierre & Filhos

- ◆ Colchões de Molas
- Rádios
- ◆ Máquinas de Costura
- ◆ Móveis
- ◆ Refrigeradores
- ◆ Eletrodomésticos em geral

RUA SANTOS DUMONT, 60

TELEFONE: 232

CRATO

- :-

CEARA'

Pregões de Maceió de Outrora

Mendonça Júnior, meu distinto amigo e brilhante homem de letras, que não as esqueceu quando foi promovido de Magistrado a banqueiro, e dos bons, passando a dirigir, com mão firme, os negócios da Caixa Econômica Federal deste Estado, registrou, em trabalho aplaudido, os velhos pregões das ruas da capital alagoana, artigos publicados no Jornal de Alagoas, o qual, junto a outros, foi enfeitado por Mendonça num livro com o mesmo título do órgão fundado, em 1908, pelo saudoso jornalista Luiz Silveira.

Pregões monótonos, terrivelmente monótonos, como os dos engraxates:

— Quem tem sapato para engraxar? Vai passando o engraxador de sapatos!

E outro pregão diferente :

— Quem quer engraxar? Olha o lustrador de sapatos!

E os dos gazeteiros, nos bons e longínquos tempos em que o Jornal de Alagoas, O Correio da Tarde, O Estado e o Jornal do Comércio, o último do velho Guedes de Miranda, andavam às turras por política e os entusiastas moços do CRB viviam se digladiando com os fortes desportistas do CSA, chegando a gerar, às vezes, incidentes lamentáveis.

O mais bonito e inesquecível pregão ainda hoje lembrado pelos de minha geração, era o de um homem de cor, Manoel Laurentino da Silva, camelô fora do comum, trajando, inverno ou verão, roupa branca bem feita e melhor passada, chapéu de palha, óculos de grau, conduzindo um guarda chuva de pano preto, andando diariamente pelas ruas, com ares de senhor de engenho aposentado; gritava quase tanto quanto o preto do leite:

— Mas quem qué comprá? Sêdas, sedas e mais sêdas, na Loja Progresso, na rua do Comércio, de Virgílio Cabral?

Quando foram cerradas as portas do conhecido estabelecimento, Laurentino, sem meio de vida, foi explorar uma banca no Mercado Municipal.

.. No belo e aplaudido artigo do Mendonça Junior, faltaram alguns pregões interessantes. Ei-los :

Muita gente, mal amanhecia, acordava com o barulho do leiteiro, vindo das Mangabeiras ou da Ponta Grossa, atrás da vaca e do bezerro:

—Leite da turina: Para queijo e requeijão! 400!

400 réis era o preço da garrafa do chamado precioso liquido, «purissimo», ao qual o vendedor adicionara «apenas» 50% d'água...

Um balaeiro, ventríloquo, vendia frutas, especialmente laranjas, oferecendo, gratuitamente, aos fregueses, divertido espetáculo quando as vendia:

— Laranjas! Laranjas! Laranjas boas! Especiais, de Coruripe!

E mudando de voz sem que se notasse:

— Quem quer comprar tuas porcarias, tuas laranjas azedas ou podes? Virava-se, fingindo-se espantado, indignado, procurando verificar de onde partia a ofensa. . .

Garotos ofereciam balas preparadas com açúcar branco, em grupos de cinco, enroladas em papel de sêda. O pregão há muito deixou de ser ouvido:

— Bala de eucalipito, bala de goiaba, bala de mel de abelha!

Um menino moreno, magro, mal vestido, descalço, vendia bolo de mandioca misturada com coco ralado, cortado em finas talhadas, fabricado em casa de conhecida familia da então rua 15 de novembro:

— Dedinho! Olha o dedinho!

Um preto baixote, de nome Diogo, que, creio, ainda vive, residindo em Ponta Grossa, faezndo não sei oque, passava pelas ruas do Comércio e do Livramento, montado num cavalo magro conduzido à disparada, gritando como um desesperado:

— Quem qué comprá um cavalo corredô chamando-se otomove?

Não é de nossos dias o pregão:

— Fato de boi! Figado, bofe, coração! Fato de boi! — pregão tão diferente do que se ouvia em Recife, quando passava o vendedor, marcando de modo quase inteligível:

— Miuuudo! Miuuudo!

E o do homem que só vendia maxixes, gritando, naqueles bons tempos dos generos baratos, os quais, de certo, não mais voltarão:

— 40 maxixes um cruzado: 40 maxixes somente por um cruzado! É barato!

Das 8 às 9 1/2 horas, quase diariamente, aparecia em certas casas de negócio, no Comércio, um preto magro, bem parecido, residente no Flechal de Cima, em Bebedouro, chamado Benedito José Lins, tendo antes residido na rua Oswaldo Cruz, naquele bairro. Anos depois eu o encontrei, velho, alquebrado, andando com dificuldade, estendendo a mão à caridade pública. Quando oferecia seus «generos», os apregoava com voz cheia, sem gritaria escandalosa:

— Goma frêscã, bem alva, de araruta! Inhame da costa! Batata inglesa!

Era ele hábil vendedor, um verdadeiro «vaselina», quase igual ao meu amigo Jorge Barros quando pretende impingir a um freguês de Dois Riachos ou de Porto da Rua, um cofre de ferro, um ventilador ou uma secretaria de aço com cadeira giratória. Benedito, ao entrar numa casa de negócios, afirmava, delicadamente, estar na «primeira casa do Comércio». . . Se vendia numa casa residencial, clogiava os meninos da mesma, os quais — pelo menos na presença dos pais — «eram os mais bonitos de Macció». . .

Conduzindo um grande cesto à cabeça, o qual era coberto com um saco de pano grosso, uma mulher moça e forte, anunciava:

— Siri de coral! É do Gurjaú!

A indicação do local onde eram apanhados os crustáceos substitua, assim, como propaganda, a marca «Made in England» ou «Made in Germany» encontrada nas mercadorias fabricadas naqueles países. . .

Mal se afastava a vendedora de siris, aparecia um homem rimando:

— Pitiguirra da lagoa, coisa boa !

Ovos de tartaruga foram oferecidos somente nos primeiros anos do século. E ovos de curimans, secas, prensadas, apareceram em quantidade, vindas do Pontal da Barra, um mês depois das famosas pescarias, no canal, no Dia da Hora.

Certo individuo, alto, magro, de cor clara e cara de «boa vida», encontrado diariamente em nossas artérias até haver se iniciado a 2a. Grande Guerra, berrava, conduzindo à cabeça um grande cesto:

— O negócio hoje é ovos !

O pregão, muito apreciado, foi aproveitado para outros fins... Tornou-se também uma espécie de «slogan»... O vendedor, malicioso, acrescentava ao pregão:

— Tenho dois de resto...

A rapaziada ria, achando graça... Alguns homens austeros fechavam a cara. Dona Mirandolina, que estava na janela, fiscalizando os netos brincando de chicotes queimado com outros meninos, ficava mais vermelha do que pitu torrado e dizia indignada, para a vizinha, igualmente na janela, apreciando um grupo de garotas cantando: Ciranda, Cirandinha, vamos todos cirandar:

— Você está ouvindo, Comadre Emerenciana, como estão os tempos atuais! Isso é até um caso de Polícia!

— Fresco, camarão: — eis um pregão que se ouvia ainda há bem poucos anos, quando chegava o comboio da Rede Ferroviária Nacional, conduzindo os crustáceos pescados em Satuba e Rio Largo. À tarde, depois das 15 horas, apareciam, vindo da Pajuçara e da Avenida da Paz, pescadores oferecendo camarão e sardinha.

Perto do Cinema Floriano, um homem oferecia:

— Pitomba doce! Chora, menino, pra comprar pitomba!

Passava uma mocinha com um tabuleiro cheio de doces, alguns coberto de poeira, além de pamonhas de milho verde:

— Bolo de milho, massapão, manuê, siquillo, broa de goma!

— Um menino, com voz estridente, oferecia igualmente:

— Alfinim, alfinim!

Conduzindo uma bandeija ou assadeira de folha de flandres, forrada de papel de embrulho, coberto com papel de sêde azul ou encarnado, o garoto oferecia alvissimos alfinins, preparados com açúcar branco, da melhor existente na praça. Os doces citados se assemelhavam a «mexiriqueiros», a cachimbos, a patos, a cavalo marinho, etc. E a meninada os disputava avidamente.

Sentado na beira de uma calçada, um rapazinho, calças e camisas feitas com sacos vazios de farinha de trigo «Gold Medal», oferecia a quem passava:

— Cocada! É de coco verde!

— Rolête! Rolête! ouvia-se, não somente nas ruas como nas festas de porta de igreja, nos campos de futebol, nas ruas de Bebedouro, pelo Natal, nas procissões, no carnaval. Eram vendidos em grupos de cinco, de boa cana caiana, amarrados com uma palha de ouricuri, substituindo o barbante por economia. Presentemente são eles vendidos enfiados num gomo de taboca lascada.

— Pão da tarde! Outro pregão muito comum não ouvido há muitos anos, substituído por uma busina, tipo automóvel antigo. Pelo menos eu nunca mais presenciei, às 14 e 15 horas, como antigamente a venda de pães ainda quentes, deliciosos, para serem servidos com manteiga e um cafésinho preparado na hora, substitutos do «five o'clock tea» dos ilhéus.

Às 15 horas, infalivelmente, surgia nos Quatro Cantos, uma senhora de cor, idosa, chamada Florinda, viúva de um fogueteiro, com suas roupas modestas e muito cuidadas, conduzindo um tabuleiro de madeira coberto com alvíssima toalha bem engomada. Era a mãe de um dos Promotores públicos de Maceió, bacharel inteligentíssimo, sócio fundador da Academia Alagoana de Letras, poeta primoroso, que muito insistia com ela para não mais vender pelas ruas, prontificando-se a sustentar a genitora querida. Ela jamais concordou, dizendo não querer ser pesada ao filho. É teimosa, como quase todas as pessoas de idade avançada, insistia e vendia os deliciosos doces que fabricava com suas mãos de fada, sendo, pois, quase quituteira de fama em todo o Brasil, como houve quem dissesse. Ao ouvir os seus pregões, corria a meninada, que já a aguardava, ansiosa:

— Queimadinha! Queimadinha!

Pela manhã, vindos do Pontal e do Trapiche da Barra, bem como da Ponta Verde, peixeiros, com gamelas de madeira na cabeça, passavam vendendo:

— Camorim! Curimã! Tainha do olho amarelo! Bagres do Pilar! Xaréu!

Desapareceram, há de mais de meio século, as saborosas tainhas do olho amarelo tão gabadas no seu sítio Campo Grande pelo venerando professor Joaquim Ignácio Loureiro. Teriam elas, imitando as melindrosas antigas e as cocadinhas «de agora», mandado pintar os olhos?

Vindo de Paripueira, então modesto arruado de pobres pescadores e desfrutadores de coqueiros, montado num cavalo com dois caçuás, nos quais conduzia duas latas, das de querosene, surgia um homem gritando...

— Azeite de coco! Azeite de coco!

Piatti e João Ataíde Filho não tinham ainda se apoderado do mercado de cocos. Um cento deles, descascados, muitas vezes era vendido por 8 e 10\$000. Não tinha o coco atingido os fantásticos preços dos dias que correm...

Aos sábados, invariavelmente, surgia outro praieiro, esse de Riacho Doce, também a cavalo, apregoando:

— Grude e tapioca! Grude e tapioca!

Eram as famosas e saborosas «Tapiocas de cavalo», como eram chamadas, e chegavam às mãos dos consumidores enroladas em folhas de bananeiras. Outro vendedor, a pés e com um cesto na cabeça, vindo de Jacarecica ou de Ipioca, gritava também:

— Beiju de mandioca! Chapéu de couro!

Dos fins de setembro, quando chegava o nordeste, vento terrível, até depois do carnaval, no ano seguinte, eram encontrados os vendedores de mel de engenho, alegrando a meninada. Ouviam-se os gritos:

— Mel de engenho! Olhe o mel! É do Gurganema!

Gurganema era um engenho banguê, já de fogo morto, na antiga capital da ex-Provincia que não fora crismada ainda de Marechal Deodoro. Segundo me informou meu amigo Aderbal de Arecippo, entre a Tira-Teima e Paulista, na calçada, um cidadão oferecia maçãs, gritando:

— Maçãs argentinas: Estão geladinhas e não são ácidas!

Num dos portões do Mercado Municipal aos domingos, o doutor Raiz, xingando o «homem da cobra», concorrente perigoso, no centro de um círculo de curiosos e futuros fregueses, fazia propaganda de suas misturas maravilhosas, suas garrafadas, suas ervas e raízes infalíveis para qualquer doença, da lepra, a dor de barriga, da «espinhela caída» ao cancer. Muito compenetrado, com ares de verdadeira sumidade, «soltava o verbo».

— Batata de purga! Banha de preguiça! Gitó! Pimenta d'água! Óleo de giboia preta! Mangirioba! Catingueira rasteira! Mamão jaracatiá! Raiz de juá! Remédio para mulher desconcertada! Garrafada das 7 sementes!

Quando o «eminente facultativo» falava em mulher desconcertada, a turma ria a bom rir enquanto Da. Apolinária, antiga Zeladora da Confraria de Nossa Senhora das Vitórias, da Cathedral, fechava a cara, resmungando, e ia saindo rogando pragas ao «doutor»...

Pregão antigo e dos mais interessantes, cantado com voz arrastada decaerense legítimo, fugido da seca de 1917, era o do Sr. Manoel Cota, nascido na serra do Baturité, no último ano do século XIX:

— Retrato da formosura: Tua cara é a minha pintura:

Era um velho de mediana estatura, alvo, mais magro do que gordo e trazia sempre respeitáveis pés enfiados nuns tamancos. Mostrava aos fregueses os espelhos que conduzia debaixo do braço esquerdo, isso há quarenta anos, no Poço, no Reginaldo, na Bomba, na Cacimba do Braga, na Estrada Nova e nas Mangabeiras. Quando não mercava espelhos, vendia anéis apregoando com toda a força dos seus pulmões:

Quem quer comprar um anel de ouro com pedra do calçamento?

— Às 18,15 as ruas eram invadidas por cazeteiros correndo como desesperados.

Chegava o comboio inter-estadual vindo diariamente da capital pernambucana. Os pequenos vendedores haviam apanhado os pacotes de jornais, jogados dos vagões da Grett Western, quando os mesmos passavam entre os biombos de Paulo e o Mercado Municipal. gritavam:

— Diário, Recife e Comércio! De acordo com a lei de menor esforço, o que eles estavam apregoando era o Jornal do Comércio, o Diário de Pernambuco e o Jornal do Recife.

Meia hora depois apareciam aqui, ali e acolá, vendedores de sorvete, conduzindo dentro de uma espécie de grande lata de metal, cercada de gelo quebrado, numa cuba de madeira:

— Sorvete de abacaxi, de mangaba, de sapoti e de maracujá!

IRMÃ EDELTRAUT

Já se disse alhures que a gratidão é a carga que o homem menos suporta! Não duvidamos que isto seja verdade em muitos casos, entretanto, aqui estamos exatamente para provar o contrário, porque estamos aqui para mostrar gratidão a uma religiosa que, deixando o conforto da sua super civilizada Europa, veio fixar-se em Barbalha para aqui nos ajudar a minorar o sofrimento da nossa gente, sem demagogia e no silêncio de um hospital que o seu trabalho transformou em hospital modelo.

Irmã Edeltraut nasceu na Alemanha, sem favor uma das mais desenvolvidas, cultas e civilizadas nações do globo. Era muito natural até que lá vivesse, desfrutando o aconchego da sua família, os carinhos da sua ainda jovem mãe aqui ora presente, o conforto da sua grande pátria a quem tanto devemos e que tanto nos ajudou sem pedir reciprocidade.

Pois bem, tudo isto seria lógico e normal acontecer, mas a religiosa verdadeiramente vocacionada não tem pátria, porque o bem não tem pátria, porque a pátria do bem é o mundo sem fronteiras, é o coração do homem e especialmente do homem que sofre! Assim sendo, contrariando a ordem natural dos fatos, ela tudo deixou e veio para o Brasil e aqui escolheu Barbalha para cenário das suas atividades, graças a Deus. Aqui se fixou, aqui transformou o nosso recém construído hospital em instituição modelo cujo conceito se derrama além fronteiras, aqui se doa ao próximo sem discriminação, aqui desenvolve um apostolado maravilhoso lastreado por um invejável espírito de justiça social, onde o homem é o homem global, carne e alma, sopro de Deus que para ela não tem cor, nem sexo, nem posição social, nem posição política, nem nome, porque seu nome é simplesmente homem feito à imagem e semelhança de Deus e como tal merecedor de toda a sua dedicação, apreço, cuidados e zelo.

No Hospital São Vicente, nós outros poderemos ver pessoas diferenciadas socialmente ou economicamente. Irmã Edeltraut, não; vê a pessoa humana carente de assistência, seja ela pobre ou rica, preta ou branca, culta ou inculta. Em nome desta visão horizontal das pessoas ela aplica as normas da vida hospitalar com admirável senso de justiça, visando tão somente o bem estar e a pronta recuperação dos seus doentes. Como ninguém ela se preocupa com a promoção social da nossa gente e em razão disto, transformou o Hospital São Vicente em admirável centro de promoção humana, onde pessoas humildes as vezes entram como doentes anônimos e se transformam em excelentes funcionários, pessoas qualificadas profissionalmente na sua função, a ponto dos nossos servidores serem disputados lá fora, porque o simples fato de já haver servido ao Hospital São Vicente, é indício de boa qualificação funcional. É que ela tem admirável faro para descobrir valores no meio

da massa, no seio do povo, ela gosta de valores autênticos que se revelam espontaneamente, sem serem levados pela mão de padrinhos. A sua grande visão a faz ver para frente, para os lados e em profundidade, descobrindo carências onde nós não as vemos. Há sete anos Barbalha recebe os eflúvios da sua doação sem que ela espere reciprocidade, porque a reciprocidade que ela sempre tem é a vocação satisfeita que deve ser realmente uma grande e maravilhosa recompensa. Por tudo isto é que por minha voz fala a comunidade de Barbalha, a render homenagem, a tributar gratidão, a mostrar reconhecimento à Irmã Edeltraut por tudo o que ela tem feito por nós, que foi muito para ser retratado em palavras em tão curto lapso de tempo. A ela o nosso muito obrigado por tudo!

Obrigado pelas vidas que ajudou a salvar!

Obrigado pelas crianças da Pediatria que, salvas, serão os homens do Brasil futuro!

Obrigado pelas mães pobres que deram à luz cercadas de conforto e segurança e que só em 1976 chegaram a 496.

Obrigado pelas mocinhas humildes que foram promovidas socialmente e hoje têm um lugar ao sol, um degrau a mais na escala social!

Obrigado pelos indigentes que não tinham a quem recorrer em casos de hospitalização e hoje chegam ao Hospital São Vicente como se fosse em sua própria casa e sem burocracia ou dificuldades, são internados, regidamente medicados, bem alimentados e as vezes no dia da alta recebem até vestimentos para uma apresentação melhor. Tais doentes chegaram a 1971 no ano passado, com uma despesa global de Cr\$ 1.751.376,00, recebendo visitas médicas diárias, além de 4.054 atendimentos ambulatoriais para pacientes pobres externos. Vale salientar, a bem da verdade, que para estes atendimentos a indigentes os médicos do Hospital São Vicente não receberam nenhuma remuneração, apesar de falsos profetas haverem tentados mostrar o contrário, dizendo eles só haver em Barbalha previdenciários do INPS e do FUNRURAL, ignorando a nossa grande massa de indigentes sem cobertura de quem quer que seja.

Obrigado pelos 213 servidores do hospital que gosam todos os direitos e regalias da Previdência Social, além de um excelente ambiente de trabalho onde são valorizados!

Obrigado por haver levado além fronteira o nome de Barbalha através do conceito do seu hospital!

Obrigado por haver vestido tão bem, com as roupagens da limpeza e da higiene, o Hospital São Vicente, fundado pelo idealismo do Lyrio Callou no dia 17 de agosto de 1964, quando o Cariri só dispunha de Hospital São Francisco, de Crato e ninguém sequer ousava pensar em hospital em Barbalha. Ele, Dr. Lyrio, arrostando dificuldades de toda ordem e até a incredulidade de muitos, levou a sua construção até a altura do tecto, graças as minguadas verbas conseguidas há muito custo, pelo então deputado Leão Sampaio. Depois, desprendidamente, não vacilou em passar a construção para o Centro Social Santo Antonio que a concluiu, graças a ajuda substancial da Alemanha e da Áustria, através da Misericórdia, ajuda sábiamente dirigida pelo trabalho honesto do nosso

O Caldas visto por uma visitante em 1935

Pedras enormes, lançadas para o infinito! E por entre elas, o verde das folhas, pondo suavidades de sombras, no ambiente bucólico!

No primeiro plano do quadro, um lança de estrada, cortada entre folhagens, indo dar a um muro, onde se abre aos visitantes um portão convidativo.

Entremos.

A princípio, nosso olhar descobre quase que unicamente, pedras e muros. Mas, descendo uma pequena inclinação do terreno, os olhos maravilhados vão dar com a água cristalina de uma fonte...

E essa água, fria e transparente, está guardada numa taça de pedra, que voltada para o céu, faz aos visitantes o eterno ofertório da sua beleza pura e do seu contacto sedutor!

A taça de pedra é uma gruta, que olhada de cima, apresenta todas as nuances do azul, tendo ao fundo um leito arenoso, que removido, lança à superfície, pepitazinhas de terra dourada... Por sobre a gruta, os festões de plantas trepadeiras, que gulosamente vêm beber a água milagrosa! Mas... não paremos aqui. Vencendo a sedução, lancemos uma vista de olhos por sobre a muralha, que guarda das vistas indiscretas, a outra fonte...

A mesma taça de pedra, mas, voltada para um lado, como a despejar o seu fluido conteúdo por sobre os lagedos e musgos que lhe fazem moldura. Se aquela se abre para o céu, esta se inclina para a terra, onde joga toda a riqueza do seu líquido tesouro! E como aquela esta também possui as mais suaves nuances do roxo e do azul.

Essas duas fontes irmãs fazem do Caldas, o lugar mais encantador que imaginar se possa! Símbolo de harmonia, eterno cântico de beleza, elas vivem saudando à Magestade Divina, que faz brotar a água límpida, do seio escuro da terra, e jorrar a «água viva» nas almas pecadoras...

Foi assim que eue vi o Caldas, numa linda tarde de sol, que punha frisos de ouro no arvoredado, e banhava de luz a capelinha branca, situada numa pequena eminência, qual alva pombinha, pronta para o vôo...

(Encontrado em um livro de impressões do Caldas, escrito em 1935).

grande vigário, Padre Eusébio de Oliveira Lima.

Obrigado por haver nos ensejado, até certo ponto, uma mudança de mentalidade, pelo menos no seio da grande família hospitalar, que servirá de levedura para fermentar, no bom sentido, o resto da comunidade!

Obrigado por tudo isto que a senhora, Irmã Edeltraut, sempre transfere para sua harmônica equipe e para a valorosa Ordem Beneditina, em nome de quem tudo tem feito pelo maior bem estar do povo desta terra!

Obrigado, Irmã Edeltraut, e que Deus lhe pague!

Organização Técnica Contábil e Comercial Ltda.

AUDITORIAS E PLANEJAMENTOS
DE EMPRESAS EM GERAL

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA E
CONTÁBIL A PREFEITURAS
MUNICIPAIS

PLANOS DE APLICAÇÃO E
PRESTAÇÃO DE CONTAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA CONTÁBIL

EXECUÇÃO DE SERVIÇOS
CONTÁBEIS MECANIZADOS MANUAIS

CONSTITUIÇÕES DE EMPRESAS

DEFESAS FISCAIS TRABALHISTAS
PREVIDENCIÁRIAS

RUA SENADOR POMPEU, Nº 274

Telefone: 513 — Telegrama: «ORTEC»

CRATO

—

CEARÁ

CLÍNICA DOS OLHOS

Dr. HUGO SANTANA DE FIGUEIREDO

MÉDICO — OFTALMOLOGISTA

CREMEC — 734 — C P F — 005064513/72

Tratamento Clínico e cirúrgico das doenças dos olhos.

Operações de catarata, glaucoma, estrabismo, etc.

Adaptação de lentes de contato pelo sistema PEK — 2.000

(análise de computador)

Consulta com hora marcada ou em regime de espera.

Diariamente, das 8:00 hs. às 12:30 hs. Das 15:30 às 19:30 hs.

Aos sábados, pela manhã, das 8:30 às 12:30 hs.

Curso de Pós-graduação em oftalmologia no Instituto Barraquer de Barcelona — ESPANHA (1967 — 1968)

Título de especialista em Oftalmologia por concurso do Conselho Brasileiro de Oftalmologia - Campinas - São Paulo - (1971), CBO.

Rua da Conceição, 513 — Fone: 2342 — Juazeiro do Norte - Ceará

JARDIM - DADOS HISTÓRICOS

Segundo o historiador João Brígido, a 21 de agosto de 1792, chegava a esta terra o Padre João Bandeira, sertanista vindo da Bahia. Acompanhava-se de emigrantes dos sertões do São Francisco, acossados pela calamidade de uma seca!

Ao chegar a este recanto privilegiado, admirou a paisagem e chamou-o «Jardim»!

Como havia uma corrente d'água, a nova terra ficou sendo conhecida por Barra do Jardim, estendendo-se o nome ao rio que, naquela época, era volumoso.

Há opiniões de que o Padre João Bandeira viera de Flores, em Pernambuco, onde catequizara os índios Pajeús. Também consta pela tradição que, em 1668, João Álvares Coutinho, Galdino de Gouveia, Luiz Pereira da Cruz, e Pedro Tavares Muniz, vieram fixar residência aqui, fazendo companhia aos bandeirantes Domingos Manfreuse, Afonso Serra, Garcia D'Ávila e Bernardo Pereira Gago, que, por muitas semanas, travaram luta contra os índios Cariris, até então senhores desta terra.

O Padre João Bandeira já vinha acompanhado de índios catequizados e escravos, agregou-se ao pequeno núcleo de brancos e sem mais delongas cuidou de erigir uma tosca mas, grande capela de taipa, onde é, hoje, a praça Nossa Senhora das Graças e, próximo, casas de taipa, e foram estas construções rústicas quederam início à povoação da Barra do Jardim, depois, Vila de Santo Antonio do Jardim, hoje, cidade do mesmo nome.

Segundo o historiador João Brígido, quando o Padre João Bandeira chegou aqui, já morava um colono no sítio «Cabeça do Negro».

A capela do Senhor Bom Jesus, como a chamaram os primeiros habitantes desta gleba, tornou-se célebre pelos milagres que o santo operava, atraindo grande número de pessoas, cujas casinhas foram se agrupando ao lado até encontrar-se com os casebres que já existiam no lugar, chamado ainda hoje «Fundo da Maçã».

Cerca de oito anos depois, insofrido da vida sedentária que levava, o fundador oficial de Jardim retirou-se como viera, com a espada à cinta e, acompanhado de um escravo fiel. Embora baiano de nascimento, considerava sua terra toda a Pátria Brasileira e seu desejo era servi-la em outros territórios,

Consta que, em sua viagem, ao passar em Porteiras, celebrou uma missa em 1800, dirigindo-se à Paraíba eí depois, ao Piauí. Não se sabe onde morreu o fundador de Jardim.

Após sua saída, veio outro sacerdote, cujo nome se perdeu na voragem dos tempos, o qual continuando a celebração dos atos religiosos, entreteve o progresso da povoação.

Ainda em 1799, a Barra do Jardim recebeu a visita pastoral de Frei

Vidal de Franscarolo. A passagem desse santo missionário capuchinho ficou perpetuada num cruzeiro por ele erigido no dia 29 de junho, à frente da capela, depois, transplantado para a frente da matriz, achando-se hoje, no cemitério São Miguel. No dito cruzeiro, se encontrava encravada uma relíquia de Santa Dorotéia a qual foi guardada pelo então vigário, Padre Manoel de Alcântara, ignorando-se o destino dessa relíquia. Havia, outrossim, uma prece pelo povo da povoação, a qual foi retirada quando da transferência do cruzeiro, e que dizia o seguinte: «A cruz de Cristo e os méritos da Beatíssima e Imaculadíssima Virgem Maria defendam este lugar e seus habitantes».

Esta oração foi encontrada no cruzeiro, dentro de uma caixa junto a uma relíquia, dizem, um fragmento de ossos de Santa Dorotéia.

O cruzeiro, como se sabe, foi posto por Frei Vidal na primeira missão realizada aqui, em 1799, em frente a capela, foi transferido depois para o adro da Matriz e posteriormente para o Cemitério São Miguel. O santo missionário recomendou que jamais fosse retirado o cruzeiro a fim de que a povoação ficasse livre de todo o mal.

Há opiniões, através da tradição, de que a capela feita pelo Padre João Bandeira, recebeu como patrono o Senhor Bom Jesus, passando a ter como padroeiro, Santo Antonio. Como sabemos, Jardim era habitada, antes do seu povoamento, pelos índios Cariris, que ocupavam toda a região próxima à Serra do Araripe.

A Barra do Jardim ficou sob a jurisdição da vila de Crato e foi palco de memoráveis acontecimentos históricos.

O município foi criado pela alvará régio de 1814, sendo portanto, a segunda unidade caririense com território desmembrado de sua sede — Crato. Deve-se sua elevação à categoria de vila à forte rivalidade entre José Pereira Filgueiras, que era capitão mor do Cariri, e o sargento mor, José Alexandre Correia Arnaud. Este foi desterrado por influência do primeiro. Mas, Arnaud, na corte do Rio de Janeiro, conseguiu a criação da vila de Jardim, à qual Missão Velha ficou unida. O Príncipe Regente assinou o alvará a 30 de agosto de 1814, tendo sido Arnaud nomeado capitão mor da nova vila, mas, não teve o prazer de assumir o cargo porque faleceu em caminho. Inaugurou-a o ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho a 3 de janeiro de 1816, ao grito pelo meirinho de: «Real, real, viva o senhor D. João, Príncipe de Portugal!»

A elevação à categoria de cidade verificou-se a 3 de setembro de 1879, data da Lei Provincial nº 1829.

Jardim passou a termo judiciário em 1814, à comarca de primeira entrância pela Lei Provincial nº 803, de 3 de agosto de 1857. Voltou ao nível determo judiciário, sendo ligado em 1931 à comarca de Missão Velha, e, posteriormente, à de Crato e Juazeiro, mas pela Lei nº 203, de 9 de junho de 1948, reconquistou a categoria de comarca de primeira entrância, verificando-se a instalação a 3 de agosto do mesmo ano.

O primeiro Juiz de Jardim foi Pedro Luis de Souza Cavalcanti de Oliveira. O município tinha, inicialmente, um só distrito, em 1951, passou a ter 3 unidades distritais: Jardim (sede,) Jati e Jardim-Mirim (Stos Dumont).

O território de Jati foi desmembrado. Jardim, hoje, tem apenas o

distrito sede e o distrito de Jardim-Mirim.

É mister salientar que Jardim participou das revoluções de 1817, 1824 e do movimento de 1831.

A vila havia prosperado bastante. Ao longo do rio Jardim, estabeleceram-se fazendas de gado e ao sopé da Serra Araripe, multiplicaram-se os pomares e instalaram-se os primeiros engenhos de rapadura, graças à fertilidade do solo e irrigação farta de suas fontes.

Por volta de 1817, a discórdia estava plantada entre Jardim, que, por muito tempo, desconheceu outra civilização vizinha, e Crato, discórdia proveniente de desavenças passadas. A cinco de maio daquele ano, aderiu ao movimento iniciado em Crato por José Martiniano de Alencar, hasteando, solenemente, a bandeira republicana.

Coube a liderança do movimento, aqui, a Leonel Pereira de Alencar, Juiz ordinário da vila e irmão da heroína Bárbara de Alencar. Da adesão constou uma ata adremente preparada por José Martiniano de Alencar, a quem fôra confiada a chefia da Revolução no Ceará pelos revolucionários de Recife. Denunciado o movimento do Cariri, Leonel foi pronunciado, a primeiro de setembro de 1818, sem contudo ir à prisão. As tropas dos imperialistas eram sob o comando de Antonio Geraldo de Carvalho Filgueiras. Dominada a revolução em Jardim, marchou sobre Crato, que foi depredada. A revolução de 1817 terminou no Cariri, com anistia. Mas, em 1824, Leonel Pereira de Alencar aderiu à Confederação do Equador, lutando pela República. Aqui, foi lavrada a ata da Proclamação e Leonel tomou parte no grande Conselho, realizado em Fortaleza. Estavam as coisas assim, quando se dominou a Revolução, em Pernambuco e nos demais Estados, da Confederação e houve um banho de sangue dos mártires, que deram a vida por um ideal patriótico. Leonel não escapou à sanha dos monarquistas.

A 28 de setembro de 1824, achava-se em sua casa, à noite, em seu sítio Engenho Velho quando foi incendiada por um grupo de assassínios, tendo à frente o procurador da Câmara de Jardim, Antonio Francisco de Melo. Quando Leonel e seu filho Raimundo viram que iam morrer queimados, saíram da casa e caíram assassinados pelas balas inimigas. Nessa mesma ocasião, foram mortos o Coronel Bandeira e José da Costa Sozinho, que haviam tomado parte no grande Conselho, realizado em Fortaleza a 26 de agosto de 1824.

Certidão encontrada nos arquivos da Matriz de Jardim, em 1949, pelo então vigário Padre Manel de Alcântara: «No dia 28 de setembro de 1824, nesta Matriz, de grande abaixo, se deu sepultura a Leonel Pereira de Alencar, casado com Maria Xavier da Silva, assassinado, foi encomendado por mim e para constar fiz este assento em que me assinei. Padre Inácio da Cunha Serqueira, Pro-Pároco. No mesmo dia e ano nesta Matriz, de grade abaixo, se deu sepultura a Raimundo Pereira de Alencar, casado com Carlota de Alencar, assassinado e encomendado por mim e para constar fiz este assento em que me asinei. Padre Inácio da Cunha Serqueira, Pro-Pároco».

A Matriz primitiva era no local onde hoje é a Praça Nossa Senhora das Graças. Em 1949, quando foram aplainar o terreno para a construção da praça, acharam-lhes as ossadas, então, sepultadas no Cemitério São

Miguel em vala comum. Em 1831, novas lutas começaram no Cariri. Com a abdicação de Pedro I, o Coronel de Milícias Pinto Madeira, natural de Barbalha, mas residente em Jardim, onde ainda há restos de sua casa, organizou um bando de revolucionários armados até de cacetes, a fim de lutar pela volta de D. Pedro I ao trono do Brasil. Era do Partido Restaurador e exigia da Regência que fizesse o Imperador retornar. No espaço de quase três anos, as populações sertanejas foram agitadas por esse grupo inimigo sobretudo os Alencar, que eram republicanos. As fazendas eram atacadas e os rebanhos depredados por esses malfeitores. Pinto Madeira era amigo do então vigário de Jardim, Padre Antonio Manoel de Sousa, alcunhado de «Benze-Cacetes». Pinto Madeira ainda tomou a Vila de Crato, saindo de Jardim a 17 de dezembro 1831. Mas, em 1834, o caudilho foi vencido e fuzilado, no alto do barro vermelho, a 26 de novembro do mesmo ano.

O Padre Antonio de Sousa continuou à frente da freguesia de Jardim até 25 de setembro de 1857, quando faleceu cego e octogenário, sendo substituído pelo Padre Joaquim de Sá Barreto, que o tinha amparado na velhice e na pobreza. A freguesia de Jardim foi instituída por provisão de 11 de outubro de 1814, sendo o primeiro vigário o Padre Antonio Manoel de Sousa, que entrou em exercício em fevereiro de 1816.

O Templo feito pelo Padre João Bandeira ruiu no inverno 1873, a 10 de maio. A atual Matriz foi iniciada pelo Padre Joaquim de Sá Barreto, terminada em 1876, pelo Padre Tomaz de Aquino, natural de Cajazeiras, na Paraíba. A capela de Jati, cuja padroeira é Santa Ana, antigamente da freguesia de Jardim, foi feita pelo Padre Vicente Sóter de Alencar. A Irmandade do Santíssimo Sacramento, data de 1879, sendo seu primeiro Presidente o Dr. Augusto de Araújo Lima, Juiz de Direito. O Apostolado da Oração, fundado pelo Padre Vicente Sóter de Alencar em 1894. A Pia União, pelo Padre Manoel de Alcântara, natural de Icó. As Mães Cristã, pelo Padre Juvenal Colares Maia, em 1932. O Círculo de Operários Cristãos, pelo Padre Manoel de Alcântara, em 1935.

Deve-se também a este Sacerdote a remodelação da matriz, a instalação de um relógio na torre, no mesmo ano, sendo auxiliado nas referidas obras por rancisco Ancilon de Alencar Barros. Não é olvidado o nome do Padre Miguel Coêlho, sacerdote culto e santo que, no princípio deste século dirigiu e manteve um colégio que educou muitos jovens daquele tempo.

A estátua de Nossa Senhora das Graças na Praça em frente à Matriz, é obra do escultor conterrâneo, José Rangel, benta a 1º de janeiro de 1949. Cópia da ata da Pedra Fundamental do monumento a Nossa Senhora das Graças:

«Aos dez dias do mês de outubro do ano de 1948 da era cristã, às 18 Horas, à Praça da Matriz, cerca de 20 metros desta, presentes: O Reverendíssimo vigário desta paróquia, Padre Manoel Francisco de Alcântara, autoridades civis e militares, as pessoas mais gradas do município e grande massa popular, teve lugar o lançamento da Pedra Fundamental do monumento a Nossa Senhora das Graças, feito pelo grande escultor conterrâneo, José Rangel. Nessa ocasião, usou da palavra o Revmo. Vigário, que se congratulou com os jardinenses pela ereção de

tão belo monumento, fazendo votos para que a excelsa Rainha do Céu cumule sempre de graças esta terra querida. Foi lançada a Pedra Fundamental pelo M. D. genitor do artista, o Sr. Cirilo Leite Rangel, prorrompendo a assistência em prolongada salva de palmas. Registra-se este notável acontecimento para a vida católica de Jardim, sob o reinado de Pio XII, sendo Bispo desta Diocese, Dom Francisco de Assis Pires; vigário desta paróquia, o Revmo. Padre Manoel Francisco de Alcântara; Presidente da República, o Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra; Governador do Ceará, o Desembargador Faustino de Albuquerque e Sousa; Prefeito deste Município, o dr. Joaquim Pereira Neves; Presidente da Câmara de Vereadores, o farmacêutico Aristides Ancilon Ayres de Alencar; Juiz de Direito, da Comarca, o Dr. José Osvaldo Freire; Delegado de Polícia local, o Sr. Valdemiro Coêlho; 1º e 2º tabeliães, respectivamente, o Sr. Júlio Lóssio e Guilherme Rocha, e Diretora do Grupo Escolar, a professora Maria Castriciana Couto. O monumento que se vai erigir é obra do genial conterrâneo, José Rangel, que prenda assim, a terra natal com uma maravilha da arte, a qual atestará o fulgor de sua inteligência, nos séculos porvindouros. O artista dota espontaneamente, esta cidade com a estátua da Virgem das Graças, contribuindo a população apenas com o material para confecção da obra. Fica inscrito nesta ata um voto de louvor a José Rangel, a quem Jardim homenageia, ufanoso de possuir um filho que o enaltece. Que Nossa Senhora das Graças abençoe e acompanhe com seu olhar materno o artista jardinese conduzindo-o ao pináculo da glória, são os votos dos habitantes desta terra humilde, mas privilegiada. É mister que seja mencionado também nesta ata, em prova de reconhecimento, o nome do comerciante José Couto, que prestou relevantes serviços ao trabalho de remodelação da Matriz e, agora vem colaborando eficientemente para realização desta obra de elevado valor para todos nós jardineses.

Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que será assinada pelo Reverendíssimo Vigário desta freguesia, pelo autor do monumento, pelas autoridades aqui representadas, e demais pessoas que quiserem inscrever o nome neste documento.

Eu, profesora Ana Lígia Aires de Alencar, servindo de secretária, o subscrevo».

HINO A JARDIM

Letra de Juarez de Alencar Música do Maestro Luis Roseo

Andarás com o teu passado,
Cuja lembrança inebria,
E por teus filhos amado,
Crescerá em cada dia.

Côro

Como jóia na serra encrustada
Entre as fontes clarões refletindo
Oh Jardim, lindo seio de fada,
Viverás entre as flores sorrindo.

Teu verde solo encantado
De luz, de som, de alegria,
Sempre será o campo honrado
Do trabalho e da harmonia.

Com a maior ufania,
Neste teu seio perfumado,
Lutaremos, cada dia,
Pela glória do passado.

CRATO — PRINCESA DO CARIRI

Ligia Aires de Alencar

Num divã de verdura reclinada,
Oh Princesa, sorris por entre as flores,
És bela, entre as mais belas, decantada,
És tão jovem, primor entre os primores.

Tens a fronte de louros coroada,
Circundada de régios esplendores,
Pois descendes da tribo respeitada,
Dos Cariris, teus pais, grandes senhores.

A Araripe altaneira, extasiada,
Te envia pelas auras da alvorada
As caríciais e beijos maternais.

Oh Crato, és a Princesa, no cenário,
E, hoje, em teu primeiro centenário,
Nós te mandamos palmas triunfais.

J A R D I M

Ligia Aires de Alencar

TU QUE TRANSPÕES A SERRA MAGESTOSA,
FITANDO, AO LONGE, MINHA TERRA AMADA,
VÊ QUE ENTRE TODAS É A MAIS FORMOSA,
MAIS PITORESCA, MAIS APRIMORADA.

VÊ QUE PAISAGEM VIVA E GRACIOSA,
DE VERDE-NEGRO E CLARO MATIZADA,
NAS MANHÃS ESTIVAIS, ESPLENDOROSA
DE SOL, DE MUITO SOL ILUMINADA.

O ARTISTA SUPREMO AO ESBOÇÁ-LA,
COM DESVELO ESMEROU-SE POR TORNÁ-LA
DENTRE TODAS, PRENDADA, MAIS E MAIS.

DEU-LHE PRADOS E MATAS E COLINAS,
DEU-LHE FONTES DE ÁGUAS CRISTALINAS,
DEU COR MAIS BELA A SEUS CANÁVIAIS.

Depósito Nossa Senhora Aparecida

«O GIGANTE DO CRATO»

— DE —

Valdemir Correia de Sousa

UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES, MOVEIS, ARTIGOS
PARA O LAR, VIDROS, CRISTAIS, PRATARIAS, GELADEIRAS
E OUTRAS UTILIDADES

PREÇOS SEM COMPETIDOR

RUA SANTOS DUMONT, 27

RUA DR. JOÃO PESSOA, 246

Crato

—

Ceará

SE VOCÊ DESEJA UMA VIAGEM AO SUL, TRANQUILA,
SEGURA E FELIZ...

EXPRESSO REAL CARIRIENSE

- ONIBUS MODERNOS E CONFORTÁVEIS
- MOTORISTAS EXPERIENTES E SEGUROS
- EXCELENTE TRATAMENTO DE BORDO
- UMA VIAGEM INESQUECIVEL
- VÁRIOS ONIBUS, A SEMANA TODA

DIANTE DISSO... SÓ RESTA MARCAR A DATA!

EXPRESSO REAL CARIRIENSE

GUICHÊS NAS RODOVIARIAS DE CRATO E JUAZEIRO

Sesquicentenário do Poder Legislativo

Senhores Vereadores:

Foi sob o impacto de profunda emoção que recebi o cativante e honroso convite que me enviastes para vir hoje, ocupar aqui, esta tribuna para mim de tão gratas recordações.

Transportei-me, espiritualmente, e de improviso, à fase recuada e das mais empolgantes da minha vida, em que, pleno de mocidade e estuante de ardor cívico, debatia neste mesmo recinto e depois nos altos do velho prédio da Prefeitura Municipal, como representante do povo cratense, com leais e nobres companheiros, os problemas de maior magnitude para o município e para a sua laboriosa população.

Evoco, rendendo-lhes uma homenagem especial, os nomes dos colegas de representação que já se foram tragados pela voragem dos tempos, mas que aqui deixaram o traço indelével da sua marcante atuação, alguns deles com ilustres descendentes ocupando-lhes hoje com a lacuna aberta as árduas funções legislativas com o mesmo apuro, prestígio e cabal desempenho. Antônio Esmeraldo, João Alves Rocha, Antônio Xenofonte de Oliveira e José Pinheiro Gonçalves são, entre outros, nomes que a memória cívica do Crato deve guardar como exemplos pelo acervo de inestimáveis serviços que, em vida, prestaram à pública administração municipal.

E, de recordação em recordação, cheguei até àquele já distanciado 1º de Setembro de 1942, em que, perante o proecto e respeitável juiz de direito da Comarca, Dr. Hermes Paraíba, depois elevado às funções de egrégio desembargador da nossa Côrte de Justiça, assumi o eexercício da Promotoria Pública do Crato, cargo que ocupei até quando, por ato do então Governador Menezes Pimentel, fui mandado desempenhar em comissão as funções de Secretário da Prefeitura local na administração do Dr. Wilson Gonçalves, hoje ilustre Senador da República, nomeado com a morte, que todo o Crato lamentou, do notável homem público que foi Alexandre Arrais de Alencar.

De relance me passou também pela mente aquele episódio histórico em que, por um dia, mediante transmissão legal, exerci as funções de Prefeito, com a queda do Ditador Getúlio Vargas, e que, por determinação do esquema revolucionário emergente dos acontecimentos, transmiti, observada rigorosa formalidade legal, ao dr. juiz de direito da Comarca. Instado pelo magistrado para permanecer na Secretaria, declinei do honroso convite, preferindo acompanhar na queda o Prefeito a quem servia.

Reconstitui, ainda, num gesto retrospecto, a minha passagem como Presidente do querido clube de serviço, o Rotary Club do Crato, Presidente da Sub-Secção do Cariri da Ordem dos Advogados do Brasil, ainda por duas vezes nas mesmas funções à frente da Exposição Agro-Pecuária do Crato, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, atual Advogado de Ofício da Comarca, Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato e membro, ocupante da cadeira nº 2 do Instituto Cultural do Cariri, reconfortado, assim, de dar à terra que me recebeu de braços abertos um pouco do que me permitem as minhas naturais limitações, e que a terra natal, dentro da sua relativa pequenez e da sua modésta situação, negou ao filho que só Deus sabe como teria se sentido feliz caso se lhe houvesse dado a oportunidade de servi-la junto aos poderes constituídos do Estado e da União, pagando-lhe, ao menos em parte, a alegria sem

par que teve de abrir, justamente do alto dos alcantis serranos, pela primeira vez os olhos à encantadora paisagem do verdejante Vale do Cariri.

Perdoia-me, senhores vereadores, esta digressão.

É que palmilho aquela fase da vida em que é grato ao homem público, em solidões como esta, em que se respira um ambiente de pura evocação histórica, fazer perante os seus concidadãos uma espécie de prestação de contas de sua ingerência ativa no contexto social, dado que é justamente, aquela em que, na condoida lamentação do poeta, "é-nos grato parar e volver o olhar para traz, para os tempos remotos, tão cheios de canções, tão cheios de embriaguês, porque, ai! a juventude é como a flôr do Lotus, que em cem anos fioresce apenas uma vez".

Regosijo-me por poder, a esta altura, entrar, propriamente, na "explanação sobre o Sesquicentenário do Poder Legislativo do Brasil e o 156º Aniversário da Revolução de 1817", como me foi proposto, textualmente, no vosso honroso convite.

A lei é um imperativo da coexistência social.

Ser gregário por excelência, como já em priscas eras o conceituava ARISTOTELES, e caracterizando-se a pessoa humana, por sua própria constituição psíquico-somática, pela maneira diversa de adaptar-se de conduzir-se no meio comunitário, impoz-se de logo ao grupo a necessidade indeclinável de criar normas permissivas e proibitivas de comportamento e de inter-relações sociais.

Tais princípios normativos tinham que obedecer, imperiosamente, a uma certa sistematização, que vem se aperfeiçoando, através dos tempos, e de acordo com a evolução dos povos, até assumir a feição que hõje tem das codificações modernas.

Claro é que, para a sua elaboração, imprescindível seria a existência na sociedade incipiente de elementos mais capacitados e que se distinguissem dos demais pela inata vocação à liderança.

A missão sobremodo complexa exigiria um trabalho de mútua cooperação, ou, como hoje chamariamos, de equipe, de modo que o resultado alcançado representasse não o interesse individual ou de facção mas o pensamento tanto quanto possível da totalidade ou pelo menos da maioria do aglomerado em formação.

Era o embrião do poder legislativo ou legisferante, que constituiria como constitui nos dias atuais uma força extraordinária pela perfeição técnico-jurídica com que se manifesta entre os poderes democráticos.

O Brasil (e aqui entro precisamente no âmbito do assunto que me foi proposto) desde o seu descobrimento passou a viver, como achado de Portugal, país já incorporado à civilização, sob o império das leis ultra-marinas.

O abandono a que foi relegado nos primeiros anos da descoberta, graças ao sortilégio, à atração que sobre o Reino exerciam as fabulosas riquezas da Índia, teria conservado a nova terra no cáus, invadida pela ambição dos traficantes mundiais, se a Côrte ainda em tempo não tivesse sido advertida dos perigos que corria de vir a perder o rico e apetecido território.

As Ordenações e demais canones legais passaram então a ter, entre nós, aplicação rigorosa.

E assim, introduzidas nesses diplomas as naturais e oportunas modificações que o tempo ia reclamando, decorreu todo o período colonial, até que para aqui se deslocasse, fugindo ao furacão na poleônica, a Família Real, instalando em nossa terra a sede do Reino, que ensejaria, como se sabe, uma série de medidas saltares em nosso benefício, sob a inspiração algumas delas de genuinos estadistas brasileiros, como CAIRÚ, e de que são exemplo a abertura dos nossos portos às nações amigas, a fundação na Bahia da escola médico-cirúrgica, a criação no Rio do Banco do Brasil,

o Liceu de Artes, a Academia de Marinha, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico, etc. obras estas e tamanha significação econômica, política e social que os historiadores sem discrepância consideram-nas como o início, propriamente, da nossa independência, verificada, efetivamente, dali a apenas 14 anos.

Cronologicamente, porém, e como produto genuinamente nacional, só com a Constituição de 1823, portanto há 150 anos, passou a vigorar, ou implantou-se, entre nós, o Poder Legislativo.

Os nossos anseios de auto-governo, de auto-direção vinham, porém, de longe e aí temos para ilustrar o asserto a Inconfidência Mineira de Tiradentes e os demais movimentos nativistas de menor expressão, mas de efeitos não menos decisivos, para atestá-los.

As prerrogativas do Reino Unido do Brasil-Portugal e Algarves, que nos davam ou emprestavam fóros de governo próprio, não nos iludiam, entretanto, e nada obstante os reinóis sempre se nos afiguraram intrusos que era preciso alijar quanto antes, de modo a que passássemos a ser nós mesmos.

No seio das comunidades, religiosas e profanas, dos quartéis, por toda parte, trama-se a mudança do regime como aspiração suprema dos nossos ideais libertários.

O Nordeste, sobretudo, foi o fóco crepitante do nativismo e das idéias emancipacionistas, triunfantes, momentaneamente, na gloriosa Revolução de 1817, irradiante de Pernambuco até o Ceará, ou, mais precisamente, até o Crato, onde, sob o influxo da palavra eletrizante do diacono José Martiniano de Alencar, eclodiria como eclodiu o movimento que apenas duraria até o dia 11 do mesmo mês, mas que foi uma autêntica afirmação de brasilidade, acelerando a separação definitiva que se daria gloriosamente dali a 5 anos com o brado altivo de Pedro I às margens do ribeiro histórico do Ipiranga.

Alguns historiadores menos avisados, ou talvez até de má fé, relegam a segundo plano e às vezes até omitem, o papel importante que no patriótico movimento teve o Crato, quando nesta cidade, na Praça da Sé — marco de nossa iniciação histórica com a Missão do Miranda — o jovem seminarista, vindo do Seminário de Olinda, como emissário dos chefes da Revolução, proclamou rotos os alços que nos prendiam a Portugal.

Até o provector João Ribeiro, referindo-se ao levante memorável, na sua monumental História do Brasil, comenta, neste particular, secamente: "A revolução propagou-se rapidamente de Alagôas ao Ceará, pela ação dos emissários enviados para diferentes pontos. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte chegaram a organizar governos provisórios. No Ceará, o emissário, o jovem seminarista José Martiniano de Alencar, foi preso no Crato." E só. Omitiu a participação decisiva de outros membros da família Alencar, Dona Barbara à frente, a quem o Dr. Manuel de Arruda Câmara conferiu o título de heroína.

Felizmente, para reabilitação da verdade histórica, que se deve escrever com fatos, indo direto às fontes e aos documentos e não com meras divagações e fantasias, os autorizados historiadores conterrâneos Irineu Pinheiro e Pe. Antonio Gomes de Araújo, em páginas irretorquíveis, dissiparam a respeito qualquer dúvida trazendo à luz a prova do importante papel que a brava gente cariense desempenhou na arrancada que por 80 dias empolgou o genio político do povo pernambucano.

Aliás, em outro tópico da mesma História, e desta vez no tocante à Confederação do Equador, o mesmo João Ribeiro omitiu a participação efetiva que nela teve o Ceará. Foi preciso que Araripe Júnior, notável publicista e rebento da família Alencar, viesse a público exigir a retificação da falha, que Ribeiro, convencido, e dando mostras da

veraz afirmação de historiador que era, aceitou, dando a mão à palmatória e fazendo justiça ao nosso Estado nessa outra gloriosa passagem da nossa História.

O certo é que os ânimos não se arrefeceram mais, alimentados sobretudo pela prepotência dos reinóis, exacerbados ainda mais quando, regressando D. João VI a Portugal, premido pela Revolução Constitucionalista do Porto, deixando aqui como Príncipe Regente o filho Pedro, que mais tarde seria Pedro I, foram os nossos deputados em Lisboa, inclusive José Martiniano de Alencar, espesinhados e quasi expulsos, forçados a procurar abrigo em alheias terras, por se haver tornado ali insustentável a sua permanência.

Também lá fora, nos altos escalões da Côrte, como hoje diríamos, a voz do Cariri se fez ouvir pela palavra de José Martiniano de Alencar, que seria depois, em brilhante carreira política, Ministro do Império e do Governador do Ceará, aliás, como diz com justiça o historiador Raimundo Girão, o maior dos nossos governadores para a sua época, bastando citar algumas das promoções, que, nesse posto, empreendeu em prol do Ceará e que parecem grandes demais para aqueles distanciados tempos:

- a — Fundação do Banco Provincial do Ceará;
- b — Construção de açudes, iniciada pela barragem do Pajeú;
- c — Abertura de poços e cacimbas;
- d — Vias de comunicação e transporte, começando pelas estradas de Fortaleza a Icó e de Fortaleza a Sobral;
- e — Incremento da lavoura de cana e algodão e cereais, dando início à cultura do café;
- f — fomento da criação e importação de reprodutores;
- g — Introdução de imigrante tsrazidos dos Açores para os trabalhos da agricultura;
- h — Contrato de artífices na França para o ensino de artes e ofícios;
- i — Canalização de água potável para Fortaleza;
- j — Iluminação pública para a capital;
- k — Recenseamento da população;
- l — Varreu o interior “dos potentes criminosos que traziam as populações sertanejas em sobressaltos.” (In Pe. Antonio Gomes, 1817 no Cariri, pág. 20).

Premido pelas forças vivas da Nação Brasileira, que já não mais suplicavam, mas exigiam, impondo, o Príncipe Regente, de viagem para São Paulo, não pode mais tergiversar, ou procrastinar a nossa emancipação, e concretizando esse idéal, que com justiça também acalentava, rompeu os laços que nos prendiam a Portugal e estava o Brasil em 7 de Setembro de 1822 senhor absoluto de seus próprios destinos.

Todavia, se eramos uma Nação, não eramos, no rigor técnico do termo, um Estado, assim compreendido o povo política e juridicamente organizado. E a Constituição, que nos regimes da lei é obra exclusiva de elaboração do Poder Legislativo, tinha que ser quanto antes promulgada pela Assembléa Constituinte.

Por convocação de Pedro I, esta passou a trabalhar, afinadamente, inaugurando-a o Imperador em 3 de Maio de 1823. Dentre a representação cearense figurava o intrépido José Martiniano de Alencar.

Tumultuosos foram os debates ali travados, até que apparecesse, em 30 de Agosto daquele ano, o Projeto da Constituição, que não chegou a ser promulgada porque os conflitos suscitados entre as facções tomaram tal vulto que o Imperador foi levado a dissolvê-la, expulsando-se uns e prendendo-se outros dos deputados considerados responsáveis pelo malogro da obra legislativa tão promissoramente iniciada.

Não era propósito de Pedro I assim agir, violentamente, protelando o advento da

nossa constitucionalização, tanto que, logo após, nomeou uma comissão que, sem mais delongas, meteu mãos à obra elaborando a Carta Constitucional outorgada pelo Imperador em 25 de Março de 1824, que regeria o Império e na verdade o regeu até a deposição do 2º Imperador em 15 de Novembro de 1889.

Essa Magna Carta, com as suas falhas, com os seus desacertos, mas, também, com as suas virtudes, assinala a nossa entrada promissora no regime juridicamente responsável por que vínhamos batendo, tendo ensejado, sob a sua inspiração, a criação de novos e importantes institutos jurídicos, imprescindíveis à segurança do Estado e à organização político-social do nosso povo.

Era necessário que formássemos também os sacerdotes da lei, para que pregassem e difundissem no vasto coração da Pátria o culto e a religião do Direito.

Se a máquina judiciária é sem dúvida indispensável a aplicação da norma, na coibição dos abusos de ordem vária, não menos certo é que o conhecimento também dela, mas suas generalidades, levado às classes sociais pelas escolas, evita ou atenua muitas vezes os conflitos individuais sempre tão nocivos à paz e ao bem estar social. Por isso é que nunca fui, não sou e creio que nunca serei contrário à criação de Faculdades de Direito, em regiões afastadas delas ainda desprovidas e aplaudi com efusão o advento oficial da nossa

A Constituição vigente em 1824 apressou a implantação entre nós e escolas jurídicas, facilitando a graduação de jovens brasileiros nessa ciência, aurida só então na velha Universidade de Coimbra, ao alcance só dos filhos ricos dos potentados senhores de engenhos e das figuras importantes da Corte.

Assim é que no ano remoto de 1827, cinco após o grito do Ipiranga, aparecia a carta de lei criando os primeiros cursos jurídicos do Brasil, em São Paulo e em Olinda, consagrando-se-lhe a data, 11 de Agosto, como o de sua fundação. Era Ministro do Império José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, que disse, saudando o acontecimento: „Ao tempo deste meu Ministério pertence o ato que reputo o mais glorioso da minha carreira política, e que me penetrou do mais íntimo júbilo que pode sentir o homem público no exercício de suas funções. Refiro-me à instalação dos dois cursos jurídicos de São Paulo e de Olinda, consagração definitiva da idéia que eu aventára na Assembléa Constituinte, em sesso de 14 de junho.

Transcorridos poucos anos de sua vigência, a Constituição outorgada por Pedro I foi se mostrando inapta à solução de certos problemas de ordem politico-administrativa, exigindo reforma inadiável. A Câmara nomeou uma comissão para indicar, em 1831 os artigos que deviam ser mudados e, decorridos períodos legislativos, com acesos debates, foi o projeto crivado de emendas afinal aprovado, em Agosto de 1834, como ato adicional à Constituição do Império.

No mesmo fecundo período outras leis ordinárias enriqueceram o patrimônio jurídico nacional, entre outras o Código de Processo, o Código Penal do Império, a do sistema eleitoral, a da eleição dos juizes de paz, a das Câmaras Municipais, a da organização judiciária, etc. etc.

Promulgada a República, era natural que a Carta do regime decaído fosse revogada na sua totalidade.

O seu obreiro máximo foi o Conselheiro RUI BADRBOSA. Sobre o preclaro jurista recaem acerbas críticas por não ter se inspirado, nesse básico instrumento legislativo, nos princípios da Constituição Americana, quando, aduzem os seus censores, eram como ainda são hoje, outros o nosso ambiente, os nossos hábitos, os nossos costumes e nossa formação, merecedores, por isso, de tratamento institucional próprio. Iniciamos o governo da federação falhando entre outros aos princípios da auto-deter-

minação, pela cópia de alheios canones jurídicos na nossa Lei Fundamental. É que faltavam, aduzem os comentadores e constitucionalistas, ao eminentes jurista bahiano, a visão sociológica, a ciência do antropólogo, que devem ter larga aplicação na arte de legislar.

E assim viemos, pelo desajuste dos princípios constitucionais com a realidade brasileira, de etapa em etapa, de evolução em evolução, de atentado em atentado à autonomia dos Estados membros, até que deflagrou a Revolução então julgada redentora de 1930.

Prolongando-se o governo de Vargas no poder até 1932 sem ao menos prometer ao povo o retorno ao regime da lei, foi o germe da revolta popular alçando aqui e ali o colo, e quando menos se esperava São Paulo se levantou em armas, empunhando a Bandeira da Revolução Constitucionalista. Abafada a intentora rehabilitadora, surtiu no entanto, o efeito de despertar o governo, e em 1934 nova Constituição era promulgada, com a introdução, nela, de princípios até então alheios à nossa realidade constitucional, mas impostos por imperativo da época, como seja a representação classista, bem como outras inovações descabidas, infensas ao nosso processamento histórico e que, por isso mesmo, a tornaram dentro em pouco juridicamente ineficazes.

A respeito, pontifica o eminente constitucionalista PONTES DE MIRANDA: A deficiência da Constituição de 1934 levou ao dilema: ou reformá-la o Poder Legislativo, no sentido de regime de gabinete, o que teria salvo, por volta de 1935, a Constituição, ou no sentido de mais acentuado presidencialismo (a incerteza é que não podia persistir, por falta de suficiente integração e ao mesmo tempo de insuficiente força do Poder Legislativo, a acabar antes do Presidente da República). Nada se fez, e veio a terceira solução, fóra dela: o golpe de 10 de Novembro de 1937 foi a consequência de inadaptação do texto de 1934 mais o problema das polícias militares dos Estados-membros mais o "rompimento de veia", desastroso, das Emendas. A Constituição, de 1934 possuía elemento novo: programática, em parte social-democrática e, pois, mais acorde com o intervencionismo do Estado e com a doutrina política católica, do que a de 1891, o que a fez católica nos pontos relativos à ordem moral; e social-democrática e católica, um tanto misturadamente, nos pontos relativos à ordem econômica. A programaticidade passou, em parte, à Constituição de 1937. Era, porém, de observar-se que o elemento religioso perdera certa atuação: no preâmbulo não se falou em Deus e não se manteve a regra jurídica que "constitucionalizava" o reconhecimento do casamento religioso."

Espírito autêntico de caudilho, formado na escola positivista dos pampas, sabia bem ao gosto político de Getúlio a perpetuação no poder, e, para assegurá-lo, dava, servindo-se da acuidade mental de Francisco Campos, notável brasileiro que o juiz inapelável do povo apelidou de "Chico ciência", em Novembro de 1937, às vésperas de ferir-se o pleito para a renovação do mandato presidencial, o golpe que batisaria o regime de Estado Novo.

Sob essa Carta, de inspiração nitidamente totalitária, permanecemos até 1946, quando, vitoriosas as forças da Democracia na Segunda Grande Guerra, Getúlio foi apeado do poder, e entregue o país, após os necessários preparativos, ao regime salutar das leis.

O pior mas Constituições não é serem ruína, é não serem cumpridas. O desrespeito à lei gera o descontentamento, a revolta, a sublevação e à indisciplina. Porque, para as normas julgadas ineficazes ou lesivas a interesses que visavam tutelar, há o recurso jurídico das emendas e reformulações. A de 1946 atendida, na sua generali-

ICC Agradece à "A FERRAGISTA"

Impõe-nos a consciência o dever de registrar, e agradecer, a colaboração que a conhecida e conceituada Empresa local A FERRAGISTA, tem dado ao Instituto Cultural do Cariri. Foi graças ao seu dinâmico Presidente Edmilson Alves de Sousa, que os Estatutos do CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE foram publicado no Diário Oficial do Estado, edição de 17.08.77. A FERRAGISTA mandou, ainda, imprimir esses Estatutos em distinto folheto. Sempre nos prestigia com anúncios de suas lojas, em nossa Revista. Sempre publica assuntos e novidades do ICC em seu bem feito jornal. São exemplos, assim, que nos encorajam e estimulam. O espírito público e o amor à terra natal, do Dr. Edmilson Alves de Sousa, merecem ser admirados e reconhecidos.

A propósito: os Estatutos do CAF foram registrados no Cartório de Títulos e Documentos, em Crato, como pessoa jurídica, no livro A-3, nº de ordem, 30, em 5.08.77.

dade, aos nossos anseios, mas passou a ser vulnerada sem medidas justamente pelos que deviam ser o fiel instrumento da sua preservação.

O resquício do regime discricionário ficou no sangue do leal discípulo do Ditador extinto, que, precipitando o país para o abismo inevitável, alertou ainda em tempo as nossas gloriosas Forças Armadas que o salvou, expulsando na arrancada vitoriosa de Março de 64 os vendilhões do Templo outra Carta Magna, a de 1967, tornada posteriormente plexível e atualizada por leis suplementares ou subsidiárias à altura da época de profunda transformações sociais, econômicas e políticas que atravessamos.

Estes, em traços rápidos, que forcei para tornar ainda menos longos, apesar da complexidade do assunto, o histórico da nossa vida constitucional, ou do Poder Legislativo durante 150 anos em nossa Pátria.

Lamento que, por exiguidade de tempo, não tenha podido fazê-lo mais detalhadamente, enfocando aqueles pontos que mais condizem, na atualidade, com a nossa evolução e com o nosso surpreendente surto desenvolvimentista. Seria trabalho para alentadas páginas, para cuja feita faltam-me competência e reservas intelectuais.

Resta apenas agradecer à Egrégia Câmara de Vereadores a honra com que me distinguiu, lembrando-lhe, como fecho deste desprezioso trabalho, que prossiga desempenhando o munus público, que lhe foi outorgado, com serenidade e sobrançeria, olhos voltados para o princípio universalmente aceito de que o Poder Legislativo é o pulmão sadio por onde respira os povos livres.

(Discurso pronunciado na Sessão Solene da Câmara Municipal do Crato, quando das comemorações dos 150 anos do Poder Legislativo, em 17.05.73).

LOJAS STUART

TUDO DE BOM PARA SEU LAR

STUART

COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO LTDA.

MATRIZ:

CRATO - CE

FILIAIS:

CAJAZEIRAS - PB E GOIANIA - GO

A Velha Estória da Eternidade da Matéria

Não é raro contraporem-se, como termos incompatíveis, **evolução** e **criação**. Para os que admitem este ponto de vista deve ser surpresa saber que um dos mais famosos e mais avançados evolucionistas dos nossos dias, Teilhard de Chardin, raciocinava assim: para haver evolução, é necessário haver alguma coisa que possa evoluir; e para haver alguma coisa é necessária a criação.

Mesmo sem levar em conta a muitas vezes alegada oposição entre evolução e criação, outros negam a criação sob pretexto de que a matéria sempre existiu — não foi criada. Cumpre desde logo ressaltar que a **matéria sempre existiu** e a **matéria foi criada** não são proposição contraditórias. É impossível marcar o instante em que se tornou possível a Deus criar o mundo. É claro que Ele, se quisesse, o teria criado desde toda a eternidade.

Mas a ciência moderna não referenda a hipótese de um universo que não teve começo. **Eternidade da matéria é agora uma velha estória.**

Como nos diz a ciência que o mundo teve começo? Em linguagem bem variada, mas principalmente nos seus grandes enunciados sobre:

radioatividade — transformação de um elemento noutro;
recessão das galáxias — expansão do universo;
degradação da energia — entropia.

RADIOATIVIDADE — OS RELÓGIOS DE HÉLIO E DE CHUMBO

Não me parece que tenha sido das mais feliezs a lembrança de determinar a idade da terra com fundamento na salinidade dos mares. Cabe a Edmundo Halley (grande astrônomo bem conhecido em virtude de sua ligação com um famoso cometa) a paternidade da idéia. Se se pudesse calcular a quantidade de sal existente nos mares, e quantas toneladas de sal os rios arrastam anualmente para os mares, seria fácil descobrir o segredo da idade os mares. Halley lançou a culpa aos antigos gregos e latinos, que bem poderiam ter deixado informações sobre o teor da salinidade há mais de dois mil anos. Trabalho bem fácil seria comparar a salinidade de então com a de hoje.

O problema, em termos gerais, é muito simples — para descobrir a idade dos mares basta dividir a quantidade de sal neles existente pela quantidade que os rios transportam anualmente. Se eu sei que numa tina com água se lança, minuto a minuto, uma grama de sal, e verifico agora que estão dissolvidos na tina 61 gramas de sal, por isto mesmo sei que já se passou uma hora desde o início da salinização.

No caso que nos interessa, grandes são as dificuldades, da parte dos mares e da parte dos rios. Quanto aos mares, porque, mesmo sem levar em conta a salinidade do mar Morto, muito mais elevada que a de qualquer outro, é notável a desigualdade do teor de sal. Quanto aos rios, porque a quantidade de sal que eles iam lambendo nas terras por onde passavam nos primeiros milhões ou bilhões de anos, bem poderia ter sido, na unidade de tempo, muitíssimo diferente da que se verifica nos anos do nosso século XS. Daí a disparidade dos resultados a que chegaram os cálculos de vários cientistas.

Segundo os cálculos de J. Joly (1898) os rios despejam anualmente nos mares 156 bilhões de quilos de sal comum, e a quantidade de sal hoje existente nos mares se eleva a 12 quintilhões e 600 quatrilhões de quilos, um respeitável número que se escreve com os algarismos 1, 2 e 6 seguidos de 17 zeros. Os mares seriam muito jovens: a idade não chegaria a 90 milhões de anos. Os estudos de Sollas permitem admitir, como limite máximo, 150 milhões de anos. Spencer e Murata avançaram muito mais, admitindo a possibilidade de 500 a 700 milhões de anos. Os cálculos mais avançados foram os de Conway: 700 a 800 milhões, idade mínima; 2 bilhões e 350 milhões, idade máxima.

Vamos enfim supor que se conhecesse a idade exata dos mares. Como se poderia saber, com base na salinidade, quantos anos decorreram desde a solidificação da crosta terrestre até o início do processo de salinização dos mares? Está claro que o relógio do sal não é o indicado para marcar a hora certa do nascimento da terra. Procuremos outros.

Em 1868 Júlio Janssen, físico e astrônomo francês, fundador do observatório de astrofísica de Meudon e o inglês Lockyer, ficaram surpreendidos de ver que existe no sol uma substância nunca dantes conhecida na terra. Uma raia que ainda não se tinha mostrado no espectro solar foi o sinal do novo elemento que, precisamente por ter sido descoberto no sol, recebeu o nome de hélio (hélios, sol em grego). Já se tinha verificado a presença do mesmo elemento bem mais longe de nós, em várias estrelas, quando, em 1891, o norte-americano Hillebrand descobriu em minérios de urânio um gás que julgou ser nitrogênio. Depois o mencionado Lockyer verificou que o elemento encontrado por Hillebrand era o mesmo que antes tinha sido descoberto no sol. A partir daí se ficou sabendo que existe hélio na terra, e hoje se sabe que ele está presente, em pequena quantidade, na atmosfera.

Rutherford, um dos maiores experimentalistas de todos os tempos, comparando a massa do átomo de hélio com a do produto das desintegrações, genialmente suspeitou que as partículas alfa seriam átomos de hélio. Ramsay e Soddy, enquanto procediam ao exame espectroscópico do gás emitido pelo rádio, notaram a presença da mesma raia característica do hélio. Descobriu-se assim que se obtém hélio a partir da desintegração de qualquer elemento radioativo que desprende partícula alfa, e, mais, que estas partículas são átomos de hélio que deixaram de ser eletricamente neutros porque, em virtude da perda de dois elétrons, adquiriram a propriedade de um corpo carregado de eletricidade positiva.

Novo mérito de Rutherford se evidenciou em 1904, no Congresso Internacional de Artes e Ciências. O genial observador dos fenômenos científicos alvitrou que se tomasse a quantidade de urânio e de hélio como ponto de partida para a determinação da idade de uma rocha urânica. Se eu sei que uma determinada substância se transforma parcialmente noutra e as duas coexistem, e sei qual o tempo necessário e suficiente para 1 quilo de substância originária produzir 1 grama da outra, verificando a quantidade atual de ambas, por isto mesmo chego a conhecer o tempo decorrido desde o início do processo de transformação. Foi este o critério indicado por Rutherford.

Sabe-se que 1 grama de urânio 238 produz 674 decimiligramas de hélio em 4 bilhões e 500 milhões de anos. Pelo método de Rutherford esta é a conclusão a que se chega: idade da terra, 4 bilhões e 500 milhões de anos. O relógio de hélio fica sempre marcando a hora em que a terra nasceu.

Considera-se mais exato o relógio de chumbo. Verificou-se que a corda do relógio de hélio enfraquece. A volatilidade do gás acarreta o desprendimento de parte dele

durante o processo de transformação. Concluiu-se daí que o hélio encontrado nos minérios de urânio não é todo o hélio resultante da desintegração.

A ciência não para. Em 1907 surgiu a oportuna proposta de Boltwood: já que se encontra, em todos os minérios de urânio conhecidos, certa quantidade de chumbo resultante da desintegração nuclear, vamos calcular a idade da terra a partir do teor de chumbo nas rochas urânicas. Foi aceita a idéia, e hoje se fala do "imenso relógio cósmico", o relógio de chumbo.

Se agora tivesse início a desintegração de 100 gramas de urânio, depois de uns quatro bilhões e quinhentos milhões de anos teríamos 50 gramas de urânio, 43 de chumbo e 7 de hélio. O tempo necessário e suficiente para a desintegração do urânio reduzi-lo a 50 por cento (período, em termo técnico) é, em valor aproximado, igual a 4 bilhões e 500 milhões de anos.

Donde; se hoje encontramos nos minérios de urânio 50 por cento de urânio e 43 por cento de chumbo, concluímos que a desintegração começou há cerca de 4 bilhões e 500 milhões de anos.

Chegou-se a conhecer que 1 grama de urânio gera em 1 milhão de anos 7.600 décimos milésimos de 1 grama de chumbo. A partir daí foi, deduzida a fórmula: o tempo decorrido desde o começo do processo é igual ao produto de dois fatores, dos quais um é o cociente da divisão da quantidade de chumbo pela de urânio e o outro corresponde a 7.600 milhões de anos.

Complicaram-se os cálculos quando os isótopos despertaram a atenção dos cientistas. Dos 4 isótopos de chumbo, Pb204, Pb206, Pb207 e Pb208, só o primeiro não é de origem radioativa, o Pb208 resulta da desintegração do tório 232, e só os isótopos 206 e 207 são de origem urânica, resultando, respectivamente, dos isótopos de urânio 238 e 235.

A desintegração do urânio 235 é bem mais rápida, sendo o seu período de 713 milhões de anos, enquanto o do urânio 238 é de 4 bilhões e quinhentos milhões de anos. Sendo mais fácil a desintegração do U235, por isto mesmo foi ele o preferido para a fabricação da bomba atômica. E foi este igualmente o motivo por que 200 cientistas alemães passaram o tempo da segunda guerra mundial em perseverante busca de U235. E chegaram realmente os alemães a fabricar uma verdadeira bomba atômica, antes que os americanos preparassem as que lançaram sobre Hiroshima e Nagasáqui. Por que, então, não foi a Alemanha a vencedora? Simplesmente porque a quantidade de urânio 235 de que pôde dispor foi muito pequena, dir-se-ia quase infinitesimalmente pequena, tão exígua que a explosão não foi suficiente para matar uma mosca.

Passaram os cientistas a calcular a idade da terra levando em conta os dois isótopos 235 e 238, de urânio, e os dois de chumbo, 207 e 206.

Holmes partiu do razoável suposto de que inicialmente o 4 isótopos de chumbo guardavam entre si proporções uniformes, mas, depois, em razão da desigualdade dos períodos de desintegração, surgiu a desproporção entre Pb206 e Pb207.

Crady, supondo nula a quantidade de chumbo 207 ao iniciar-se o processo radioativo, concluiu que a idade da terra hoje não passa de 5 bilhões e 100 milhões de anos. Alpher e Herman, aplicando o mesmo critério, e levando em conta o teor atual de chumbo 206, encontraram o valor máximo de 5 bilhões e 300 milhões de anos. Isto é simplesmente esplêndido! Note-se que um dos resultados equivale a mais de 96 por cento do outro. A diferença de 200 milhões de anos na idade máxima da terra é insignificante.

O mais importante é a conclusão: a terra teve começo. Se ela tivesse existido

desde toda a eternidade, já estaria encerrado o processo de conversão do urânio em chumbo, por mais longo que fosse o período de desintegração. E não existiria mais urânio.

Chega-se à mesma conclusão quanto ao sol e as demais estrelas. A altíssima temperatura do sol faz o carbono engolir, um a um, núcleos atômicos de hidrogênio. Os núcleos absorvidos, quando chegam a ser quatro, se fundem num só, e temos agora hidrogênio convertido em hélio. Mas não é toda a massa de hidrogênio que se transforma em hélio — uma parte se transforma em energia. É daí que procede toda a energia que o sol constantemente e continuamente distribui com incrível generosidade. Sendo embora pequena a parte de massa que se converte em energia, apenas 7 por mil, o sol (essa imensa bomba de hidrogênio) desprende, por segundo, energia equivalente a 4 milhões de toneladas, conforme cálculos efetuados com base na fórmula de Einstein: $E=MC^2$ (E, energia, M, massa; C^2 , o quadrado da velocidade da luz). Deste modo, o hidrogênio do sol está continuamente a se transformar em hélio. O mesmo acontece com as outras estrelas. Há estrelas que já vão perdendo o brilho porque já lhes resta pouco hidrogênio. No mesmo conglomerado de estrelas — nebulosa espiral — as estrelas do núcleo apresentam coloração avermelhada, são estrelas velhas, enquanto as dos braços da espiral ostentam a sua juventude na cor azulada. Há estrelas em plena vitalidade e estrelas moribundas.

Julgando pela quantidade de hélio existente no sol, conhecida através de processos espectroscópicos, Bruggencate concluiu que o sol é uma jovem estrela de 4 bilhões de anos. Não havendo, porém, certeza de que todo o hélio existente no sol é de origem hidrogênica, pode ser que este cálculo não seja exato. Mayer atribui ao astro-rei a idade de 4 bilhões e 500 milhões de anos. Como quer que seja, se o sol e as demais estrelas existissem desde toda a eternidade, todo o hidrogênio de que dispunham a princípio já se teria transformado em hélio, e já não haveria astros luminosos. É forçoso concluir que tiveram começo, que começaram a existir.

RECESSÃO DAS GALÁXIAS E EXPANSÃO DO UNIVERSO

É sabidíssimo que a intensidade do som e da luz varia conforme a distância. Não se vulgarizou tanto o conhecimento de que a altura do som também cresce ou decresce em função da distância. Cumpre não esquecer que a intensidade depende da amplitude da onda, enquanto a altura depende da frequência. Há maior intensidade do som no rugido de um leão do que no zumbido de uma muriçoca, mas a altura é maior no zumbido do pequeno inseto. Se um adulto e uma criança caminham lado a lado com a mesma velocidade, as passadas do adulto têm mais amplitude, as do menino têm mais frequência. A vantagem do leão sobre a muriçoca está na amplitude; a da muriçoca sobre o leão, na frequência, no número de vibrações por segundo.

Doppler descobriu que a frequência das vibrações sonoras aumenta ou decresce quando a fonte sonora se aproxima ou se afasta de nós, ou nós dela nos aproximamos ou nos afastamos. Se um passageiro num automóvel em movimento produz num pistão o mesmo som, sempre o mesmo dó, e o automóvel se afasta de nós, logo estaremos ouvindo dó bemol. Se, ao contrário, o veículo se aproxima de nós, logo ouviremos dó sustenido. É até possível determinar a velocidade de um trem que vai longe, verificando-se que, entre os pontos A e B, o apito passou de mi para fá. São bem interessantes as experiências de Buys-Ballot na Holanda, de Russel na Inglaterra, de Vogel na Alemanha. A velocidade calculada foi quase igual à velocidade observada.

Depois Fizeau verificou que a descoberta de Doppler se aplica igualmente à luz.

Dai a expressão "efeito Doppler-Fizeau", um fenômeno de suma importância em qualquer estudo sobre a expansão do universo. Se, em vez do pistão, o passageiro do automóvel conduzisse, visível ao longe, um quadro de todas as cores, e o veículo corresse em grande velocidade aproximando-se de nós, teríamos a impressão de que todas as cores se aproximavam do roxo (frequência mais elevada), e teríamos a impressão de que todas as cores se aproximavam do vermelho (frequência mais baixa), se o carro se afastasse.

Muitas são as aplicações do efeito Doppler-Fizeau, e os resultados são brilhantíssimos. A mais célebre aplicação se refere ao desvio para o vermelho nos espectros das galáxias. Está claro que os seguidores de Sitter atribuem o desvio simplesmente à grande distância daqueles enormes conglomerados de estrelas. Outros apelam para o efeito Compton e supõem que a diminuição da frequência resulta de choques com elétrons. Zwicky aventou e hipótese do desvio para o vermelho como consequência da ação dos campos gravitacionais que a luz das nebulosas atravessa antes de chegar à terra. Na opinião de Heaps o que ocorre é apenas o cansaço da luz no longo percurso de sua viagem, fadiga resultante de uma certa perda de energia dos fons em razão dos choques de uns contra os outros. Também se fala de algo semelhante à luz solar, que se mostra avermelhada por efeito da pressão da atmosfera solar, por motivo da passagem por aquela atmosfera, como se pode observar ao nascer e ao por do sol. Multiplicam-se as explicações, mas nenhuma conseguiu no mundo científico o prestígio do efeito Doppler-Fizeau: o desvio para o vermelho prova que as galáxias vão fugindo e o universo se expande. A observação do espectro permite até calcular a velocidade do afastamento. É maior a velocidade de recessão das nebulosas mais longinhas. Os estilhaços da bomba que explodiu há bilhões de anos, quanto mais se afastam uns dos outros, mais velozes vão correndo. E, à medida em que se afastam de nós, mais a força de repulsão prevalece sobre a de atração. Nesta corrida louca, o volume do universo, incessantemente, vai crescendo. Segundo cálculos razoáveis, as dimensões da metagaláxia se duplicam em 1 bilhão e 300 milhões de anos. Com a velocidade de cerca de 300 mil quilômetros por segundo, a luz das galáxias da Hidra precisa de 1 bilhão e 100 milhões de anos para chegar à terra, o que significa, em número aproximado, uma distância de dez sextilhões de quilômetros, número que se escreve com o algarismo 1 seguido de 22 zeros. Parece que já é demais, e ainda é pouco. Dez bilhões de anos são o tempo necessário para chegar a nós a luz dos quasars, o que, afinal, vem a significar uma distância de cerca de 100 sextilhões de quilômetros — 1 seguido de 23 zeros. Sendo esta distância igual ao raio do universo segundo os cálculos de Eddington, já se admite que os quasars estão no limite do mundo.

Como quer que seja, se o universo vai crescendo, as suas dimensões são finitas. Seriam, porém infinitas, se o mundo estivesse crescendo desde toda a eternidade. Ele começou a crescer, começou a existir.

Pouco importa que a idade do universo se eleve a 10 bilhões de anos como julgam uns, ou se limite a 5 bilhões como opinam outros. De qualquer modo, o seu crescimento, sem ter adquirido volume infinito, prova que começou a existir.

Se recuarmos na escala do tempo, encontraremos um universo cada vez mais denso (matéria mais concentrada) e cada vez menos volumoso. Se admitirmos que o universo existe há 132 bilhões de anos, iremos concluir que o volume total dos bilhões e mais bilhões de astros enormes era no começo, menor do que a cabeça de um alfinete. A conclusão é inaceitável. Logo, o universo não é tão velho. Sendo o volume equivalente a uma fração cujo denominador é tanto maior quanto mais longo for

o tempo calculado em sentido retrógrado, se o universo existe desde toda a eternidade, teremos o denominador igual a infinito, ou uma fração igual a zero. Daí a forçosa contradição: se dissermos que o universo não teve começo, que sempre existiu, seremos levados a dizer também que já foi o seu volume igual a zero, o que equivale a dizer que houve época em que ele não existia. **Sempre existiu e nem sempre existiu.** Para nos livrarmos de tão evidente contradição é melhor dizer logo que o universo teve começo.

DEGRADAÇÃO DA ENERGIA E ENTROPIA

Os princípios da termodinâmica nos levam à mesma conclusão: o mundo teve princípio.

O universo é um grande doente. A doença é incurável. E a morte é certa. Nada a estranhar nesta linguagem, se se considera que a **doença** é a degradação da energia, e a **morte** é o máximo da entropia.

Importa não esquecer a diferença entre calor e temperatura. Quando usamos a palavra calor, levamos em conta os vários movimentos das moléculas: rotação, translação, vibração e oscilação dos átomos no interior da molécula. Quando falamos de temperatura, aludimos apenas àquilo que os termômetros acusam: a fenômeno que resulta do movimento de translação das moléculas.

Se aproximarmos uma esfera quente de uma fria, depois de certo tempo se estabelecerá o equilíbrio térmico entre as duas, porque a quente transmitiu calor (ou, melhor, energia radiante) para a fria. A energia radiante, que não é propriamente o calor, pode produzir efeitos caloríficos, químicos, luminosos, etc.

No caso das duas esferas (quente e fria) é possível obter energia mecânica (ou trabalho) a partir da energia radiante, mas apenas uma parte desta é utilizável. Energia mecânica se transforma em energia térmica. Se agora tomarmos toda esta energia calorífica e a retransformarmos em energia mecânica, não será possível realizar o mesmo trabalho de que era capaz a energia anterior às transformações. Por isto se diz que, no caso, o calor é energia **degradada**, e a energia mecânica é **mais nobre**.

É impossível o funcionamento de máquina térmica sem dois focos de temperaturas diferentes. Do contrário, como poderia passar energia radiante de um para o outro? Se se estabelecer o equilíbrio térmico entre os dois focos, a máquina ficará incapaz de produzir trabalho.

Em dois sentidos se pode falar de degradação:

1 — tendência para o equilíbrio térmico;

2 — incapacidade da energia térmica de realizar todo o trabalho, que podia ser efetuado pela energia mecânica que lhe deu origem. Assim acontece na terra. Será também assim no universo?

A partir de Lord Kelvin admite-se que a energia do universo tende a degradar-se. O universo marcha para o equilíbrio térmico que será a sua morte. A quantidade de

energia utilizável vai diminuindo constantemente. A entropia se aproxima cada vez mais do máximo.

Na terra não haveria mais nenhum fenômeno energético se não recebêssemos energia da grande fonte que é o sol. Se a terra fosse um sistema fechado, sem possibilidade de receber energia de fora, a entropia já teria chegado aqui ao ponto culminante. Este é o destino inexorável de todo sistema fechado.

O universo é um sistema fechado. Qual a fonte extracósmica de onde o universo pode receber energia? Com a degradação da energia, com o crescimento incessante de entropia, está decretada a morte do universo. Na opinião de Chwolson temos nesta conclusão "a conquista mais gloriosa do espírito humano em todos os campos do saber."

Se admitirmos que o universo existe desde toda a eternidade, seremos forçosamente levados a concluir que já se escoou todo o tempo necessário e suficiente para a entropia atingir o grau máximo. O que é igual a dizer: o universo já teria morrido se existisse desde toda a eternidade.

Creio e sei que o universo teve princípio.

Creio porque a Bíblia diz: "No começo Deus criou os céus e a terra."

Sei porque escuto a voz da ciência nas expressivas linguagens da radioatividade, da expansão do universo e da degradação da energia.

M. DIAS BRANCO S/A

Com. Indústria

Fábrica Fortaleza

BISCOITO

BOLACHA

MACARRÃO

FILIAL: Rua Senador Pompeu, 11

CRATO - CEARÁ

Thomaz Osterne de Alencar S/A

Comércio - Indústria - Agricultura

RÁDIOS
RADIOFONES
TELEVISORES
MÓVEIS
MATERIAL ELÉTRICO

M A T R I Z:

Rua Dr. João Pessoa, 393/419

F I L I A L:

Rua Bárbara de Alencar, 796

Teleg. O S T E R N

Caixa Postal, 16

CRATO

—

CEARÁ

Novo Sócio Correspondente do I C C

Marialva Mont'alverne Frota

CURRICULUM VITAE

I — IDENTIDADE

NOME — FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

FILIAÇÃO — JOSÉ MENDES FROTA e MARIA DO CARMO MONT'ALVERNE FROTA

NASCIMENTO — SOBRAL-CE 23.09.1941

ESTADO CIVIL — CASADO

ESPOSA — MARIA GERVIZ BARBOSA MONT'ALVERNE FROTA

FILHAS — MARIA MARPHISA BARBOSA MONT'ALVERNE FROTA

MARIA LETÍCIA BARBOSA MONT'ALVERNE FROTA

CÉDULA DE IDENTIDADE — Nº 141.027 — Secretaria de Segurança Pública do Maranhão — expedida em 08.03.1972

CARTEIRA DE TRABALHO

E PREVIDÊNCIA SOCIAL — Nº 36913 — Série 276-A — expedida pela Delegacia Regional do Trabalho do Ceará em 04.03.1971

CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO

DO CONTRIBUINTE — CPF 001057163 — CONTROLE 91

TÍTULO DE ELEITOR — Nº 35.112 — 1a. ONA — SECÇÃO 71a. — SÃO LUÍS-MA.

RESIDÊNCIA — RUA DO PASSEIO, 342 — SÃO LUÍS-MA.

FONE — 222 — 6521

ENDEREÇO PROFISSIONAL — COMPANHIA DOCAS DO MARANHÃO
RUA CORONEL COLARES MOREIRA, 561
FONE — 222 — 6521

FUNÇÃO — PROCURADOR JURÍDICO DA COMPANHIA DOCAS DO MARANHÃO

II — FORMAÇÃO CULTURAL

- a) Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — 1966 — Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará;
- b) Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará — 1967 — 1968;
- c) Curso e Especialização em Direito Empresarial, promovido pela Fundação Universidade do Maranhão, INGRAM e Fundação Universidade de Brasília — 1977;
- d) Curso de Pintura Espanhola no Centro de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará — 1963;
- e) Curso de Literatura Espanhola no Centro de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará — 1963;
- f) Curso de Especialização em Direito Constitucional, Ciência Política, Instituições do Direito Tributário, Instituições do Direito Público Internacional e Sistemas Políticos Comparados, na Universidade Federal do Ceará — Faculdade de Direito — 1968;

- g) Curso de Segurança Nacional e Desenvolvimento da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — ADESG — 1969 — Ceará;
- h) Curso de Psicologia Social do Povo Brasileiro, sob os auspícios do Departamento de Cultura do Estado do Maranhão — no Auditório da Biblioteca Pública Benedito Leite — São Luís — 1972;
- i) Curso de Legislação do FGTS promovido pelo Centro de Treinamento da Escola de Administração Pública do Estado do Maranhão — 1973;
- j) Seminário de Legislação Trabalhista promovido pelo SENAC — Maranhão — 1974;
- k) Participante do Encontro de Intercâmbio de Informações para o Planejamento Industrial e Urbano da Ilha de São Luís, sob o patrocínio do Governo do Estado do Maranhão — 1975;
- l) Curso sobre Sociedade por Ações e Adaptações Estatutária, promovido pelo Núcleo de Assistência Empresarial do Maranhão — 1977.

III — ENTIDADES E SOCIEDADES A QUE PERTENCE

- a) Membro da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção do Ceará — Carteira Nº 1452 — Inscrição Nº 1512;
- b) Membro da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção do Maranhão Carteira Nº 648 — Inscrição Nº 734;
- c) Sócio Correspondente do Instituto do Ceará, eleito em 20 de abril de 1972;
- d) Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ocupando a Cadeira Nº 48, que tem como Patrono Francisco Sotero dos Reis — 1974;
- e) Sócio Correspondente da Academia Cearense de Letras, eleito em 10.09.1974;
- f) Sócio Correspondente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, eleito em 12.09.76;
- g) Secretário Geral do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão — eleito para o biênio 1976/1978.

IV — MAGISTÉRIO SUPERIOR

- a) Professor indicado pelo Conselho Estadual de Educação como Titular das Cadeiras de Direito Público e Privado da Faculdade e Ciências Contábeis da Fundação Universidade Vale do Acaraú — Diário Oficial do Estado do Ceará Nº 10.189, de 05 de setembro de 1969. Tais indicações foram ratificadas pelo Conselho Federal de Educação — Revista DOCUMENTA Nº 164 — 1974;
- b) Professor indicado pelo Conselho Estadual de Educação como Titular da Cadeira de Sociologia da Escola de Engenharia Operacional da Fundação Universidade Vale do Acaraú de Sobral — Diário Oficial do Estado Nº 10.549, de 25 de fevereiro de 1971. Tal indicação foi ratificada pelo Conselho Federal de Educação — DOCUMENTA Nº 170 — 1975;
- c) Professor da Cadeira de Fundamentos da Sociedade Civil do I Curso de Administradores Sindicais do Maranhão, realizado pela Delegacia Regional do Trabalho e Escola de Administração Pública do Estado do Maranhão — 1972;
- d) Professor de Noções Fundamentais de Direito Constitucional, Administrativo, Tributário, Comercial e Penal, do Curso para Fiscais de Renda, realizado pelo Centro de Treinamento da Escola de Administração Pública do Estado do Maranhão — 1973.

V — EXERCÍCIO PROFISSIONAL

- a) Assessor do Gabinete do Inspetor Fiscal do Porto do Mucuripe — 1967;
- b) Exercício profissional no Forum de Sobral — Ceará — 1967;
- c) Secretário da Junta de Tomada de Contas da Companhia Docas do Ceará — 1968;
- d) Exercício temporário na Chefia da Assessoria Jurídica da Companhia Docas do Ceará — 1969;
- e) Integrante da Comissão de Inquérito Administrativo na Companhia Docas do Ceará — 1970;
- f) Integrante da Comissão de Licitação da Capitania dos Portos do Estado do Ceará — 1970;
- g) Promovido por merecimento na Companhia Docas do Ceará — 1971;
- h) Exercício na Chefia da Assessoria Geral da Companhia Docas do Ceará — 1971;
- i) Designado pela Portaria Nº 154/71 de 11.08.1971, da Presidência da Companhia Docas do Ceará, Assessor Especial da Administração do Porto do Itaqui, durante o período de implantação da Companhia Docas do Maranhão;
- j) Chefe da Assessoria da Administração do Porto do Itaqui — 1971 a 1973;
- k) Advogado da Companhia Docas do Maranhão — 1974;
- l) Chefe da Assessoria Geral da Companhia Docas do Maranhão — 1974;
- m) Secretário do Conselho de Administração da Companhia Docas do Maranhão — 1974;
- n) Secretário da Diretoria Executiva da Companhia Docas do Maranhão — 1974;
- o) Promovido por merecimento na Companhia Docas do Maranhão — em 1975 e 1976;
- p) Componente da Comissão designada pela Portaria Nº DE/69, de 29.10.75, da Diretoria Executiva do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, a fim de proceder o levantamento dos bens patrimoniais da Companhia Docas do Maranhão;
- q) Presidente da Comissão Permanente do Registro Cadastral de Habilitação de Firms da Companhia Docas do Maranhão — 1977;
- r) Indicado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão para compor, em 1974 e 1976, a lista tríplica para o preenchimento da vaga de Juiz do Tribunal Regional Eleitoral, na categoria de Jurista.

VI — TRABALHOS PUBLICADOS

1 — REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ

- a) Antecedentes da Primeira Constituinte Brasileira — Revista do Instituto Histórico do Ceará — v. 88 — 1970;
- b) O Absolutismo do Poder Moderador — v. 91 — 1972;
- c) José Saboya de Albuquerque — v. 91 — 1972;
- d) Vila Distinta e Real de Sobral — v. 92 — 1973;
- e) Batismo em Atenas — v. 23 — 1974;
- f) Francisco Araújo, Vindimeiro de Sobral — v. 93 — 1974;
- g) Afonso Arinos, Uma Vida Vertical — v. 94 — 1975;
- h) O Canário da Terra dos Sabiás — v. 95 — 1976.

2 — REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

- a) Momento Gonçalves — Nº 36 — 1975;
- b) Mestre Afonso Arinos — Nº 37 — 1976.

3 — REVISTA ASPECTOS — Secretaria de Cultura do Ceará

- a) Montesquieu e Rousseau: Fontes da Democracia — Nº 4 — 1972;
- b) Gonçalves Dias — Nº 10 — 1977.

4 — BOLETIM DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO MARANHÃO

- a) Itaqui, Porta Atlântica do Meio Norte — Nº XXII — 1972;
- b) Companhia Docas do Maranhão — Nº XIX — 1972;
- c) Minério: Opção Fluvial ou Marítima — Nº XXI — 1972.

5 — JORNAIS MARANHENSES

- a) Itaqui, Porto Organizado — “O Imparcial” — 1971;
- b) Vicissitudes da Ciência Política — “O Imperial” — 1972;
- c) Partidos, Grupos de Pressão e Tecocratas — “O Imparcial” — 1972;
- d) A Política dos Governadores na República Velha — “O Imparcial” — 1973;
- e) Naufrágio do Ville de Boulogne — “O Imparcial” — 1973;
- f) A Palmeira Centenária do Largo dos Remédios — “O Imparcial” — 1973;
- g) Na Praça. Gente Tão Recomendável — “O Imparcial” — 1973;
- h) Os Apontamentos do Artesão — “Suplemento Sete Dias do Jornal Estado do Maranhão” — 1977;
- i) Teixeira Mendes — “O Imparcial” — 1977.
- j) O Ariel do Porto do Itaqui — “O Imparcial” — 1975.

VII — CONFERÊNCIAS PROFERIDAS

- a) Conferência pronunciada no Auditório do Colégio Cearense de Fortaleza, em 21 de abril de 1971, sobre o tema “O Estado e Formas de Governo”;
- b) Conferência pronunciada para os participantes do Curso de Administradores Sindicais do Maranhão, sobre o tema “Efeitos Jurídicos do Casamento” — 1972;
- c) Conferência na Escola de Engenharia do Estado, abordando o tema “Aspectos Tarifários na Legislação Portuária” — 197.;
- d) Conferência na Escola de Comunicações do Estado sobre o tema “Evolução Histórica do Porto do Itaqui” — 1971;
- e) Conferência na Loja Maçônica Renascença sobre “Atos Institucionais da Companhia Docas do Maranhão” — 197.;
- f) Conferência proferida ao Instituto do Ceará na decorrência do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral — 04.07.1973;
- g) Necrológio do Professor Francisco Araújo proferido no Instituto do Ceará — 20.09.1974.

VIII — MÉRITO ACADÊMICO

- a) Prêmio Administração Prof. Luiz Cruz de Vasconcelos, conferido pelo Diretor da Faculdade de Direito, Prof. Wagner Turbay Barreira, de Assiduidade e Média Escolar, durante o Curso de Bacharelado na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará.

USINA BEZERRA

de

Irmãos Bezerra de Meneses

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Compra e Benefiamento de Algodão

End. Teleg. BEMENEZES

Av. Teodorico Teles, 502

FONES: 203 E 603

CRATO - CEARÁ

MERCANTIL **Compre Bem**

O MELHOR AMIGO
DA ECONOMIA POPULAR

Eugênio Leite & Cia.

Rua Dr. João Pessoa, 360

FONE: 381

C. G. C. 07178288/0001-38

C R A T O — C E A R Á

Sêcas: Medidas Para Obtê-las

HISTÓRIA DAS SÊCAS

Os critérios para classificar a intensidade das sêcas podem ser:

1. Perda total ou parcial das lavouras;
2. Secagem dos pastos;
3. Murchamento e desfolhação da vegetação nativa;
4. Escassez de água para o povo e para o gado;
5. Aparecimento de grupos humanos solicitando trabalho ou alimento;
6. Emigração das famílias;
7. Duração do período sêco.

Os exemplos seguintes mostram a irregularidade das chuvas, nos anos considerados secos, em que atuamos no interior como Agrônomo e, depois, Chefe do SAI do DNOCS.

Quixeramobim (Ceará) — Ano 1932 — Estação Meteorológica

Chuva total no ano	328 mm
Chuva total no mês de abril	102 mm (31% do ano)

Sousa (Paraíba) — Ano 1941 — Instituto J. A. Trindade — DNOCS

Chuva total no ano	674 mm
Chuva total no mês de março	309 mm (45% do ano)
Chuva no dia 6 de mar. de 1941	125 mm (40% do mês)

Scusa (Paraíba) — Ano 1942 — Instituto J. A. Trindade — DNOCS

Chuva total no ano	468 mm
Chuva total no mês de abril	207 mm (44% do ano)
Chuva total no dia 10 de abril.....	93 mm (44% do mês)

Sousa (Paraíba) — Ano 1951 — Instituto J. A. Trindade — DNOCS

Chuva total no ano	726 mm
Chuva total no mês de abril	317 mm (43% do ano)
Chuva total no dia 23 de abril	115 mm (36% do mês)

Sousa (Paraíba) — Ano 1953 — Instituto J. A. Trindade — DNOCS

Chuva total no ano	563 mm
Chuva total no mês de março	254 mm (51% do ano)
Chuva total no dia 26 de fevereiro	113 mm

Chuva total no ano	535 mm	
Chuva total no mês de março	275 mm	[51% do ano]
Chuva total no dia 28 de março	127 mm	[46% do mês]

Os historiadores das sêcas, no Nordeste, registraram desde o ano de 1914 até 1958, no período de 344 anos, 34 ocorrências de sêcas, sendo 27 parciais e 7 grandes. Na realidade, nunca houve falta total de chuvas em toda a Região. Chove aqui e não ali; há estiagens longas; enfim muita irregularidade nas precipitações pluviométricas. No livro "O Nordeste e as Lavouras Xerófilas", com o mapa das dez regiões naturais, publicado pelo BNB, em 1964, estudei os graus de aridez, na área Piauí até Bahia, e não encontrei, nos dados colhidos, elementos para classificar qualquer região como sendo sêca. Até outros estudos mais perfeitos, a aridez das regiões naturais é:

1. Semi-árido: Seridó e Catinga baixa;
2. Irregularmente árido: Sertão e Catinga alta;
3. Sub-úmido: Agreste;
4. Úmido: Mata e Serras chuvosas.

Não encontrei, na época, os dados meteorológicos para a classificação do Cerrado (Bahia divisa de Goiás), do Carrasco Ceará divisa de Piauí), do Curimataú e Cariris Novos.

Os intervalos entre as sêcas variam de um ano até 30 anos, como esclarece o quadro abaixo.

OCORRÊNCIAS DAS SÊCAS NO PASSADO

SÉCULO XVII

Anos :

	Intervalos	Intensidade
1644		não conhecida
1645	31 anos	não conhecida
1692	47 anos	não conhecida

SÉCULO XVIII

Anos :

1711	19 anos	não conhecida
1721	10 anos	não conhecida
1723/24	1 ano	grande
1736/37	12 anos	parcial
1744/46	7 anos	parcial
1754	8 anos	parcial
1760	6 anos	parcial
1772	12 anos	parcial
1776/77	4 anos	grande
1784	7 anos	parcial
1790/94	6 anos	grande

SÉCULO XIX

Anos :

1804	10 anos	parcial
1809	5 anos	parcial
1816/17	7 anos	parcial
1824/25	7 anos	grande
1830/33	5 anos	parcial
1845	12 anos	parcial
1877/79	32 anos	grande
1888/89	9 anos	parcial
1891	2 anos	parcial
1898	7 anos	parcial

SÉCULO XX

Anos :

1900	2 anos	parcial
1902/3	2 anos	parcial
1907	4 anos	parcial
1915	8 anos	parcial
1919	4 anos	parcial
1932/33	13 anos	grande
1942	9 anos	parcial
1951	9 anos	parcial
1953	2 anos	parcial
1958	5 anos	grande

FONTE: "Iminência de uma "grande" sêca nordestina" — 1950
J. S. Ferraz — Conselho Nacional de Geografia

Nas regiões naturais, onde existem observações meteorológicas, relacionei a chuva média, anual, com a evaporação média, anual, para obter a relação chuva X evaporação, em série, para acentuar as variações. Cumpre esclarecer que a evaporação citada é a média na estação e no campo.

REGIÃO	Relação Chuva Evapo- chuva ração x eva- poração		
	mm	mm	mm
Seridó—RN—Cruzeta (1933-46)	497	2.975	l : 5,8
Seridó—CE—Quixaramobim (1912-58)	795	1.898	l : 2,5
Caatinga—PE—Floresta (1942-58)	395	1.897	l : 4,8
Caatinga—PB—Monteiro (1942-54)	489	1.749	l : 3,6
Caatinga—BA—Paratinga (1947-55)	659	2.135	l : 3,2
Caatinga—BA—Barra (1946-54)	692	1.716	l : 2,5
Caatinga—BA—Ibipetuba (1945-55)	844	1.831	l : 2,2
Caatinga—CE—Juazeiro (1940-54)	800	2.054	l : 2,5

Sertão—PB—Sousa (1939-59)	750	1.865	l : 2,5
Sertão—CE—Iguatu (1912-56)	838	1.909	l : 2,2
Agreste—RN—Natal (1940-57)	1038	2.064	l : 2,0
Agreste—BA—Conquista (1931-54)	680	1.193	l : 1,8
Agreste—PE—Pesqueira (1912-43)	713	1.220	l : 1,7
Agreste—BA—Jacobina (1945-55)	893	1.379	l : 1,5
Agreste—BA—Itaberaba (1954)	942	1.247	l : 1,3
Mata—SE—Itabaianinha (1945-55)	997	1.010	l : 1,1
Mata—PE—Ibura (1945-55)	1500	1.282	l : 0,9
MATA—SE—Aracaju (1945-55)	1274	1.146	l : 0,9
Mata—BA—Cruz Almas (1950-55)	935	785	l : 0,8
Mata—AL—Maceió (1923-54)	1300	1.033	l : 0,7
Mata—PI—Teresina (1911-54)	1390	1.054	l : 0,7
Mata—BA—Ôndina (1945-55)	1831	960	l : 0,5

FONTES: Serv. de Meteor. M. A. — Rio
 Inst. de Meteorologia — Salvador-BA
 Arquivos SAI do DNOCS

CAUSAS PROVÁVEIS DAS SÊCAS

Causas prováveis das sêcas não em ordem de importância:

1. Posição geográfica do Nordeste em relação à direção e velocidade dos ventos;
2. Atmosfera seca e quente até 3.000 metros de altitude, atuando como "bomba" sugadora de umidade do ambiente;
3. Maioria das montanhas de 600 a 800 metros de altitude e alguns picos mais altos;
4. Influência das pressões atmosféricas altas e baixas e das temperaturas altas e baixas, em diferentes pontos do Globo, determinando, 6 meses depois, a pressão elevada nos Açores. Então, a frente tropical permanece no Atlântico Norte e a área do Piauí até o Rio São Francisco não recebe as massas de ar frio e úmido geradoras das chuvas gerais. Assim as chuvas escassas, locais e irregulares, dão origem às sêcas. (Teoria de Adalberto Serra). As manchas solares, estudadas por Orville Derby e Sampaio Ferraz, indicam as fases de máxima explosão dos gases lançados que aumentam o calor na atmosfera do que nos períodos de combustão menos ativa. As manchas aparecem em ciclos não regulares e, às vezes, as sêcas coincidem nos intervalos entre a máxima e a mínima combustão dos gases do Sol. (Teoria de Sampaio Ferraz).

CAUSAS AGRAVANTES DA SÊCA :

1. Onde predomina o solo de formação arqueana (granito gneiss), a pouca profundidade e a permeabilidade não facilitam a acumulação de mais umidade subterrânea;
2. A devastação da flora nativa desnuda o solo e provoca mais erosão;
3. Não há o hábito generalizado no povo de conservar os alimentos para as crises vindouras;
4. Poucos criadores armazenam fenos e silagens para os gados;

5. As lavouras de cereais e legumes existentes e exigentes de umidade, sem irrigação, nas áreas sujeitas às estiagens, resultam em pequenas colheitas para os milhares de famílias que "plantam hoje para comer amanhã".

O sistema atual de lavouras alimentares onde ocorrem as secas, é antiecológico. Toda vez que faltam as chuvas, a população rural, pobre, perde a subsistência e torna-se flagelada, mesmo com o desenvolvimento econômico da região. A solução é mudar as culturas alimentares para a Região da Mata, do Agreste, das serras chuvosas e bacias de irrigação.

Nos municípios onde incidem as crises climáticas, devem ser implantadas as lavouras xerófilas e o melhoramento das pastagens nativas. A agricultura contra a Natureza é uma causa agravante da seca.

CONSEQUÊNCIAS DAS SECAS :

1. Econômicas — redução da produção das lavouras, dos pastos e da pecuária:
 - a) falta de trabalho;
 - b) diminuição da renda e do poder aquisitivo do povo;
 - c) quebra na exportação de produtos agrícolas.
2. Sociais — desemprego; emigração; congestionamento dos transportes; propagação das doenças contagiosas e infecciosas; desorganização das famílias.
3. Políticas — força a criação das "emergências"; cria dificuldades no abastecimento de alimentos e de água às vítimas; obriga modificar os planos de trabalho; complica as tarefas administrativas e exige despesas imprevisíveis.

RECURSOS NATURAIS DO NORDESTE

Na solução dos problemas nordestinos (área Piauí/Bahia) temos de considerar os recursos naturais: solo água, florestas, energia, minérios e petróleo. A superfície, total dos oito Estados abrange 1.219.112 km². Os solos de origem arqueana são ondulados, rasos, argilosos, pedregosos ou de piçarra; são ricos de sais minerais; de pouca profundidade e de capacidade de absorção e acumulação de água; o run-off ou deflúvio médio varia de 25.000 a 100.000 m³ de água por km² de bacia de captação. Os solos de formação sedimentar são arenosos, profundos, de pouca fertilidade e com abundância de água subterrânea. Os aluviões marginais dos rios e riachos são os mais férteis, argilosos, embora de áreas limitadas. São os escolhidos para as culturas.

ÁREAS DOS SOLOS E ADEQUAÇÃO PROVÁVEL

Úmidos	Hectares totais		
Região da Mata, do Agreste das serras chuvosas bacias de irrigação	37.723.554	Cultivos de alim.	12,5
		Pastos	12,5
		Outros fins	12,7
			37,7

**Semi-áridos e
irregularmen-
te áridos**

Regiões: Seridó, Sertão, Caatinga, Carri- velho, Curimataú.....	72.475.146	Lavouras xerófilas	20,0
		Pastos	40,0
		Outros fins	12,4
			<hr/>
			72,47

**Dependendo de
estudos**

Carrasco, Cerrado, Pratas	11.712.500
	<hr/>
	121.912.200

O quadro mostra que há uma disponibilidade provável de 32 milhões de hectares para lavouras de chuva, de irrigação e xerófilas. Atualmente, são agricultados 8 milhões de hectares. Os pastos nativos, a serem melhorados, abrangem um total aproximado de 52 milhões de hectares. Os recursos agrológicos permitem um grande desenvolvimento agrícola.

ÁGUA: O Rio São Francisco, com a vazão variável de 750m³/seg. até 13.000m³ de água/seg., o Rio Parnaíba, com a descarga de 200m³ a 2.000m³ de água/seg., os outros rios menores e os açudes públicos e particulares construídos, com acumulação superior a 12 bilhões de m³ de água, evidenciam que o Nordeste não é pobre de água. Além disto, as camadas sedimentares do Piauí, do Litoral e da Bahia poderão fornecer um volume apreciável do líquido. Existe, por parte do povo, o desconhecimento do custo da água, do seu valor e falta, sobretudo, a aprendizagem dos melhores meios de usar a água.

FLORESTAS: Há aqui, dois tipos de florestas: a úmida e a caatinga. A primeira hidrófila-megatérmica, existe na Mata, no Agreste e nas serras pluviosas. São formadas de essências de grande porte. Os bosques ciliares, que aparecem ao longo dos rios, são de composição mista de árvores e arbustos; são os remanescentes das antigas coberturas dos aluviões ribeirinhos, que foram parcialmente destruídos pelos homens. A caatinga, alta e baixa, é composta de árvores de menor porte e de arbustos, unidos, densos, de caules e ramos retorcidos, com muitas espécies botânicas de folhas caidças espinhentas e de caules suberosos, atestando o grau de xerofilismo. É a floresta seca, diversificada na altura e na composição botânica, formando um conjunto forestal sui-generis, no mundo. Dela foram aproveitados muitos vegetais hoje cultivados e outros explorados extrativamente, como o algodoeiro mocó, a carnaubeira, a oiticica, o licurizeiro, a maniçoba e muitos outros. A caatinga é um museu biológico, é um laboratório vivo, de onde poderão ser tiradas muitas plantas adaptadas secularmente à semi-aridez, melhoradas pela Ciência e cultivadas para produzir novas riquezas.

ENERGIA. Aproximadamente, 900 Mw de energia elétrica, de origem hidráulica e térmica, estão instaladas no Nordeste. O aumento anual de consumo de energia é de cerca de 10 a 15% dependendo das condições de progresso dos municípios. É possível, que utilizando-se o potencial dos rios, dos açudes e outras usinas térmicas, possamos ter, no futuro, 7.000 Mw instalados. Considerando o desenvolvimento econômico a longo prazo, é provável que as necessidades vindouras nos obriguem a montar usinas nucleares, energéticas ou construir centrais geradoras, elétricas nos rios Tocantins e Araguaia e trazer as linhas transmissoras para o Nordeste.

MINÉRIOS: É grande a diversidade de minérios. Entretanto, poucas minas foram estudadas no volume, no teor mineral ou metálico e na capacidade de exploração econômica. Os minérios mais explorados são: sal, xilita, fosfato sedimentar, barita, gesso, amianto, berilo, cromo, chumbo, rutilo, cassiterita, cristal de rocha, talco, manganês, diatomita e mármore. Há outras minas que poderão se tornar importantes: sal-gema, grafita, fluorita, apatita, os minérios radiotivos, ouro e cobre. A produção do sal marítimo é de 1.200.000 toneladas e o Litoral pode produzir muito mais. As salinas poderão facilitar e fornecer matéria-prima para as futuras fábricas de soda-cáustica, de ácido clorídrico e de adubo potássico. Os estudos das minas com sondagens e análises, a eletrificação e melhoramento dos transportes tendem a propiciar a exploração de muitas minas antes julgadas inaproveitáveis pela tecnologia daquela época.

PETRÓLEO: Os Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas estão produzindo cerca de 10 milhões de m³ de petróleo bruto e mais de 1 bilhão de m³ de gás natural por ano. Já produzimos quase a metade do óleo bruto que o Brasil consome. A produção dos poços alagoanos e sergipanos aumentaram substancialmente a produção total. A indústria petroquímica, em construção em Salvador, BA, usando como matérias-primas iniciais o gás natural na unidade geradora e o ar atmosférico, na unidade fracionadora, fornecerá matéria-prima para muitas indústrias. Além dessa grande importância, a petroquímica é, também, uma impulsionadora do desenvolvimento agrícola, porque a amônia e o sulfato de amônio são bons adubos azotados para as lavouras e a uréia está sendo empregada, modernamente, na alimentação protéica dos bovinos.

ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DO NORDESTE

Os dois males principais são a pobreza e a seca, sendo que ambos são causas e efeitos, ao mesmo tempo. Os planos e programas que vêm sendo executados pelo DNOCS (desde 1909), pela S. do V. do São Francisco, pela Petrobrás, pela Chesf, pelo BNB, pela SUDENE, pelas Universidades, pela Federação das Indústrias e por outras entidades federais e estaduais, têm contribuído muito para o progresso do Nordeste, com o esforço elogiável dos empresários.

O que tem sido realizado na infra-estrutura, na eletrificação, na industrialização, no financiamento, no preparo do pessoal em todos os níveis e na melhoria dos meios de comunicação rápida, constitui motivo de orgulho para os brasileiros. Não é necessário mencionar obras feitas e serviços prestados; de relance, se percebe a melhoria das condições de vida nas cidades.

No setor primário, que é o menos sensível ao adiantamento, há urgência de algumas correções que sempre surgem no processo econômico-social. Podemos definir a agricultura aqui, em quatro pontos:

1. As lavouras de chuvas;
2. As plantações irrigadas;
3. As culturas resistentes à seca;
4. A pecuária.

Lavouras de Chuvas — Os cereais, os legumes e tubérculos são cultivados em quase todos os municípios. Onde ocorrem as secas e não é possível a irrigação, as colheitas são sujeitas ao fracasso parcial ou total. Muitas horas de trabalho são perdidas no preparo do solo, plantio e capinas. A odubação, a mecanização e as variedades precoces não solucionaram a questão, porque é um tipo de lavoura antiecológico. Em 1955, em viagem de serviço do Piauí até a Bahia, entrevistei dezenas de lavradores, no Polígono das Secas, para conhecer as opiniões dos velhos a respeito dos insucessos das safras de alimentos. Tomando a estatística oficial das áreas de plantações alimentares, no ano, no Polígono, e considerando os depoimentos, verifiquei que as horas totais de trabalho em vão significavam um prejuízo de 2,5 bilhões de cruzeiros velhos. Deduzi que as culturas contra a Natureza, são os maiores fatores de empobrecimento. Mesmo com o progresso acelerado, os milhões de famílias que vivem das plantações de subsistência, sem irrigação, no ambiente semi-árido, quando faltam as chuvas, são e serão os primeiros flagelados. Para evitar as repetições periódicas dos efeitos das crises é imprescindível.

1. Mudar os cultivos alimentares para a Mata, o Agreste, as serras úmidas e as bacias de irrigação;
2. Estabelecer lavouras xerófilas, no Polígono;
3. Melhorar as pastagens;
4. Conservar alimentos e forragens.

Outras providências menores completam o quadro.

A irrigação, onde há água disponível, é um meio valioso de produzir cereais, hortaliças e frutas. Cumpre acentuar que ela não é uma solução total ou completa para o problema agrícola nordestino.

O DNOCS, a SUDENE, o Ministério da Agricultura e os serviços estaduais e autárquicos, com a cooperação dos particulares estão executando as tarefas com dedicação.

O investimento por hectare é elevado e os irrigantes precisam aprender muito sobre o bom uso da água. Se, com grande esforço, conseguirmos estabelecer os 800.000 hectares, que calculei possíveis de umedecimento artificial, ainda assim, penso que não poderemos alimentar os 24 milhões de habitantes a darem trabalho à população rural conômicamente ativa. Já estão estudados mais de 200.000 hectares regáveis e é provável que, por iniciativa governamental e privada, cerca de 100.000 hectares já estejam sob a rega. Os Governos tem providenciado recursos financeiros e meios legais para o desenvolvimento regional.

As lavouras resistentes à seca ou xerófilas apresentam as vantagens de serem adaptadas à semi-aridez, de darem colheitas mesmo quando "o céu é ingrato", de serem coberturas permanentes do solo, de fornecerem matérias-primas para a exportação ou industrialização local e de serem conhecidas dos lavradores. Elas são o algodoeiro mocó, a carnaubeira e o cajueiro já cultivados; a oiticica já estudada e em condições de se tornar grande lavoura; o faveleiro nativo, que ocupa larga super-

fície, é oleaginoso e dá torta de alto valor nutritivo, humano; o umbuzeiro que poderá ser a ameixa do Nordeste; o bati-putá fornecedor de óleo finíssimo; a maniçoba nativa que pode dar muito mais látex, se estudada. Estas plantas, melhoradas pela genética e pela química, por meio da experimentação, serão novas fontes de riqueza. No dia em que as lavouras xerófilas cobrirem o Nordeste, o homem não mais julgará a seca uma desgraça e, sim, uma vantagem na produção de mercadorias especiais.

O melhoramento das pastagens nativas já foi feito em áreas superiores a mil hectares, em ensaios, com o emprego de sementes forrageiras locais, divisão em invernações e pastoreio rotativo. A silagem e a fenação das forragens está se propagando entre os criadores, dadas as suas vantagens.

A pecuária tem avançado mais na seleção das raças do que na melhoria dos prados. A inseminação artificial e a vacinação são auxiliares poderosos na criação de gado. O estabelecimento das lavouras xerófilas, a formação de mais prados, a conservação das forragens, o armazenamento de gêneros alimentícios e a mudança das culturas alimentares para as terras úmidas darão aos rurícolas uma renda mais certa e a segurança para vencer as secas.

AS INDÚSTRIAS IMPULSIONADORAS DA AGRICULTURA

O acréscimo da produtividade agrícola depende da mudança na técnica do trabalho e esta, por sua vez, requer muitos insumos postos ao alcance dos lavradores. As demonstrações e os ensinamentos dos agrônomos implicam na disponibilidade de adubos, de inseticidas, de ferramentas, de máquinas, de arame farpado, de vacinas e de outros artigos que as fábricas e os comerciantes devem colocar lá no interior como retribuição ao setor primário que fornece matérias-primas e alimentos. A promoção de fábricas de laticínios, de conservas de carne e de hortaliças, de adubos e pesticidas e outras, no Sertão, criaria novos mercados e estimularia os agricultores e criadores, com a renda aumentada, a investir os lucros nas suas propriedades e usar novos processos de produção.

A COLONIZAÇÃO

Quando se projeta o crescimento da população nordestina até 1980 e se considera o aumento da parte economicamente ativa, verifica-se que, apesar do ritmo elevado do desenvolvimento econômico, teremos, provavelmente, em 1980, cerca de dois milhões de habitantes adultos desempregados. Como existem, no Brasil, as áreas chuvosas do Norte e do Oeste, quase desabitadas, a colonização, aproveitando a emigração espontânea, oferece uma solução complementar das questões nordestinas ou seja, uma válvula de escape demográfico. Piauí, Maranhão, Goiás, Pará e Amazonas tem terras e recursos naturais para abrigar o viveiro de braços do Polígono. Uma rodovia, partindo de Barreira (BA) em direção a Goiás, o prolongamento da estrada Barão de Grajaú—Carolina penetrando no Vale Araguaia—Tocantins; outra de Terezina ao Pará abririam, com as rodovias estaduais, muitas frentes para a colonização.

As construções de rodovias, usinas elétricas, fábricas, cidades, colégios e hospitais, em plano estruturado, de modo que cada obra seja uma trincheira de apoio do movimento, garantiria o sucesso do empreendimento. As vantagens da operação, que o Governo ora inicia, são: 1) utilizar recursos latentes; 2) dar ocupação imediata a milhares de famílias e aliviar a pressão interna de empregos; 3) ocupar os claros demográficos e facilitar a defesa do País; 4) produzir mercadorias trocáveis com a

Presidente do ICC Agraciado com Medalha

No Náutico Atlético Cearense, em Fortaleza, quando das comemorações dos dez anos do Rotary Club Fortaleza—Praia, entre diversas autoridades rotárias presentes, o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Dr. Jéfferson de Albuquerque e Souza, foi um dos agraciados com a **MEDALHA RAIMUNDO OLIVEIRA FILHO**, pelos «relevantes serviços prestados à causa rotária», e como ex-Governador do Distrito Rotário 450.

Nosso companheiro J. Lindemberg de Aquino representou, naquela solenidade, o ICC, quando da homenagem ao nosso Presidente.

A Medalha em aprêço é a maior homenagem rotária no Distrito.

zona sêca para reforçar a economia interna, contribuindo, assim, os nordestinos emigrantes para o progresso da terra-mãe.

AS EXPORTAÇÕES

O Nordeste exporta algodão, sisal, óleos vegetais, couros, peles, minérios, cacau, açúcar, cêra, caju, lagostas etc. para o exterior. É um comércio ganhador de moedas fortes. O intercâmbio mundial de matérias-primas sofre violentas oscilações de preços que causam sangrias na economia regional, especialmente quando coincidem com as sêcas. Impõe-se uma política mais agresiva e defensiva por meio de tratados e convênios, ao mesmo tempo em que as providências oficiais intensifiquem a classificação e a fiscalização dos produtos exportáveis. A ALALC tenta proteger as exportações latino-americanas. Mas, são indispensáveis outras providências nacionais, acuateladoras. A melhoria do comércio externo desafoga muito as finanças da Região.

AS RESOLUÇÕES COMPLEMENTARES

Afora as medidas do Governo determinando os trabalhos de emergência para os flagelados, além dos esforços dos órgãos responsáveis, dos incentivos fiscais, há necessidade de mais atenção para: 1) a intensificação da produção de alimentos nas terras úmidas; 2) de reiniciar os estudos para os cultivos das plantas xerófitas; 3) de grande campanha visando formar pastos e armazenar mais forragens; 4) de ampliar a irrigação; 5) de promover a construção de fábricas de insumos agrícolas; 6) de acelerar as obras da infra-estrutura da colonização; 7) e de defender mais fortemente a exportação dos produtos. O desenvolvimento econômico exige ações e iniciativas externas como complemento de todas as medidas a atuações tomadas internamente.

Oração de Boas Vindas

Nos já longes dias de 1946 o panorama médico hospitalar do Cariri era quase desolador! Havia somente o Hospital São Francisco, de Crato, como único refúgio dos doentes do Cariri e regiões vizinhas, de Iguatu a Serra Talhada, de Cajazeiras a Picos!

A oferta era, pois, irrisória para a procura. Até mesmo Juazeiro, com sua pujança comercial, consequência natural das romarias, não ousava pensar em hospital ainda. Mas, alimentada por uma bela tradição médica, Barbalha, ousadamente, pensou no seu Hospital, através do idealismo de um ilustre filho médico. Seu nome: Antônio Lyrio Callou, fundador do Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, em 17 de Agosto de 1946, dia do nosso município. Naquela recuada época ele sonhou dotar a sua terra de um hospital e sua idéia foi considerada visionária, ousada, inexequível, epítetos que sempre recebem as ideias pioneiras que ensaiam vãos fora da rotina, como a dele. Seu nome com os de Joaquim Fernandes Teles e Mário Malzonni constituem o trio pioneiro da implantação de hospitais no Cariri, ao lado de Manuel Carlos de Gouveia, em Iguatu, aos quais fica, nesta oportunidade, patenteada a nossa genuflexa reverência e a sincera gratidão da nossa gente! Foram Pioneiros, vale dizer, desbravadores, heróis de tão justa causa!

Daí para diante a construção do Hospital de Barbalha veio se arrastando morosamente, somente alimentada pelas poucas verbas federais conseguidas pelo médico deputado, Leão Sampaio, representante de Barbalha no Parlamento Nacional em cinco legislaturas.

Em 1968, em mais um gesto de grandeza, Dr. Lyrio Callou, para agilizar a conclusão do Hospital que fundara, não vacilou em transferi-lo da Associação de Proteção a Maternidade e a Infância para o Centro Social Sto. Antônio, da Paróquia, dirigido pelo nosso vigário, Pe. Eusébio de Oliveira Lima, hoje ainda nosso paróco, para alegria nossa. Com as vultosas verbas da Alemanha e da Austria, através da Misereor, Pe. Eusébio concluiu o nosso magnífico Hospital inaugurado em 1º de Maio de 1970, dia do Trabalho, 24 anos após sua fundação e logo entregue ao sábio comando da Ordem Beneditina Missionária que o consolidou através do dinamismo, da clareza e do idealismo da sua diretora administrativa, Ir. Edeltraut Lerch O.S.B., alemã de nascimento, brasileira por adoção, barbalhense por lei municipal e pelo afeto popular.

Hoje Barbalha oferece ao seu povo, sobretudo aos pobres, um magnífico hospital de 100 leitos, classe A e B pelo INPS por quem é credenciado, sem falar nos credenciamentos para acidentes de trabalho e pelo FUNRURAL, para operários e proprietários. Tais credenciamentos garantem o alto padrão que já leva além fronteiras o nome do Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, que faz questão de proclamar de público dever ao INPS e ao FUNRURAL o fato de manter-se aberto em um meio de tão notórias limitações. E aqui uma palavra de gratidão, reconhecimento e saudade a Raimundo Maciel de Brito, grande amigo de Barbalha, cuja obra meritória no INPS

não sofreu solução de continuidade nas mãos experimentadas de Antônio Albuquerque Barroso.

Pois bem, é graças a esse Hospital que Barbalha pode hoje receber e acolher ao coração as ilustres personalidades que, nesta hora, saúdo com votos de boas vindas em nome da terra que se orgulha de ter-vos no seu meio, apesar das suas limitações.

Aqui estão as mais destacadas autoridades do Estado, presentes ou representadas, do setor administrativo, do setor de Saúde Pública, do setor previdenciário e do setor de liderança classista. Aqui estão administradores hospitalares, médicos, autoridades, convidados, visitantes, todos em torno de uma meta comum: o debate e o equacionamento consequente dos problemas hospitalares do Nordeste, do Ceará e do Cariri em particular. Aqui estão líderes e expoentes da vida hospitalar do Estado que, atendendo às clarinadas da Associação de Hospitais do Estado do Ceará, da Federação Brasileira de Hospitais e do Capítulo cearense do Colégio Brasileiro de Administradores, perfilam-se nesse instante às margens do Salamanca para descobrirem o Cariri dando à região o contributo da sua experiência e da sua vivência no setor em que são autoridades incontestes: administração hospitalar.

Meus senhores!

O Cariri é carente da vossa experiência, pois, o seu vertiginoso crescimento hospitalar não poula, por sua rapidez, se lastrear de uma infra estrutura específica que o pusesse a salvo de possíveis fracassos. O triângulo Crto Juazeiro Barbalha, já tem 14 hospitais, 5 clínicas especializadas e cerca de 100 profissionais médicos em franca atividade. Somos, pois, um meio ávido por ouvir-vos e Barbalha, por sua quase bucólica tranquilidade, é bem o lugar escolhido para serem ouvidas aulas de mestres.

Senhores participantes deste Seminário!

Barbalha se engalana para receber-vos, principalmente nos corações!

Barbalha se ufana de ter-vos no seu regaço bonançoso, aquele mesmo regaço que deu ao Brasil a coragem cívica do Senador Martiniano de Alencar, a intrepidez idealista de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, a bravura de Pinto Madeira e a determinação de Pereira Filgueira!

Barbalha se sente a vontade ao ser palco de um evento médico de tão elevadas proporções, porque é um celeiro de grandes médicos, de Barrreto Sampaio, glória da oftalmologia Nacional, a Leão Sampaio, cujo conceito profissional tem dimensões nordestinas, até a geração presente que procura seguir os passos dos seus antecessores, sem deslustrar as tradições médica e culturais e sobretudo humanitárias da nossa querida terra que Nívea Leite chamou de "estrofe esmeraldina que a natura outra igual teceu jamais".

Barbalha faz questão de confundir-vos com os seus nestes dias festivos de vossa permanência honrosa para nós, no nosso meio! Barbalha é toda vossa, oferecendo-vos a única riqueza que possui: a sua hospitalidade, o verde do seu panorama, a sincera amizade do seu povo!

O Cariri quer escutar-vos, certo daquele princípio pragmático que diz: se leio, esqueço. Se vejo, faço. Se faço, sei!

A terra que vos acolhe é pequena, mas, plantada no sopé da Araripe magestosa, cujos contornos azulados fazem a sua moldura, habituou-se a olhar para cima, perse-

guindo sempre metas de grandeza porque de grandeza são os seus sonhos! Sabe ela que é um continente insuficiente e modesto para a grandeza do conteúdo que hoje recebe, mas, confia na magnanimidade dos vossos corações e na benevolência dos vossos julgamentos, ciente de que sabereis perdoar-lhe as limitações, as insuficiências, os deslizos, os senões.

Com tal disposição de espírito Barbalha vos recebe ciente de que, talhada para grandezas, embora sendo pequena, crescerá, por certo, com o vosso convívio!

Senhores visitantes!

Nesta hora estamos situados no cimo da colina onde Barbalha nasceu para o Brasil e hoje vos oferece 260 anos de geografia, 131 anos de autonomia, 130 anos de câmara, 105 anos de comarca e 101 anos de cidade, segundo o seu historiador maior, Dr. Marchet Callou.

O povoamento destas paragens em que pisais, diz a história, só se processou na primeira década do século XVIII. Em fevereiro de 1717, o capitão mor, Manuel da Fonseca Jaime, permitiu a ocupação da região onde nos situamos e em 1718 concedeu ao capitão, Antônio de Souza Coulart, terras ao lado do rio Salamanca que deu o nome a dita propriedade e onde ele se localizou contra a natural reação dos índios cariris, da Nação Tapuia. Vieram da Bahia os ocupantes da propriedade Salamanca. Mais tarde, em 1735, nesta colina se instala com uma hospedaria, comunicativa e hospitaleira senhora, Barbalha, que deu o nome ao nosso município, chamado pelos índios de Cetama.

Posteriormente, João Mendes Lobato, alagoano de Penedo, assume a direção da propriedade mais tarde transferida para o sergipano Francisco Magalhães Barreto e Sá, ancestral das nossas mais ilustres famílias atuais. Só em 1778 começa a ser construída a capela que daria origem a paróquia de Sto. Antônio, benta nas vésperas do Natal de 1790.

Em 1814 Barbalha desmembra-se de Crato por ordem do Presidente da Província, Inácio de Vasconcelos, começando a sua trajetória de liberdade até nossos dias. Eis rápidas pinceladas, a história da terra que vos recebe hoje, senhores visitantes!

Saúdo-vos e vos dou as boas vindas em nome dela e da sua história!

Senhores da Associação de hospitais do Estado do Ceará!

Muito obrigado pela distinção da vossa escolha. Barbalha vos deve a honra de ser palco de tão auspicioso evento médico, com o beneplácido da Federação Brasileira de Hospitais e do Capítulo cearense do Colégio Brasileiro de Administradores Hospitalares, com o apoio do Governo do Estado, da Prefeitura de Barbalha, da Prefeitura de Juazeiro e da Prefeitura de Crato.

Em nome do Hospital Maternidade São Vicente de Paulo, e como seu Diretor Clínico, em nome da classe médica do Cariri, em nome de toda nossa comunidade que vos aplaude e vos aperta ao coração, sede benvindos e feliz estada entre nós!

Lutemos unidos por estes dias e marchemos coesos por toda a vida, certos, cientes e conscientes de que "ninguém jamais deterá a marcha triunfal daqueles que caminham juntos!"

Barbalha, 24/11/77

(Na Abertura da 1ª Jornada Hospitalar do Cariri).

Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte

ADMINISTRAÇÃO AILTON GOMES DE ALENCAR

A PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE, saúda a valorosa intelectualidade cariense, ao ensejo do lançamento de mais um número de ITAYTERA.

As nossas felicitações mais efusivas.

SINGULARIDADES

JERICOACARA e outros assuntos

(Especial para ITAYTERA)

O Prof. Genival Londres, consagrado cardiologista patricio, conversava conosco num banco da praça D. Pedro em dias da Semana Santa. Uma Santa Semana. Tem ele o mesmo teor de petropolitanidade que nós. E é um dos espíritos mais interessantes e versateis que conhecemos, juntamente com Heitor Peres, outro nome de gabarito de nossa Medicina. Talqualmente Neves-Manta... E. Brahim Jorge.

Lembrávamos a ele que o determinismo é lei que prevalece também com relação aos povos, não somente com os indivíduos. Haja vista, o que se pôde observar não faz muito tempo com três países. A França, país dos perfumes, tinha que dar um dia um presidente que além de René fosse também Coty. O Brasil, terra da "saborosa rubiácea", teria forçosamente de ter um presidente que se chamasse João CAFÉ. E os EE.UU. terra dos automóveis, haveria de projetar um presidente que tivesse o nome de Gerald FORD. Tais coincidências já estariam escritas ha seis mil anos nas estrelas. Não entro na esfera em que se compraz o metafísico sr. Claudius Arkaton. Fico mesmo na linearidade das observações do terra a terra de nossa vida terráquea, milagre dos milagres de uma complexidade e por outro lado de uma simplicidade desarmante, se considerarmos que Deus pode ser entrevisto até entre as coisas mais simples do Universo! A Geografia e a História não estão repletas de designações que poderíamos tachar de rebarbativas no Espaço e no Tempo?

JERICOACARA, não é o lugar em que Jerônimo de Albuquerque — o 1º general brasileiro — heveria de acuar o invasor francês e protestante (huguenotte), antes de decretar sua expulsão na batalha decisiva de Guaxenduba, no Maranhão, o que fez com que o rei D. Manuel mandasse que ele anexasse o Albuquerque ao agnome de Maranhão, quando ele lhe foi levar, preso, a Lisboa, o chefe supremo da pretendida França Artarctica, M. Daniel de La Touche, marquês de La vardière? E **pois, pois**, como usam dizer nossos irmãos de além-mar, do histórico "Jardim da Europa à beira-mar plantado"? Por que?

Genivaldo Londres, não poderia recordar nada que lembrasse a Inglaterra, na base da fatalidade histórica de nomes, acima invocada, porque ele nem sequer é de London, mas da "pequenina e heróica Paraíba" e me sendo assim não lhe seria constitucionalmente permitido dirigir os destinos da velhíssima Albion.

E em matéria de nomes e sobrenomes, gentílicos e toponímicos, **Maracangalha** não é outra designação, que não fosse a música desse admiravel Dorival Caymmi, que a tirou do mais ignaro anonimato para a máxima popularidade?

E que dizer de nomes outros? Em Manaus não existe simpático templo católico, batizado com o curioso nome de Igreja do Pobre Diabo?

E o palácio do governo em Lisboa não se chama **Palácio das Necessidades**? E o semitério, não se designa dos Prazeres?

Por essas e "outras", é que Eça e Camilo e Ramalho Ortigão e Fialho encontraram terreno fértil para passear suas penas prazenteiras através de páginas imortais.

DR. VINICIUS BARROS LEAL, Novo Socio Correspondente do ICC

Indicação do General Raimundo Teles Pinheiro, na sessão do ICC de 19.10.76, mereceu aprovação unânime, tornando o escritor Vinicius Barros Leal mais um sócio correspondente de nossa Instituição.

CURRICULUM VITAE

VINICIUS ANTONIUS HOLANDA DE BARROS LEAL, filho do farmacêutico João Paulino de Barros Leal Neto e Maria Dolores Holanda de Barros Leal, nasceu em Baturité-Ceará, aos 15 de outubro de 1922.

Fez seus estudos primários no Colégio Salesiano Domingos Sávio naquela cidade e o ginasial no Colégio Cearense, em Fortaleza. Em 1941 e 42 cursou os dois anos do chamado "pré-médico" no Liceu do Ceará. Em fevereiro de 1943 prestou concurso vestibular para a Faculdade de Medicina do Recife, onde concluiu o Curso médico em 1948, especializando-se em Pediatria.

ATIVIDADES ACADEMICAS :

Curso de extensão universitária de Psicologia médica em 1944.

Curso de extensão universitária sobre metabolismo e nutrição em 1946.

Acadêmico interno, padrão B, do Serviço aberto do Departamento de Assistência Hospitalar do Recife, de agosto de 1947 a dez. 1948.

Sócio efetivo da Sociedade Acadêmica de Medicina, 1946.

Curso de extensão universitária de Radiologia Clínica, 1948.

Sócio honorário da Sociedade Acadêmica de Medicina, 1948.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS :

Médico legista da Secretaria de Polícia e Segurança Pública, 1949.

Médico Puericultor da Legião Brasileira de Assistência (LBA), tendo ocupado, entre 1949 e 1967 as funções de Diretor de Posto, chefe do Departamento de Maternidade e Infância e, interinamente, a Presidência Estadual.

Médico da Assistência Municipal, por concurso, em 1951.

Médico do Instituto de Previdência do Município, tendo, por diversas vezes, exercido a chefia do Serviço Médico e a presidência da Junta Médica Municipal.

Médico examinador da Sul América, Cia de Seguros, 1949.

Diretor do Posto de Saúde de Pacatuba, 1950.

Pediatra-puericultor do Ambulatório da SUDENE, Fortaleza, 1954/74.

Diretor médico do Asilo de Menores Juvenal de Carvalho, 1959/66.

Diretor da Policlínica D. Libania de Holanda, 1961.

Berçarista das Maternidades: Maternidade Assis Chateaubriand, Casa de Saúde S. Raimundo e Casa Juvenal de Carvalho.

Médico Pediatra do INPS.

ATIVIDADES DE MAGISTÉRIO :

- Professor do Curso intensivo de Puericultura do Ministério da Saúde.
Professor do Curso de adestramento de auxiliares de Meternidade do Departamento Nacional da Criança, 1959.
Professor do Curso Intensivo de Puericultura do Departamento Nacional da Criança, 1960.
Coordenador do Grupo de Programação de Medicina da LBA, 1967.
Auxiliar de Ensino, contratado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, 1964.
Professor Assistente da mesma Universidade, Departamento de Pediatria, março de 1966.
Regente das disciplinas de Neonatologia e Clínica Pediátrica (da UFC).
Membro de diversas bancas examinadoras de concursos para a concessão de título de especialista em Pediatria.
Aulas no Curso de Enfermagem da Escola S. Vicente de Paula.
Título de Especialista em Pediatria concedido pela Associação Médica Brasileira.
Membro do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina, 1971/73.

SOCIEDADES MÉDICAS :

- Sócio efetivo da Associação Médica Brasileira (AMB).
Presidente do Centro Médico Cearense, 1962/63.
Presidente da Sociedade Cearense de Pediatria, 1971/72.
Fellow da Academia Americana de Pediatria (U.S.A.)
Sócio efetivo da Associação Brasileira de Escolas Médicas.
Membro da Diretoria do Conselho Regional de Medicina, 1964/69.
Presidente da Sociedade Médica de S. Lucas, 1974/76.

TRABALHO E PUBLICAÇÕES :

- Artigos sobre Pediatria e Puericultura em diversos jornais e revistas.
Palestras irradiadas pelas emissoras locais.
"Urgências em Pediatria", apresentado na 1ª Jornada Cearense de Pediatria.
"Sarampo e rubéola", apresentado na IX Reunião Anual do C.M.C.
"O Recém-nascido, esse desconhecido", no Boletim do I.P.M.
"A Política da Criança", 1958.
Conquista e povoamento do Maciço de Baturité", Revista do Instituto do Ceará, 1972.
"Os Bezerra de Menezes" — origens, 1976 — Tip. Minerva.
"Discursos".
"Fichário Genealógico Cearense".
Em preparo — "História de Baturité".

CURSOS MINISTRADOS :

- "Profilaxia dos acidentes na Infância", na Escola de Enfermagem.
"Nutrição e alimentação" sob os auspícios da Comissão de Alimentação da Organização Panamericana de Saúde. 1960.
Cursos de Puericultura para diversos níveis, no Centro Médico Cearense, sob os auspícios da LBA, 1958/60.

CURSOS :

- "Curso de atualização em Pediatria" Recife, 1957.
"Curso de noções de Serviço Social", Fortaleza, 1957.
"Curso de Hidratação Infantil" no Hosp. das Clínicas, S. Paulo, 1959.
"Curso de especialização em Pediatria", Prof. Badaró Jr. Fortaleza, 1963.
"Curso de atualização em Pediatria", Prof. De Marino, 1964.
"Curso de Orientação Psicopedagógica" Prof. Quintanilha, 1966.
"Curso de Emergências neo-natais" Fortaleza, 1967.
"3º simpósio sobre aspectos da epilepsia", Prof. Pacheco e Silva, 1968.
"2º simpósio de algias do Nordeste" Geigy, 1968.
"Curso Nestlé de Pediatria" Prof. Martinho da Rocha. Fortaleza, 1968.
"Curso de Psicologia e Psiquiatria Infantil" Prof. Lucia Dallago.
"Curso prático de Radiologia Infantil". Prof. Artur Eneas. Fort. 1969.
"Curso de Neuro pediatria". Prof. Lefevre, 1970.
"Curso de Urologia infantil". Prof. Sami Arap, 1970.
"Curso de neuro pediatria". Prof. Jairo R. Vale, 1970.
"Curso de Nefrologia infantil". Fort. 1970, Prof. Benjamim Schmidt.
"Seminário de Pedagogia Médica". Fort. 1971, Dra. Célia M. de Castro.
"Curso Nestlé de atualização em Pediatria". Natal 1971, Prof. Jairo Vale.
"Curso de Atualização em Pediatria". Recife, 1971. Profs. Aballie (NY) e Gordillo (México)
"Curso sobre tuberculose infantil". Fort. 1972. Prof. Wilson Maciel.
"Reunião Pediátrica Nestlé". Fort. 1972.
"Curso de Neonatologia". Fort. 19s3, Prof. Torres Barbosa.
"Curso de atualização em Pediatria". Fort. 1973, Prof. César Pernetá.
"Curso de Metodologia do Ensino Médico". Prof. Célia M. de Castro. 1973.
"Curso de Neonatologia". Fort. 1974, Prof. Drausio Viegas.
Diversos outros cursos em Pediatria.

PARTICIPAÇÕES EM CONGRESSOS :

- "X Jornada Brasileira de Pediatria". 1957 Fort. (secretário da Comissão Executiva).
"III Congresso da Associação Médica Brasileira". Fort. 1963 (Membro da Comissão Organizadora).
"IX Reunião Anual do Centro Médico Cearense". Crato — 1967.
Congresso Brasileiro de Higiene.

DIVERSOS :

- Sócio efetivo e secretário geral do Instituto do Ceará — 20/9/1974.
Vereador em Fortaleza — 1º Suplente e efetivo — 1950-1954.
Sócio honorário da Associação Cearense de Imprensa.
Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro.
Membro do Grupo de Trabalho encarregado do Estudo da Genealogia Cearense.
Sócio Fundador do Lions Clube Fortaleza — Jangada.
Membro da Diretoria do Centro Baturiteense.
Medalha Comemorativa do Monumento Gustavo Barroso.
Sócio efetivo e Membro da Diretoria do Instituto Dr. Rocha Lima de Proteção e Assistência à Infância.
Em preparo — "História de Baturité".
Sócio efetivo de diversas associações religiosas, sociais e educacionais.

Oração de Paraninfo

Quando um sentimento brota espontâneo, livre, desprovido de interesses secundários e de interferência de terceiros; quando este sentimento promana da alma pura, idealista e patriótica dos jovens; quando ele reflete, traduz e exprime a vontade da mocidade que é sempre sábia e, sobretudo, sincera nas suas resoluções, ele é digno de respeito e de acatamento. Não o podemos, nem devemos contrariar, porque ele é a expressão da alma, a voz do coração.

É assim que me sinto desvanecido, que me ufano por me haverdes escolhido paraninfo da vossa turma, ó caríssimos concluintes do Ginásio Pe. Miguel Coelho.

Não fostes buscar o vosso paraninfo entre os que se elevam no comércio ou na indústria; não o escolhestes no meio dos que se aureolam com as glórias do poder. Procurastes um dos vossos mestres, querendo, desta forma, homenagear o corpo docente do Educandário onde vos abeibeirastes das luzes do saber, dos conhecimentos necessários ao prosseguimento da vossa longa caminhada.

Como médico, tenho todo o meu tempo tomado com as obrigações profissionais, desta profissão que, apesar de árdua, difícil e espinhosa tenho a satisfação de exercer, porque foi sempre este o meu ideal, desde que me despertou o entendimento para as coisas da vida. Trabalhando em um ambiente pobre e sem meios, aprez-me, entretanto, servir à minha terra e à minha gente. Apesar da minha vida atarefada, diz-me a consciência que, sem ver remuneração, sem interesses financeiros, dentro das minhas possibilidades, tudo tenho envidado, tudo tenho procurado fazer em prol do desenvolvimento intelectual e moral da mocidade jardinense, ou simplesmente a mocidade, porque não existe mocidade jardinense, mocidade cearense ou mocidade brasileira. A mocidade é uma só. Ela vibra aos mesmos acordes da melodia do amor. Desperta com alvoroço e entusiasmo; rebenta em erupções vulcânicas, quando está em perigo a liberdade; batalha com entusiasmo e com arrôjo em prol das causas justas, na defesa do povo, das nações sub-desenvolvidas, dos direitos da pessoa humana, na defesa da democracia. A mocidade é o sísmógrafo que registra os menores tremores da vida política. A sua alma é, porém um violino encantado que, em contacto com a compreensão, o entendimento e a concórdia, desprende melodias sonoras de amor e gratidão

É por isto, meus caros jovens, que, sensibilizado, vos agradeço a escolha do meu modesto nome como paraninfo da vossa turma. Esta deferência, a maior a que pode aspirar um mestre, recebo-a como sinal do vosso reconhecimento. Ela vem percutir na teclas da minha alma, vem vibrar os sentimentos mais recônditos do meu EU, vem dedilhar as cordalhas do meu coração agradecido. O coração deste cuja vida se divide em dois campos: orientar a mocidade e procurar amenizar a dor do próximo, porque a Medicina é a ciência do bem por excelência. Abraçei-a no verdor dos anos e, ainda hoje, apesar dos espinhos porque tenho pisado em meu caminho, dou graças a Deus por me haver permitido tamanha graça. Não posso e não devo, neste momento tão solene, que para mim, é também de saudade, deixar de agradecer àqueles anjos de ternura e de bondade que me plasmaram o ser e tudo fizeram pela concretização do meu ideal.

O homem feliz é aquele cujo ideal está realizado. Não tenho grandes aspirações.

Talvez por isto, talvez porque, no meu modo de pensar, a felicidade varia na razão inversa do horizonte visual de cada um, não a considero inatingível.

Meus amigos, a felicidade não é como aquela "árvore toda arreada de dourados pomos" que, no dizer do poeta "sempre a buscamos onde nós a pomos e nunca a pomos onde nós etamos". Não, não a busquemos no infinito pontilhado de estrelas inacessíveis à nossa mão; Não a vejamos na fortuna alheia que, não raras vezes, é mais triste do que a mais triste das pobreza; não na procuremos na glória fictícia e efêmera dos poderosos.

Busco-a no meu labor cotidiano; procuro-a em minhas obras, na minha luta pela felicidade alheia. Colho-a no sorriso feliz de uma mãe, de um pai, de um filho, cujo ente querido conseguimos salvar; encontro-a, depois de um dia de intenso labor, no íntimo do lar, onde existe um anjo que Deus achou de colocar-me ao lado, como companheira de todos os momentos. Com a felicidade estou, ao me encontrar em contacto com a mocidade — força, vida, pujança e grandeza. Com esta mocidade a quem tenho o incontido prazer de falar neste momento.

Meus caros jovens, o padrinho é aquele que leva a criança à pia batismal fazendo-a penetrar nas hostes sacrossantas do cristianismo, nas fileiras daquele que, há quase dois mil anos, expirou em uma cruz pela salvação da humanidade, daquele que afirmou categórico e sem falsa modéstia: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". O padrinho é, aquele que leva o afilhado para a confirmação na religião que professa, desde que recebeu o sacramento do batismo. O padrinho é aquele que acompanha os nubentes ao receberem do sacerdote as bênçãos do matrimônio, o padrinho é um segundo pai. O paraninfo, meus caros afilhados, é o padrinho em letras, é o a quem cabe orientar os concluintes. É o a quem compete a missão de abençoar.

Meus caros jovens, terminastes o vosso curso ginasial e recebestes, agora, o vosso certificado, galardão da vossa vitória, compensação benéfica pelos anos de intenso labor. De parabéns estais porquanto em um país subdesenvolvido como o nosso, que apenas começa a despertar para o desenvolvimento; em um país como o Brasil onde o analfabetismo campeia livremente, atingindo a um índice vergonhoso, constitui-se grande vitória a que acabastes de conquistar. Daqui, do meio de vós, muitas moças prosseguirão os estudos pelo curso pedagógico, indo, em um porvir bem próximo, semear a instrução, clarear as inteligências de tantas crianças que se vêem mergulhadas na escuridão da ignorância, no negrume do analfabetismo. E grande será vossa missão, nobilitante será vosso dever, relevante será o vosso papel, nobre será o vosso trabalho, porque a professora primária é a mãe que se desprende de si própria para desdobrar-se em abnegação, em amor e em carinho. É a mestra por excelência, porque a ela compete a missão de formar caracteres. Educar não é apenas instruir. É muito mais: — é plasmar a consciência, é formar mentalidades sadias, é plantar a semente das boas ações em solo próprio, humoso, fértil e dadivoso; é criar novas mentalidades, é despertar o amor à pátria estremeçada. Ser professora primária, é enfim, na expressão feliz de Napoleão Tavares Neves, no seu discurso às professorandas de Barbalha — no ano de 1967: "Ser professora primária é formar cotidianamente a nacionalidade, é modelar o caráter dos futuros líderes, é formar moralmente os condutores de massa, é plasmar espiritualmente os homens que haverão de conduzir a nossa pátria para o lugar de destaque que deve ser o seu lugar entre as nações livres do mundo". Além daquelas que se dedicarão ao magistério, os demais prosseguirão em outras carreiras onde poderão, também, prestar relevantes e inestimáveis serviços à sociedade e à pátria. A esta hora já vos perpassa pela mente o sonho auspicioso, o ideal da carreira que pretendeis abraçar. Cada um deve procurar a meta dos seus

sonhos, das suas aspirações, porque nada mais triste, nada mais lastimável do que seguir uma carreira para a qual não se tem inclinação, não se possuem aptidões, não se é dotado das condições indispensáveis ao seu bom e perfeito desempenho. Assim, é que não devo, não me atrevo, nem me abalço a orientar-vos neste ponto, tão delicado quanto importante. Já é tempo de vos irdes decidindo. Nala mais sublime do que a realização de um ideal. Lembrai-vos, porém, de que um país de extensão territorial imensa como o Brasil, um país de uma área continental como o nosso, um país subdesenvolvido, ou como queiramos, em vias de desenvolvimento, ele necessita sobretudo de técnicos.

As condições precárias que se lhes têm sido oferecidas, que se têm apresentado aos nossos grandes valores, no campo da ciência e da técnica, fe-los buscarem em países outros que lhes acenam com melhores perspectivas de vitória, ambiente para o seu trabalho, e aí se fixam. Destarte é que, já é tão espantoso o problema, que as autoridades estão procurando condições para, novamente, atraí-los à pátria. Necessitamos de grandes técnicos, de grandes valores na ciência, para o nosso progresso, o nosso desenvolvimento. Necessitamos de melhorar o nosso ensino superior, aparelhar as nossas Faculdades, dar condições aos estudantes para que, realmente, possam, ao concluir o curso, desempenhar conscientemente a sua profissão. O que vemos, porém, é a proliferação de cursos superiores em lugares que não oferecem os mais imprescindíveis condições ao seu funcionamento. Deles sairão titulados, ou melhor, rotulados de doutores sem os requisitos indispensáveis ao desempenho das suas funções. Para alguns políticos isto pouco importa. Pode não ser grande a colheita de valores, mas, certamente, ser-lhe-á satisfatória a colheita de votos. E para muitos isto é o quanto basta.

Meus caros jovens, segui a vossa inclinação, obedeci ao chamado do vosso ideal. Estudai com afinco, com carinho e com amor, porque, como bem disse Aníbal Freire da Fonsêca: "De certo, significa mais no cômputo geral dos valores humanos, o modesto operário ou o obscuro empregado do comércio do que o médico ignorante e inescrupuloso ou o bacharelte vulgar, que põe a sua instrução apressada a serviço das paixões da aldeia, ou se introduz na administração como elemento inútil, estagnado na inércia quando não prospera na corrupção".

Jovens que me ouvís, todos podeis servir fielmente à Pátria, qualquer que vos seja a profissão. Tomai o conselho do grande Barroso: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Caríssimos afilhados, Rui, o imortal Rui Barbosa, na sua oração aos moços, falando sobre o trabalho, assim o define: "O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos. O indivíduo que trabalha, acerca-se constantemente, do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende também a dele. O Criador começa e a criatura acaba a criação de si própria. Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor".

Meus caros jovens, digo-vos eu: a ociosidade é o pior dos vícios, porque é a fonte de todos os males; é a que não constrói, não produz, não realiza, não engrandece, não dignifica; mas desmorona, desvirtualiza, rebaixa e avilta.

Trabalhai, trabalhai com denodo, com afinco, com entusiasmo, porque o Brasil é um país de futuro auspicioso, dotado que é de imensa área territorial e excelentes possibilidades econômicas. Faz-se mister, porém, o esforço, o amor, a dedicação, o trabalho de seus filhos, porque o homem é a força propulsora do progresso, do desenvolvimento. Não existe solo por mais rico e fértil que se apresente; sub-solo onde sejam abundantes os minerais mais valiosos e as mais preciosas pedras; não há clima

por mais salutar que seja, onde o progresso se desenvolva sem o concurso do trabalho humano. Por outro lado, podem os solos ser pobres, improdutivos, não agricultáveis; pode o sub-solo não dispor de reservas mineirais; pode o clima ser inóspito; se um povo laborioso, trabalhador, vontadoso, donâmico, nele habitar a grandeza há de surgir, a fartura será abundante. Pelo trabalho, é-nos possível modificar as próprias leis da natureza. Se assim fosse, o homem quedar-se-ia indiferente no areal infindo do Egito, a contemplar as águas calmas do Nilo que correm por entre desertos de areia. Construindo-se canais de irrigação as margens daquele histórico rio tornaram-se férteis e produtivas com o humus que procede do maciço da Abissínia. Aquela região desértica se transformou em um dos grandes celeiros do mundo, onde, desde a mais remota antiguidade, desenvolveu-se uma admirável civilização, prosperando a agricultura, as artes, tendo, ainda hoje, a enfrentar a voragem inclemente do tempo as maravilhosas pirâmides que servem de admiração à arquitetura moderna. Se assim não fosse, o planalto do Colorado, região de clima desértico que se acha isolada da umidade oceânica, pela barreira da Serra Navada, não seria hoje, uma das zonas mais produtivas da América do Norte, graças a irrigação da barragem de HOOVER. Se assim fosse, Paulo Afonso continuaria, ainda hoje, ostentando apenas a sua beleza natural, para o canto lírico dos poetas e permaneceria "rouca de gritar pela engenharia nacional". Graças, porém, aos trabalhos, ali realizados, vemos a energia elétrica espalhar-se por quase todo o Nordeste brasileiro, contribuindo para o desenvolvimento nacional. E o São Francisco que, na época da colonização, foi denominado de "o rio da unidade nacional" podemos, hoje, cognominá-lo de o rio da salvação do Nordeste. Assim é o trabalho. Assim é a boa vontade.

Jovens que me ouvís, o homem, pela sua vontade, pelo seu esforço, pelo trabalho é capaz de realizar maravilhas. Na vida, não são sempre aqueles a quem a natureza presenteou com os melhores dotes; não são os que trazem do berço o bafejo da riqueza e da elevada posição social os que vencem, prosperam e se desenvolvem. Estes, por tudo lhes ser fácil, as mais das vezes, desperdiçam, como o filho pródigo, os dotes benéficos de que são portadores. O esforço, a persistência, a constância, a dedicação, o amor ao estudo e ao trabalho valem muito mais.

Conta Humberto de Campos que "dois beduinos iam, um dia, por um deserto da Arábia, quando um gênio lhes deu, além de alguns palmos de terra, num oásis, a um, um sacode ouro, a outro, um sacco de estrume. No ano seguinte, o gênio voltou. O homem do sacco de ouro continuava com o seu ouro. O homem do sacco de estrume possuía um jardim todo encantado de rosas". Assim é o trabalho, meus caros afilhados. Ele é capaz de transformar no metal mais precioso, no diamante mais lapidar a pedra sem valor que possuímos. Ele é capaz de, utilizando-se do estrume, conseguir as flôres mais encantadoras, belas, sorridentes, de perfume inebriante que servirão para ornamentar noso futuro. Sêde constantes, persistentes e metódicos no trabalho, no estudo. Não há inteligência, por mais lúcida que seja, que se não embote, enferruge e desgaste-se com a inércia, a vida desvairada e impregnada de vícios. E, não raras vezes, os fracos, os menos dotados dos dons naturais são, pelo esforço, trabalho, constâncias, pertinácia e amor ao estudo, os laureados da vida.

Jovens que me escutais, no mundo conturbado em que vivemos, os homens não se entendem, as lutas se sucedem ininterruptas nem espre por princípios ideológicos, mas sobretudo, por interesses econômicos. E, no meio de tudo isto, a nossa pátria com imensa extensão territorial por explorar, constituiu-se um eldorado, um fascínio lhe condições de salubridade e incorporando-a à parte produtiva do país. Não interessa para a cobiça internacional. Mister se faz que se povoe e colonize a Amazônia, dando-

que se faça reforma agrária nas regiões colonizadas, deixando no esquecimento a maior parte do território brasileiro. O nosso problema não é de terra. Temo-la com abundância. O de que necessitamos é de assistência às regiões agrícolas, mecanização da lavoura, ajuda financeira e assistência técnica ao homem do campo, meios de transportes e comunicações, uma política que garanta preço estável para o produtor, é de escolas, é de hospitais, é de trabalho bem remunerado para o nosso povo, é de desenvolvimento industrial, é de melhorar o padrão de vida do povo brasileiro; é de não permitir que a nossa pátria seja vendida aos estrangeiros, porque aqueles que se apresentam como amigos do Brasil são, na realidade, amigos das riquezas que o Brasil possui.

Senhores, um povo não pode estar satisfeito, quando passa fome, quando a miséria o assola. E, no Brasil, país capaz de alimentar um quarto da população do mundo, se uns vivem nababescamente, a miséria e a fome habitam na maioria dos lares. E, como bem disse José Américo de Almeida: "Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã!"

Caríssimos jovens, no caos, na confusão, no desentendimento, na falta de confraternização que reina em todo o globo, inúmeras, mui várias são as soluções que se propõem resolver os grandes e difíceis problemas da humanidade. Fórmulas políticas superadas procuram renascer dos escombros em que jaziam após a 2ª grande guerra mundial. São fórmulas de terror e absolutismo que destruídas foram pelas forças da democracia. São regimes extremistas da direita os quais procuram tornar mais caóticos os dias atuais. Por outro lado, o extremismo da esquerda, não menos prepotente, não menos terrorista, não menos desumano, busca por todos os lados os meios de infiltrar-se nas mais variadas camadas sociais. E o ambiente onde encontra um terreno propício, humoso e fértil é no meio da mocidade, tão cheia de arrebatamento e de entusiasmo. Da mocidade que, convicta de estar certa, encontra-se, na realidade ludibriada por agitadores, que não procuram, nem querem solucionar os grandes problemas sociais. Ser-lhes-ia desagradável vê-los solucionados, porque aquilo que lhes interessa não é a ordem, não é o progresso, não é o desenvolvimento, não é a harmonia, mas o sub-desenvolvimento, o incoformismo, a fome e a miséria, ambiente ideal para a vitória do comunismo, que não encontra guarida de onde reina a felicidade. Sentindo, auscultando, vendo de perto a situação miserável em que vive grande parte da humanidade, há muito vem a Igreja Católica lançando documentos pontifícios que pregam a doutrina social cristã. Doutrina que, dentro dos postulados sadios do cristianismo, procura minorar o sofrimento dos desafortunados, dos operários, dos trabalhadores do campo. Destes de quem falou o grande Robert Kennedy em o "Desafio da América Latina": "Milhões de camponeses são apáticos, porque sua pobreza miserável é a única maneira que conhecem de viver". Nada mais justo e louvável do que a doutrina cujas bases foram lançadas por Leão XIII com a Rerum Novarum, reafirmada pela Quadragésimo Ano e atualizada pela Mater et Magistra. Pacem in Terris e Populorum Progressio. Mas que vemos São alguns membros do clero, alegando a defesa desta maravilhosa doutrina social cristã, desviarem-se de sua rota e encaminharem-se para a esquerda, contribuindo não para a ordem, para a harmonia, para o entendimento entre patrões e operários, mas fomentando a desordem, o caos, a luta de classes, agindo, desta maneira, como "inocentes úteis" ou inúteis sem inocência, para a vitória do comunismo. Felizmente, o grande clero, o clero valoroso trabalha, luta e estudo faz pela prevalência dos princípios cristãos de que tanto carece a humanidade, nos dias atuais e que são a única fórmula de trazer a paz ao mundo, porque pregam: "Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como avós mesmos".

O Jumento

ANTONIO FERREIRA

O chofer freia o carro bruscamente,
Com destreza e cuidado sem igual,
Evitando colher, que era fatal,
O jerico, que se afasta, lentamente.

“Muito bem!”, eu falei alegremente,
Pro rapaz que salvou o animal,
O jumento é bem útil, não faz mal
Ele ajuda na lida tanta gente.

Esse jegue que ali vai para o lado
Constitui o progresso desta terra
Carregando o Brasil no seu costado.

Ao contrário de muito deputado,
Que ao subir, em sublime paz se encerra
E no dorso da Pátria é carregado!

Fé e Paciência

Ancilon Aires de Alencar

Não maldigas a dor muda e pungente
A tua inseparável companheira
Que, qual xipofagia cruciante,
Como a sombra, te segue a vida inteira.

Já pensaste no drama alucinante
Do vil epicurista: — da rameira,
Do glutão, do devasso e da bacante
Horror final da hora derradeira?!!!

Vê, bem, que após a treva vem a luz
E após o sofrimento a Redenção!
Não maldigas, portanto, o teu fadário.

Pense na glória Excelsa de Jesus
A glória Excelsa da Ressurreição!
Depois do seu martírio no Calvário.

Meus caros jovens, é neste momento tão crítico, é neste ambiente tão confuso, tão incerto, que concluis o vosso curso ginásial. Daqui saireis para prosseguir vossos estudos em centros mais adiantados. Deparar-se-vos-ão, por certo, os pregoeiros de fórmulas aparentemente maravilhosas, verdadeiros panacéias, terapêutica para todos os males. Precavei-vos contra os extremismos. Não deixeis que floresçam em nossa pátria o extremismo da direita, por cuja exterminação lutaram heróica e bravamente, derramando o seu sangue, os nossos pracinhas, no solo da velha Europa. Lembrai-vos, também, que, como já afirmei em outra oportunidade: Não há lugar para a estrêla vermelha do Kremlin neste céu azul e diáfano, onde tremeluz, constantemente, abençoando a pátria brasileira a constelação magnífica do CRUZEIRO DO SUL.

Só a democracia é o regime ideal, porque é o governo do povo, pelo povo e para o povo. Dela afirma José Américo de Almeida: “Com a prática honesta da democracia poderemos realizar tudo o que os programas de força prometem de com, sem sacrificar a liberdade que é o dom mais precioso”.

Proseguí, meus caros jovens, vossa grande, difícil, mas alvissareira, promissora e gloriosa jornada. Procurai cumprir vosso dever. Dilatai os vossos horizontes intelectuais, mas não vos separeis, jamais, dos sadios princípios da moral cristã.

O Brasil em vós confia, A pátria espera por vós. Marchai de frente erguida na busca do vosso ideal.

Que Deus vos abençoi, ó jovens que me escutais, é meus caríssimos afilhados, esperança do Brasil de hoje, realidade do Brasil de amanhã.

Oração do Paraninfo da Turma de Concludentes de 1968, do Ginásio
Padre Miguel Coelho, de Jardim.



Banco do Ceará S.A.

C G C 07 814 999

M A T R I Z : FORTALEZA — Rua General Bizerril,70

A G E N C I A S :

- Metropolitana - Rua Major Facundo, 886
- CAUCAIA
- JUAZEIRO DO NORTE
- MARANGUAPE
- REDENÇÃO
- SOBRAL
- ARACATI

Bons Serviços Para Você!

Banco do Estado do Ceará

Agora em sua nova e suntuosa Agência, na Praça Siqueira Campos.

No coração da cidade, para atendê-lo melhor em seus negócios.

Visite-nos.

A Casa é sua.

Estamos sempre às suas ordens!

BEC — Agência do Crato — uma nova concepção em Banco!

O DOUTÔ ISQUICIDO

Eloi Teles de Moraes

Ah, seu Doutô!!! Como vai?
Quê qui lhe tráz puraquí?
Nessas brenhas... nesse tempo?
Me arresponda p'reu uví...

Vosmincê no meu sertão...
nessa chupana, o qui foi?
Seu doutô, eu disconfi
(vossa mecê me perdô!.)
Mais isso só pode sê
Qui tarvêz vossa mecê
Embrenhado no sertão
Só pode sê as futrice
Do diabo das inleição!

Se acente aí, seu doutô...
Isca'te o qui eu vou dizê
O qui eu penso do sinhô
O qui eu penso de vancê.

Cadê as istrada, doutô...
qui o sinhô nos prometeu
E aquele grupo iscolá
onde foi qui se meteu?
E os imposto que nós paga
qui o sinhô num defendeu?

E a simente, doutô...
pra nós fazê prantação?
qui o sinhô disse qui vinha
antes da ôta inleição?

E as inxada permitida
o sinhô já sisqueceu?
Nóis isperemo, isperemo...
usemo as inxada véia...
E o sinhô nas assembléia,
Nem se alembrou das inxada.
Nóis isperemo, isperemo,
Inté qui dela isquecemo...
eita promesas danada!

Doutô, cadê os açude
pra guardá agua do inverno?
Cadê, seu doutô, cadê?

O sinhô lá no palanco
falô séro, falô franco
prometeu num sisquecê...

Dexô tudo direitinho
no seu caderno iscrivido
Eita doutô ocupado!!!
Eita doutô isquicido!!!

Cadê os veneno, doutô
pra nós matá as murrinha?
Qui o sinhô disse qui dava...
qui o sinhô disse qui vinha?

E o Posto de Saúde,
onde é qui anda, doutô
Nóis inda tamo isperando
nas promessa do sinhô!
Daquele tempo pra cá...
já três fí meu sinterrô
tudo farta de remedio...
Sua promessa faiô!

Cadê a vida mió,
qui o sinhô tanto falô?
E nós cunfiemo tanto,
Foi ou num foi, seu doutô?

Ói, seu meste: O sinhô dixê:

"Eu venho aquí todo mês
pra anotá o qui farta
de amiora pra vocês.
Eu vou lutá dia e dia,
pra arrumá a mioria
da vida do camponês."

E falô numa "istrutura"
numa tá de "cunjuntura"
in favô da gricutura
na criação dumas leis...
Tanto falô, tanto dixê
Qui ói, discurpe, ói lá
eu pensei: Pobre doutô
será qui tem inleição
qui vai dexá de votá?

Guarino Alves, Sócio Correspondente do ICC

Por indicação do General Raimundo Teles Pinheiro, em sessão do dia 29.08.76, o escritor norte rio grandense Guarino Alves, residente em Fortaleza, foi proposto Sócio Correspondente do nosso Instituto. Aceito, por votação unânime, na sessão de 19.10.1976.

CURRICULUM VITAE DO ESCRITOR GUARINO ALVES

1º — Seus pais

É filho do jornalista político Antônio Alves de Oliveira, nascido no município de S. Gonçalo, Estado do Rio Grande do Norte, a treze de junho de 1885, e radicado no de Ceará-Mirim, onde fundou e dirigiu os periódicos: **A União**, **O Ceará-Mirim** e **O Correio da Semana**, e em Natal os diários políticos **A Opinião** e **O Debate**. Foi Secretário da Intendência de Ceará-Mirim por longos anos, e também Diretor do Expediente da Prefeitura de Natal. Candidato a Deputado Estadual do Rio Grande do Norte, em 1934, ficou na Suplência, com 14.683 votos. Redator político dos diários políticos natalenses: **Jornal de Natal** e **Jornal do Comércio**. Sócio fundador da **Academia Políglua de Letras**, de Natal. Diretor do Departamento de Estatística do Rio Grande do Norte. Faleceu em Natal, no dia quatro de julho de 1975 e está sepultado no Cemitério Público de Ceará-Mirim.

Sua mãe, Alice Cid de Oliveira, nasceu em Ceará-Mirim, a doze de junho de 1892, e faleceu em Natal, a cinco de maio de 1922. Está sepultada no Cemitério Público dessa cidade. Era filha de José Vilela Cid, e de Ussulina Furtado de Mendonça

Eia um aceno car mão
era a maió aligria
cunvessava, cunvessava
premitia premitia...

.....
.....
.....

O seu doutô me perdô!
porem tudo aquilo foi
a tá da dimagugia!

Doutô, fique aí sentado
num acabei de falá.

O sinhô vei puraquí
foi pidí pra nós votá?

ôta pergunta doutô,
ispere aí um momento.
O sinhô tumou meizinha
pra curá o isquicimento?
Tumou remedio, doutô?

Ói, num fique aburricido
Mals o sinhô é duente!

Eita doutô isquicido!!!

O sinhô é isquicido
Assim cum sua famia?
Quando chega o fim do mês,
isquece a tissoraria?

Vai recebê seu dinheiro
Vai falá cum o tisorêro?

Ôta pergunta, doutô:
Num leve a mau a pergunta:

Vancê vai arrespondê
responda agora pra mim:
Sabe o camim de vortá?
apois vorte, seu doutô...

Nóis tombem somo isquicido...
Vá simbora pru favô!
O sinhô isqueceu nós...
nóis munto mais o sinhô!!!

Outubro/71

TROVAS PREMIADAS

De PETRARCA MARANHÃO

Veleiro dos sete mares!
Nas tempestade hediondas,
és mais heróico ao domares
toda a violencia das ondas!

Funcionario aposentado
não pode ser muito esquivo:
— Tem que provar ante o Estado,
vez por outra, que está vivo!

Para espelhar a Saudade,
“Souvenir” diz o francês:
Mas saudade só é saudade,
quando é dita em português!

Os versos mais inspirados,
que são músicas de festa,
valem menos que os trinados
do uirapuru na floresta!

Triste coisa nesta terra
de beleza emocional:
— É sentir toda a fraqueza
da memória nacional!

Rui Barbosa! Mestre altivo
o teu vulto varonil,
pontifica, redivivo,
no coração do Brasil!

e Meneses.

2º — Sua vida intelectual

Guarino Alves (de Oliveira) nasceu em Natal, a dois de maio de 1921. Estudou no “Colégio Pio X”, em João Pessoa, e no “Colégio Santo Antônio”, em Natal, ambos dirigidos pelos Irmãos Maristas, e na “Escola de Comércio de Natal”. É sócio efetivo do Instituto do Ceará, e correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Instituto de Cultura Americana do Uruguai. Em 1948 fundou e dirigiu em Fortaleza o semanário “O Debate”. Colaborações jornalísticas: “O Gráfico”, “Nordeste”, e “Milho Verde”, do Rio Grande do Norte; “Vitrine”, Rio de Janeiro; “Tribuna de Santos”, S. Paulo; “Alvorada” e “O Combate”, Sergipe; “A Fortaleza”, “O Estado”, “Gazeta de Notícias”, “O Combate”, “Ciências & Letras”, “O Combate”, “Terra de Sol”, “O Povo”, “A Voz dos Marítimos”, “Correio do Ceará”, “Unitário”, “O Democrata” (primeira fase), Ceará; e “Idade Nova”, Rio de Janeiro.

Livros publicados: *O Diamante do Tibagi*, romance, Fortaleza, 1953; *Janela para o Nordeste*, estudos sociais do polígono das Secas, 1960; *A costa setentrional do Brasil na Carta de Navegar de Alberto Cantino*, Fortaleza, 1968. *Vera Cruz*, tomo I: *Vicente Yáñez Pinzón. O Descobrimento do Brasil pelos espanhóis*, Fortaleza, 1974.

Membro da Comissão de Alto Nível da Secretaria de Cultura, para os assuntos do Forte de São Sebastião.

Viajou à Espanha, em 1975, a convite do Governo espanhol, para pesquisar sobre Vicente Yáñez Pinzón nos Arquivos Gerais da Casa da Índia em Sevilha.

Agraciado pelo Governador Cortez Pereira, do Rio Grande do Norte, com o troféu “Catavento de Prata”, com placa autografada: “Guarino Alves. A gratidão do seu R. G. Norte. Gov. Cortez Pereira.”

Livros prontos para o prelo: *Vera Cruz*, II e III tomos; *Capitanias Hereditárias, ou dissertações sintéricas de um histórico-geógrafo*; *O Monte Dely*.

É colaborador assíduo da Revista do Instituto do Ceará.

Pedroso: Renomado Pintor do Crato

Poucos filhos do Crato conhecerão, talvez, a beleza e a expressividade da arte de PEDROSO, acatado pintor conterrâneo, que está se impondo pelo Brasil afora.

A singeleza dos seus temas, o colorido, a graça e a beleza de seus motivos, o ele-
vam, hoje, a grande posição dentre os artistas plásticos da nova geração brasileira.

D A D O S B I O G R Á F I C O S

Pedroso, Gomes de Oliveira Joaquim (Crato-Ce., — 1935) Pintor. Executou seus primeiros trabalhos de pintura, autodidaticamente, em 1960, já depois de haver fixado residência em Salvador. Participou das mostras: — Civilização do Nordeste (Museu de Arte Popular da Bahia, 1963), artistas baianos (Los Angeles, 1965), primitivos da Bahia (Galeria Bahiarte, Salvador, 1965) bem como da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia (BNAPB, 1966).

Realizou exposição individual no Museu de Arte Moderna da Bahia, (1964), onde se encontram obras de sua autoria e na Galeria Vernon (Guanabara, 1965).

Artista de expressão primitivista, retrata temas populares e celebrações religiosas da Bahia, como: Capoeiras, festas de largo e procissões, além do casario colonial.

“Transcrito da 1ª edição do dicionário das artes plásticas, no Brasil; volume nº 1.555 da autoria de Roberto Pontual”.

A alegre massa plástica de pontilhados negros de cabeças, contrastando com o vivo colorido das roupas tão característicos da multidão bajana e que foi captado com toda a poesia das coisas simples, constitui, na pintura de Joaquim Pedroso, uma nota de rara beleza.

Carlos Eduardo

Descubro, enfim, as origens
de uma “Inocência” que peca,
por entre as onze mil virgens
de tua biblioteca!...

Nada existe mais exato
que este proverbio rocelro:
“Nunca vi segundo prato
ter o gosto do primeiro”!

Inquieto mar! Bravo leão!
Entre nós que identidade!
Guardando a mesma paixão,
Contendo a mesma saudade!

A vida do Trovador
é chela, cheia de magua!
Principalmente se a dor
põe nos olhos gôtas d'água!

Afirma sem desvario
gente em nada neurastênica:
— Toda a beleza do Rio
é somente fotogênica...

Por que te lamentas tanto,
Governo, em chorosos ais?
Enxuga êsse inútil pranto!
— Baderna não volta mais!

PEDROSO — ROTEIRO DE EXPOSIÇÕES

- Novembro/63 — Coletiva Inaugural — Museu de Arte Popular da Bahia — MAP.
- Fevereiro/64 — Individual — Museu de Arte Moderna da Bahia — MAMB.
- Junho/64 — Individual — festas e procissões da Bahia, Galeria Bazarte, Salvador, Bahia.
- Dezembro/64 — Coletiva — três gerações de Artistas — Galeria Bahiarte, Salvador, Bahia.
- Fevereiro/65 — Coletiva — primitivos da Bahia, — Galeria Bahiarte, Salvador, Bahia.
- Fevereiro/65 — Coletiva — Artistas Baianos — Los Angeles, EE.UU.
- Agosto/65 — Individual — Galeria Vernon, Rio de Janeiro, Guanabara.
- Abril/66 — Coletiva — Galeria Vernon, Rio de Janeiro, Guanabara.
- Setembro/66 — Coletiva — Galeria Portinari — Porto Alegre — RGS.
- Dezembro/66 a Fev./67 — 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia — Convento do Carmo — Salvador — Bahia.
- 15 de Jan. a 15 de Março/67 — Coletiva — Pró Florença — Instituto dos Arquitetos da Bahia.
- Março/67 — Coletiva Inaugural — Galeria Convivium, — Salvador, Bahia.
- Outubro/67 — Coletiva comemorativa — IV Congresso Brasileiro de Odontopediatria, Foubá — Salvador, Ba.
- 05 de Março a 06 de Abril/68 — Coletiva — Cornell University Medical College — EE.UU.
- Dezembro/68 a março/69 — Coletiva — 2ª Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia, Convento da Lapa, Salvador, Bahia.
- Março/71 — Coletiva — Galeria de Arte Com. Alberto Bonfiglioli, São Paulo — S.P.
- 09 a 14 de maio/71 — Coletiva — Artistas Plásticos da Bahia — Foyer do Teatro Castro Alves, Salvador, Ba.
- Junho/71 — Coletiva — Primitivos da Bahia — Instituto Goethe — Salvador, Ba.
- Agosto/73 — Coletiva — Primitivos da Bahia — Art. Gallery Of Brazilian American Cultural Institute, Washington — EE.UU.
- 14/23 Dezembro/73 — Galeria de Arte Panorama — Salvador — Bahia.
- Março/78 — Os Mestres baianos — BNB — Fortaleza.



Comércio de Veículos Crajubar S/A

TELEFONES: 2377, 2958 e 3077

TELEGRAMA:

C R A J U B A R

C. G. C. 07.042.807/0001-36 — C. G. F. 06.219.918-8

Av. Pe. Cícero, Km 2 — Triângulo

63.180 — Juazeiro do Norte — Ceará

Relatório de Atividades do ICC Durante o Ano de 1977

Crato, 15 de Janeiro de 1978

Exmo. Senhor Ministro da Educação e Cultura :

Foi dos mais proveitosos o ano social de 1977 do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI. Todos os objetivos previstos nos seus Estatutos continuaram sendo perseguidos, em afinho e desvelo, pela Diretoria.

Destaque especial foi dada á continuidade dos serviços de organização da Biblioteca da entidade, hoje com mais de dez mil volumes.

Durante grande parte do ano, foram, ali, realizados serviços da catalogação e processamento do acervo, em bases técnicas modernas e funcionais, com funcionários toalmente custeados pelo ICC, aos quais foram pagas gratificações.

Ocorreu também a Catalogação das coleções de jornais e revistas pertencentes ao acervo do ICC, com o que se planeja a implantação de moderna hemeroteca.

Procedeu-se á implantação do MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, com gravações dos primeiros depoimentos de antigos chefes políticos regionais, pessoas ligadas á nossa história, vultos populares, etc, a que se seguirá um documentário fotográfico sobre os mesmos.

Foi adquirido, para tal fim, um gravador e um estoque de fitas já está sendo utilizado.

Participou o Instituto da PRIMEIRA SECULAR — Semana de Cultura e Arte do Crato, do qual foi dos promotores, ocorrendo essa Semana em Outubro, antecedendo ás festas do aniversário da Cidade, e constante de festivais, exposições, ciclo de palestras, exibições de slides, noites folclóricas e populares, etc.

O ponto alto das nossas atividades em 1977 foi, todavia, a realização do PRIMEIRO FESTIVAL DE FOLCLÓRE DO CARIRI, na semana de 15 a 22 de Agosto, culminando no Dia internacional do folclóre.

O Festival, inteiramente promovido e patrocinado pelo ICC, teve participação da Secretaria de Cultura do Estado, Prefeitura Municipal do Crato e conjuntos folclóricos da região e Fortaleza, merecendo ampla cobertura na imprensa cearense e elogiosas referências das autoridades, convidados e vultos da nossa Cultura.

Patrocinou o ICC, igualmente, em Dezembro, o 1º Encontro de Fotógrafos Amadores do Cariri, na cidade do Crato.

Esse conclave constou de palestras, debates, exibições de filmes e slides, exposição de maquinário fotográfico, contando com a participação da KODAC e da FUJI FILME do Brasil. No seu final, foi criada, sob os auspícios da nossa instituição, no Crato, a Sociedade de Fotografia e Cinema.

Na Cidade de Brejo Santo, a 90 kms do Crato, mas dentro da área de influência do ICC, realizámos programação solene para comemorar os 50 anos de ordenação sacerdotal do Pe. Antonio Gomes de Araújo, emérito historiador conterrâneo, ex-vice presidente do ICC e vulto de destaque das letras cearenses.

Houve concelebração solene, na Matriz, comandada pelo Bispo Diocesano, e depois sessão solene no Brejo Santo União Clube, com a presença de toda a comunidade, tendo á frente o Prefeito Francisco Leite de Lucena.

O ICC solicitou á atual Administração Municipal do Crato a adoção de elementos

de história regional, no currículo do primeiro grau, nas escolas públicas do Crato, bem como a montagem de calendário histórico regional, para as devidas comemorações, no que foi atendido.

Na Faculdade de Filosofia do Crato realizámos exposição de fotografias do Crato antigo.

Inauguramos na sede do Clube dos Amigos do Folclóre, nosso Departamento, a Biblioteca de Literatura de Cordel.

Inauguramos em nossas dependências uma exposição permanente de xilogravuras de artistas da região do Cariri.

Realizamos ciclo de palestras, proferidas por nossos associados e diretores, nos colegios e emissoras locais, durante a Semana da Pátria.

Participou o ICC das festividades folclóricas durante a Exposição Centro Nordestina do Crato e nas festividades folclóricas da Festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha no Natal e Ano Novo, também na cidade do Crato.

Participou o ICC, mandando conjunto folclórico, do Festival Estadual de Folclóre, realizado em Fortaleza.

Realizamos Sessão Solene, no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, para comemorar o primeiro centenário do ilustrado cearense, Senador Fernandes Távora.

Figuraram, ainda, entre nossas atividades no ano que passou:

01. Lançamento do ano do centenário do famoso folclorista cratense, Cego Aderaldo
02. Aquisição de fósseis para o Museu Histórico da Cidade.
03. Providenciou a confecção da sua revista ITAYTERA.
04. Celebrou convênio de nova ajuda do MEC.
05. Providenciou a coleta de acervo bibliográfico da saudosa intelectual Maria de Lourdes Esmeraldo.
06. Implantou disponibilidade de informações para as pesquisas colegiais em sua sede.
07. Adquiriu geladeira para a sede social.
08. Foi reconhecido de Utilidade Pública, pela Lei Estadual de 17.10.1977, sancionada pelo governador Aduino Bezerra, oriunda de projeto apresentado á Assembléia pelo Deputado Hermano José Monteiro Teles.
09. Celebrou convênios com a Prefeitura e Governo do Estado do Ceará.
10. Conseguiu dois funcionários, da Prefeitura, á disposição do ICC, sem onus para o mesmo, para serviços internos.
11. Fez ampla divulgação das potencialidades da terra, inclusive no setor do Turismo.

Por tudo o que acima foi exposto, consideramos muito util o Ano Social que passou, no Instituto Cultural do Cariri.

Almejamos continuar com o mesmo dinamismo no presente exercício, se Deus nos permitir.

Face ao exposto, requeremos a V. Excia. a liberação dos recursos com que a entidade foi distinguida pcr parlamentares amigos, para o presente orçamento da União.

Respeitosamente,

Jéfferson de Albuquerque e Sousa
Presidente

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

BALANÇO REFERENTE AO ANO FINANCEIRO DE 1977

	Cr\$	Cr\$
MOVIMENTO DE FUNDOS — Saldo do ano de 1976.....		1.244,60
EMPRÉSTIMO BANCÁRIO		
Contraído no Banco Industrial do Ceará — BIC, em 12.2.77, com vencimento para 19.5.77.....		3.000,00
SUBVENÇÃO FEDERAL		
Recebida do Ministério da Educação e Cultura, através da Agência local do Banco do Brasil, subvenção oriunda de quotas de parlamentares		35.000,00
SUBVENÇÃO FEDERAL CONVENIADA		
Recebida do Ministério da Educação e Cultura, — Departa- mento de Assuntos Culturais, através da Agência local do Banco do Brasil, a importância decorrente do Convênio fir- mado em 21 de novembro de 1977.....		24.660,00
AUXÍLIO ESPECIAL DO GOVERNO ESTADUAL		
Recebido por intermédio do Presidente Dr. Jéfferson Albu- que e Sousa, em 9.8.77, o auxílio especial decorrente do Convênio celebrado com a Secretaria para Assuntos Mu- nicipais		20.000,00
AUXÍLIO DO GOVERNO ESTADUAL PARA O 1º FESTIVAL DO FOLCLÓRE		
Importância recebida pelo Presidente Dr. Jéfferson Albu- querque e Sousa, em data de 15.8.77, através da Secreta- ria de Cultura do Estado.....		10.000,00
CONTRIBUIÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL PARA O 1º FESTIVAL DO FOLCLÓRE		
Recebida por intermédio do Tesoureiro do I.C.C.....		4.000,00
DONATIVOS ESPECIAIS		
Importância recebida como donativo ou contribuição espontâ- nea do consórcio Tomé Cabral.....		1.200,00
TOTAL GERAL		99.104,60

D E S P E S A**BIBLIOTECA**

Serviço de organização por pessoa técnica.....	11.188,80	
Aquisição de livros	2.380,00	
Aquisição de quadros de alumínio.....	3.300,00	
Aquisição estantes de aço e outros móveis.....	19.128,22	35.997,02
		<hr/>

MUSEU DA IMAGEM E SOM

Comissão do recebimento de subvenção federal para o Museu	1.485,00	
Aquisição de um gravador	2.500,00	
Aquisição de material de gravação.....	650,00	
Aquisição de duas estantes de aço.....	5.200,00	9.835,00
		<hr/>

SEDE SOCIAL

Pequeno reparo no piso e pintura.....	600,00	
Conserto no sistema da instalação elétrica.....	822,00	
Imposto Predial — 1977	638,00	
Consumo de energia elétrica.....	798,77	
Asseio e limpeza	2.803,94	5.562,71
		<hr/>
		51.394,73

EMPRÉSTIMO BANCÁRIO

Pago ao Banco Industrial do Cariri — BIC, empréstimo contratado em 12.2.77, com juros de mora.....	3.030,00	
Pago juros bancário do empréstimo acima.....	409,00	3.439,00
		<hr/>

VIAGENS A FORTALEZA A SERVIÇO DO INSTITUTO

Despesas de passagens e hotel, neste ano.....		1.964,40
---	--	----------

COMISSÃO PARA RECEBIMENTO SUBVENÇÃO FEDERAL

Pago ao Escritório da RELVAN, em Brasília.....		1.750,00
--	--	----------

CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLÓRE

Aquisição obras literatura Codel e outras.....	2.000,00	
Despesa registro oficial dos Estatutos.....	100,00	
Despesa festa Judas Escariotes, neste ano.....	1.000,00	
Publicação edital do Clube.....	200,00	
Despesas com o 1º Festivad do Folclóre.....	16.944,70	20.244,70

SECRETARIA

Aquisição de material tipográfico de escritório.....	4.559,77	
Aquisição de uma Bandeira Nacional.....	420,00	
Organização de albuns	300,00	
Despesas postais telegráficas	1.344,00	
Despesas telefônicas	931,75	
Despesas com fotografias	2.109,80	
Despesa uma procuração em cartório.....	50,00	
Despesas com fotocópias	175,00	
Despesa com gasolina transporte carro particular.....	125,00	
Pequenos carros	30,00	
Despesas de coquetis e jantar oferecidos.....	872,00	
Despesas com homenagem ao Padre Gomes.....	1.000,00	
Aquisição de utensílios diversos.....4	1.475,00	13.393,28
		<hr/>
TOTAL		92.186,11
 MOVIMENTO DE FUNDOS		
Saldo para o ano de 1978.....		6.918,49
		<hr/>
TOTAL GERAL		99.104,60
		<hr/>

Crato, 31 de dezembro de 1977

Antônio Correia Coelho
Tesoureiro

VISTO:

Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa
Presidente

CASA DO PINTOR

COMÉRCIO REGIONAL DE TINTAS LTDA.

TINTAS PARA TODOS FINS

MATERIAIS PARA PINTURA

TELEGRAMA: CORETIL — CAIXA POSTAL: 81 — FONE: 368

RUA DR. JOÃO PESSOA, 235

CRATO

—

CEARÁ



FUSCA 78

A resistência e a economia que você precisa

VARIANT II

O grande carro de 1978

O carro sob medida para os dias de hoje

BRASILIA 78

Mais atualizada em estilo e conforto

Vá ve-los.

Vá adquiri-los na

Distribuidora Regional de Automóveis S.A.

— D R A S A —

Rua Ratisbona — Crato — Ceará

Direção e Corpo Clínico do
HOSPITAL REGIONAL MANOEL DE ABREU



saúdam a intelectualidade cariense ao enseio do
lançamento de novo número de ITAYTERA.



CRATO

—

CEARA

Chevette, agora pelo
preço de um carro
comum.

O

VENHA BUSCAR O SEU

ESTAMOS ESPERANDO POR VOCE

S O D A L

SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE AUTOMÓVEIS LTDA.

Av. Teodorico Teles, 451 — Fones: 438 e 465... — Crato - Ceará

Cerâmica Norguaçu S. A.



**Produzimos ladrilhos cerâmicos da
melhor qualidade**

**Estamos exportando para o Norte
e Nordeste**

Rodovia Padre Cicero - Km. 3

Crato

- : -

Ceará